

On
DAVIS ROW

N.R. WALKER





Revisão e Arte; Nephrus

KM



On Davis Row - N.R. Walker

Perto do fim de uma sentença de prisão suspensa deve ser o suficiente para destravar um futuro melhor para CJ Davis, apenas o chip em seu ombro é tão difícil de mudar quanto sua má reputação. Nascido em uma família de criminosos de carreira que moram na Davis Road, um endereço que os policiais apelidaram de Davis Row, seu nome por si só é como uma ficha de rap que impossibilita o otimismo.

O oficial de liberdade condicional novinho em folha Noah Huxley está determinado a ver o bem em homens como CJ. Afinal, ele sabe em primeira mão que coisas ruins podem acontecer a pessoas boas. Seus colegas zombam de seu otimismo, mas Noah logo vê a má atitude e a bravata de CJ como armas que ele usa para manter as pessoas afastadas.

Ambos sabem que um simples erro pode mudar uma vida para sempre. À primeira vista, eles podem parecer opostos polares. No entanto, por baixo, eles não são tão diferentes assim.



Aviso

Destinado apenas a um público maior de 18 anos. Este livro contém material que talvez seja ofensivo para alguns e destina-se a um público adulto e maduro. Ele contém linguagem gráfica, conteúdo sexual explícito e situações para adultos.

Aviso de gatilho: Morte de personagem menor.



Reconhecimento de Marcas Registradas

O autor reconhece o status de marca registrada e os proprietários das marcas registradas das seguintes marcas de palavras mencionadas nesta obra de ficção:

O Clarim Diário e o Homem-Aranha: Marvel Comics

iPhone: Apple, Inc.

Band Aid: Johnson & Johnson

Corolla e Cruiser: Toyota Motor Corporation

Predador: 1987, raposa do século XX

Comando: 1985, Fox do século XX

Gêmeos: 1988, Universal Pictures

Policial do jardim de infância: 1990, Universal Pictures

Rolos de Chiko e Macacos de Milho: Simplot Australia
Ltd

Weet-Bix: Saúde e bem-estar do sanatório

Ducati: Ducati Motor Holding SpUMA.

Uber: Uber Technologies Inc.

Coca-Cola: Coca-Cola Company

Adidas: Adidas AG

O Negrito e o Bonito: Bell-Phillip Television Productions
Inc.

Jovens e os Inquietos: Bell Serial Company Serial

Glossário de termos australianos:

Matadouro: Matadouro, fábrica de processamento de
carne

Arvo: Gíria para a tarde

Eftpos: Ponto de venda de transferência eletrônica de
fundos (máquina de cartão de crédito no check-out, por
exemplo)

Rort: Prática desonesta

Cheirado: ortografia no passado do verbo
cheirar.Cheirava.

Maccas: McDonalds

Tangas: chinelos

Motorbike: Motocicleta

1 - Noah Huxley

Eu cheguei cedo.

No entanto, para estar cansado do sistema e dos arquivos intermináveis dos esquecidos e abandonados da sociedade, eu estava ansioso para causar uma boa impressão. Sentei-me no carro, bebi meu café e esperei o escritório dos Serviços Correcionais da Hunter abrir. Eu me mudei de Newcastle para Maitland para este trabalho. Não muito longe, geograficamente, mas distância emocional suficiente entre mim e o que deixei para trás. Também não era para onde eu me via, mas o salário era incentivo suficiente. O desejo de ajudar os menos afortunados ainda queimava em mim, e se isso fosse admirável ou ingênuo, só o tempo diria.

Eu estava realmente esperando por admirável.

Eu também era possivelmente jovem demais para ser um oficial de condicional. Eu tinha entrevistado bem, mesmo que a mulher entrevistadora tenha achado divertida minha idade e otimismo. Ela me desejou bem como se fosse engraçado, franziu os lábios enrugados e murmurou algo sobre o sistema me devorar e me cuspir. Se ela pensou que

suas palavras me impediriam, então estava muito enganada. Pessoas como ela, atitudes como a dela, me alimentaram. O fogo para provar que estavam errados ardeu um pouco mais.

Eu sabia que a maioria dos outros oficiais de condicional era mais velha e provavelmente mais sábia, mas a maioria deles estava apenas aguardando até poder reivindicar uma pensão do governo.

Eu queria fazer a diferença.

Eu tinha vinte e quatro anos e hoje era meu primeiro dia como funcionário do governo - oficial de correções da comunidade era o título oficial, embora a maioria das pessoas soubesse disso como oficial de condicional. Com uma rápida olhada no meu espelho retrovisor, um flash de determinação de olhos azuis me encarou e, às cinco minutos para as nove horas, saí do meu carro e entrei no escritório.

Uma mulher de meia-idade, com um corte de cabelo preto alto, despejava a bolsa na mesa da recepção com o celular pressionado entre o ombro e a orelha, café em uma mão e limas na outra. Ela usava um cardigã azul marinho e franziu a testa enquanto falava no telefone. Parecia que ela estava tendo uma conversa com uma adolescente que havia deixado algo em um ônibus escolar.

Ela me pediu desculpas e continuou sua palestra sobre responsabilidade e aprendendo lições difíceis. Eu olhei em

volta da pequena sala de espera, exatamente quando um homem no corredor me viu e se aproximou de mim.

—Você deve ser Noah Huxley— disse ele, estendendo a mão. Ele me lembrou o chefe do Clarim Diário do Homem-Aranha, menos o charuto e mais quarenta quilos. Seu aperto de mão era suave, mas seu sorriso era quente.

—Eu sou — respondi, satisfeito por alguém estar me esperando.

—Dave Baird— ele se apresentou. —Venha por este caminho.

Eu o segui pelo escritório. Ele me mostrou onde ficava a sala de descanso, me disse para rotular qualquer comida que eu pudesse colocar na geladeira e para lavar e secar minha própria xícara de café. —Acredite, você prefere ouvir isso vindo de mim do que Sheryl. Foi ela quem estava no telefone na frente. Ela tem quatro filhos e não aceita nada, administra este lugar com precisão militar. Faz uma fatia de coco média, no entanto.

Tive a sensação de que Dave gostava de conversar.

—Aqui é o seu escritório— disse ele, abrindo uma porta do corredor. —Mas vamos fazer uma xícara de chá primeiro e fazer as rodadas de apresentações. Então Sheryl pode te preparar com senhas e outros enfeites.

No momento em que preparamos os cafés, todos os outros funcionários chegaram e eu fui apresentado aos outros oficiais de correção e funcionários do escritório. Logo soube que minha posição era substituir um homem chamado Wayne e que eu era o mais jovem da equipe do oficial de correções por pelo menos duas décadas.

Ainda assim, meu entusiasmo não podia ser influenciado.

Durante o resto da manhã, Sheryl ficou comigo no meu escritório, mostrando os programas de computador do governo que usamos para relatórios e contabilidade. Recebi senhas e um passe de segurança para o estacionamento e meu crachá de identificação com foto. Preenchi formulários de solicitação de uniformes de trabalho, resolvi formulários de emprego, formulários de impostos e mais uma dúzia de formulários governamentais diferentes para tudo o que eles fizeram e não precisavam saber.

Depois do almoço, Terrell bateu na minha porta aberta. —Estou fazendo algumas ligações para colocação de trabalho esta tarde. Dave pensou que você poderia querer ir.

Eu sorri —Certo.

Entre todos os outros oficiais, Terrell era provavelmente o mais novo. Em um palpite aproximado, ele parecia ter quarenta anos, mas era difícil dizer. Aqueles quarenta anos

pareciam ter sido difíceis, e se o nariz dobrado e a cicatriz na sobrancelha eram do futebol ou da luta, eu não sabia.

Ansioso por sair para o campo, peguei meu crachá de identificação da minha mesa e, assim que cheguei à porta, Terrell me entregou uma dúzia de pastas de papel pardo. *Ok*, então '*algumas*' chamadas de colocação de trabalho pareciam mais que doze. Eu sorri para ele e Terrell balançou a cabeça para mim.

Enquanto dirigíamos para o primeiro local de trabalho, Terrell me contou um pouco sobre procedimentos e como todo o treinamento interno realmente não preparava ninguém para o trabalho real. Havia muita legislação e muitas regras, caixas a serem marcadas e a papelada... nem o início na papelada.

Ele explicou como também trabalhou como Oficial de Ligação Indígena em alguns casos, e sorriu generosamente quando falou de suas realizações. Imaginei há vinte anos que ele teria gostado, dado que cabelos escuros e olhos escuros eram do meu tipo. E, dada a aliança no dedo, presumi que ele fizesse alguém muito feliz. Eu gostei dele, no que diz respeito às primeiras impressões. E com o passar da tarde, minha opinião sobre ele foi reafirmada.

Nós conhecemos caso após caso, parolee¹ após parolee. Caras que estavam voltando à vida, trabalhando

¹ Termo para pessoas em condicional, ex-presidiários...

duro, em empregos honestos. Um era um mecânico de pneus, um trabalhava no banco de trás de um atacadista, dois trabalhavam no matadouro, dois trabalhavam em equipes de rodovias para o conselho local, um trabalhava na biblioteca da cidade e um trabalhava em uma vila de enfermagem ajudando os idosos gerenciar seus jardins.

Pareciam caras decentes que acabaram de receber uma mão de merda na vida.

Eu sabia em primeira mão como a vida poderia mudar rapidamente. Como às vezes bastava ser demitido e tentar ganhar dinheiro fácil para alimentar uma família. Às vezes, os pais não davam a mínima e os filhos tinham que roubar coisas para sobreviver. Às vezes eles se perdiam no sistema, pisoteados pela vida, cegos pelo fato de que ninguém parecia dar a mínima. Às vezes eles foram esquecidos; às vezes, era o desespero, a doença mental ou o vício que mantinham a companhia de más decisões e circunstâncias infelizes.

E às vezes pessoas boas faziam coisas ruins. Às vezes eles não eram boas pessoas. Às vezes, o mal se escondia atrás de olhares vazios, e às vezes gritava.

Terrell me lembrou disso no meu terceiro dia acompanhando ele. O último caso do dia foi uma visita domiciliar e ele disse que não seríamos bem recebidos e que não estava errado.

O nome dela era Traci Coombs e ela passara três anos na Delwynia, uma instituição correcional para mulheres fora de Sydney. —Normalmente Teresa lidaria com os casos femininos.— Teresa era outra oficial de condicional que eu conheci no meu primeiro dia. Eu não a via desde então, porque ela estava em Sydney fazendo um curso de atualização de conformidade que deveríamos fazer às vezes. —Mas Coombs está prevista para uma visita — disse Terrell. Ele olhou pelo para-brisa para a casa de fibras em questão. —Ela sabe que nos espera, mas isso não significa que ela ficará feliz com isso.

E ela realmente não estava feliz.

Terrell bateu na porta frágil da frente. Ele abriu apenas uma rachadura e sua recepção calorosa começou com: —Que porra você quer?

—Departamento de Serviços de Correção— respondeu Terrell.

A porta não se abriu mais. —Onde está Teresa?

—Presa em uma sala de aula em Sydney — respondeu Terrell. —Você nos pegou desta vez.— A porta permaneceu imóvel, uma declaração de indesejável. Terrell recuou um pouco e suspirou. — Como vai, Traci? Esteve bem? Ouvi dizer que você conseguiu um emprego nas prateleiras. Eles estão te tratando bem?

Seu tom era mais suave, gentil. Mas ele nunca tirou os olhos da fenda da porta aberta.

Eu realmente gostei de Terrell. Gostei da abordagem e do comportamento dele. Ele não estava cansado e apático como Dave parecia estar. Dave parecia não se importar nem um pouco com os nomes em seus arquivos de casos. Eles eram apenas números para ele. Mas Terrell tratou cada caso com respeito. Ele até brincou com alguns deles.

—Você tem uma faca atrás daquela porta, Traci?— Terrell perguntou, mesmo tom calmo de antes.

Dei um passo rápido para trás da porta, sem dúvida parecendo tão assustado quanto estava molhado atrás das orelhas. *Uma faca? Jesus Cristo!*

A disposição de Terrell nunca mudou; nem sua voz. — Eu espero que não, porque então eu vou ter que escrever e você não quer violar sua liberdade condicional, não é, Traci?

Silêncio.

—Você pode sair, por favor, Traci?— Terrell perguntou. —Nós apenas precisamos fazer as perguntas de rotina. Você sabe como é.

Era quase como se eu pudesse ouvi-la pesando suas opções. Depois de alguns segundos de bater o coração, a porta se abriu mais um pouco e Traci saiu para a varanda da frente. Ela era alta e magra, magra demais, e um cheiro de

cigarro subia atrás dela. Suas roupas pendiam dela, os cabelos estavam sujos e oleosos, o rosto pálido macilento e cheio de feridas. Ela me olhou de cima a baixo, deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça para mim. —Quem diabos é você?

—Meu nome é Noah.

—Ele aceitou o emprego de Wayne— acrescentou Terrell.

Traci assentiu. Ela respondeu às poucas perguntas dele com grunhidos curtos, os braços cruzados, os olhos cautelosos. Ela disse que seu trabalho era péssimo, mas era dinheiro, Terrell a incentivou a continuar trabalhando e lembrou se precisava de ajuda com alguma coisa para ligar.

Aparentemente, esse foi o fim da reunião, porque ela voltou para dentro e bateu a porta atrás dela. Terrell acenou com a cabeça em direção ao carro e, sinceramente, fiquei feliz em sair. Sentindo uma sensação de alívio por estar no carro com as portas fechadas, eu não conseguia tirar os olhos da casa de Traci. —Você acha que ela realmente tinha uma faca?

—Provavelmente— respondeu Terrell. Ele estava escrevendo algo na pasta de papel pardo atribuída ao caso de Traci. —É a arma de sua escolha. Ela fez três anos por agressão agravada com uma arma. Ela esfaqueou o traficante de drogas.

Eu pisquei e meu estômago estava cheio de lodo frio.

—Para sua sorte, ele não morreu ou ela ainda estaria lá dentro.— Terrell suspirou. —Parece que ela está usando novamente, no entanto. Está vendo a pele dela?

—As feridas?

Ele assentiu. —E as pupilas dela estavam dilatadas. Ela estava tremendo. Sintomas típicos de drogas.

Eu balancei minha cabeça em descrença, choque. —O que acontece agora?

—Diga-me você. —ele disse, me entregando a pasta. —O que seu treinamento lhe disse para fazer nesta situação?

Engoli em seco e tentei lembrar. —Documente a reunião, relate as descobertas. Verifique suas condições de liberdade condicional e, se ela estiver violando, notificaremos a polícia. Ela será novamente presa.

Terrell assentiu lentamente. —Sim. Mas o uso de drogas não é citado em suas condições de liberdade condicional. Ela cooperou totalmente com as perguntas e trabalha há seis meses.

—Então, tomamos nota de seu uso suspeito de drogas?

—Sim. Se ela for demitida do emprego por estar drogada, podemos ameaçá-la com códigos de violação.

—Porque o emprego é uma condição de liberdade condicional— observei.

Terrell sorriu. — Você já entendeu, garoto. Em breve você estará por conta própria.

Eu fui para casa naquela noite, para minha casa meio descompactada. Era apenas minúsculo; apenas dois quartos, mas era uma casa isolada com um quintal e uma garagem, e, considerando que eu estava sozinho, era perfeito para mim. A casa em si provavelmente tinha cem anos, mas a cozinha e o banheiro se renovaram nos anos 90, pela aparência dos armários e azulejos. Era apenas um aluguel, mas estava em casa por enquanto.

Eu estava muito ligado para me incomodar com caixas de livros e DVDs. Eu tinha todos os itens essenciais desempacotados, e isso foi bom o suficiente por enquanto. Além disso, eu tive todo o fim de semana para fazer essa merda. Não era como se eu tivesse amigos aqui ou uma vida social de qualquer tipo, ou Deus não permita, um namorado...

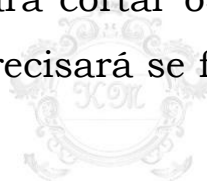
Caí no sofá e tomei um gole de cerveja. Hoje tinha sido um pouco real. Um criminoso violento poderia ter puxado

uma faca. O que eu faria se estivesse sozinho e isso acontecesse? Eu estava pronto para isso? Eu já quis ser?

Não tive muito tempo para pensar nisso, porque, na manhã de sexta-feira da minha primeira semana, Dave entrou no meu escritório às nove da manhã e deixou cair uma pilha alta de arquivos na minha mesa. —Ok garoto, você está pronto para seus primeiros casos individuais?

—Hum...

Ele acenou com a cabeça para a pasta superior. —Divirta-se com esse.— Ele sorriu com uma piada, só que ele sabia o limite. —Bom para cortar os dentes— disse ele. —Se você estiver por perto, precisará se familiarizar com o pessoal de Davis Row.



2 - *CJ Davis*

Algumas pessoas odiavam seus empregos, mas eu amei o meu. Meu chefe, senhor Delfio Barese, assobiava em seu escritório e, às vezes, xingava uma pilha interminável de papéis, e eu estava ocupado trabalhando embaixo do único carro da loja. Era um serviço de carro simples: troca de filtros de óleo e ar, substituição do líquido de arrefecimento e, nos carros mais antigos, verificávamos os pontos e as velas de ignição, mas nos mais novos, como este carro, veríamos os diagnósticos a bordo.

Ao contrário da mecânica da tecnologia usada hoje, Barese era da velha escola. Ele possuía e dirigia os únicos mecânicos em Ten Mile Creek por quase cinquenta anos, e ainda tratava os clientes hoje da maneira como fazia nos anos setenta. Ele se certificou de que cada carro que ele atendia fosse lavado depois, o para-brisas limpo e o interior aspirado. A água da bateria seria carregada, se fosse um carro antigo, juntamente com a água no tanque do limpador de para-brisa, sem custo adicional.

Ele reclamava incessantemente sobre como a arte do serviço ao cliente quase desapareceu. —O mundo simplesmente não é mais o que costumava ser— ele dizia

tristemente, acenando com as mãos enquanto falava, da maneira italiana que fazia. Portanto, a única regra que ele aplicou desde o primeiro dia foi que tratamos nossos clientes da maneira como costumavam ser tratados ‘antes do mundo ir para o inferno’, juntamente com ‘aquele terrível fast food’ e ‘aqueles telefones que as crianças olham para eles durante dias’.

Sua ética de trabalho era ótima, sua atenção aos detalhes, imaculada, e sua propensão ao serviço da velha escola era admirável. O problema eram os clientes. Simplesmente não havia o suficiente deles.

Ten Mile Creek era uma cidade moribunda. A dez milhas, ou dezesseis quilômetros, do crescente centro regional de Maitland, o Ten Mile Creek agora se resumia a uma loja de conveniência, uma escola pública, uma loja de delivery e a Barese Mechanical. Às vezes, não tínhamos carro na loja há uma semana. O combustível foi a única coisa que nos manteve abertos, e isso foi apenas porque o Sr. Barese disse que era muito caro remover os tanques de combustível.

Os duzentos moradores de Ten Mile Creek trabalhavam em Maitland, se é que trabalhavam. Não havia dinheiro nesta cidade. A maioria das pessoas que morava aqui recebia algum tipo de pagamento - pensões, pais solteiros, invalidez e desemprego. Passei meus vinte e quatro anos nela, odiando cada maldito segundo. Desejando coisas melhores e mais brilhantes, mas ligadas a tudo da mesma forma.

A chuva de outono mantinha as temperaturas baixas e as pessoas saíam das ruas e, como sempre, o Ten Mile Creek estava morto. Nem mesmo os turistas pararam aqui. As pessoas que dirigiam pelo cenário Hunter preferiam cidades mais bonitas: aquelas que atendiam ao charme do velho mundo com orgulho e dignidade. As lojas de Ten Mile Creek eram degradadas, negligenciadas. A falta de fundos e cuidados resumiu a sensação do lugar. Um motorista ocasional de domingo passava, mas raramente parava.

Eu não os culpo.

Liguei o rádio e me levantei até o bujão do poço e comecei a drenar o óleo do carro da velha senhora Henderson. Del a deixara em casa, a apenas um quarteirão de distância, com a promessa de devolver o carro quando terminasse. Toda parte do serviço, ele disse.

Ele era único, Sr. Barese. Enquanto o óleo enegrecido entrava no balde, tentei pensar em alguém que respeitava mais do que Del Barese.

Não havia ninguém.

Eu sabia que em alguns dias não havia trabalho suficiente para nós dois, e só fazia três dias por semana. Mas ele era generoso e gentil, e durante os últimos nove anos, eu mantive minha cabeça baixa e minha boca fechada e fiz a única coisa em que eu sempre fui bom: consertar carros.

Então, eu segui meus negócios, certificando-me de que tudo estava tão bom quanto perfeito e meio que perdi a noção do tempo.

—CJ?— Del chamou.

Pensando que ele só queria que eu observasse os arcos de combustível por um minuto, diminuí o volume do pequeno rádio portátil que tinha comigo e deslizei para debaixo do carro no carrinho trepadeira, só para descobrir que ele não estava sozinho. Levantando-me, limpei minhas mãos no meu macacão e olhei para o visitante. Del nos acenou, voltando ao seu escritório, me deixando sozinho com o estranho.

Ele não era muito mais velho que eu, mas usava calça de terno e camisa de botão, bem apertado. Ele veio da chuva, obviamente, enquanto passava a mão pelo cabelo molhado. Então eu notei o crachá de identificação preso na cintura ...Wayne costumava usar um igual a ele.

Não havia como esse cara ser um PO².

Ele era muito jovem, muito bonito. Cabelo loiro, olhos azuis e uma mandíbula que poderia cortar vidro. Os únicos oficiais de condicional que eu já vi eram velhos, desgastados e abatidos.

Ele estava me avaliando como todos eles fizeram. Olhando para mim como todos fizeram. Eu nunca

² Police Officer – Agente de policia ou neste caso de condicional.

tinha visto esse cara antes na minha vida - acredite em mim, eu me lembraria dele - e ele já estava pensando em mim.

Inútil. Problema. Bom para nada.

Eu já tinha ouvido tudo isso antes. Foi tudo o que eu já ouvi.

Ele limpou a garganta. —Oi. Meu nome é Noah Huxley. Sou seu novo oficial de condicional.

Bem, merda. Ele era meu novo oficial de condicional?— O que aconteceu com Wayne? Finalmente acabou?

—Não sei por que ele não trabalha mais no Escritório de Correções da Comunidade. Eu sou o substituto dele.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. Eu dei esse cara uma semana antes de ele renunciar. De jeito nenhum, não havia como ele iria durar. Eu bufei. —Okay, certo.— Eu ignorei seu olhar aguçado. —Então, leu meu arquivo? Ou temos que passar por tudo desde o começo?

Ele nunca quebrou seu olhar. —Eu li tudo o que preciso.

—Então me conte.— Eu zombei dele com suas roupas elegantes e sua camisa bem passada, seu rosto barbeado que parecia tão privilegiado quanto bonito. Sem cicatrizes, sem inchaços, apenas linhas e ângulos perfeitos. —O que Wayne tem a dizer sobre mim no meu arquivo?

Ele engoliu em seco e olhou em volta da loja. Uma gota de chuva correu de sua linha do cabelo até a mandíbula, um caminho fascinante sobre a pele perfeita que eu não pude deixar de assistir.

Ele limpou a garganta e meu olhar disparou para ele. Eu fui pego olhando? Verificando ele? Isso foi escrito no meu arquivo? Ele estreitou os olhos para mim e franziu o cenho. —Existe algum lugar onde possamos conversar em particular?

Oh, ótimo. Isso vai acabar bem.

Fiz que sim com a cabeça em direção às portas abertas da garagem que davam para o riacho nos fundos e o segui enquanto ele caminhava. Ele não falou por um tempo. Ele apenas olhou o riacho e os salgueiros que ladeavam. —É bonito aqui— disse ele.

—Bonito?— Eu zombei. —Ninguém chamou essa cidade bonita em todos os meus anos aqui.

Ele... como era mesmo o nome dele? Norman? Nigel? Noah! Sim, foi isso ... Noah sorriu para a paisagem. Ten Mile Creek era uma pequena cidade em um riacho que corria para o rio Hunter, e olhando para ele e tentando ver como Noah podia vê-lo, imaginei que fosse bonito. O riacho, quase um fio de verdade, era emoldurado por grama verde e salgueiros. Era tudo verde, com certeza. A

precipitação anual da cidade era quase tão alta quanto a taxa de desemprego e as estatísticas de gravidez na adolescência.

Havia uma ponte precária que provavelmente seria cênica, se não coberta de pichações, que levaria ao outro lado do riacho, ao outro lado da cidade. O lado errado da cidade.

Meu lado da cidade.

—Hmm— ele cantarolou como se realmente não concordasse comigo. Então olhou para o céu. —Eu nunca vi tanta chuva.

—De onde você é?

—Newcastle. Portanto, não muito longe.

—Mas longe o suficiente.— Deus, eu só podia imaginar morando em uma cidade diferente. Mesmo se mudar desse buraco de merda para Maitland, a apenas quinze minutos de carro pode ser outro planeta em alguns dias.

—Sim, longe o suficiente.

Essa foi uma resposta estranha, ou talvez tenha sido o jeito que ele disse isso que me fez parar. Como ele, algum funcionário do governo fantasiado podia entender como era. —Enfim— eu disse, mudando de assunto. —Você está pegando todos os casos de Wayne?

Ele assentiu. —Sim!

—Ocupado então?

—Sim, mas eu gosto. Eu sou apenas novo nisso.

Totalmente chamo. —Eu reuni.

Ele me lançou um olhar que era parte ofensa, parte desafio. —Novo não significa estúpido.

Eu ri disso e, vendo a chuva ter diminuído, fiquei embaixo do beiral do lado de fora, peguei um cigarro e acendi. Dei uma longa tragada e soprei a fumaça em direção ao riacho. —Então, o que há com a visita de trabalho? Wayne nunca fez muito. Costumava me fazer entrar na cidade.

—Oh!— Noah pigarreou novamente e abriu a pasta de papel pardo que estava segurando. —Estou basicamente fazendo uma visita introdutória. E ele deveria ter. Wayne, quero dizer. Faz parte das suas condições de liberdade condicional.

Eu sorri com o quão ingênuo ele era. —Você vai falar com o Sr. Barese?— Dei outra tragada no meu cigarro e apaguei. —Meu chefe?

—Sim.— Ele parecia encontrar alguma convicção. —Ele vai me dizer alguma coisa que você deve me dizer primeiro?

Eu olhei para ele e chupei outro gole do meu cigarro. — Eu sabia.— Ele já tinha me descartado. —Eu posso adivinhar o que estava no arquivo de Wayne sobre mim. Eu sou um

Davis, certo? —Eu nem me incomodei em esconder o desdém. —Mas eu não fiz nada de errado.

Noah meio que corou. Envergonhado ou repreendido, eu não sabia. Eu não me importei. Ele me conhecia há dois minutos e já tinha me classificado como um caloteiro por causa do meu nome.

Noah folheou os papéis no arquivo.— Na verdade, as anotações de Wayne eram muito boas. Nunca perdeu uma reunião, participou de todos os conselhos sobre drogas e álcool...

—Porque eu tenho que.— Dei uma última tragada no meu cigarro e joguei a ponta na grama molhada. —Porque é uma condição da minha liberdade condicional. Eu nunca tomei uma droga na minha vida, mas tenho que ir sentar em círculo com todos os perdedores e conversar sobre problemas que nem tenho.

—Você foi pego ...

—Eu sei pelo que fui pego. Eu sei o que os policiais pensaram. Eu estava lá.— Eu empurrei a parede e olhei para ele. —Eu cometi o crime, eu cumprirei a pena. Que porra é essa. Você quer falar com Del, depois fale com ele. Se terminamos aqui, tenho trabalho a fazer.

Eu não esperei por uma resposta. Eu não precisei. Eu terminei de falar com ele, se ele terminou de falar comigo ou

não. Ele não ia me escrever por atitude. Ele era um novato e não se atreveria a me citar, porque isso o faria parecer uma merda em seu trabalho.

Voltei ao meu carrinho trepadeira e deslizei de volta para o carro da senhora Henderson. Puxei o rádio pequeno e aumentei o volume para que este novo PO soubesse que eu estava bem e verdadeiramente terminando de falar. De debaixo do carro, vi seus pés. Ele não se mexeu por um tempo, e eu sabia que o tinha sacudido. Eu sorri.

Então seus pés andaram ao redor do carro, passando por mim e até a porta do escritório. —Barese?

—Sim.

—Você tem um minuto?

—Sim, sim— disse Barese. Entre.— Feche a porta.

Eu assisti a porta do escritório fechar, e os sapatos polidos de Noah desapareceram atrás dela. Fiquei olhando a porta fechada por um tempo demais, depois peguei minha catraca e voltei ao trabalho.

3 - Noah

Del Barese era um pequeno, um homem italiano mais velho. Ele estava calvo, usava óculos e macacão azul e tinha dedos grossos e manchados de óleo e graxa que ele acenou quando falou. Ele estava alto; seu sotaque ainda estava no final de suas palavras. Ele tinha setenta e um anos, ele me disse com orgulho, e abrira a Barese Mechanical em 1963, quando chegou à Austrália. Ele trabalhava todos os dias de sua vida, exceto aos domingos, quando levava a esposa para a igreja em Maitland.

Ele claramente gostava de conversar, e quando eu perguntei sobre CJ... Ele já estava atrasado? Ele nunca apareceu? Ele já apareceu para trabalhar sob a influência de drogas ou álcool? O Sr. Barese revirou os olhos e acenou para mim.

—Não, não. Nunca. Ele é um bom garoto.

Então ele começou a me contar tudo o que sabia sobre seu primeiro e único empregado.

—Ele tinha treze ou quatorze anos quando começou a andar pela minha loja— disse Barese. —Seus irmãos eram problemas, mas esse garoto era diferente. Sua vida em casa, não é muito boa. —Ele balançou sua cabeça. —Viu o que estou dizendo? Ninguém lá se importava. Sem escola, sem comida, ninguém sabe, ninguém se importa. — Ele jogou as mãos para cima. —Então ele começa a ficar por aqui durante o dia, curioso no começo. Não incomodava ninguém, mas eu o via assistindo. No começo, pensei que ele estivesse procurando na loja como seus irmãos, sim? Vendo o que ele poderia roubar ou quanto dinheiro eu levo naquele dia. Então, eu tenho duas opções. — Ele levantou dois dedos. —Um, eu poderia caçá-lo, denunciá-lo à polícia ou à escola para obter evasão. Ou dois, eu poderia colocá-lo para trabalhar. Se ele ficaria aqui o dia todo, poderia ser útil, eu disse a ele.

—Então, ele está trabalhando aqui desde os quatorze anos?

Del assentiu. —Dois ou três dias por semana. Não posso fazer o que costumava fazer. Minha mente é boa, mas meu corpo ... —Ele balançou a mão de uma maneira mais ou menos. Então ele suspirou, alto. —Basta uma pessoa se importar, sabe? Apenas uma pessoa. Para fazer toda a diferença. Ninguém se importava com aquele garoto. Ninguém. Mas eu pago a ele. Maria, minha esposa, ela o alimenta às vezes. Talvez eu tenha mudado a vida dele, não

sei. Mas ele é um bom garoto. Se a polícia o conhecesse em vez de dispensá-lo, saberiam que ele é um bom garoto. Mas eles apenas pensam 'Oh, ele mora em Davis Row, ele é um deles.' — O tom de Del e o olhar em seu rosto eram de repugnância. Ele olhou para o arquivo que eu estava segurando como se não contivesse nada além de mentiras, mentiras sistemáticas em preto e branco. —O que aconteceu com não julgar um livro pela capa? Inocente até que se prove a culpa?— Ele suspirou como se entendesse o peso do mundo muito bem.

Del estava certo. Uma pessoa foi o suficiente. Uma pessoa para cuidar, uma pessoa para sorrir, uma pessoa para dizer olá, perguntar como estavam, levar um minuto. Realmente poderia salvar uma vida.

—Parece que você fez.

—Fez o que?

—Mudou a vida dele.

Del sorriu, um pouco choroso. —Ele é um bom garoto. Se estiver quieto aqui na loja, ele vai ao lado da minha casa e corta meu gramado, corta minhas árvores. Ele sabe que eu não posso mais fazer isso. Eu nunca pergunto a ele; ele apenas faz isso. Diga-me, que tipo de criminoso faz isso?

Eu não pude responder.

—Nenhum criminoso, é quem. Ele cometeu um erro, é tudo. Mas ele é um bom garoto.

Eu assenti lentamente. —Obrigado pelo seu tempo, senhor Barese.

Ele sorriu enquanto me acenava, provavelmente sabendo que ele me deu muito em que pensar. *E ele tinha.*

Eu deveria voltar ao escritório, mesmo que fosse a última coisa que eu queria fazer. Eu dirigi até o cruzamento T na estrada, onde uma placa declarava Maitland a dezesseis quilômetros à direita ou outras cidades satélites menores que pontilhavam o interior de Hunter estavam à esquerda. E por um longo momento, considerei virar à esquerda e apenas dirigir até minha mente clarear. Mas com um suspiro e um senso de dever, liguei o pisca-pisca para virar à direita e voltei para a cidade.

A chuva havia parado, deixando as estradas cinzentas e cheias de poças, e a paisagem estava exuberante e úmida. Dirigi bem abaixo do limite de velocidade, levei um tempo para deixar as coisas pensarem em minha mente, enquanto dirigia de volta para Maitland.

A imagem nítida que eu havia pintado na cabeça de CJ Davis naquele arquivo era agora abstrata. Quão fácil foi ler um arquivo de caso e assumir que conhecíamos os contornos de um personagem, as cores contidas nas pinceladas que os definiam. Desde que conheci o próprio CJ, eu assumi que ele

era tudo o que seu processo dizia ser. Ele era toda atitude e bravata, o chip no ombro, uma arma que ele usava para manter as pessoas distantes e cautelosas.

Mas falando com Barese, o quadro mudou completamente. De acordo com alguém que conhecia CJ há dez anos, que passava muito tempo com ele, CJ era atencioso, honesto e gentil, trabalhador e bem-intencionado. *Ele cometeu um erro, é tudo*, dissera Barese.

Deus, não somos todos nós.

Eu sabia muito bem como um erro estúpido poderia mudar uma vida para sempre. Poderia mudar muitas vidas. Um erro estúpido e o caminho que você segue mudam de direção, definem um novo rumo. Não há mapas ou bússola para isso, basta navegar da melhor maneira possível.

Era isso que CJ estava fazendo? Navegando o melhor que pôde?

Barese certamente pensava assim. Seu arquivo dizia o contrário, mas o que uma percepção distorcida fazia quando o oficial de condicional anterior nunca se preocupava em olhar além da capa?

Que história CJ Davis realmente contou?

Que história meus casos de arquivos realmente contaram?

Eu tive uma dúzia de casos como o CJ. O que eu tinha assumido de todos eles? Eu tentei ter a mente aberta e pensei que tinha estado. Cada caso era seu; cada caso era uma pessoa com uma história e provavelmente uma família ou alguém em sua vida que os amava.

Eu me encontrei de volta ao meu escritório examinando cada arquivo, lembrando-me dos nomes deles, olhando especificamente para o que os outros haviam dito sobre eles quando entrevistados. Eu olhei nas entrelinhas dos relatórios que Wayne havia feito. Por todas as contas, Wayne havia deixado esse trabalho esgotado. Ele parou de se importar anos atrás. Preenchendo formulários e caixas de seleção, fazendo o mínimo necessário para obter seu salário semanal.

Jurei fazer melhor. Prometi a mim mesmo, naquele momento e ali, faria melhor. Eu faria perguntas diferentes, perguntas melhores. Eu trataria cada caso, *cada pessoa*, melhor.

E talvez tenha sido o otimismo que eu tinha; talvez tenha sido um band-aid sobre a ferida aberta do meu passado que me fez querer consertar o futuro.

Não foi até Sheryl bater na minha porta às cinco e dez e me dizer que era hora de chegar em casa que eu percebi que estava com a cabeça na papelada por horas. Então, desliguei tudo e saí, peguei minha jaqueta e voltei para casa.

Minha casa ainda não estava descompactada. Eu tinha toda a intenção de passar o fim de semana desempacotando tudo e transformando minha casa em uma casa. Eu ia às compras mesmo e comprava mantimentos e talvez uma foto para a parede. Algo para comemorar o final da minha primeira semana. Agora que fui pago, pude. Nada muito chique, mas alguma coisa.

Surpreendentemente, ou não surpreendentemente, terminei de desfazer as malas na sexta à noite. Na verdade, eu não tinha muito: apenas algumas caixas de livros e DVDs, alguns utensílios de cozinha e algumas toalhas. Tudo o resto eu já tinha desempacotado durante a semana porque precisava. Eu não tinha muito, a casa em si não era muito, mas o contrato era meu, por pelo menos seis meses.

No sábado, passei o dia comprando mantimentos para a semana e até encontrei uma camisa nova para o trabalho, mas não encontrei nada que chamasse minha atenção para minha casa. Não que eu tivesse que comprar alguma coisa. As paredes amarelas pálidas estavam bem, se um pouco velhas e arranhadas. O esquema de cores, a cozinha, o banheiro - inferno, todo o interior - eram produtos do boom dos renovadores dos anos 90. Sim, era velho, mas estava limpo e quente no clima frio do outono.

Certamente não estava ganhando nenhum prêmio Fancy Living³, mas era melhor do que alguns lugares em que eu vivi.

No domingo, passei o dia dirigindo. Como queria me familiarizar com a área, dirigi até Ten Mile Creek, passei pela saída em que hesitei no outro dia e passei por todas as minúsculas cidades satélites. Eles eram pitorescos. Embora eu tivesse que me perguntar quanta vida eles tinham deixado neles. Cidades de laticínios, comunidades agrícolas nas colinas verdes do Hunter.

Em uma cidade, havia uma pequena barraca de mercado montada para os motoristas de domingo. Eles venderam bolos caseiros, laranjas frescas e velas perfumadas de cera de abelha. A jovem mulher atrás do balcão tinha sol e nova esperança em seu sorriso, e era difícil não sentir seu entusiasmo por seus produtos. Comprei uma sacola de laranjas, um bolo de cenoura e duas velas com cheiro de limão e eucalipto. Não era exatamente o que eu esperava comprar para um presente de inauguração de casa, mas voltando para a cidade, fiquei feliz por tê-los comprado.

Saí da estrada principal e entrei na Ten Mile Creek. Eu não sabia o que me fez fazer isso. Curiosidade, provavelmente.

³ Decoração de interiores.

A rua principal estava morta, exceto por duas crianças mais jovens andando da loja da esquina com o que pareciam algumas batatas fritas quentes, e eu pensei que parecia uma boa ideia. Estacionei na frente, entrei e voltei para a década de 1970. Bem, parecia que sim. As placas antigas, o piso linóleo gasto, os balcões dos armários de vidro. Eu imaginaria que quando esse negócio finalmente terminasse, a maior parte do equipamento poderia entrar em um museu.

Mas a comida quente cheirava muito bem, e eu pude ver o porquê. Também foi direto dos anos 70. Trabalha hambúrgueres, hambúrgueres de rissole e molho, pãezinhos Chiko e espetos de milho. Jesus. Era um menu para um coronário especial.

O cara atrás do balcão parecia ter batido graxa diretamente da fritadeira no cabelo. —O que eu posso pegar, companheiro?— ele perguntou.

Achando que eu iria comer saudável durante toda a próxima semana, fui grande. —Suco com um hambúrguer, por favor.

—Beterraba e abacaxi?

—Sim, por favor.

—Não vai demorar— disse ele e logo chiava um empadão de carne na grelha.

A loja tinha três fileiras de prateleiras cheias de itens de conveniência escassos. Concluí que a maioria dos moradores de Ten Mile Creek fazia compras em Maitland e esse lugar era o último recurso para compras esquecidas. Havia pão e papel higiênico, latas de sopa e feijão. Weet-Bix⁴ e café e a variedade habitual de chocolates, picolés e pacotes de batatas fritas e geladeiras de leite e Coca-Cola. Eu não estava procurando nada em particular e certamente não pagaria os preços ridículos que estavam pedindo.

—Ei, CJ. O de sempre?

—Sim, obrigado, Bart.

Eu virei na mesma hora que ele. Ouvi o nome CJ e talvez ele sentisse outra pessoa na loja, mas logo estávamos nos encarando.

—Ei— eu disse, tentando ser alegre.

Ele, por outro lado, zombou. O homem atrás do balcão entregou um maço de cigarros e CJ entregou-lhe uma nota de cinquenta dólares. Ele pegou o cigarro, guardou o troco no bolso e saiu sem dizer uma palavra.

—Ei— eu disse novamente, seguindo-o pela porta. —Ei, CJ!

⁴ Weet-Bix é um biscoito de cereais para café da manhã rico em fibras e com baixo teor de açúcar, fabricado na Austrália e Nova Zelândia pela Sanitarium Health and Wellbeing Company e na África do Sul pela Bokomo.

Ele parou, parado no meio do caminho entre mim e uma motocicleta suja. Ele girou nos calcanhares e olhou para mim. —O que?

Bem, eu assumi que ele não gostava muito de mim, mas o olhar em seu rosto estava mais perto de odiar. Eu tinha que admitir, fiquei meio chocado ao vê-lo. —Eu só estava passando... —E o que? Pensei em dizer oi? Deus, o que diabos eu estava fazendo? —Eu estava apenas dirigindo, conhecendo a área. Fui a Bakersfield e Kirkton. Cênica, mas não exatamente próspera.

CJ olhou para mim. Eu estava balbuciando. Como um idiota.

—Pensei em experimentar um hambúrguer...

Ele levantou uma sobrancelha que questionava minha sanidade.

Eu estava questionando minha sanidade.

—Estou tentando me familiarizar com coisas que podem me dar uma melhor compreensão das pessoas que moram aqui.

—Você acha que esta cidade me representa?— Ele olhou de cima a baixo a rua deserta na cidade esquecida, abandonada.

—Não, não foi isso que eu quis dizer.

—Então o que você quis dizer?

—Isso me ajuda a entender melhor por que as pessoas fazem o que fazem. Quero ver as más circunstâncias que produzem más decisões.

Ele olhou para mim. —Nem todo mundo que faz coisas ruins é gente ruim.

—Eu nunca disse que eles eram.— Eu olhei para ele e ele olhou de volta. —Eu não acredito nisso, nem por um segundo.

Ele continuou olhando.

—Às vezes, coisas ruins acontecem com pessoas boas.

Deus, por que eu estava dizendo isso?

CJ se virou para encarar a tinta descascada na parede, como se eu tivesse arrancado um nervo em bruto. Então, como se estivesse chateado consigo mesmo, rasgou com raiva a embalagem do maço de cigarros e esfaqueou um cigarro na boca. Seu isqueiro não funcionava, então ele o sacudiu e murmurou uma maldição, depois bateu na mão.

—Você não deveria fumar— eu disse. —Faz mal a saúde.

Ele colocou o isqueiro de volta no cigarro, olhou para mim e acendeu, primeiro acendeu. Ele respirou fundo e

soprou a fumaça para mim. —Você não deve dizer a um fumante para parar. Faz mal a saúde.

Eu sorri. —Enfim, o que há para fazer por aqui?

—Por aqui?— Ele olhou amplamente para a rua. — Absolutamente nada. Crianças fumam maconha perto do riacho, se você estiver inclinado. Ou você pode caminhar pelos trilhos da ferrovia. No entanto, não há mais trens, por isso, se você está procurando fazer isso dessa maneira, está sem sorte.

Eu balancei minha cabeça lentamente, mas ainda estava sorrindo. Havia algo sobre sua atitude de foda-se que eu achei engraçado. Ou relacionado a. Eu não tinha certeza de qual. —Não inclinado para qualquer um, mas obrigado. Eu quis dizer em Maitland. O que há para fazer em Maitland?

—Pareço um guia de informações turísticas?

—Sim. Embora seu uniforme possa dar algum trabalho.

Ele olhou para o que ele estava vestindo. Seu jeans estava sujo, sua camisa branca não muito melhor, sua jaqueta jeans preta agora estava cinza e desgastada nos punhos. Ele me lançou outro olhar. —Foda-se.

Mordi meu lábio para parar de sorrir. Ou dizendo ‘sim, por favor’.

Jesus Cristo, Noah. Tenha controle sobre você mesmo.

Ele deu uma tragada no cigarro. —Você sabe— continuou ele, soprando a fumaça na rua. —Alguns bares e boates da cidade vão bem. O quartel-general na Abbott Street é provavelmente a escolha deles.

—Ok, obrigada. Ainda não saí. Eu posso dar uma olhada. —A verdade era que eu não estava em lugar nenhum há muito tempo.

Seu lábio tremeu, mas ele deu outra tragada no cigarro antes que pudesse sorrir. Deus não permita que ele seja agradável a ninguém. —Suponha que eu possa esperar outra visita esta semana?

Ele sabia muito bem que essas nomeações deviam ser improvisadas, sem aviso prévio. Eu sorri com sua óbvia tentativa de me enganar. —Provavelmente.

Ele não me deu nada além de um revirar os olhos antes de se virar e se afastar. Eu o observei, seus ombros cautelosos, sua marcha galopante quando ele caminhou até sua motocicleta suja e passou a perna por cima dela. Ele deu uma última tragada no cigarro antes de jogá-lo na sarjeta, bateu com o calcanhar na motocicleta, deu um chute na motocicleta e acelerou, encarando-me como um desafio. Então ele partiu pela rua, sem capacete, sem nenhum cuidado.



—Senhor? Seu hambúrguer está pronto — o homem da loja gritou.

Sorrindo na direção em que CJ tinha ido, eu me virei e entrei.



4 - *CJ*

Eu sabia que meu velho ligaria na quinta-feira às quatro. Ele sempre fez. Era o telefonema dele permitido por semana, e eu sempre temia. Quero dizer, ele era meu pai. Eu acho que uma parte de mim o amava, no fundo, mas na superfície, eu estava realmente feliz por ele estar indo bem.

Na verdade, em toda a minha vida, eu só sabia que ele estava do lado de fora seis ou sete vezes. E cada vez que ele estava em casa, ele tornava minha vida miserável. Tornou-se muito aparente, mesmo em tenra idade, eu estava melhor sem ele. Todos nós éramos. Não que meus irmãos pensassem assim. Mas eu não era como meus irmãos. Eles o adoravam, o idolatravam e eram fortemente protetores dele.

Onde eu, por outro lado, o via como ele era.

Trouxe um pouco mais de madeira para dentro e acendi o fogo. Nossa casa era antiga e, se o vento soprasse forte o suficiente, haveria correntes de ar passando pelas tábuas do assoalho. O revestimento fibroso do lado de fora era velho, desbotado e fazia pouco para impedir que o frio penetrasse. E esse inverno deveria ser frio.

Olhei para o Pops, sentado em sua poltrona velha. —
Você está quente o suficiente?

—Sim— ele disse, me dando um sorriso. —Não precisa
se preocupar.

Joguei outro tronco no fogo. Havia muitas razões para
se preocupar. O Pops foi a minha única coisa boa. Ele
basicamente me criou. Salvou minha pele muitas vezes
impedindo meus irmãos mais velhos de me açoitarem. E do
meu pai também. Meu Pops foi quem me manteve alimentado
quando eu era pequeno, e ele me ensinou a cozinhar. Não
que eu fosse qualquer tipo de cozinheiro chique, mas eu
podia nos manter bem alimentados o suficiente agora que era
minha vez de cuidar dele.

—Quer que eu coloque o seu show?— Eu perguntei,
pegando o controle remoto da TV.

Ele olhou para o relógio. —Acho que sim. São quase
quatro horas.

Quase quatro.

Meu estômago torceu. Eu cliquei na TV e verifiquei se
ela estava no canal certo. Assim que a música tema de The
Young and the Restless começou, o telefone tocou. Corri para
a cozinha e peguei o fone. Ele não gostou se eu deixasse tocar
muitas vezes. —Olá.

—Ei menino.— O som de sua voz era familiar de uma maneira desagradável. Estridente e rouco e sempre soou como se ele conhecesse o ponto de partida da sua piada.

—Ola pai. Como está sua semana?

—O mesmo de sempre. Mas tenho boas notícias.

Ah não.

—Recebi liberdade condicional. Chegando em casa, garoto.

Engoli o nó na garganta e tentei agir feliz com a notícia. —Isso é ótimo.Quando?

—Uma semana hoje.

Uma semana?

—Certifique-se de que haja cerveja na geladeira esperando por mim, não é, garoto? E bife. Quero carne de verdade, nada dessa merda da prisão.

Eu não tinha ideia de onde deveria conseguir o dinheiro para pagar por tudo isso, não que ele se importasse. —Coisa certa. Parece bom.

—Pops está aí?

—Sim, ele está assistindo TV. Apenas acendi o fogo para ele. Está ficando frio.

Ele resmungou algo que eu não conseguia ouvir, então ele latiu ao telefone. —Você vai me buscar na estação de trem, não é, garoto?

Talvez eu pudesse pegar emprestado o carro do Sr. Barese. . .—Sim claro.

—Eu vou precisar de uma passagem também.

Mordi um suspiro, mas encostei a testa na parede. — Certo. Eu vou deixar você saber os detalhes na próxima semana.

—Bom rapaz.

E ele desligou.

Bati o fone no gancho. —Droga.— Com um suspiro pesado, caí no sofá.

Pops deu uma olhada em mim. —Ele está voltando para casa?

Eu assenti. —Sim. Semana que vem.

Eu podia sentir os olhos de Pops em mim, mas não olhei para ele. Eu não precisei. —Não se preocupe, CJ. Ele não vai demorar muito. Dê a ele um mês. Ele nunca sai muito mais tempo do que isso.

Eu estava tão chateado que não conseguia falar. Eu não conseguia nem soltar minha mandíbula. Eu olhei para a

TV, para o programa bobo de Pops que ele assistia, sem ver nada disso. Não percebi por quanto tempo até Pops se levantar, com as pernas instáveis. —Melhor começar o jantar.

—Eu vou fazer isso— eu disse. —Perdi a noção do tempo, desculpe. Você senta e grita as respostas para mim. Family Feud começou, seu segundo programa favorito.—Entrei na cozinha e tirei as três últimas batatas do armário e comecei a descascá-las. —Vou ter que comprar mais vegetais amanhã— eu disse alto o suficiente para ele ouvir.

Mas ele falou atrás de mim, —CJ — e eu quase pulei da minha pele. Ele colocou a mão no meu ombro. —Desculpa. Não quis te assustar.

Eu me virei, descascando as batatas na pia. —Está bem. Não ouvi você entrar. Você não está assistindo seu programa?

Ele acenou com a mão na porta, descartando-a. —Vai dar tudo certo, CJ. Ele não ficará aqui por muito tempo.

Suspirei e deixei meus ombros caírem. —Acabamos de dar tudo certo, não é?

Ele assentiu devagar. —E nós vamos ter tudo bem quando ele se for novamente.

Eu olhei para ele então. Ele parecia muito mais velho que seus sessenta e três anos. Ele era uma cabeça cheia mais

baixa que eu, cabelos prateados, pele enrugada, e seus olhos outrora azuis estavam agora cinzentos. Foram sessenta e três anos difíceis e agora, sóbrios e limpos por vinte e dois anos, apenas para o enfisema o bater na bunda. Não foi justo.

Um bom homem. O melhor que já existiu.

E aqui estava ele de novo, cuidando de mim. —Eu sei. Nós ficaremos bem. Vou me certificar disso. —Voltei a descascar as batatas. —Bangers⁵ e purê estão bem?

—Perfeito.

—Volte e sente-se. Você sabe que o ar frio não faz nenhum favor aos seus pulmões.

Ele me acenou enquanto voltava para o seu lugar perto da lareira. Eu o ouvi chiar até começar a fritar as linguças. Assegurei-me de que Pops tivesse pelo menos três vegetais por noite e, para seu desgosto, não cozinhei com sal. Ele não precisava adicionar doenças cardíacas à sua lista de problemas.

Eu servi o nosso jantar, depois limpei. Pops estava na cama cedo, como todas as noites, e eu tive certeza de que o quarto dele estava quente o suficiente. Eu assisti a um reality show coxo na esperança de ver alguns caras sem camisa, ou mesmo nus.

⁵ Bangers é um prato muito popular no Reino Unido. É composto basicamente de salsichas servidas com purê de batata.

Foi muito triste quando essa foi a extensão da minha vida sexual. Eu tive que esperar até que pops estivesse dormindo na cama antes de poder assistir na televisão tarde da noite. Se eu tivesse sorte, haveria um filme com classificação R na SBS. E se eu tivesse muita sorte, seria um filme gay.

Mas hoje à noite eu estava sem sorte. Era um cabeçalho duplo de algumas séries de futebol. Apenas minha maldita sorte. Eu apunhalei o botão Desligar no controle remoto e levei meu eu frustrado e triste para a cama.



Eu acordei cordei cedo para acender o fogo e a casa estava quente quando Pops acordou. Ele normalmente sai antes das sete, então eu comecei a panela dele. Ele gostava de aveia todas as manhãs, e eu gostava dele comendo algo quente e substancial. Ele precisava de mais carne nos ossos.

Depois que comemos e eu limpei, passei algumas horas lá fora. Passei o cortador de grama pelo jardim da frente, espero pela última vez antes do inverno. Fiz uma anotação mental para garantir que Del também estivesse pronto. Talvez eu pudesse correr o cortador de grama no gramado dele esta tarde...

Quero dizer, nossa casa não era nada reluzente. Mas ainda era minha casa. Eu ainda podia fazer com que parecesse o melhor possível. Eu consertei o jardim da frente o máximo que pude sem gastar dinheiro. Eu corto, podado - mal, provavelmente, mas tanto faz - e principalmente arrumado. Nunca pareceu tão bom. A cerca da frente estava desmoronando, e a maioria das paletas estava faltando, então eu consertei isso da melhor maneira possível. Nós nunca ganharíamos nenhum prêmio de 'melhor casa', mas eu não me importei.

A casa precisava de tinta nova, telhado novo, encanamento novo, banheiro novo... inferno, precisava de escavação. Mas era a nossa casa. Não era muito, mas era a casa de Pops e minha casa.

Por volta das dez da manhã, voltei para dentro, sabendo que Pops poderia querer uma xícara de chá ou talvez algo para comer. Coloquei a chaleira e lembrei-me de algumas roupas que precisavam sair, então fui e fiz isso. A velha lavadora de roupa quase sacudiu a casa dos tocos e não secou mais as roupas, mas pelo menos ainda as lavou.

—Não sei quanto tempo essa máquina de lavar vai durar— eu disse quando voltei para dentro e entrei na cozinha.

—Existe desde que Jesus era menino— disse Pops, ainda assistindo à televisão. A casa era pequena o suficiente

para que se pudesse ter uma conversa, não importando em que quarto estávamos.

Eu sorri. Nós tivemos essa máquina de lavar a vida toda. Fiquei surpreso que ainda funcionasse. —verdade. — Derramei a água fervente em seu antigo bule e coloquei a tampa. —Quer um pedaço de torrada com geleia?

—Não, obrigado mesmo assim— respondeu ele. — Talvez para o almoço.

Peguei seu bule e xícara favorita e sentei-o na mesinha ao lado de seu assento no momento em que um carro parou na frente. —Tem alguém aqui?— Pops perguntou.

Eu olhei através das cortinas. Havia um Commodore branco parado do lado de fora do nosso portão da frente. — Sim— eu respondi calmamente. —Parece um carro do governo.

—Eles perderam ou algo assim?— Pops perguntou, servindo uma xícara de chá.

Normalmente eu pensaria que sim. Ninguém desceu a nossa estrada. *Nunca*. A menos que os policiais trouxessem meu velho para casa depois de uma curva, mas ele ainda estava preso. E essa não era a polícia.

Então a porta do motorista se abriu e eu vi quem saiu. Cabelo loiro, olhos azuis e uma mandíbula que poderia cortar vidro.

Oh infernos não.

—O que diabos ele pensa que está fazendo aqui?

—Quem é? —Pops olhou para mim do seu assento e vi um lampejo de incerteza, de medo, em seus olhos. Quando ele largou o chá, suas mãos tremiam mais do que o normal. Ele começou a se levantar, mas eu o parei.

—Nada com o que se preocupar. Você fica aí. É apenas o meu novo PO.

—Eu pensei que você disse que ele estava bem?

Foi isso que eu disse? Ele estava bem, tudo bem. Jovem e atraente — para um funcionário do governo. Encheu suas camisas de trabalho muito bem e suas calças também. Ele tinha um sorriso torto e seus olhos tremiam quando ele sorria. E ele tinha uma sarda acima da sobrancelha direita que eu queria tocar. A borda de sua mandíbula o fez parecer um pouco mais duro do que ele era e eu queria passar o polegar por ela. E ele cheirava bem, que sempre foi meu calcanhar de Aquiles... *Enfim*, isso não vem ao caso. Isso foi estúpido e só serviu para problemas. —Bem, ele estava bem. Mas ele não é bem-vindo aqui.

5 - *Noah*

A casa de CJ Davis visto o endereço residencial não era exatamente difícil de seguir. Atravesse as linhas ferroviárias, saia da cidade por meio quilômetro, vire à direita na Davis Road e siga a pista de terra a algumas centenas de metros, passando pelas árvores e vegetação cobertas de vegetação até a única casa no final da estrada.

Segundo rumores no escritório, o nome da estrada era Davis Road, em homenagem à única família que viveu nela por cem anos. E, por gerações, os Davis's eram conhecidos por sua falta de respeito pela lei, e, para acreditar nos boatos, cada um deles passara um tempo atrás das grades. Todos os Davis's, exceto CJ, é isso.

Não, ele nunca fez tempo. Ele recebeu uma sentença suspensa.

E, olhando o estado da casa, era a casa original. Era velho. Nem o tempo nem cuidado foram gentis. Gravidade também. Era um pouco esbelto, o telhado era mais ferrugem do que estanho, e o revestimento nas paredes externas não via pintura desde antes da Segunda Guerra Mundial. Agora

era uma cor cinza úmida, apesar do sol. Mas o gramado estava cortado, o jardim arrumado e alguém havia se esforçado com a cerca da frente. Havia um vislumbre de orgulho da casa por baixo do exterior batido.

Subi o caminho estreito de concreto com a pasta de CJ na mão e borboletas nervosas na barriga. Não sei o que havia nele, mas algo nele ficou comigo. Como um fio puxado em um cobertor de lã, mantendo o seu próprio no momento, mas poderia se desfazer se eu não tivesse cuidado.

A porta da frente se abriu antes que eu pudesse bater, e CJ estava na porta. Os braços dele estavam cruzados; sua mandíbula estava firme. —O que você quer?

—Olá para você também.

Ele não respondeu. Ele não se mexeu.

Sua bravata não me enganou. —Eu esperava que nossas reuniões programadas pudessem ser realizadas em uma capacidade menos oficial. Só estou aqui para uma conversa rápida e estarei a caminho.

Ele olhou.

—Ou eu poderia ser um idiota e fazer você entrar no escritório, e se você perder um compromisso, a polícia poderá levá-lo para a prisão pelo resto da sua sentença. Sua escolha.

Suas narinas se abriram e alguém lá dentro - uma voz frágil - disse: — Deixe-o entrar, CJ.

CJ levou outro momento para me encarar antes de dar um passo para trás, segurando a porta para mim, me permitindo passar.

A primeira coisa que notei foi a pequena sala de estar. Paredes velhas de creme, provavelmente brancas, carpete que havia sobrevivido aos anos setenta, um velho fogão de barriga em um canto distante, uma TV quadrada no outro. Perto do fogo, um velho estava sentado em uma única poltrona reclinável que parecia quase tão velha quanto ele, e um sofá de dois lugares incompatível estava perto da janela da frente. Nada mais seria adequado. Eu podia ver uma pequena cozinha através de uma porta e um corredor. Era velho, mas estava limpo e quente.

Fui para o sofá, mas sorri para o velho e ofereci um aperto de mão antes de me sentar. — Meu nome é Noah Huxley.

—Prazer em conhecê-lo— disse ele com um chiado e um sorriso. — O nome é Ronnie, mas você pode me chamar de Pops. Todo mundo faz.

Apreendi duas coisas imediatamente. Pops era um cara legal e velho. E ele estava doente. Eu não era médico, mas por seu chiado constante e dificuldade em respirar, meu palpite era enfisema. Ele era muito magro, até mesmo

frágil. Ele tinha cabelos grisalhos, estava um pouco barbeado, mas havia uma luz afiada em seus olhos. Seu corpo pode estar falhando, mas sua mente ainda está lá.

—Você vem até aqui para ver CJ?— Pops perguntou.

—Sim, pensei em dar uma volta.

—Bem, isso é muito gentil da sua parte.— Ele olhou para a pasta que eu estava segurando. —O que você tem aí?

—Este é o arquivo de CJ— eu disse. Eu segurei o arquivo na direção de CJ, que ainda estava na porta. —Pode dar uma olhada, se quiser. Não há muito lá.

CJ não olhou para mim. —Pops, você está quente o suficiente?

Pops assentiu. —Sim claro.

E com isso, CJ saiu pela porta da frente. Pops me deu um sorriso. —O garoto se preocupa demais comigo. Ele é um bom garoto. Me mantém aquecido e alimentado. —Ele acenou com a cabeça em direção à porta pela qual CJ havia saído e começou a tossir.

—Posso pegar um copo de água para você?

Ele balançou a cabeça e acenou para mim enquanto continuava tossindo. E ele continuou tossindo, então eu fui para a cozinha, encontrei um copo na pia, enchi-o com água

da torneira e levei de volta para ele. Ele tomou um gole e se acomodou o suficiente, apesar de ainda chiar e resmungar. — Obrigado.

—Tudo bem.

Ele acenou com a cabeça em direção à porta. —Se você veio falar com CJ... —Ele chiou um pouco mais. —Você pode dizer a ele que eu vou me deitar um pouco?

—Sim claro.

Ajudei-o a ficar de pé e observei enquanto ele caminhava cautelosamente para o corredor, depois peguei meu arquivo e saí por onde tinha vindo.

Encontrei CJ na lateral da casa, no antigo galpão que provavelmente já foi a garagem. Agora era pequeno demais para um carro, mal grande o suficiente para abrigar sua motocicleta suja e um velho cortador de grama. Ele estava fingendo estar ocupado com uma chave inglesa e uma vela de ignição, e estava deliberadamente fingendo que eu não estava lá.

—Pops acabou de se deitar. Ele queria que eu te dissesse. Ele estava tossindo muito, então eu peguei um copo de água para ele.

A chave deslizou para fora da vela e ele respirou fundo. —Eu posso cuidar dele.

—E você se sai muito bem— eu disse. —Ele disse que você faz tudo por ele.

CJ se ajoelhou ao lado de sua motocicleta, os joelhos se espalharam, recolocou a vela e trabalhou a catraca para apertá-la. Os músculos de seus antebraços se contraíram, seus quadris flexionaram um pouco e sua camisa branca suja subiu para que eu pudesse ver a pele acima de seus jeans baixos.

Deus ele era... uma merda de cliente que eu não deveria estar conferindo.

Ele ficou de pé e eu saí da minha cabeça. —O que você quer?— ele perguntou, passando por mim enquanto voltava. Ele colocou um cigarro entre os lábios e eu fiquei paralisado. Fumar era um hábito imundo, mas eu nunca quis tanto ser um cigarro na minha vida.

—Oh, isso me lembra— eu disse, ignorando sua pergunta. —Obrigado pela recomendação do bar. Tivemos um ótimo momento.

O isqueiro parou apenas com o cigarro.

Oh, o que é isso? Uma fenda na armadura de CJ Davis?

Acendeu o cigarro e soprou a fumaça. —Você foi lá?

—Domingo passado à noite. Eles têm um happy hour às oito.

Ele olhou para a linha de árvores à nossa direita e permaneceu completamente silencioso.

—Você me mandou para o único bar gay em Maitland para rir? Pensando que eu ficaria terrivelmente ofendido? Porque a sala dos fundos era exatamente o que eu precisava, se é que você me entende...

Suas narinas queimaram e eu contive um sorriso. A verdade é que tomei dois drinques, conversei com alguns rapazes, nada mais e saí muito sozinho. Mas eu com certeza não estava dizendo isso a ele. Ele me disse para ir lá como uma piada. Talvez ele tenha pensado que eu era uma piada. Talvez ele pensasse que todos os gays eram. Ele não tinha ideia de que eu era gay, então talvez ele tenha pensado que me enviar como um insulto?

—Você tem um problema com pessoas gays, CJ?

Seu olhar disparou para o meu, um olhar duro e frio. Ele mordeu o cigarro e se afastou com força. —Foda-se.

Talvez houvesse algo subjacente em sua raiva, era difícil dizer. Talvez o nervo que atingi fosse um pouco cru demais? —Você já esteve lá?— Eu perguntei. —Para o QG?

Eu não senti falta do jeito que seus olhos voltaram para a casa, como as paredes ou o velho homem dentro poderia

ouvir. Mas então ele olhou para mim, deu uma última tragada no cigarro e o jogou para longe. —Você fez?

—Sim, eu terminei.— Dei dois longos passos e parei na frente dele. —A consulta da próxima semana é no escritório. Você sabe o que fazer. Se você não consegue, precisa me consultar primeiro, ok?

Sua mandíbula inchada. —Tanto faz.

—Você tem uma reunião sobre drogas e álcool na próxima quinta-feira. Por que você não faz isso depois disso, para poupar uma segunda viagem à cidade.

Ele cruzou os braços, esticando a jaqueta sobre os ombros, definindo o bíceps. Também fez sua camisa subir na frente, revelando uma camada de cabelo escuro abaixo do umbigo.

Deus, isso era tão inapropriado. Eu não sabia o que era sobre esse cara que cantava para mim. Talvez fosse sua aparência áspera impressionante ou como ele não tinha ideia de como era bonito. Talvez fosse por sua imagem de bad boy que eu estava atraído. Não seria a primeira vez.

Mesmo se houvesse alguma chance remota de ele gostar de homens, e por alguma chance remota de estar solteiro, nada poderia acontecer entre nós. Tínhamos um relacionamento profissional que não podia ser violado, de

qualquer forma. Foi isso que me atraiu para ele? Querendo o que eu simplesmente não poderia ter?

—Você está bem aí?— ele perguntou, me pegando olhando para ele. Ele tinha um olhar de indignação no rosto, mas havia também uma faísca de ousadia em seus olhos. As pontas de suas orelhas eram de um vermelho que combinava com a cor de seus lábios. Ele ficou com os pés abertos e os braços cruzados. Era puramente defensivo, até de confronto, mas ele não estava me ameaçando. Ele era um desafio, um quebra-cabeça que eu queria resolver.

Eu encontrei seu olhar e sorri. —Não. Não está bem. Apenas por um lado.

Ele revirou os olhos, mas eu tenho um pequeno sorriso.

—Vejo você na próxima semana.— Voltei para o meu carro, sem esperar resposta. Eu não estava esperando um. Sorri todo o caminho de volta para Maitland.

Eu não tinha idéia do que estava fazendo. Eu era novo neste trabalho e provavelmente estava muito acima da minha cabeça. Eu sabia que não poderia buscar nada pessoal em nenhum caso, mas isso ainda não significava que eu não poderia ajudar. E havia verdade no ditado 'você pega mais moscas com mel do que vinagre'. O que significa que eu ajudaria mais pessoas como CJ se ele me visse como um amigo e não como uma figura de autoridade que representasse tudo o que o lembrasse de seus erros.

O mesmo aconteceu com todos os meus arquivos de casos. Eu não queria ver nenhum deles voltar para a cadeia. Eu queria que eles colocassem suas vidas nos trilhos e fossem membros ativos de uma sociedade em funcionamento.

Foi esse otimismo que fez o resto do dia voar. Vi todos os meus casos e deixei todos com sorrisos e um aperto de mão. Senti-me positivo e energizado, e, enquanto meus colegas no escritório estavam voltando para casa no fim de semana, arrastando-se para fora da porta, fiquei impressionado.

Cheguei em casa, decidi comer uma pizza e um pacote de seis no jantar, e nem mesmo uma noite sozinho na frente do futebol na TV poderia prejudicar meu humor. Eu estava acostumado com minha própria compainha. Eu gostei bastante, se estivesse sendo sincero. Claro, tive momentos de solidão e houve momentos em que desejei ter alguém com quem compartilhar as coisas, mas, no final, fiquei sozinho.

Eu já fazia isso a anos.

Quando o futebol terminou e um filme coxo começou, eu estava deitado no sofá com o meu telefone. Percorri o Facebook, olhando o que as pessoas que eu conhecia estavam fazendo agora. Pessoas que eu costumava chamar de amigos.

Família.

Ninguém me mencionou; ninguém me marcou. Ninguém sentiu minha falta.

Eu verifiquei minhas mensagens. Não havia nenhum.

Suspirei, sem saber como me sentia sobre isso.

Dor. Arrependimento. Culpa.

Mas não surpresa.

Eu pensei em sair, encontrar alguma conexão aleatória no QG, mas não poderia ter sido incomodado. Eu tinha um zumbido bastante decente da cerveja e sabia mais e me arrependeria amanhã.

Eu também não podia me incomodar com toda a cena da conexão. Encontrar um cara aleatório, conversar, fazer perguntas estranhas... não precisava ser tão complicado. Peguei meu laptop velho e, fazendo algo que não podia pagar antes, encontrei um site famoso de assinatura de pornografia e comprei uma associação para mim. Eu só tinha vasculhado sites pornográficos gratuitos antes. Eu tinha visto cliques curtos desses vídeos mais longos com estrelas famosas, mas nunca tive dinheiro para pagar a assinatura completa.

E bom senhor. Um filme e eu duvidava que fosse precisar sair de casa novamente.

Fiz uma anotação mental para comprar mais produtos de autocuidado e adicionei lubrificante e lenços à minha lista de compras.

No sábado, eu saí correndo, lavei minha roupa, limpei minha casa já arrumada e peguei minhas compras. Tudo antes do almoço.

À tarde, dei um passeio até o parque local, que dava para os campos esportivos. Havia algumas equipes de homens treinando futebol, e me ocorreu que, se esse era meu novo começo, eu precisava de novos hobbies e novos amigos.

Não que eu jogasse futebol desde criança, mas eu estava razoavelmente em forma e tinha certeza de que não era nada que eu não pudesse suportar. Então, me sentindo uma criança nova na escola, fui até o local e assisti ao jogo e, quando terminou, me apresentei.

Eu disse a eles que eu era novo na cidade e gostava de jogar, e, como se viu, este era o dia da inscrição deles e, felizmente, eles estavam procurando jogadores. O treinamento era terça-feira à noite às seis; O primeiro jogo foi no sábado. O capitão da equipe era um cara chamado Zach, e ele parecia bastante amigável. Todos os outros caras tinham,

suponha, entre vinte e trinta anos, com diferentes graus de condicionamento físico, e eu podia me ver sendo amigo deles. Provavelmente havia um monte de nomes dos quais nunca me lembraria: Davo, Chris, Gibbo, Foxy, Kamahl e um cara com um sorriso particularmente agradável, Gallan. Se esse era seu primeiro nome, sobrenome ou apelido, eu não fazia ideia. Mas ele era fofo e seu olhar demorou um pouco mais do que o necessário.

Sim, fazer novos amigos foi uma ótima ideia.

Quando cheguei em casa, estava me sentindo muito bem. Ar fresco, exercícios, conversas e até uma risada eram uma boa maneira de passar uma tarde. Fiz uma refeição rápida para o jantar, me acomodei na cama com meu laptop, meus novos suprimentos de autocuidado e minha nova assinatura de pornô gay.

Quando adormeci, quase me convenci de que não estava completamente sozinho.

Eu carreguei meu otimismo comigo na próxima semana. Até as montanhas de papelada não me incomodavam muito. Sem nenhuma queixa ou suspiros sofridos que eu podia ouvir dos outros escritórios, eu apenas

me arrastava, relatório após relatório, arquivo após arquivo, um de cada vez até que a pilha estivesse pronta.

Na noite de terça-feira, vesti minhas novas chuteiras e fiquei ridiculamente animado para ir ao treinamento. A noite estava fria, e eu tentei não deixar isso me incomodar muito porque meus colegas de equipe já eram amigos um do outro e eu era o garoto novo. Começamos com uma corrida pelos campos de futebol, depois alguns exercícios simples com bola. Era evidente que eu estava enferrujado, já que fazia mais de uma década desde que eu jogava. Mas os caras estavam perdendo e encorajando, e no final de nossa primeira sessão de treinamento, fiquei feliz por ter me inscrito. Exausto, mas feliz.

Quando estávamos arrumando nossas coisas, Gallan escolheu o local ao meu lado para ficar de pé enquanto colocava as caneleiras na mochila. Ele era mais alto que eu, com cabelos castanhos escuros e exibía um sorriso sempre presente. —Divertiu-se?

—Sim, foi ótimo — eu respondi. —Embora eu ache que uma corrida todos os dias esteja em ordem. Não sabia que era tão incapaz.

Ele assentiu com simpatia. —Sim, pode ficar longe de você.

—Acho que devo ser goleiro até poder treinar sem querer arremessar.

Ele riu disso, mas depois deu de ombros. — Normalmente, tomamos uma cerveja depois do jogo no sábado. Você está disposto a isso?

Se era um convite para ser um companheiro de equipe, um amigo ou algo mais, eu não me importava. Eu estava pronto para qualquer um ou todos. —Parece bom.

—Você é novo na cidade, não é?

Eu assenti. —Sim. Estou aqui há algumas semanas.

—De onde?

—Newcastle.

—Oh, isso não é muito longe— disse ele, como se não pudesse ser uma mudança de vida.

—Não, não muito longe— eu menti. A verdade era que não estava longe em quilômetros, mas a milhagem emocional era enorme.

A equipe estava se dispersando, se despedindo, então não tínhamos motivos para ficar e conversar. Gallan começou a caminhar até o carro, mas ele me deu um olhar de despedida e um sorriso. —Vejo você no sábado.

Eu não era cego ou estúpido. Definitivamente havia interesse por lá. Uma onda de alegria apertou minha barriga. —Coisa certa.

Eu fui para casa, quase tonto. Foi ridículo, mas acho que estava realmente feliz. Embora eu não conseguisse tirar algo da minha cabeça. Quando eu disse a CJ que havia me mudado de Newcastle, ele imediatamente entendeu o significado da menor distância. Gallan simplesmente afastou-o.

Eu não sabia o que aquilo significava, mas era algo que roeu minha periferia pelos próximos dias.

CJ deveria entrar no escritório na quinta-feira. Eu sabia que ele tinha a reunião obrigatória de drogas e álcool para comparecer primeiro, mas com cada minuto passando para as cinco horas - o horário limite -, sua ausência me deixava nervoso.

De todos os meus casos, eu queria que ele tivesse mais sucesso.

Eu tentei manter todos iguais. Cada um deles tinha potencial, e eu tinha esperanças iguais para cada um deles. Mas CJ era diferente. Se era porque eu queria que ele passasse por aquelas portas para me provar que ele era digno ou provar para si mesmo, eu não tinha certeza. E ainda não tinha descoberto por que me colocara nessa equação.

—Você quase terminou?— Terrell perguntou.

Eu olhei para a porta. Estava chovendo lá fora; talvez seja por isso que ele estava atrasado. —Sim, quase.

Terrell assentiu lentamente. —Quem está perdendo?

—CJ Davis.

—Não compareceu?

Olhei para o meu relógio e suspirei. Ele teve cinco minutos. —Talvez.

Terrell cantarolou. —Às vezes, não importa o quanto desejamos que eles fizessem a coisa certa. Não importa o que fazemos por eles, a responsabilidade se resume a eles. Não podemos fisicamente fazê-los passar por aquela porta.

Decepção encharcava no meu peito como uma esponja encharcada. —Eu tinha certeza que ele estaria aqui.

Nesse momento, a porta da frente se abriu e um CJ muito molhado entrou. Ele balançou a cabeça, borrifando uma auréola de água ao seu redor. Sua jaqueta de couro estava molhada, seu jeans era o mesmo. Água a seus pés.

Parecia um filhote de cachorro que caíra no prato de água. Um filhote de cachorro muito fofo que bufou e encarou a chuva lá fora. Terrell bateu no meu ombro enquanto ele se afastava, e eu me levantei. —Chovendo muito?— Eu perguntei, incapaz de parar o meu sorriso.

—Foda-se— disse CJ.

Eu podia sentir os outros oficiais virando o nosso caminho com seu insulto, mas tudo que eu pude fazer foi rir. A mordida daquele filhote de cachorro fofo era divertida, na melhor das hipóteses. Puxei uma cadeira para ele. — Sente-se.

Ele se agachou no assento enquanto se sentava. Ele realmente estava encharcado. —Cara, está mijando lá fora.

—Eu posso dizer.

Ele me ignorou. —Não posso ficar aqui por muito tempo. Cinco e meia é o último ônibus e eu preciso estar nele. Além disso, o único ponto de ônibus para Ten Mile Creek é da High Street, então eu tenho uns cinco minutos no máximo. A reunião sobre drogas e álcool foi boa, se não um desperdício completo do meu tempo. Eu fui trabalhar três dias esta semana. O Sr. Barese lhe dirá a mesma coisa se você precisar ligar para ele. Isso é tudo? Porque eu realmente tenho que ir. —Seu joelho saltou e ele olhou ao redor da sala. —Que horas são?

Eu realmente entendi sua necessidade de ir embora, mas havia um procedimento a ser seguido e ele sabia disso. —Só tenho alguns papéis que preciso que você preencha. Não vai demorar um minuto. —Deslizei o formulário de duas páginas sobre a mesa em direção a ele.

Ele olhou para ele, então seus olhos escuros encontraram os meus. —Posso levar para casa e trazê-lo de

volta? Eu realmente tenho que ir. Não posso perder esse ônibus.

—CJ— eu comecei.

—Se eu perder o ônibus, não posso chegar em casa. Pops precisa da casa quente. Se estiver muito frio, ele começa a tossir pior que o normal. E eu tenho que preparar o jantar para ele, caso contrário ele não come.

Eu não podia negar o desespero em sua voz. Sua necessidade de partir não era para si mesmo, era para outra pessoa. Eu dei um aceno agudo aos papéis. —Certo. Pegue eles.

Ele rapidamente pegou o formulário, dobrou-o ao meio e o enfiou dentro da jaqueta. Ele se levantou e foi em direção à porta. Mas antes que eu pudesse me parar, antes que eu pudesse me perguntar o que diabos eu estava fazendo, eu o chamei. —CJ, espera!

Ele parou e virou-se para mim.

—Me dê dois minutos e eu vou levá-lo.

Sua surpresa rapidamente se tornou desconfiada e eu me arrependi da minha oferta, mas não pude aceitá-la de volta. —Está chovendo e já está escurecendo— acrescentei para justificar a ele ou a mim mesmo, ou possivelmente a nós dois. Eu não tinha ideia neste momento.

Ele ficou obviamente atordado em silêncio porque ele apenas ficou lá. —Apenas espere aqui— eu disse. Corri para o meu escritório, tirei minha jaqueta do encosto do banco, guardei meus arquivos e peguei meu telefone e chaves da minha gaveta. Eu tinha certeza que ele já tinha ido embora quando voltei, mas, para minha surpresa, ele ainda estava lá. Braços cruzados e suspeita desmascarada em seu rosto.

—Oh, pare de agir como se fosse a primeira vez que alguém fez algo legal para você— eu disse, tentando fazer uma piada. —O carro está lá atrás.— Fiz que sim com a cabeça em direção ao corredor de onde vim, na direção oposta à porta que ele usara.

Ele ficou lá como um coelho nos faróis. Preso entre luta ou fuga. Foi uma batalha interna que eu conhecia bem. —Venha, por aqui. Eu não mordo.

Não precisei me virar para saber que ele estava me seguindo. Eu podia ouvir as botas dele a cada passo. Se algum dos meus colegas de trabalho se perguntou o que diabos eu estava fazendo, nenhum deles disse nada. Inferno, eu nem acho que nenhum deles tenha notado. Cheguei à porta dos fundos e a abri para ele. —Depois de você.

Eu sorri para ele quando ele passou, mas ele manteve a cabeça baixa, sem olhar para mim. A parte de trás do prédio e o estacionamento estavam cobertos, por isso não precisamos nos preocupar em nos molhar. Apertei o botão de

desbloqueio na minha chave para me salvar dizendo a ele qual carro era meu, e nós dois caminhamos em direção a ele.

—Pensei que você dirigia um comodoro— disse ele, obviamente, o que ele me viu dirigir até a casa dele na semana passada.

Abri a porta e entrei e esperei que ele fizesse o mesmo antes de responder. —Esse é um veículo da empresa. Este é meu. —Meu carro era um Corolla azul modelo mais antigo. Nada reluzente, mas eu o possuía completamente. — Eu peguei de segunda mão há alguns anos atrás. Ela não é muito bonita, mas é barata de administrar.

—Ela?

—Não nomeei meu carro— respondi, —se é isso que você quer dizer. Ela é apenas ela. —Saí do parque e segui pela estrada em direção à saída. Abri minha janela e alimentei meu cartão no scanner, fazendo o portão subir.

—Eu quis dizer por que ela?

Puxei o carro até a rua e esperei um ônibus passar antes de entrar no outro tráfego na chuva. —Porque nenhuma garota quebrou meu coração. Achei que era um bom presságio, porque ela ainda não me derrubou.

Seus lábios tremeram como se ele estivesse tentando não sorrir, mas então ele olhou para o lado oposto que eu estava dirigindo e ele franziu a testa. —Uh, você está

seguindo o caminho errado. A High Street é por ali. Ele apontou para a janela traseira.

—High Street?

—O ponto de ônibus?

—Oh!— Bem, merda. —Eu estava te levando para casa, sim?

—Eu pensei que você quis dizer que me levaria até o ponto de ônibus.

Eu instintivamente chequei meu relógio. —Se eu voltar nessa direção agora, acho que você não conseguirá. Está realmente bem. Vou levá-lo e você chegará em casa mais rápido.

Ele bufou e afundou de volta em seu assento. — Obrigado— ele disse calmamente. —Embora eu esteja deixando seu assento todo molhado.

Dei de ombros. —Vai secar.

Era normalmente uma viagem de quinze minutos, mas com a chuva e o tráfego no horário de pico, as coisas eram mais lentas. Os limpadores de para-brisa faziam um som solitário e pareciam ficar mais altos a cada golpe, e a estática no carro aumentava em ritmo com os malditos limpadores de para-brisa, até que eu não aguentava mais. Eu apunhalei o botão de rádio antes de algo queimar.

CJ parecia completamente não afetado. —Eu acho que você deveria chamá-la.

—Você o que?

—O seu carro. Você não pode simplesmente chamar de ela. É isso... desrespeitoso ou algo assim.

Eu quase ri do absurdo. —Tem alguma sugestão?

—Nuh. Eu disse que você deveria chamá-la. Eu não.

—Bem, eu não sei... E o Coraline? Como Corolla, mas não.

Ele olhou para mim. —Não!

—Você não pode criticar, a menos que tenha uma sugestão.

Ele fez uma careta para mim até eu virar para a estrada que nos levaria para fora da cidade. Ou talvez ele não gostasse de mim sorrindo para ele. Ele se virou para olhar pela janela e, quando pensei que ele não tinha intenção de responder, ele disse: —Roller Girl. Como na garota Corolla.

Eu ri. —Isso é muito bom. Eu gosto disso.

E então caímos novamente em silêncio. Não foi estranho, mas também não era exatamente confortável. Continuei tentando olhá-lo sem ser muito óbvio, o que não foi fácil. Eu podia sentir o cheiro da fumaça de

cigarro nele e em suas roupas molhadas. Não foi terrível. Era meio que de um jeito cinzeiro; um pensamento que me fez sorrir. Eu odiava fumar, então por que eu não odeio o cheiro nele?

Liguei o aquecedor. —Você está quente o suficiente?

—Sim! Bem obrigado.— Ele mordeu o interior do lábio. —Mais uma vez obrigado por me levar para casa. Você não precisava fazer isso.

—Eu estou fazendo isso pelo Pops. Não posso fazê-lo ficar com frio.

Um canto da boca dele se curvou para cima. E Deus, seu sorriso realmente era outra coisa.

Eu deixei um momento de silêncio passar entre nós. — Estou muito feliz que você apareceu hoje.

Ele me lançou um olhar surpreso. —Você pensou que eu não ia aparecer?

—Você só tinha oito horas para entrar e deixou sete horas e cinquenta e cinco minutos.

—Eu tive aquela reunião estúpida. Do outro lado da cidade. E eu tive que andar. Na chuva.— Ele fez uma careta para mim novamente. —Eu nunca perderia uma reunião. Eu não posso ir para a cadeia. Não posso deixar Pops sozinho.

Eu assenti lentamente. —É por isso que estou feliz que você conseguiu. Não quero que você falhe.

Ele me deu um olhar curioso e incrédulo. —Você não é como os outros POs.

—Bem, espero que não. Estou tentando fazer a diferença.

Ele franziu o cenho para sua janela salpicada de chuva, e eu quase podia vê-lo de perto em mim, o que não era o que eu queria. Eu queria que ele gostasse de mim. Eu não tinha ideia do porquê, mas fiz.

—Entrei para um time de futebol— anunciei, dirigindo a conversa para águas mais seguras.—Eu não jogo há anos e sou inadequado como o inferno e tivemos apenas uma sessão de treinamento, mas tem sido divertido.

Agora ele olhou para mim como se eu fosse uma merda no sapato dele. —Futebol? Você está realmente tentando ganhar o cidadão do ano?

Eu bufei. —Estou totalmente.

—Seria mais fácil se você fosse comprar um troféu.

Eu ri disso, feliz por ele pelo menos se sentir confortável o suficiente comigo para brincar, mesmo que ele estivesse mijando. —Estou tentando fazer novos amigos—

admiti. —Não é fácil ser novo na cidade e não conhecer ninguém.

A testa de CJ franziu. Depois de um longo momento de silêncio, ele disse: —Sim, entendi.

—Ser novo na cidade?— Eu pensei que o arquivo dele dissesse que ele vivera em Ten Mile Creek a vida toda.

—Não, a parte sobre amigos. Não há muitas pessoas da minha idade em Ten Mile Creek. Não que nenhum deles me dê a hora do dia. Para eles, não sou mais que um Davis.

Eu olhei da estrada em frente para ele. —E isso é uma coisa ruim?

Agora ele bufou. —Você não tem ideia.

—Bem, me desculpe, eles o julgaram sem conhecê-lo.— E eu era. Deus sabia que eu tinha usado o peso do julgamento em minha vida. Eu sabia em primeira mão como doía. —Se você quer se juntar ao time de futebol...

CJ deu uma risada. Como uma risada alta e áspera. —Futebol? Eu?

—Sim!

Seus olhos estavam quase saindo da cabeça. —Esporte? De algum tipo? —Ele riu de novo. Jesus.— Foda-se não.

Eu ri com a resposta dele. —Justo.

Liguei o pisca-pisca e diminuí a velocidade para entrar no Ten Mile Creek. A chuva havia levantado um pouco, embora as nuvens estivessem baixas e se pusessem, e estava quase escuro. Era sombrio e fiquei um pouco decepcionado por o nosso tempo juntos estar chegando ao fim.

Enquanto eu dirigia pelas linhas ferroviárias, CJ pigarreou. —Então, minha visita na próxima semana será em casa, não é?

—Eu não deveria te contar.— Eu fiz uma careta para ele. Eu tinha certeza que ele sabia disso. —Por quê? Algo está acontecendo?

Ele fez uma careta. —Prefiro que você não volte mais à minha casa.

—Oh sim? Por que isso?

Ele mordeu o lábio novamente. —Isso incomoda Pops. Ele fica chateado.

Eu não queria chamar de besteira, mas não comprei nem um pouco. Eu odiava tirar conclusões precipitadas, mas meu primeiro instinto foi acreditar que ele estava escondendo alguma coisa. Não fazia sentido, no entanto. Eu estava em sua casa e estava limpo e cheirava a fresco. Agora que me lembrei, nem cheirava a cigarro, o que significava que CJ só fumava do lado de fora - provavelmente devido ao enfisema de

Pops -, mas se ele não fumava em casa, era altamente improvável que ele tivesse algum outro tipo de drogas lá. Eu tinha visto o galpão dele, o quintal bem cuidado. Se eu fosse um homem de apostas, diria não a CJ sobre drogas em casa.

Por outro lado, pelo que eu sabia, talvez ele e Pops dirigissem o maior grupo de fabricação de medicamentos do estado. Ou não. Talvez CJ estivesse me dizendo a verdade. Talvez Pops tenha ficado chateado.

—Bem, eu não posso prometer nada.

—Wayne nunca voltou para casa— disse CJ, como dizer que meu antecessor era incompetente me faria o mesmo.

—Tenho a sensação de que Wayne não fez muita coisa.

Sua testa franziu como se quisesse dizer algo mais, mas o movimento em sua casa nos fez virar. A porta da frente se abriu e a pequena moldura de Pops mal encheu a porta. — Tenho que ir— disse CJ, saindo do carro e correndo, ligeiramente curvado contra a chuva. Parecia que ele gritava: —Obrigado pela carona — mas eu não tinha certeza.

Foi só quando cheguei em casa que me lembrei das formas que eu tinha dado a ele. Droga. Eu poderia ter esperado enquanto ele os preenchia...

Quando eu cheguei para trabalhar na manhã seguinte, Sheryl já estava atrás da recepção. Ela me deu um ‘bom dia’ brilhante e alegre e me entregou alguns papéis familiares. — Elas foram colocadas debaixo da porta da frente quando entrei— explicou ela.

Era o formulário de perguntas de CJ. Ele deve ter acordado cedo para trazê-los aqui antes de abrirmos, e eu me perguntava se ele havia chegado à cidade em sua motocicleta suja e precisava da cobertura da escuridão. Não parecia registrado, e eu tive que me perguntar se ele tinha uma licença.

Devo denunciá-lo por isso? O que aconteceria com ele se eu fizesse? O que aconteceria comigo se não o fizesse?

Caí na cadeira do escritório com um suspiro e virei a página para ver o que ele havia escrito. A escrita estava bagunçada. Não de um jeito de caligrafia ruim, mas de um jeito trêmulo. Como se CJ não tivesse escrito nada. Parecia mais com Pops. Exceto que a assinatura na parte inferior foi obviamente escrita por uma mão diferente. Como a mão de CJ.

Peguei o arquivo de CJ, depois entrei no meu computador e também o arquivo digital. Eu estava

procurando por qualquer outra coisa que pudesse ter sido manuscrita... Mas não foi o que encontrei.

Na história de CJ, havia um relatório sobre o bem-estar da criança. Eu o li com uma torção no estômago e uma dor no coração.

Na época, CJ tinha nove anos e foi levado ao hospital por um braço quebrado. A criança alegou que caiu de uma árvore; o pai da criança alegou o mesmo. Queimaduras de cigarro curadas, mas óbvias, no braço do garoto disseram o contrário e o cuidado acriança foi chamado. O pai do menino, Dwayne Davis, foi preso, acusado de aguardar sentença e enviado de volta à prisão. A criança foi liberada aos cuidados do Pops. Check-ups regulares declararam a criança saudável e feliz com o Pops.

Mas foi uma anotação posterior que chamou minha atenção.

Frequenta a escola esporadicamente.

Numeracia e habilidades de alfabetização: zero.

Fechei a tela e empurrei o arquivo dele. Eu não tinha ideia, nem um pouco do que era andar no lugar de CJ. O que ele passou, a vida que ele viveu, a infância de merda que ele sofreu. Eu realmente não sabia muito sobre ele. Fora isso, ele era, no fundo, um bom homem. Ele cuidava do seu Pops

idoso; ele ajudou seu chefe a trabalhar no quintal, que não podia mais fazer sozinho.

Ele não leu os formulários que eu coloquei na frente dele. Ele não os preenchia ou assinava na minha frente.

E eu também tinha certeza de que CJ Davis não sabia ler nem escrever.





6 - CJ

Parado na estação de trem era como esperar minha audiência novamente. Eu estava nervoso a ponto de quase estar fisicamente doente.

O Sr. Barese me emprestou muito generosamente seu carro. Seu rosto quando eu perguntei, quando eu disse a ele por que eu precisava disso, foi suficiente para partir meu coração. Ele franziu a testa e assentiu sem dizer uma palavra.

Ele sabia como eu me sentia em relação ao meu velho.

Ele sabia o quanto eu nunca queria que ele voltasse para casa.

Mas o problema era que era sua casa. Ele disse que Pops seria capaz de reivindicar uma pensão melhor se a casa não estivesse em seu nome, e então, de boa fé, Pops assinou as ações para ele. Como se viu, ele conseguiu uma pensão melhor, meu pai não mentiu sobre isso. Isso significava que papai segurava todas as cartas.

Ele era dono da casa, o que, na sua maneira de pensar doente e distorcida, significava que ele era nosso dono. E se eu estava sendo honesto, acho que ele fez.

Eu não era como meus irmãos, no entanto. Onde todos eles pularam quando ele disse o quão alto, eles fizeram isso por respeito. Eles o idolatravam. Achavam que suas palavras eram evangélicas, pensava que seu modo de viver era o único.

A razão de eu obedecer a todas as ordens não era por respeito. *Foi medo.* Por mais que eu tentasse fingir o contrário, eu estava com medo do meu velho.

Ele estar em liberdade condicional acabou com tudo o que eu estava tentando fazer. Tudo o que eu queria era manter a cabeça baixa e ficar longe de problemas. Eu queria o normal. Não que 'normal' fosse um molde em que eu já me encaixava, dado o fato de que eu nunca iria me achar uma garota e me estabelecer. Um cara, talvez...

E essa era a raiz do meu problema com o meu velho. Não que ele soubesse que eu gostava de homens, não que ele pudesse saber - ninguém poderia saber -, mas como ele estava em casa novamente, eu voltei a ser outra pessoa. Eu sempre tive que fingir ao seu redor. Finja ser duro como ele, finja não se importar com ele. Eu só tinha que fingir ser como ele. Jesus, se ele descobrisse que o único bar que eu frequentava era o quartel-general . . . bem, digamos

que não terminaria bem para mim. Seria uma surra, duvido que sobreviveria.

Então, com meu pai fora da cadeia, fui forçado a voltar ao estado de espírito de Davis. Agir como, ser como todo mundo esperava que fosse um Davis. Esse nome me seguiu como uma sombra amaldiçoada.

Eu só esperava que ele não demorasse muito. Afinal, era inevitável que ele fosse jogado de volta na prisão em algum momento. A pergunta era: quão miserável ele faria nossas vidas nesse meio tempo? E por quanto tempo?

O trem parou na estação e meu estômago se contraiu. Não havia como adiar isso. Fui até onde outras pessoas estavam esperando, e algumas pessoas desceram do trem primeiro. Feliz, normalmente vestido, limpo e arrumado, recebido por familiares e amigos sorridentes com abraços e saudações calorosas.

Eu os observei e me perguntei como era ser normal. Ter uma família feliz. Nenhuma dessas pessoas parecia temer a chegada da família ou dos amigos. Eu os assisti enquanto eles riam, cruzavam os braços e caminhavam para uma vida de felicidade.

Uma vida muito diferente da minha.

Um baque aos meus pés me fez virar. E lá estava ele. Meu pai. Deus, ele parecia velho. Fazia quatro anos desde

que eu o vi, mas esses quatro anos não foram gentis. Seu cabelo agora estava mais grisalho que preto, seu rosto estava enrolado e endurecido. Seus olhos ainda estavam do preto opaco que sempre foram, e seu sorriso era mais ameaçador do que gentil. Ele tinha ainda menos dentes agora, e sua camiseta branca suja fazia pouco para esconder suas tatuagens na prisão.

—Ei garoto— ele disse, me dando um soco no braço. Ele chutou a pequena bolsa que ele deixou cair aos meus pés. —Pegue isso, sim?

Peguei sua bolsa e me virei para o estacionamento. —Deste jeito.

—Cara, é tão bom estar fora— ele disse, muito alto. Uma mulher próxima com uma criança pequena me lançou um olhar sujo, e eu me encolhi. Eu jurei de vez em quando, mas nunca na frente de crianças ou mulheres.

—Mantenha sua voz baixa— eu disse.

Agora, há quatro anos, eu nunca o questionei ou falava fora de hora. Nunca. Mas eu não era mais aquela criança. Claro, eu estava com medo dele, da maldade que ele era capaz, mas eu era mais velho agora. As coisas estavam diferentes agora.

Ele claramente não gostou. Ele diminuiu a velocidade e tentou fazer buracos no lado da minha cabeça com os olhos. —Eu posso dizer o que diabos eu quiser.

—Você quer que a polícia venha?

Ele resmungou algo que eu não consegui entender e então: —Foda-se a polícia.

Apenas ótimo. Isso seria ruim. Pelo lado positivo, com essa atitude de foda-se todo mundo, ele não demoraria muito.

Parei no carro do Sr. Barese. —Del me emprestou o carro dele para buscá-lo— eu disse, jogando sua bolsa no banco de trás. —Desde que ninguém fume nele.

Meu pai olhou para mim como se eu tivesse dito que ele tinha que doar um rim. —Não vejo barras nas janelas— disse ele, batendo na janela do passageiro. —Não é uma prisão, não é?

Suspirei. —Se você quer um cigarro, pegue-o agora antes de entrarmos. Não é grande coisa.— O que eu queria dizer era 'mostre algum respeito maldito', mas guardei isso para mim. Meu pai não respeitava ninguém e nada.

Ele estendeu a mão sobre o capô do carro. —Me dê seu cigarro. Se você não me deixar fumar no carro, o mínimo que você pode fazer é me dar um cigarro de merda.

Peguei meus cigarros e considerei jogá-lo todo, mas sabia que não os recuperaria. Então eu andei para o lado dele e ofereci a ele um único cigarro, e precisando de um eu, encostei-me no carro e tomei um cigarro com meu pai.

Nada como um tempo de qualidade em família.

—Como está Barese, afinal?— ele perguntou, olhando para o cigarro como se não fosse bom o suficiente para ele. — A porra velha e gorda.

—Ele está indo bem. Os negócios são um pouco lentos.

Ele deu uma forte tragada e assoou o nariz. —Quantos dias você está aí agora?

—Três.— Não sei por que me incomodou dizer isso a ele. Provavelmente porque seu primeiro pensamento seria quanto dinheiro funcionava, o que para o meu velho era igual a cigarros e álcool. Antes que ele pudesse me pedir para comprá-lo, mudei de assunto rapidamente. —Pops não está indo tão bem. Os pulmões dele são uma merda. —Não que ele tivesse perguntado sobre ele.

—Ah, o velho bastardo é muito miserável para morrer.

Agradável. Muito bom pra caralho.

Dei uma última tragada no meu cigarro, joguei-o na estrada e pisei nele. —Você está pronto para ir?

—Sim— ele disse brilhantemente. —Mal posso esperar para chegar em casa.

Voltei para o lado do motorista pensando que a casa era o último lugar que eu queria levá-lo.

Ele falou quase todo o caminho de casa, contando histórias de seu tempo lá dentro, dando uns socos como se ele fosse algum tipo de herói. Eu não acreditei em uma palavra disso. Quando eu não ri de algo que não era engraçado, ele bateu no meu ombro. —O que subiu na sua bunda e morreu?— ele perguntou.

—O que?

—Eu pensei que você ficaria feliz que seu velho estivesse em casa, mas você nem está tentando sorrir.

—Não, está tudo bem. Claro que estou feliz que você esteja em casa — eu menti.

Facilmente satisfeito, ele sorriu pela janela. —Jesus, esta cidade não mudou.

Bem, a cidade não. Mas eu tinha. Pelo menos eu estava tentando. —Algumas coisas são diferentes— eu cobri.

Ele me lançou um olhar. —Sim! O que é isso?

—Você não pode fumar em casa.

Ele olhou, aquele olhar frio e duro.

—Não é bom para Pops. Os pulmões dele não aguentam a fumaça.

Meu pai olhou para mim desde as linhas ferroviárias até a casa. Eu podia sentir seu olhar queimando no lado da minha cabeça. Mas eu não estava virando para olhá-lo. —De jeito nenhum!— Então eu não deveria ter ficado surpreso quando estivemos dentro de casa por tempo suficiente para ele grunhir um olá para Pops quando ele pegou um cigarro e o colocou entre os lábios, me encarou como 'o que você vai fazer?' então acendeu.

—Eu pedi para você não fazer isso— eu disse.

Ele pegou o cigarro da boca e sorriu. —É a minha casa. Não me diga o que posso e o que não posso fazer em minha própria casa, garoto.

A raiva borbulhou no meu peito, mas logo antes que eu pudesse falar, Pops colocou a mão no meu braço. —Está tudo bem, CJ. Não vale a pena brigar.

—Não vale a pena que você fique doente também.

Pops acenou com a mão como se não importasse. Quando realmente, isso importava muito.

—Eu tenho que devolver o carro do Sr. Barese— eu disse, saindo. Droga. Ele estava em casa há menos de um minuto, e eu já não queria estar lá.

—Traga-me de volta algo para comer— meu velho chamou.

Eu fingi não ouvir. Era melhor do que dizer a ele para se foder. Mais seguro, pelo menos.

Barese levou apenas um olhar para mim e suspirou. — Acho que ele está em casa.

Eu assenti. —Sim! E ele não mudou. De qualquer forma, ele é ainda mais idiota agora do que nunca.

—Você vem e fica comigo— disse ele, a preocupação em seu rosto.

—Eu não posso deixar o Pops.

Barese suspirou profundamente. —Imaginei que você diria o mesmo.

—De qualquer forma, obrigado novamente pelo empréstimo do carro.— Eu entreguei suas chaves. —Eu realmente gostei disso.

—Eu sei que você faz.— Ele olhou ao redor da loja. — Ei, você pode me ajudar por um minuto? Eu tenho alguns

papéis para terminar e o chão aqui precisa ser varrido e as ferramentas podem ser limpas... —Ele já estava entrando em seu escritório, sem esperar uma resposta. Eu sabia o que ele estava fazendo, me mantendo longe da casa o máximo que podia.

Peguei a vassoura e varri o chão já limpo, depois comecei a limpar todas as chaves, catracas e soquetes e, quando isso foi feito, arrumei as poucas peças de reposição que guardávamos. Não sabia que tinha chegado tarde até o Sr. Barese abaixar a velha porta de enrolar de metal na frente. —Você está certo em trabalhar amanhã?— ele perguntou, deslizando a fechadura no lugar. —Colocamos o O'Malleys'Cruiser para uma verificação amanhã.

—Oh, com certeza.— Eu não estava na lista, mas eu sempre entrava se tivéssemos um carro na loja.

Ele acenou com a cabeça em direção ao carro. —Vamos lá, eu vou te dar uma carona.

O sol estava ficando baixo e eu sabia que a casa estaria esfriando, então, com um suspiro relutante, assenti. —Sim, obrigada.— Eu deixei o 'não posso adiar para sempre' não dito.

A casa parecia como sempre. Silencioso e pacífico, embora eu soubesse que isso mudaria no segundo em que eu passasse pela porta. O Sr. Barese me deu um sorriso gentil. —Vejo você pela manhã.

—Mais uma vez obrigado— eu disse.

—Ei— ele disse antes que eu pudesse sair. —Se você precisar de um lugar para ficar...

Eu assenti. —Obrigado.

Mas saí e ele esperou um longo segundo antes de partir, e quando cheguei à porta da frente, ele se foi. Respirando fundo, entrei.

Meu velho estava sentado na poltrona confortável - o assento do Pops - assistindo alguma merda na TV com um pedaço de cerveja em uma mão, cigarro na outra. Deus, caramba. —Onde está Pops?

Ele deu de ombros e Pops respondeu da cozinha. — Aqui, CJ.

Fui direto para a cozinha e Pops estava sentado em uma das cadeiras velhas e duras de madeira à mesa. Ele odiava ficar sentado, apenas para comer. As cadeiras eram muito duras em sua estrutura óssea. Apontei para a sala de estar e sussurrei: —Ele está sentado e fumando dentro!

Pops acenou com a mão. —Está tudo bem.— Mas ele estava chiando, e eu me perguntei se eles haviam discutido.

—Ele está te tratando bem?

Pops assentiu, mas não podia mentir por nada.

E a raiva borbulhou um pouco mais.

—Vou começar o jantar em um segundo— eu disse, mais alto desta vez, para que papai não pensasse que estávamos falando sobre ele e entrássemos. Eu olhei para Pops novamente. —Fique aqui. Você pode me fazer companhia enquanto eu começo alguns vegetais.

Entrei em seu quarto e puxei seu travesseiro e cobertor de sua cama. Coloquei o travesseiro em seu assento para ele, depois envolvi o cobertor em volta dos ombros. Depois que ele se acomodou, entrei na sala e abri a porta corta-fogo. Quase se apagara, mas com alguns pedaços de gravetos e papelão velho, logo demorou. Coloquei um pedaço maior, abri a ventilação e fechei a porta.

—Você poderia ter mantido o fogo aceso— eu disse, conversando com meu pai, mas sem olhar para ele. —E essa é a cadeira do Pops. Ele precisa se aquecer e assiste seus programas a essa hora.

Não lhe dei a satisfação do contato visual. Apenas me levantei e voltei para a cozinha. Eu pensei que ele poderia me seguir e me dar um toque para dizer a ele o que fazer, mas ele não o fez.

Ele nunca disse uma palavra. E isso foi meio pior.

Pelo menos quando ele estava gritando e jogando coisas e socando pessoas, você sabia o que estava por vir. Mas ele

ficar quieto era como não saber. E não saber era estar andando em casca de ovo.

Medo. O bastardo prosperou nele.

Uma vez que eu tinha certeza de que ele não iria me seguir até a cozinha e me dar um empurrão por falar com ele assim, fiquei na pia descascando legumes, dizendo a Pops como o Sr. Barese precisava que eu trabalhasse um pouco, o que era por que eu estava atrasado. Eu disse a ele que tinha que trabalhar novamente amanhã e ele fez algumas perguntas e, quando olhei para ele, ele sorriu para mim.

Ele era meu salvador.

Quando o jantar estava cozido, eu o preparava. —O jantar está pronto.

Meu pai apareceu na porta. —O que eu estou comendo?

—Você está comendo bife. Pops e eu estamos tendo rissóis⁶.

Tenho certeza de que a maioria das pessoas se sentiria mal por estar comendo comida cara, enquanto todo mundo não estava, mas ele apenas sorriu. Ele bateu na lateral do meu rosto. —Bom rapaz.— Então ele agarrou minha orelha e

⁶ Rissole, aporuguesado como risole, no Brasil, ou rissol, em Portugal, é um pastel salgado, um tipo de salgadinho em formato de meia-lua, feito de massa pré-cozida à base de farinha de trigo. O pastel é passado em ovo antes de ser frito.

pusou, o que eu tenho certeza que foi a vingança pela maneira como falei com ele antes. Puxei minha cabeça para trás e segurei minha cadeira. Não queria brigar com ele, mas acabei sendo tocado por ele. Eu não era mais uma criança. Se ele realmente quisesse uma luta, conseguiria uma.

Mas me sentei e não disse nada, pelo amor de Deus, não pelo meu.

Papai comeu seu bife, embora eu não soubesse como ele conseguiu mastigá-lo, devido à falta de dentes. Apertou o prato com a faca e o garfo, colocou a comida na pá, mastigou com a boca aberta e respirou pelo nariz enquanto comia. Suas maneiras eram adequadas para um refeitório de blocos de celas. Foi nojento.

Pops me deu um sorriso. —Tem um gosto bom, CJ.

—Obrigado, Pops.

Papai grunhiu, em apreciação ou nojo, eu não sabia.

Terminamos o jantar em silêncio e, para minha surpresa, meu pai levou nossos pratos vazios para a pia. — Suponha que é o mínimo que eu poderia fazer— disse ele, depois começou a lavar.

Eu encarei Pops, ele me encarou e dei de ombros. Mas eu certamente não ia discutir. —Vamos lá, Pops. Vou colocá-lo em sua cadeira.

Ele assentiu e eu peguei seu cobertor e travesseiro enquanto ele entrava na sala de estar. Quando ele estava sentado, caí no sofá velho e assisti uma porcaria na TV. Logo depois, papai voltou com uma cerveja na mão e sentou-se ao meu lado. —Obrigado por limpar— eu disse.

Ele grunhiu em resposta e tomou um gole de cerveja.

Foi estranho, e eu fiquei esperando ele dizer algo horrível ou dar um soco no meu braço e me tirar do sofá. Ele não fez nenhum, o que foi perturbador.

—Então, que tal irmos para a cidade amanhã à noite— disse ele depois de um tempo. —Tome algumas bebidas, encontre algumas mulheres...

Oh Deus. —Uh, como vamos chegar lá?— Nós não tínhamos carro e eu certamente não o estava dobrando na minha bicicleta suja.

—Quando é que o último ônibus sai?

—Quatro.

—Isso serve.

—Eu trabalho até as cinco.

—Saia cedo.

Ele realmente não tinha noção do que era um trabalho. —Eu não posso.

—Claro que você pode. Apenas diga a Barese que você vai sair com seu velho.

—Ele precisa de mim até as cinco, pai. Não posso simplesmente deixá-lo.

Ele me deu um olhar imundo. —Você prefere fazê-lo feliz? Ou eu?

—Prefiro não irritar o cara que me paga dinheiro. Você sabe, por comida e contas. Esse tipo de merda.

Ele olhou para a TV como se estivesse a dois segundos de se levantar e colocar o pé nela, então eu rapidamente tentei suavizá-lo. —Se você pegar o ônibus, eu te encontro mais tarde. Vou andar de motocicleta quando estiver escuro para que os policiais não me vejam. E apenas reze para que eles não me peguem.

—Como vamos chegar em casa de novo?

Dei de ombros. —Não sei. Podemos descobrir isso mais tarde.

Finalmente ele sorriu. —Tudo certo.

Soltei um suspiro lento e aliviado. —Ok então, bem, eu estou indo para a cama. Preciso acordar cedo. —Não importava que não eram nem sete horas, eu só precisava sair da sala.

Eu quase cheguei no corredor quando papai disse: — Vou precisar de dinheiro, garoto. Quanto é que o velho Barese está pagando?

E aí estava. Não havia como ele saber sobre o dinheiro que eu estava economizando. Se ele o encontrasse, ele me sangraria. —Ele paga bem, já que não estou qualificado para nada.— Achei que isso bastava sem dizer muito. Puxei minha carteira e dei a ele os dois ingressos que eu tinha lá. —Isso levará você até a cidade e algumas cervejas até eu chegar lá.

Ele pegou as duas notas de dez dólares de mim e deu uma olhada óbvia na minha carteira para se certificar de que não havia mais nada nela. —Vou precisar de mais de vinte dólares— disse ele, —mas é um começo.

Mordi minha língua e dei um tapinha no ombro de Pops. —Você está certo, Pops?

—Sim. Vejo você de manhã.

—Noite— eu disse quando saí da sala. Tirei a roupa e a camiseta e subi na cama. Eu olhei para o teto com uma dor forte na barriga pelo que deveria ter passado horas. Nunca ouvi uma palavra entre papai e Pops e duvidava que eles falavam. Pops foi para a cama um pouco depois de mim e adormeci antes de ouvir a TV desligar. Se papai desmaiou no sofá ou não, eu não sabia.

Eu não me importei.

Quando acordei, ainda estava escuro. Abri a porta o mais silenciosamente que pude e fui ao banheiro. O som do ronco alto do quarto de Pops foi tanto um alívio quanto irritante. Isso significava que ele estava com frio. Então, sabendo que tinha algum tempo, voltei para o meu quarto. Mantendo um ouvido atento ao seu ronco, levantei meu guarda-roupa em silêncio, longe da parede, o suficiente para revelar o buraco que havia sido perfurado pela gyprock⁷.

Quem era o responsável pelo buraco, eu não sabia. Um dos meus irmãos, ou mais do que provavelmente meu pai, provavelmente durante uma briga com um dos meus irmãos. Não me lembro especificamente, então devo ter sido jovem quando aconteceu. Mas deixou um buraco perfeito do tamanho de um punho, que eu tinha feito grande o suficiente para poder esconder coisas lá. Não que eu esperasse que o pai fosse bisbilhotar ou me roubar, mas os velhos hábitos morreram muito. E agora meu velho estava de volta em casa, fiquei feliz por estar precavido.

Uma pequena caixa Weet-Bix se encaixava perfeitamente e ficava no pino da parede abaixo do buraco. Puxei-o o mais silenciosamente que pude, parei e ouvi . . . Ele ainda estava roncando. Dentro da caixa eu tinha dinheiro escondido. Duzentos e quarenta dólares. Não foi muito, mas foram minhas economias inteiras. Eu me esquivei de cada dólar que pude, sem saber qual emergência poderia

⁷ As placas de estuque são um produto identificável.

surgir. Ou talvez recomeçar a vida em algum lugar; eu e Pops poderíamos desaparecer e papai nunca nos encontraria.

Eu sabia que devia receber o pagamento amanhã - o Sr. Barese sempre pagava às sextas-feiras -, então não precisava tirar nada do meu estoque. Mas às vezes eu apenas pegava e olhava, como se fosse algum tipo de cobertor de segurança. De muitas maneiras, foi.

Papai ainda estava roncando, então eu silenciosamente coloquei a caixa de volta e silenciosamente levantei o guarda-roupa contra a parede. Coloquei meu jeans e uma camisa de flanela e joguei um pequeno tronco no fogo. Havia brasas suficientes para salvá-lo, então fechei a porta e comecei a fazer Pops tomar café da manhã.

O som da chaleira assobiando e o cheiro de torrada geralmente traziam Pops para fora de seu quarto. —Bom dia, CJ.

—Ei, Pops. Dormir bem?

—Sim. Você?

Deixei o som do ronco ser a minha resposta e dei de ombros. Pops entendeu. Ele sabia muito bem. —Você é um bom garoto, CJ.

—Porque eu tinha você cuidando de mim— eu disse e entreguei a ele sua xícara de chá. —Eu odiaria pensar no que teria acontecido de outra forma.

—Você teria ficado bem— respondeu ele.

Nós dois sabíamos que isso não era verdade.

A torrada estalou e eu a untei com manteiga e espalhei um pouco de geleia. —Aqui está. Tenho que trabalhar cedo, pelo menos vou saber que você comeu hoje.

—Não sou completamente inútil— disse ele, mas pegou o prato de torrada com um sorriso agradecido.

—Eu sei. Gosto de cuidar de você.

—Eu sei que você faz.

Bebi meu chá e esperei minha torrada cozinhar; o tempo todo o ronco nunca parava. Graças a Deus. Eu esperava sair de casa antes que ele acordasse.

—Você vai se tornar escasso todos os dias que ele está em casa?— Pops perguntou.

A torrada apareceu e eu levei um tempo passando manteiga antes de me sentar em frente a ele na pequena mesa. —Eu não quero te deixar aqui com ele...

Pops acenou com a mão. —Não se preocupe comigo. Acho que ele começará a passar cada vez mais tempo na cidade. Nada acontece aqui e isso o deixará louco em breve.

—Acredito que sim.— Mordi minha torrada. —O que você acha dele lavando a noite passada?

Pops soltou uma risada chiada. —Não sabia que ele sabia como. Devem ter lhe ensinado algo na cadeia.

Eu ri no momento em que o ronco do quarto se tornou um ronco de sufocamento seguido de silêncio, o que significava que ele acordaria logo. Enfiei minha torrada na boca e lavei-a com meu chá. Em uma rápida viagem ao banheiro, esfreguei meu rosto, me barbeei rápido demais, borrifei um pouco de desodorante e escovei os dentes. Então, de volta ao meu quarto, calcei as meias, peguei minha jaqueta e calcei as botas.

Eu corria para a porta da frente, mas decidi colocar um pouco mais de lenha no fogo, e assim que abri a porta contra incêndio, quando ouvi o banheiro dar descarga.

—Ótimo.

Eu acendi o fogo e fechei a abertura, assim que papai entrou. —Você saiu cedo— disse ele mal-humorado.

—Sim, dia ocupado.— Levantei-me do fogo e espanei minhas mãos. —Uh, se você pudesse trazer um pouco de lenha hoje da pilha nos fundos, seria ótimo.

Ele olhou.

Eu tentei sorrir. —Há pão para torradas e a chaleira não é fervida por muito tempo. Aproveite o seu primeiro dia inteiro de liberdade. — Eu estava entusiasmado, mas não acho que ele tenha comprado. —Até mais, papai— eu gritei e fui para a porta.

—Deixe sua motocicleta— disse papai.

Eu parei e me virei para encará-lo. —Pelo que?

—Eu não vou caminhar até o ponto de ônibus. Vou levá-lo ao seu trabalho a tempo do ônibus. Então você pode ir até a cidade. —Ele não esperou uma resposta. Ele acabou de entrar na cozinha como se sua palavra fosse final.

Apenas ótimo.



Eu queria gritar, mas resolvi bater a porta atrás de mim.

E então eu andei para o trabalho, marchando com a batida de 'foda-se' a cada passo. Eu tinha queimado minha raiva enquanto caminhava, e quando cheguei à loja e com a ajuda de alguns cigarros, eu me acalmei.

O Sr. Barese me deixou sozinho a maior parte do dia. Eu acho que ele sabia quando eu precisava de espaço, e ele deu. Eu trabalhei no O'Malleys 'Cruiser, encontrando o problema no alternador. O cinto estava quase desgastado, então eu o substitui também, adicionei um pouco de óleo, líquido de arrefecimento e carreguei o limpador de para-brisa.

O Sr. Barese me fez parar para almoçar. Como todos os dias, sua esposa Maria trouxe alguns sanduíches de carne e uma maçã para nós dois. Eu sabia que ele ia perguntar sobre o meu velho, e fiquei agradecido por ele ter deixado até o almoço terminar. —Como estão as coisas em casa?— ele cobriu.

Dei de ombros. —Sim, tudo bem. Papai vai deixar minha motocicleta antes que ele pegue o ônibus. Você pode me fazer um favor?

—Certo.

—Você pode não me pagar até depois que ele entrar?

Ele assentiu conscientemente. —Claro.

E com certeza, algumas horas depois, meu velho não me surpreendeu. Ouvi minha motocicleta descendo a estrada antes de vê-la, e esse medo nervoso agitou a comida no meu estômago. Ele parou na motocicleta, chutou o suporte e girou a perna. Ele usava um sorriso que deveria ser amigável, mas isso só me arrepiou profundamente.

—Bom passeio— disse ele.

—Obrigado.

—De quem você o açoitou?

—Eu não roubei. Eu paguei por isso. —Eu tinha economizado tanto para isso também, não que ele se importasse.

Ele riu como se algo fosse engraçado. —Entrando cedo na cidade. Tenho que me registrar no escritório de distribuição. É melhor que os filhos da puta me paguem algum dinheiro.

Olhei em volta rapidamente, esperando que o Sr. Barese - ou pior, um cliente - não o ouvisse xingar. Felizmente, não parecia.

Papai estendeu a mão —Me dê sua carteira.

Deus, ele nunca mudaria.

Tirei minha carteira do bolso e entreguei. Ele estava checando que eu não estava segurando ele, escondendo nada dele. Ele podia parecer tudo o que gostava; minha carteira estava vazia. Por essa mesma razão.

Ele bateu no meu peito e zombou de mim. —Ainda não foi pago.

Peguei minha carteira. —Ainda não.— Fiz que sim com a cabeça para o Cruiser em que estava trabalhando. —É melhor eu voltar ao trabalho ou vou me atrasar para encontrá-lo na cidade.

Ele levantou o queixo em algum tipo de aceno de desafio. —Encontre-me no Federal.

—Coisa certa.

Jesus. O Federal Hotel era um lixo. Cheio de não-limpos, perdedores e druggos⁸. Eu acho que pelo lado positivo, se ele iria voltar com aquela multidão, ele não ficaria fora da cadeia por muito tempo.

Graças a Deus ele chegou cedo, porque não muito tempo depois, um carro do governo familiar parou. Fiquei no carrinho trepadeira embaixo do carro em que estava trabalhando e vi Noah sair do carro. Eu só podia ver seus sapatos e calças dos joelhos para baixo, mas definitivamente era ele. Ele caminhou até o Cruiser em que eu estava embaixo, seus pés a apenas um metro de mim, depois se inclinou para olhar para mim. Ele me deu um sorriso de cabeça para baixo. —Ajudaria se você estivesse tentando se esconder de mim para não ter as pernas para fora.

Agarrando o material rodante do Cruiser, eu me levantei. —Eu não estava me escondendo.

—Sério?

—Evitando, talvez.

⁸ Uma pessoa viciada em drogas.

Ele riu e foi estranho... Eu gostei de como isso soou. Não sei o que havia nele, mas havia algo que não queria examinar muito de perto, com medo do que poderia encontrar. Eu olhei para as mãos vazias dele. —Nenhuma pasta hoje?

—Não. Achei que eu daria uma falta.

Imaginando que eu poderia fumar, peguei meus cigarros e acenei para a porta dos fundos. Ele me seguiu e esperou que eu acendesse um. —Bom dia de qualquer maneira— disse ele, olhando para cima.

Dei uma longa tragada. —Mesmo? Vamos conversar sobre o clima?

Ele riu e seus olhos fizeram alguma coisa estranha que fez meu estômago apertar de uma maneira desconhecida. De um jeito bom. —Conversa fiada. Eu sou péssimo.

—Sim você faz.— Dei outra tragada no meu cigarro. — Você não pode simplesmente dizer o que precisa dizer?

—A conversa nunca matou ninguém.

—A menos que eles morram de tédio.

—Estou te entediando até a morte?

Eu tive que enfiar meu cigarro entre os lábios para parar de sorrir. —Não sei. Quanto tempo você planeja conversar?

Ele riu e encostou-se na parede traseira da loja. Ele não parecia um oficial de condicional. Ele não parecia nada disso. Ele pareceu meio preso por palavras por um tempo, depois se virou para mim. Um olho estava apertando os olhos do sol. —Como está sua semana?

Dei outra longa tragada na minha fumaça. Jesus, essa foi uma pergunta carregada. —Na verdade, minha semana foi uma merda, obrigado por perguntar.

Ele franziu a testa. —Qualquer coisa que eu possa ajudá-lo?—

Eu bufei uma risada. —Oh não. Obrigado.

Ele olhou um pouco para o riacho, mordendo os lábios e pensando. Meu cigarro estava quase na ponta antes de ele falar. —Então, eu uh... li o arquivo do seu caso.

Dei uma última tragada e joguei a bunda em direção ao riacho. —E?

—Posso te perguntar uma coisa?

Nós dois sabíamos muito bem que ele iria me perguntar de qualquer maneira. —Não!

—Os registros da sua escola não mostram data de formatura.

—Porque eu não terminei.— Inferno, eu mal comecei. Eu não queria ter essa conversa. Não com ninguém, mas principalmente com ele. Eu não sabia por que isso importava, mas não queria que ele pensasse que eu era um perdedor.

Um Davis.

—CJ, não há nada errado em não ser capaz de ler.

Eu olhei para ele. —Foda-se.

Ele ignorou isso. —Eu posso ajudar você a aprender, a ler, é isso. Não é nada para se envergonhar.

Que porra ele saberia? Apontei meu dedo para ele, bem na cara dele. —Porra. Você?

Ele bateu na minha mão. —Pare com a atitude.

Então aconteceu. Eu cometi o erro de empurrar sua mão, então ele agarrou a minha. Eu nunca comecei uma briga na minha vida, mas com certeza sabia como dar o melhor que eu conseguia. Eu o empurrei, e ele me empurrou de volta. Ele era mais alto que eu por alguns centímetros, mas eu agarrei seu braço e ele agarrou meu macacão, e com um empurrão e empurrão, ele me bateu contra a parede externa. Ele me segurou com seu corpo, áspero e forte. Ele

não era um jóquei de escrivadinha. Ele era um brigão, ele sabia como lidar com ele mesmo, e droga, ele sabia como lidar comigo. Sua força, seu calor e seu cheiro - desodorante ou loção pós-barba - e ele me prenderam contra a parede. Eu não pude evitar. Eu olhei para o fogo em seus olhos, o rosa de seus lábios, e eu estava a um segundo de agarrar sua nuca e beijá-lo.

Mas naquela fração de segundo, eu vi, em seus olhos, em seu rosto. Reconhecimento. Seus olhos se arregalaram, ele soltou minha camisa e sorriu.

Porra! Um sinal de aviso tocou na minha cabeça. Muito tarde. Tarde demais. Ele sabia. Ele já sabia, e o olhar em seu rosto me fez querer correr. O oposto do meu pai; seu instinto era lutar. O meu era o voo. Eu saí correndo ao lado da loja. Eu precisava escapar, me afastar dele e do fato de que ele sabia.

Eu corri, mas ele foi rápido. Mais rápido que eu. —Ei, CJ, pare!— Ele agarrou meu braço e me puxou para uma parada. Minhas costas estavam na parede e ele ficou na minha frente, não me enjaulando, mas também não me deixando mexer.

—Não fuja de mim.

A luta começou novamente e eu agarrei sua jaqueta, mas desta vez não houve resistência. Ele me deixou agarrá-lo. —Foda-se.

—CJ, está tudo bem.

—Não, não é. É muito longe disso. —*Porra.* —Você?

—CJ. Está bem.

Eu balancei minha cabeça e soltei sua jaqueta. —Você não me conhece.

Ele deu um passo para trás e soltou um suspiro nervoso. —Talvez não. CJ, não vou contar a ninguém.

Eu joguei estúpido. —Não vai contar a ninguém o que?

—Qualquer coisa. —Ele soltou um suspiro todo-poderoso e passou a mão pelos cabelos. —Eu só quero conversar.

—Bem, estou ocupada. Eu tenho trabalho a fazer. Você me viu no trabalho. Você não precisa de mais nada. —Empurrei a parede e voltei para a porta do rolo, meu coração batendo forte.

—CJ, pare!

Eu não parei.

—Vou precisar falar com o Sr. Barese.

Continuei andando e disse: —Você faz o que precisa.— Quando voltei para dentro, aumentei o volume no pequeno rádio, deslizei para baixo do Cruiser e fiz o possível para

tentar acalmar o inferno. Depois de um tempo, vi os pés de Noah caminharem até a porta do escritório do Sr. Barese. Eu não conseguia ouvir nada - a música estava muito alta -, mas ele falou com o Sr. Barese por cerca de cinco minutos antes de voltar. Ele ficou no final do Cruiser, como se quisesse falar comigo, mas não sabia o que dizer.

Meu coração batia forte a cada segundo que ele ficava ali, e eu não conseguia respirar. Mas então ele se virou e foi embora, de volta ao seu carro. Não sabia se estava feliz ou decepcionado.

Eu tive que tirá-lo da minha cabeça.

Eu tinha quatro semanas da minha sentença de liberdade condicional. Foi isso. Eu tinha apenas quatro semanas para evitar Noah Huxley a todo custo. O fato de ele ser meu oficial de condicional tornou isso quase impossível. O fato de eu não saber o que queria mais apenas cinco minutos atrás - dar um soco nele ou que ele me beijasse - não ajudou.

Deus, ele cheirava tão bem.

Quatro semanas. Eu só tive que passar as próximas quatro semanas sem Noah Huxley arruinar minha vida.

7 - Noah

Eu não estava esperando ele retaliar com força. Ele me empurrou. Uma ofensa citável em si mesma. Mas eu também revidei. Os velhos hábitos eram difíceis de quebrar, eu acho. Mas quando confrontado com um empurrão forte e um empurrão, empurrei e empurrei de volta.

Eu sempre tive.

Chame de autodefesa. Chame isso de estúpido. Mas as coisas com CJ aumentaram para fora de controle em meio segundo. E quando ele me empurrou e eu o empurrei de volta, ele recuou contra a parede e eu me empurrei contra ele, tudo mudou.

Ele mudou.

Ele olhou para minha boca, seus olhos escureceram e suas narinas queimaram. Ele lambeu o lábio inferior como se quisesse me beijar.

Como se ele quisesse que *eu o beijasse*.

Então, CJ estava escondendo mais de um segredo. Além de ter problemas de analfabetismo, ele também era gay. Ou bi, ou curioso.

Ou interessado.

Ele era complexo, isso era certo. Outra camada que eu queria descascar, desenrolar, despir.

CJ Davis era um quebra-cabeça que eu queria resolver. Eu queria ver como as peças dele se encaixavam, como elas se entrelaçavam, para ver a imagem maior que elas criavam. E foi aí que estava o problema. Eu queria. E querer algo com um caso em que eu estava trabalhando não era apenas proibido, mas incrivelmente imprudente e antiético.

Mas meu tempo trabalhando com CJ estava acabando. O que significava que, se eu quisesse ajudá-lo - o que eu fiz - eu precisava me apressar.

Bati na porta do Sr. Barese. —Posso ter um momento?

Ele me cumprimentou calorosamente. —Claro. Entre.

Entrei em seu pequeno escritório e acenei para o rádio alto atrás de nós. —Acho que fiquei demais com CJ.

Barese riu. —Com o que posso ajudar?

—Bem, é sobre CJ. Posso perguntar quando ele se qualificou para o trabalho mecânico?

Sua expressão me disse tudo que eu precisava saber. Mas ele respondeu de qualquer maneira: —Bem, ele não tem ingresso. Mas verifico tudo o que ele faz. Ele é muito bom e sabe tudo.

Eu levantei minha mão e sorri para ele. —Eu não vou relatar nada. Mas achei que ele não passou por um aprendizado.

Ele balançou a cabeça lentamente, depois me estudou por um tempo como se não tivesse certeza de que deveria dizer o que estava prestes a fazer. —Eu não acho que ele lê muito bem.

Eu assenti. —Eu sei.— Mordi meu lábio. —Olha, isso provavelmente está fora de linha para mim, mas se eu pudesse convencê-lo a se qualificar, você consideraria, como empregador dele, colocá-lo como aprendiz?

O Sr. Barese olhou para mim e depois riu. —Você acha que pode convencê-lo a fazer isso?

—Eu posso tentar.— Dei de ombros. —Você seria subsidiado pelo governo se ele fosse seu aprendiz. Existem benefícios e incentivos. Eu não olhei muito nisso. Pensei em perguntar primeiro.

Ele sorriu. —Claro que sim. Ele é um bom garoto.

Apertei sua mão e não pude deixar de sorrir. —Agora eu só preciso convencê-lo.

Ele deu uma risada. —Boa sorte com isso. Você vai precisar.

Eu quase bufei. —Acho que vou precisar de mais do que sorte.

Ele sorriu, mas me olhou com cautela. —Você realmente está tentando fazer a diferença, sim?

—Sim! Estou tentando, pelo menos.

O Sr. Barese apertou minha mão novamente e, ao sair, parei no carro em que CJ estava trabalhando. Mas pelo volume do rádio, era bastante óbvio que ele não queria falar comigo. Eu poderia dar uma dica. Além disso, como ficou evidente em nossa briga anteriormente, quanto mais eu o empurrava, ele recuava mais forte ou corria. E eu queria que ele não fizesse nenhum.

Naquela tarde foi nosso primeiro jogo de futebol, e eu fiquei muito feliz por isso. E nervoso. Gallan passou por algumas habilidades com a bola comigo antes da partida. — Por que você está nervoso?

—Porque eu não jogo há anos.— Chutei a bola de volta para ele. —Tenho certeza que vou ser esmagado por aí hoje.

Gallan riu. —Você vai ficar bem.

Havia alguns olhares e sorrisos persistentes e eu estava interessado em ver se isso levaria a algum lugar. Fazia um tempo desde que eu estava com alguém, e a perspectiva de me ligar me fazia esquecer meus nervos antes da partida.

Perdemos o 2-1, mas foi divertido e eu não joguei tão mal quanto pensei que faria. Eu estava mais interessado nas bebidas depois do jogo e depois fomos direto para o pub. Ser social e rir foi um grande passo para mim. Era bom e positivo, e se eu estivesse sendo honesto comigo mesmo, a perspectiva de passar mais tempo com Gallan também era agradável. Juntamos algumas mesas no jardim da cerveja e ele escolheu o assento ao lado do meu.

—Então você trabalha com o que?— Perguntei a ele quando estávamos todos sentados.

Ele me olhou bem nos olhos e sorriu. —Eu sou um montador de lubrificantes.

Engasguei com minha cerveja, e alguns dos caras riram. —Sempre ri— disse um deles.

Eu me recompus, agradecido por não cuspir minha bebida. —A sério?

—Falando sério— disse ele, bebendo sua cerveja. Seu sorriso dificultava dizer se ele estava sendo honesto. —Não, honestamente. Eu trabalho para uma das empresas de mineração no Hunter. Instalador de lubrificação é o título real, mas significa apenas que trabalho com graxa e lubrificação de alta pressão, sistemas hidráulicos e acoplamento de fluidos.

Eu escondi meu sorriso atrás da minha cerveja. —Soa interessante.

Seus olhos se dobraram para os lados, seu olhar sabendo, porque na verdade homens heterossexuais não costumavam receber piadas lubrificantes. —Ele tem suas recompensas.— Ele se mexeu na cadeira e limpou a garganta. —Então, o que você faz? Você acabou de se mudar para cá, certo?

—Sim! Sou oficial de correções.

—Um o quê?

—Um oficial de condicional.

As duas sobrancelhas dele se ergueram. —Mesmo?

—Sim com certeza.— Dei de ombros. —Pelo menos não há piadas sobre lubrificantes.

Gallan riu, assim como alguns outros, e a conversa seguiu em frente, mas Gallan olhou para mim, a cabeça

inclinada, e conversamos entre nós. —Um oficial de condicional. Uau. Eu não estava esperando isso.

—Eu também não esperava o ajustador de lubrificante.

—Lubrificação— ele esclareceu. —Lube é para algo completamente diferente.

Tomei um gole da minha cerveja. —Notado.

Ele pegou o rótulo da cerveja. —Então me diga, como é trabalhar com isso ... —Ele gesticulou amplamente com a mão. —Não sei qual é o termo politicamente correto. Ofensores libertados, ex-criminosos...

—Liberdade condicional?

Ele assentiu. —Sim! Você tem que carregar uma arma?

Eu bufei. —Oh não. E, na verdade, é muito bom. Recompensa, eu acho. Quero ajudar essas pessoas a se integrarem novamente à comunidade. Eles não são todos pessoas más. —Uma repetição instantânea do meu encontro com CJ Davis passou pela minha mente - seu rosto, a maneira como ele lambeu os lábios, o calor em seus olhos seguidos pelo medo - e eu fiz o meu melhor para calar a boca.

Gallan pareceu pensar no meu comentário de pessoas não tão ruins por um tempo. —Eu acho que não. Então você é um dos mocinhos?

—Gostaria de pensar que sim. Eu acho que o termo politicamente correto para isso é ingenuidade. Bem, pelo menos tenho certeza de que é isso que alguns de meus colegas pensam de mim.

—Você é ingênuo, ou eles estão cansados e cínicos?

Eu sorri. —Um pouco dos dois.

—Então, faz tempo?— ele perguntou.

—Não. Só desde que me mudei para cá.

—Uau. —Ele esvaziou sua garrafa de cerveja. —Você está gostando de Maitland?

—Eu faço. É uma boa mudança.

— Já voltou para Newcastle?

—Não, ainda não.— Nem sempre estava na ponta da minha língua, mas fomos interrompidos por alguém perguntando se queríamos recargas e, felizmente, nossa conversa privada terminou. Outra cerveja depois e muitas risadas sobre como tocamos e eu estava me sentindo muito bem. Não bêbado, nem zumbido, apenas feliz.

Mas quando Tony me perguntou se eu queria outra cerveja, balancei a cabeça. —Não, obrigado companheiro, estou dirigindo.

Tony lançou um olhar para Gallan. —Cerveja?

—Não, prometi a Nina que a levaria ao cinema. É melhor eu ir logo.

Nina? Eu tinha lido tudo errado? Havia namorada?

Outra pessoa estava saindo também, e parecia uma boa hora para desligar. —Sim, é melhor eu chegar em casa também— eu disse, levantando-me.

Gallan também se levantou e nos despedimos e alguns de nós saímos juntos. Quando chegamos ao estacionamento, os outros se separaram, mas Gallan meio que parou de andar, e eu também. —Então— eu cobri. —Nina... ?

Ele sorriu para mim. —Irmã.

Eu assenti lentamente. —Então não é uma namorada então.

—Não!— Ele sorriu como se minha reação o agradasse. —Ela acabou de terminar com o namorado, então eu disse que a levaria para jantar e ir ao cinema. Ser um irmão grande e obediente.

Um bom e respeitável irmão mais velho.

Jesus. Quem pensaria que palavras sozinhas poderiam parecer uma marreta? Eu dei um passo para trás. —Hum, eu . . . isso é uau. . . Isso soa engraçado. É melhor eu ir . . .

Se minha reação o confundiu ou o decepcionou, ele não deixou transparecer. —OK.

Eu dei outro passo para trás. —Vejo você no treinamento na terça-feira, certo?

—Não, na verdade eu trabalho noites esta semana. Lista rotativa. Mas vejo você no jogo no próximo sábado, sim? —Ele parecia esperançoso.

—Coisa certa. Vejo você então.— Eu acenei e caminhei rapidamente para o meu carro, tentando me controlar. Respirei fundo algumas vezes, liguei o motor e voltei para casa, recusando-me a deixar minhas lembranças me arrastarem para baixo.



Quando cheguei no trabalho na segunda de manhã, verifiquei e-mails, vasculhei minha lista de tarefas e estava pesquisando aprendizagens quando Terrell bateu à minha porta. —Tem um minuto?

—Certo.

Ele tinha uma pasta na mão e colocou na minha frente antes de se sentar na cadeira à minha frente. —Pensei que você poderia querer dar uma olhada nisso.

Franzindo a testa, eu abri o arquivo.

Dwayne John Davis.

Vi o sobrenome e verifiquei o endereço. Davis Road, Ten Mile Creek.

Sua data de nascimento o fez ...

—O pai de CJ— acrescentou Terrell, claramente me observando tentando juntar pontos mentais. — Recebeu liberdade condicional na última quinta-feira.

—*Ah não.*

—Sim, ele é um verdadeiro trabalho.— Terrell suspirou. —CJ é um dos seus, sim?

Eu assenti. —E ele é um cara legal. Ele trabalha duro, cuida do Pops doente e trabalha no quintal para seu chefe. Não é pago para fazer isso. Só faz isso porque o chefe dele não pode.

Terrell fez uma careta. —Os Davis's estão neste escritório para sempre. Todos eles. Muito antes de eu começar.

—Todos eles?

—Os irmãos. Os irmãos mais velhos de CJ.

Eu tinha lido o arquivo de CJ, mas não havia nada sobre irmãos. Acho que me lembrei de CJ mencionando-os...—Quantos existem?

—CJ tem quatro irmãos.

—Quatro?

—Todos eles estão na prisão. Eu duvido que eles possam sair. Dois tiveram suas sentenças adicionadas por crimes violentos lá dentro. —Terrell encolheu os ombros. — Vítimas do sistema. Eles nunca se redimiram ou aprenderam com seus erros. Eles foram de mal a pior. O outro já estava cumprindo quinze anos por agressão agravada; entrou em uma briga de bar e o cara que ele deu um soco morreu por causa de seus ferimentos na cabeça. — Terrell estremeceu visivelmente.

—Porra!

Esfreguei minha mão no meu rosto. —Vi CJ na sexta-feira. Ele nunca mencionou o pai. —Então, novamente, por que ele faria? Não era como se eu o conhecesse. Nós não éramos amigos... Então eu lembrei. —Na verdade, na reunião anterior, ele disse que preferiria se eu apenas trabalhasse. Nenhuma visita domiciliar. Ele me disse que isso perturba Pops, mas me pergunto se é porque ele sabia que seu pai estaria lá.

Terrell recostou-se na cadeira. —Dwayne está nos meus livros. Dave pensou que seria melhor se eu lidasse com ele, já que você não está aqui há muito tempo.

—Sim, é justo.

—Eu tenho que subir e vê-lo mais tarde nesta conta. Deseja reagendar sua consulta com CJ esta semana? Nós poderíamos subir juntos; Matar dois coelhos com uma cajadada só.

—Certo. —Girei a tela do meu computador para mostrar a ele. —Eu estava apenas pesquisando aprendizagens para CJ, na verdade. Pensei em ver se consigo convencê-lo a se qualificar.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Terrell.

—O que?— Eu perguntei, fingindo olhar no bolso do meu peito e depois debaixo da minha mesa. —Meu status de novato está aparecendo?

Terrell riu. —Isto é. Mas nunca perca. Eu gostaria que todos ainda tivessem.

Suspirei novamente. —Todos eles têm potencial, sabia? Eu odeio que eles se sintam esquecidos ou deixados de lado. Eles ainda são pessoas.

O sorriso de Terrell assumiu um tom triste, mas ele assentiu. —Faça-me um favor. Não perca de vista isso.

—Eu não pretendo.

—Assim? Depois do almoço, tudo bem em ir ver os Davis's?

—Coisa certa.

Terrell dirigiu, e quando saímos da estrada principal em Ten Mile Creek, ele disse: —Deixe-me liderar esta, sim?

Eu dei a ele um olhar estranho. —OK.

—Você ainda pode conversar com CJ, é claro. Mas Dwayne não ficará muito feliz em me ver, só para você saber.

—Você espera que ele lute?

—Não, nada disso. Mas não espere uma recepção calorosa.

Eu segurei a pasta na minha mão. —Sim, eu também não acho que vou ser popular.

Terrell riu, e nós dirigimos em silêncio até pararmos em frente à casa deles. Ele suspirou profundamente e desafivelou o cinto de segurança. —Bem, não adie isso, eu acho.

Saí do carro e vi CJ no galpão ao lado da casa. Ele deve ter trabalhado em sua motocicleta ou cortador de grama porque saiu limpando as mãos em um pano. Ele parecia uma mistura de curioso sobre o que nós dois estávamos fazendo lá e com raiva de que estávamos.

—Ei, CJ— eu disse com um sorriso. Não queria que ele assumisse que estávamos aqui por más notícias.

Ele levantou o queixo com aquele aceno de cabeça ou reconhecimento. Ele olhou para Terrell e depois falou comigo. —O que é isso?

Terrell respondeu. —Seu pai está dentro?

Os olhos de CJ se estreitaram. —Sim!

—Ele não está com nenhum problema— eu disse calmamente. —Apenas uma verificação de rotina. O primeiro cheque do seu pai desde o seu lançamento.

O rosto de CJ estava difícil de ler. —Certo.

Eu assenti Terrell. —Devemos fazer isso por dentro?— O que realmente era apenas eu perguntando se ele me queria lá dentro quando conheceu Dwayne.

—Claro— ele disse.

Eu me virei para CJ. —Não vai demorar muito. Estendi minha mão, gesticulando para ele liderar o caminho e entrar primeiro.

Ele suspirou pesadamente, abriu a porta da frente e entrou. —Os POs estão aqui.

Terrell e eu o seguimos. Pops estava em sua cadeira reclinável, e um homem que eu assumi ser o pai de CJ estava na porta da cozinha, com a cerveja na mão.

Ele era um homem corpulento, com cabelos grisalhos curtos e um rosto duro e forrado. Ele usava calça de agasalho e uma camiseta branca suja, que mostrava tatuagens mal feitas nos braços e nas mãos. Ele tinha uma lágrima tatuada abaixo do olho esquerdo.

Terrell sorriu e estendeu a mão. —Dwayne Davis? Terrell Craigie. Sou seu oficial de correções.

Dwayne, relutantemente, apertou a mão de Terrell e grunhiu em resposta.

Eu ofereci minha mão para ele. —Noah Huxley. Estou aqui para ver CJ.

Ele apertou minha mão e seu aperto era duro e áspero. —Bem, não é tão aconchegante— disse Dwayne.

Seus dentes pareciam as teclas de um piano. Havia mais lacunas do que dentes. Terrell não pareceu notar. —

Sim, bem, nós pensamos em matar dois coelhos com uma cajadada só, então podemos deixar vocês sozinhos pelo resto da semana.— Ele apontou para o assento de dois lugares. — Podemos sentar?

Dwayne deu um passo para a cozinha. —Aqui seria melhor.

—Ah, claro— disse Terrell e entrou na cozinha. Eu não tinha notado uma pequena mesa lá antes, mas ambos puxaram uma cadeira cada e eu fiquei na pequena sala como um polegar dolorido.

—Entre, sente-se— disse Pops.

Eu sorri para ele. —Obrigado.

Eu sentei no sofá. —Como você esteve?

—Sim, tudo bem.— Ele ainda ofegava quando respirava, mas não parecia pior. E ele certamente não parecia chateado, como CJ sugeriu quando disse que preferia que eu não voltasse. —Você sabe— Pops continuou com um sorriso, —você parece confortável aqui.

Que coisa estranha de se dizer. —Confortável?

—Como se você não se importasse.— Pops chiou um pouco mais e eu esperei que ele continuasse. — Tivemos todos os tipos aqui, oficiais de condicional, enfermeiras domésticas, médicos. Nenhum deles gosta demais. Sente-se

onde você está sentado e pareça que eles são bons demais para isso, entende o que eu quero dizer?

—Sua casa?— Eu esclareci. Olhei para CJ, que ainda estava parado na porta da frente, depois de volta para Pops. —Me lembra a casa em que cresci. Eu não sou bom demais para nada, Pops. Nós não somos tão diferentes.

Eu não sabia por que disse isso. Por que eu admiti isso. Dar muito de mim não estava em nenhum plano meu. Eu podia sentir os olhos de CJ queimando em mim, mas eu não conseguia olhar para ele ainda, então me concentrei em Pops. —O tempo ainda não está muito frio para você?

—Não. CJ cuida de mim. Garante que eu esteja quente.

Meu olhar disparou para CJ e eu sorri para ele. —Isso é bom. Fico feliz em ouvir isso.— Eu podia ouvir Terrell e Dwayne analisando suas perguntas e respostas e sabia que ainda demorariam um pouco. —CJ, talvez você e eu deveríamos conversar lá fora?— Ele não falou, apenas deu meia volta e saiu pela porta da frente. Levantei-me, dei um tapinha no ombro de Pops. —Você se cuida.

Ele sorriu para mim. —Você é um bom rapaz.

Saí com a pasta de papel pardo ainda na mão e encontrei CJ de volta ao barracão. Era a motocicleta em que ele estava trabalhando. Estava em uma lata velha de tambor,

então as duas rodas estavam fora do chão. Ele olhou para mim, colocou um cigarro entre os lábios e acendeu.

—Você deveria fumar perto disso?— Eu balancei a cabeça em direção à bicicleta. —Combustível ou o que quer.

Ele soprou fumaça para cima. —O que você quer?

Bem, aqui não foi nada. Ele não tinha me dito para ir embora ainda, então imaginei que agora era minha chance. —Eu tenho pesquisado algumas aprendizagens.

Os olhos dele se estreitaram.

—E eu acho que você seria um bom candidato a um mecânico ...

—Não!

—Eles têm esses programas hoje em dia que ajudam ...

—Não!

—Você poderia ser qualificado ...

—Que parte do não você não entende?

Suspirei. —CJ, eu posso ajudá-lo.

—Eu não quero sua ajuda.

—Por que não?

—Porque eu não.

—Se é por causa da papelada envolvida, eu posso ajudá-lo com isso.

Ele apertou os dentes com tanta força que sua mandíbula inchada. —Eu disse que não quero sua ajuda.

—Mas você não me deu uma razão boa o suficiente.

—Porque foda-se, é por isso.

Tentei não sorrir e fiquei em silêncio por um tempo. Eu precisava mudar de assunto. —Como é ter seu pai em casa?

Algo brilhou em seus olhos, apenas por um segundo, antes de desaparecer. Ele empurrou o cigarro de volta aos lábios e o puxou com força. —Está tudo bem. Por quê?

Dei de ombros. —Não sei. Só pensei que você e Pops tinham uma coisa boa, só isso. Não é fácil quando as coisas mudam. — Imaginei que acertaria na cabeça com isso porque ele ficou em silêncio e não me disse para me foder.

—Você quis dizer o que disse antes?— ele perguntou, sacudindo o cigarro. —Sobre crescer em uma casa como essa?

—Sim. Eu cresci em moradias comunitárias.

CJ mordeu o lábio. Ele não disse nada por um longo tempo, mas havia algo diferente. Uma pequena parte de seu muro defensivo caíra. —Como foi sua partida de futebol?

Fiquei surpreso que ele se lembrasse, mas fiquei feliz que ele tivesse. —Boa. Perdemos, mas foi divertido.

—Foi divertido perder?

Eu bufei. —Sim! Era bom fazer parte de alguma coisa.

Ele fez uma careta e riu de mim. —Tanto faz.

—Você deveria vir assistir uma vez— eu ofereci, sabendo muito bem que ele nunca iria. —Ou brinque, até.

Ele olhou para mim. —Você bateu sua cabeça ou algo assim?

Eu ri e, por mais que quisesse ficar e conversar com ele, senti que era hora de partir. Acenei minha mão em direção à casa. —Eu provavelmente deveria ver como está o Terrell.

A única resposta de CJ foi um leve aceno de cabeça.

Dei um passo em direção à casa e parei. Eu me virei e olhei para ele e pensei: foda-se. Eu levantei a pasta de papel pardo. —Apenas me ouça sobre este acordo de aprendizagem. Ouça tudo, e se você ainda quer me dizer para me foder, pode. Mas apenas me ouça.

Eu pensei por um segundo que ele sairia do controle e jogaria um monte de palavrões, mas ele não o fez. Ele

balançou a cabeça e sorriu. —Você não sabe quando parar, sabe?

Eu tentei não parecer muito esperançoso. —Não.— Achando que essa era minha única chance, abri a pasta. — Eles agora têm avenidas onde você pode obter o que é chamado aprendizado prévio reconhecido, o que significa que, se o Sr. Barese assinar o que você faz todos os dias, receberá passes na maioria dos assuntos.

—Barese não tem tempo ...

—Eu já perguntei a ele e ele disse que sim.

CJ levantou uma sobrancelha que era tão assustador quanto perfeito. —Você fez, hein?

—Sim. Enfim — continuei— espero que consigamos fazer a prova final.

E assim, a máscara estava de volta. Frio, desapegado, defensivo.

—Mas você pode ter o que eles chamam de 'escritor'. Portanto, o teste é verbal, e alguém, esse 'escritor' escreve tudo o que você diz. Você não precisa ler nem escrever nada.

Ele cruzou os braços. —Eu não sou idiota.

—Longe disso. De fato, a razão pela qual você chegou até aqui, eu diria, é porque você é mais inteligente do que a maioria.

Sua mandíbula inchada. —Chegou tão longe?

—Sim.— Eu não estava recuando nisso. —Você chegou até aqui ao longo da vida, esquivando-se da necessidade de ler ou escrever muito bem, e isso exige um tipo diferente de inteligência. Muitas pessoas não conseguem fazer isso.

Ele estava a meio segundo de me dizer para me foder.

—Mas você não precisa mais. Posso te ajudar. Primeiro, eu vou te qualificar. Você terá uma qualificação mecânica completa até o final do ano. Então — eu disse — podemos começar a ler e escrever.

Ele olhou em silêncio, zangado.

—Não é nada para se envergonhar, CJ.

—Noah?— Terrell gritou da entrada da garagem. Eu não o ouvi sair.

—Um segundo— respondi. Voltei-me para CJ. —Você deve saber que não falhou em nada. Você não falhou na escola. O sistema educacional falhou com você.

Suas narinas dilataram. —Foda-se.

—Não. Foda-se eles. Foda-se por não darem a mínima. Foda-se o mundo por lidar com boas pessoas com as mãos de merda. —Eu apontei meu dedo em seu peito. —Você merece melhor. Você merece mais do que um pai fodido que quebrou seu braço quando você tinha nove anos e professores que não se importavam se você aparecesse ou não. —Eu tinha falado demais, mas ele ainda não tinha me dado um soco na boca, então tomei isso como uma vitória. Eu o olhei bem nos olhos. —Você merece melhor.

Com isso, eu me virei e voltei para o carro, adrenalina lutando com resignação. Abri a porta e sentei-me e Terrell ligou o carro. —Como estava o velho?— Eu perguntei, levantando o cinto de segurança.

—Tudo certo. Parece que ele virou uma nova folha, mas a atitude não mudou muito. —Ele suspirou. —Não sei. Ele tem uma verdadeira aparência maldosa nos olhos. E o CJ? Parecia bastante intenso entre vocês dois.

Resisti à vontade de gemer. —Sugeri a aprendizagem e os caminhos para o aprendizado prévio reconhecido.

—E?

—E eu tenho certeza que é um não.

—Com certeza?

—Bem, as palavras 'foda-se' 'não dizem exatamente sim.

Terrell parou o carro no cruzamento para ceder, bem em frente à velha placa de rua quebrada e desgastada que dizia 'Davis Road'. Ele ficou olhando por um longo segundo. —O que diabos é preciso para quebrar o ciclo de Davis Row?

Eu fiz uma careta e suspirei, resignado. —Eu gostaria de saber.

Eu tentei não pensar em CJ ou desejar que ele ligasse, mas de vez em quando um deslizamento de olhos escuros ou uma nuvem de fumaça de cigarro assaltava minha memória e ele estava na frente de minha mente mais uma vez.

Ele nunca ligou, não que eu esperasse que ele ligasse. Mas eu esperava. E se eu esperava que ele me ligasse para o seu benefício ou o meu, era algo que eu não queria examinar muito de perto.

Quando o sábado chegou, eu estava ansioso para calçar minhas chuteiras de futebol e realmente queria sair à noite. Eu precisava relaxar, e suar no campo de futebol e tomar algumas cervejas depois era a solução perfeita.

Perdemos a partida por um gol, mas mantivemos nossa defesa bem e passamos a bola muito bem. Para uma equipe de iniciantes incompatíveis, fizemos tudo certo. De qualquer maneira, era bom para rir e a corrida constante empurrava minhas pernas e queimava meus pulmões de uma maneira agradável. Quando estávamos de volta ao pub, eu nem conseguia me lembrar da semana estressante que tive.

Bebi minha cerveja. —Cara, isso tem um gosto bom.

—Sim, você está pronto para uma sessão?— Gallan deslizou ao meu lado.

—Poderia ser. Tivemos uma semana de merda. Algumas bebidas parecem ótimas.

Ele assentiu e tomou um gole de cerveja. —Eu sei o que você quer dizer.— Ele começou sua descrição do trabalho em turnos e de um chefe duro, que também não parecia muito agradável. —Embora não seja realmente culpa do meu chefe. Ele tem seus chefes respirando pelo pescoço.

—Meu chefe está bem— eu disse. —Na verdade, estão todos bem. Algumas das pessoas com quem trabalho estão um pouco cansadas, mas a maioria está pelas razões certas. E a maioria dos casos que tenho são bons, mas há alguns que simplesmente não querem ajuda. É realmente frustrante.

E assim, eu estava pensando em CJ novamente.

—Sim, eu não posso imaginar fazendo o que você faz.—
Gallan cutucou seu joelho com o meu debaixo da mesa, onde ninguém mais podia ver. —Mas algumas cervejas hoje à noite parece um bom plano.

Ok, então as coisas com ele definitivamente estavam indo em uma direção pessoal, possivelmente física. E talvez eu precisasse disso mais do que as cervejas. Talvez eu precisasse ligar com Gallan para tirar CJ da minha cabeça. O que era ridículo, porque não havia nada entre mim e CJ, nunca poderia haver algo entre mim e CJ, mas dane-se se meu cérebro míope poderia dizer isso ao meu coração.

E Gallan era um cara bonito. Não era o meu tipo habitual, mas ele era meio fofo e olhava para mim de vez em quando como se quisesse me despir. Andei pelas cervejas e pedi um pouco de comida para a nossa mesa compartilhar. A maioria dos caras tinha ido para casa quando o sol se pôs e nossas conversas estavam ficando mais altas e engraçadas e eu tinha um zumbido inebriante. Eu não acho que tinha parado de sorrir e fazia tanto tempo desde que eu saí e ri.

Mas então Tony se levantou. —Melhor chegar em casa ou eu estarei na casinha. Vocês querem dividir um táxi? — Tony perguntou.

—Eu vou— disse Davo, depois bebeu o resto da cerveja e se levantou.

—Não, eu estou bem — respondi.

—Sim, eu estou bem— acrescentou Gallan.

Então éramos apenas eu e ele.

Ele olhou ao redor do pub, para todos os caras comuns apenas tomando uma bebida e uma conversa. Certamente não era o tipo de lugar onde poderíamos fazer qualquer coisa... Então ele se inclinou e perguntou: —Quer ir ao quartel-general?

Eu sorri. Sim, algo definitivamente iria acontecer hoje à noite. —Sim eu quero.

Terminamos a última de nossas cervejas e andamos alguns quarteirões até o QG. O único bar gay de Maitland não estava exatamente bombando às sete da noite de sábado, mas não estava morto. Pedimos um Jim e Coca-Cola cada um e pegamos uma mesa alta perto da parte de trás.

—Entãããã— ele disse. —Gay? Bi? Curioso?

—Gay. Você?

—Mesmo.

—Então, você está fora?— ele perguntou à queima-roupa.

Bebi meu bourbon. —Sim! Você?

Ele assentiu. —Na maioria das vezes. Não faço questão de falar sobre isso na conversa, mas se alguém perguntar, não escondo.

Eu não queria entrar na coisa toda da família. — Ninguém no trabalho me perguntou ainda— eu disse com um sorriso. —Mas sim, também não tenho problema em contar a eles.

Ele se inclinou para mais perto. —Posso perguntar... topo ou fundo?

Eu quase engasguei com a minha bebida. — Caramba. Você simplesmente entra, não é?

Ele riu. —Figuras não há nenhum ponto em rodeios. Eu tenho tentado descobrir para onde você vai, mas não consigo ler você.

Talvez fosse o álcool em mim, mas tudo que eu podia fazer era rir. No final, eu disse a ele: —Eu sou versátil. Eu prefiro o topo, mas se um cara sabe o que está fazendo, vou montar seu pau por dias.

Gallan começou a rir. Tipo, tão alto que outros pararam e encararam. —Oh, eu gosto de você.

Era estranho, e por mais que eu gostasse dele também, não havia faíscas. Nenhuma dica de antecipação, sem nervos, sem atração física, não... qualquer coisa. Eu senti como se

estivesse fora tomando bebidas com um velho amigo. O que foi legal, mas ficou muito aquém do material de conexão.

Eu drenei minha bebida. —Quer outro?— Eu perguntei.

Seus olhos estavam sorrindo ou nadando, com álcool, eu não tinha certeza. —Por que não?

Eu comprei aquela rodada, depois duas músicas depois, ele comprou a próxima. Mais pessoas estavam entrando, mas eu estava um pouco bêbado demais para notar, além do movimento dos corpos e do barulho. Mas eu estava me sentindo muito bem. —Ê o meu grito— eu disse. —Quer outro?

Gallan, que era um bêbado sorridente, deu de ombros, em seguida, pegou minha mão e me levou em direção ao quarto dos fundos. Eu fui de bom grado. Mais do que voluntariamente. Sua mão era quente e forte e eu queria esse contato humano. Precisava disso. Fazia muito tempo.

A sala dos fundos estava alinhada com bancos, recantos ocultos para privacidade e iluminada com luzes azuis. Ele me amontoou contra uma parede, seus olhos intensos e lambeu os lábios. Eu esperei a emoção, a expectativa, as borboletas antes do beijo. Meus lábios se separaram, ele me beijou e ...

Nada.

Gallan se afastou com um olhar no rosto como se não conseguisse se lembrar se deixasse o fogão aceso. Isso me fez rir.

Um lento, um pouco confuso sorriso se espalhou por seu rosto. —Você não sentiu nada, certo?

—Absolutamente nada. Nada.

—Oh! Graças a deus. Ou isso poderia ser estranho, porque era como beijar meu primo.

Eu bufei. —Beija seu primo com frequência?

Ele passou a mão pelo rosto. —Nunca. Mas estamos bem, certo?

Eu empurrei a parede. Eu nem fiquei desapontado. —Nós estamos bem.

—Graças a Deus, porque é o seu grito.

Eu ri e empurrei seu ombro em direção à porta, assim que ela se abriu e alguém entrou correndo, quase me pegando. E me vi encarando olhos castanhos escuros e o cheiro sutil de cigarro.

E toda resposta que faltava com Gallan me bombardeou. Meu sangue correu quente, meus nervos vibraram de desejo e borboletas explodiram em minha

barriga. Ele estava ali, quase me tocando. Minha respiração ficou presa e eu lambi meu lábio inferior.

—Noah— disse ele, sua voz baixa e carregada de aviso.

Eu apertei sua camisa e o empurrei contra a parede. —
CJ.





8 - CJ

Eu tinha feito Pops jantar, o fogo foi aceso e meu velho bebeu seis pacotes de cerveja e viu futebol na TV. Eu me transformei em algo limpo, tirei quarenta dólares do meu esconderijo secreto o mais silenciosamente que pude, peguei minha jaqueta e saí pela porta antes que meu pai pudesse me perguntar para onde eu estava indo.

Não havia como eu estar dizendo a verdade. Se ele soubesse que eu estava indo para a sede da cidade na esperança de encontrar meu oficial de condicional, não sabia se ele ria de mim ou me socava.

Eu estava mais inclinado a ir com o último.

Eu não tinha ideia do por que Noah Huxley que estava sob minha pele, mas eu não conseguia parar de pensar nele.

Sobre a oferta dele. Sobre o que ele disse.

Eu tive que esperar até escurecer para poder andar de motocicleta até a cidade, e eu parei na esquina do quartel-

general e tirei meu capacete. Minha velha jaqueta de couro era boa proteção, mas o ar da noite estava ficando frio.

Deus, eu odiava o inverno.

Puxei minha gola para me aquecer e mergulhei dentro do bar. Estava escuro por dentro; geralmente era. Eu não estava no QG há algum tempo, mas era familiar o suficiente. Eu comprei uma Coca-Cola no bar e me escondi em um canto para que eu pudesse ter uma ideia dos caras. Eu não era para dançar, mas eu gostava de assistir caras dançando com outros caras. Especialmente quando eles ficaram suados, moendo e se beijando. Estava quente como o inferno.

Eu me perguntei se Noah iria aparecer. Eu não tinha provas de que ele teria, eu apenas esperava, o que era uma sensação assustadora.

Examinei a multidão e o vi. A pressa de vê-lo diminuiu rapidamente quando percebi que ele estava aqui com alguém. Um cara alto, de constituição sólida, bonito e engraçado, ao que parece. Noah estava rindo. Ambos foram. Algo estava engraçado, e eles conversavam facilmente. Ambos estavam bêbados. Tive a sensação de que o havia lido errado. Não sabia por que diabos pensei por um segundo tolo que ele estaria interessado em mim. Ele estava fora do meu alcance. Ele era esperto e usava roupas chiques;

ele trabalhou em um emprego no governo. E o que eu era? Nada além de um maldito Davis.

A raiva, principalmente para mim mesmo, tornava minha bebida amarga. Eu estava prestes a sair quando o cara alto pegou a mão de Noah e o levou para a sala dos fundos.

E eu sabia o que aconteceu lá.

Eu tive que largar o copo antes de esmagá-lo. Ou jogar. Passei a mão pelo cabelo e olhei para a porta de saída. Partir era a coisa sensata a se fazer. Mas a porta dos fundos era como um farol. Eu não conseguia tirar os olhos dele.

Foda-se, e transa com ele por virar tudo de cabeça para baixo. Por me fazer pensar nele, por me fazer fantasiar... *Por me fazer ter esperança.*

Eu estava pela porta dos fundos antes de realmente saber o que estava fazendo. Eu realmente não tinha um plano. Apenas para detê-los, interrompê-los... Eu não tinha ideia. Se eu encontrasse Noah com a mosca desfeita e aquele cara de joelhos...

Mas ele não estava. Noah e o outro cara estavam rindo e eu literalmente encontrei Noah quando eles estavam voltando. Deus, ele era lindo, e por que ele tinha que cheirar tão bem? Ele sabia de alguma forma o que isso fez

comigo? Seu sorriso se tornou outra coisa, seu olhar caiu nos meus lábios e ele lambeu o dele. Jesus. Deus, ele estava tentando me matar. —Noah.

Ele pegou minha camisa e me empurrou contra a parede. —CJ.

Porra, inferno.

Ele empurrou seu corpo contra o meu, nos lugares certos. Eu quase derreti. Meus joelhos quase dobraram. Agarrei seu rosto, pronto para esmagar minha boca na dele, quando o Cara Alto deu uma risada ao nosso lado. —Bem, merda. Faltava isso — ele disse e riu de novo.

Noah pareceu sair de qualquer feitiço que estivesse sob e deu um passo para trás. Ele soltou minha camisa e deu um tapinha no meu peito. —Desculpa. Eu não sei... merda. Eu sinto Muito.

Eu ainda não conseguia recuperar o fôlego.

O Cara Alto disse: —Ele não está arrependido. Você está?—Ele olhou para mim e estendeu a mão para apertar.

—CJ— eu consegui dizer.

—Certo— disse o Cara Alto. —Eu sou Gallan.

Apertei sua mão e Noah limpou a garganta. —Hum. Sim!

Nesse momento, um rapaz baixo e loiro entrou no quarto dos fundos. Ele parou, olhou para Gallan dos sapatos aos cabelos e ergueu uma sobrancelha em convite. Gallan olhou de volta por todos os dois segundos antes de murmurar: —Inferno, sim — e Noah e eu assistimos enquanto Gallan levantava o pequenino contra a parede, suas pernas magras enroladas em torno do corpo enorme de Gallan, e eles estavam indo para isso, bem na nossa frente.

Literalmente, levou cinco segundos.

—Isso é o que estava faltando— Noah murmurou. Eu não sabia o que aquilo significava, mas ele se voltou para mim. —O que você está fazendo aqui?

Eu ignorei isso e acenei para onde Gallan e cara pequeno estavam basicamente secando a parede. —Uh, se ele é seu namorado... ?

—Ele não é.— Noah olhou para os dois, depois voltou para mim. —Vamos lá, vamos deixá-los.— Ele não esperou por uma resposta. Ele pegou minha mão, abriu a porta e me arrastou em direção ao bar. Era uma multidão decente agora, e quando ele parou no bar, ele se virou e eu basicamente pressionei contra ele no empurrão e no empurrão das pessoas.

—Desculpe— eu murmurei.

Ele sorriu. —Eu não sou.— Ele estava obviamente muito bêbado, mas pela maneira como ele olhou para a minha boca e depois para os meus olhos, o desejo era claro em seu olhar. —Quer uma bebida?

Eu balancei minha cabeça. —Não!

Só então, fui empurrado por trás com força suficiente para pressionar Noah, fazendo-o gemer.

—Porra! Desculpe— eu disse, sem realmente dizer isso. A única coisa de que lamentava era não poder ir mais longe.

Ele colocou a mão no meu quadril. —Eu não sou.— Então ele pareceu se lembrar. Ele largou a mão e ficou tenso, seu rosto agora ilegível. —Merda.

Ele se afastou de mim, como se lhe ocorresse o quanto ele era melhor do que eu. *Bem, foda-se isso. O que diabos você esperava, CJ?* Precisando que isso acabasse, eu me virei e voltei pela multidão em direção à saída. Eu não precisava dessa merda na minha vida, e eu era estúpido por vir aqui.

Eu fui estúpido em pensar que ele era diferente.

—CJ!— Eu o ouvi gritar.

Mas eu terminei. Eu só queria ir para casa, voltar para onde eu pertencia.

—CJ, espera!

Cheguei à porta da frente e saí, apenas para ver luzes azuis e vermelhas na rua. Eu parei de frio. Droga. Havia três carros marcados, uma patrulha rodoviária e um monte de uniformes conversando. Eles estavam apenas montando uma estação de teste aleatório de respiração pela aparência.

Então Noah quase caiu pela porta e me seguiu até minha motocicleta. Eu não sabia se era o ar frio ou se ele estava mais bêbado do que eu pensava, mas ele balançou em pé e quase se soltou. —Whoa— ele murmurou com as mãos estendidas, tentando se equilibrar.

Agarrei seu braço para firmá-lo. —Quanto você bebeu?

—Demais. Normalmente não bebo bourbon. —Noah só então percebeu as luzes azuis e vermelhas. —O que está acontecendo?

—Parece um RBT⁹— respondi. —Parece que vou esperar um pouco até que eles desapareçam.

—Sua motocicleta?— ele perguntou, olhando para mim, então minha motocicleta com um olho fechado.

—Sim.

Noah balançou novamente. —Mas você não bebeu.

⁹ Random Breath Testing (Teste Aleatório de Respiração)

—Não. Eu também não tenho licença.

Noah franziu o cenho. Ele olhou para a polícia e voltou novamente. —Você não pode montá-lo então.

Enfiei meu dedo em seu peito. —Que tal você não me dizer o que posso e o que não posso fazer.

—Você é preso por andar sem licença e vai para a cadeia.

—Você sabe o que? Foda-se.

—Você é impossível.— Ele apontou o dedo para mim novamente. —Que tal você deixar cair a besteira e me deixar ajudá-lo. Por que você não me deixa ajudá-lo?

—Porque eu não sou um caso de caridade.

—Ninguém disse que você era.

Revirei os olhos para ele. —Eu não estou tendo essa conversa com você agora.— Eu estava na minha motocicleta, mas não havia como eu sair sem passar pela polícia. Foda-se, foda-se, foda-se.

—CJ— disse Noah.

Eu levantei minha jaqueta, mas antes que eu pudesse passar uma perna sobre minha motocicleta, um oficial uniformizado se aproximou. —Está tudo bem aqui, senhores? Parecia que você estava discutindo.

Porra!

—É, não. Estamos todos bem — eu consegui. Noah estava certo. Se eles me encontrassem andando sem licença enquanto estava em liberdade condicional, eu estava indo para a cadeia.

—Oficial da noite— disse Noah lentamente. —Está tudo bem.— Na verdade não era. Ele mal conseguia se levantar ou colocar uma frase juntos, e eu estava pensando em me virar e fugir.

Mas então Noah disse a coisa mais estranha. —Ia andar de motocicleta para casa, mas ele não me deixa.

O policial olhou para Noah. —Parece que ele sabe do que está falando.

—Apenas viva na estrada— disse Noah, acenando com a mão na rua. —Se ele não me deixa montar, pode empurrar.

Eu posso?

O policial então olhou para mim. —Você está certo em pressionar?

De jeito nenhum. —Sim! Eu não tenho bebido.

O policial nos estudou por um longo segundo. —Certo então. Empurre apenas. Nem sente nele. Se ouvir a partida

da motocicleta, teremos que persegui-lo e, acredite, você não quer isso.

Não, não, eu não fiz. —Obrigado.

Noah sorriu. —Vamos lá, Clinton, comece a empurrar.

Clinton. Clinton?

Ele me chamou de Clinton?

Eu apertei minha mandíbula para não jurar na frente do policial. Mas eu olhei tão forte para Noah, se olhares pudessem matar, ele teria caído morto. Tudo o que ele fez foi rir. Ele apontou para a rua. —A motocicleta não se esforça sozinha.— E ele começou a andar. Ou cambalear provavelmente era mais parecido.

Eu considerei derrubá-lo no chão e bater na boca dele, mas decidi que minha energia era melhor gasta empurrando minha maldita motocicleta. Afinal, ele estava me fazendo um favor. Ele acabou de me dar uma desculpa para afastá-lo da polícia em vez de montá-lo. Eu deveria estar agradecido, mas juro que tudo o que ele fez me esfregou da maneira errada.

E então, como se seu sorriso presunçoso não fosse suficiente, no meio do quarteirão ele começou a cantar.

—Cale a boca— eu assobiei para ele. Ele estava na calçada; Eu estava na rua, empurrando a motocicleta o mais perto possível da sarjeta. — Ou os policiais virão prendê-lo

por perturbar a paz. Ou massacrando Cold Chisel. Isso é uma ofensa federal neste país.

Ele riu. —E de nada, a propósito.— Ele olhou para onde os policiais estavam agora puxando carros para fazer testes aleatórios de respiração. —Por tirar você disso.— E então, porque ele não pôde se conter, ele riu. —Clinton.

—Não me chame assim.

—Por que não? Eu gosto disso.

—Ninguém me chama assim.

—Bem, eles deveriam. É um nome bonito.

Jesus Cristo. — Você está louco? Porque com um nome como Noah, você provavelmente não deveria.

—O que há de errado com Noah? Além de toda a coisa bíblica. — Então, porque Deus não me odeia o suficiente, ele começou a cantar: ‘Os animais vieram em dois a dois’, e fazendo o que eu pensava ser algum tipo de amarelinha no caminho.

Teria sido engraçado se eu não deveria estar chateado com ele.

—Onde diabos eu deveria estar empurrando minha motocicleta?— Eu perguntei.

Noah parou e olhou para a rua. —Lá em cima. É o meu lugar.

O lugar dele? —Eu não vou a sua casa.

—Por que não?

—Porque.

—Por que porque?

—Porque eu não vou. É por isso.

—Bem, você pode deixar sua motocicleta na minha casa e ir para casa.

Eu olhei para ele. —Eu não estou caminhando para Ten Mile Creek.

—Então você pode dormir na minha casa.

Eu olhei para ele como se ele fosse louco.

Ele apontou de volta para a RBT. —Se você preferir passar a noite em uma cela...

—Ah, cale a boca.

Ele começou a andar de novo, e eu também. —O que há de ruim em ficar comigo, afinal?

—Ah, você é meu oficial de condicional?

—Sim, Clinton, eu sou. Por mais três semanas. —Ele levantou três dedos.

Eu ignorei como ele usou meu nome completo. Parecia que quanto mais eu olhava para ele, mais ele sorria. —Você está fazendo contagem regressiva até se livrar de mim?

—Estou em contagem regressiva para saber quanto tempo tenho para mudar sua vida.— Eu parei de empurrar a motocicleta e ele parou de andar também. Ele olhou para mim. —O que?

—Você quer mudar a minha vida?

—Se você me deixar.— Ele apontou para uma casa do outro lado da rua. —Este sou eu.

Ele pulou da sarjeta e eu o puxei de volta antes que ele fosse atropelado por um carro que passava. E então a motocicleta quase caiu. —Droga. Você vai assistir aonde está indo?

Ele se aproximou muito, tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo. Ele olhou para a minha boca, então ele sorriu. —Eu estou assistindo.

—Você está bêbado.

—E você é realmente gostoso.

Atordado, dei um passo para trás e ele conseguiu atravessar a rua sem ser atropelado. Eu segui, levando a motocicleta para a garagem dele.

—Podemos colocar isso nas costas. Minha garagem é boa para o meu carro, mas a motocicleta estará mais segura na parte de trás — disse Noah, caminhando pelo lado da casa escura. Ele se atrapalhou com um portão, depois o abriu. —O que você está esperando?

Empurrei a motocicleta pelo portão e pelos fundos da casa. Por mais que eu não quisesse concordar com ele, também não queria que alguém roubasse minha motocicleta. Alinhei a motocicleta ao longo da cerca dos fundos, fora do caminho e fora da vista no escuro. Então éramos apenas eu e ele. Eu não tinha motivos para estar lá. Nenhum. Mas uma brisa fria soprou e eu tremi. Ou talvez fosse o jeito que ele estava olhando para mim.

—Vamos lá— disse ele, puxando as chaves. É claro que ele não conseguia colocar a chave na porta, e quanto mais ele se atrapalhava, mais ele ria.

—Aqui— eu disse, pegando suas chaves. —Você tem certeza de que é o caminho certo?

Ele bufou uma risada. —Estou muito familiarizado com a opção da porta dos fundos, sim.

Parei de tentar pegar a chave e olhei para ele. —Essa foi a pior piada de todos os tempos.

—Não, não foi. Eu sou muito engraçado.

—Você está realmente bêbado.— Eu não conseguia ver nada. — Você pegou o telefone? Acenda uma luz na maçaneta da porta.

Depois, demorou dois minutos para mexer no telefone. Jesus Cristo. —Você é um pé no saco— eu resmunguei, finalmente deslizando a chave certa quando ele conseguiu que a luz funcionasse.

—Eu gostaria de ser— ele arrastou. —Se você me deixar.— Então ele riu de si mesmo. —Pegue? Uma dor na sua bunda? Disse que sou engraçado.

Empurrei a porta e Noah entrou e bateu cegamente em busca de um interruptor de luz, e o quarto se iluminou para revelar uma roupa. Ele acenou com o braço pela sala. —Você pode acreditar que o setor imobiliário tentou chamar isso de mudroom?— Ele deu uma risada. —Ah, não, idiotas, é uma lavanderia.

—A maioria das casas construídas há cem anos atrás tinha a porta dos fundos através da lavanderia— eu disse fracamente. Não sei por quê. Deus, fale sobre estranho.

—A casa está bem— continuou ele, passando por uma porta e ligando outro interruptor. —Pequeno, velho. Cidade

do meio. Mas o aluguel é barato. E com o horroroso lino¹⁰, não estou surpreso.

Eu o segui até a cozinha. Ele estava olhando para o chão, ou mais importante, o piso lino estampado. Ele olhou para cima e colocou a mão na testa. Jesus.— Lembre-me de nunca olhar para esse lino quando estiver bêbado.

Eu tentei não sorrir. E eu realmente tentei não olhar para aquela maldita sarda acima da sobrancelha direita. — Você vai se sentir uma merda amanhã.

—Não. Água, Panadol¹¹. Ele estará certo.

—Você deveria comer alguma coisa.

—Provavelmente. Oh meu Deus, eu poderia totalmente comer um sanduíche de queijo torrado agora. —Ele cambaleou para um armário e de alguma forma conseguiu puxar uma prensa de sanduíche sem cair.

Deus, ele ia se machucar em um minuto. —Que tal eu fazer isso?

—Eu não estou tão bêbado.

—Você também não é sóbrio.

¹⁰ Linóleo.

¹¹ **Panadol** é um analgésico e antifebril indicado no tratamento de dores de cabeça e enxaquecas de intensidade ligeira a moderada, dores de dentes, dores musculares e articulares, dores menstruais, dores de garganta, e sintomas gripais.

Ele colocou a sanduicheira no balcão e teve que dar alguns passos para se equilibrar.

Jesus.— Sente-se e eu vou conseguir.

Ele se virou instável e apertou os olhos para mim. —Eu vou ligar o aquecedor. Está frio. Você está com frio?

—Um pouco.

Ele saiu da cozinha e eu o ouvi murmurando sobre o aquecedor, e imaginei que, desde que eu pudesse ouvi-lo falando, ele estava bem. Encontrei o pão na despensa, o queijo fatiado e a manteiga na geladeira. Como não estava familiarizada com a torradeira, encontrei uma frigideira ao lado do fogão e liguei a placa. Então pensei em algo. —Isso é gás de aquecimento?— Eu gritei. Jesus, se fosse, ele poderia matar todos nós.

—É elétrico— respondeu ele.

Graças a Deus.

Eu me virei para encontrá-lo encostado na porta da cozinha, olhando para mim. —O que?

Ele nem tentou esconder o fato de que estava me encarando. —Como te ver na minha cozinha.

Engoli em seco e voltei para a panela. —Não sei como a coisa da prensa de torradeira funciona, então estou cozinhando na frigideira. Prova melhor, pelo menos.

Consertei dois sanduíches e os coloquei na frigideira.

Então ele estava ao meu lado, olhando para a panela. —Foi assim que minha mãe costumava fazer quando eu era criança.

Eu não tinha certeza do que dizer sobre isso ou o fato de que ele estava basicamente se apoiando em mim, então apenas me concentrei na panela quente. Eu as virei quando elas terminaram e então, Noah estava encostado no armário me encarando.

Isso fez meu estômago fazer coisas loucas e fez o quarto parecer muito pequeno. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Eu estava de pé na cozinha do meu oficial de condicional, pelo amor de Deus. Ele estava bêbado e eu o estava fazendo sanduíches de queijo tostado. Eu estava começando a pensar que tinha enlouquecido. Desliguei o fogão. —Você pode pegar alguns pratos?

Ele conseguiu colocar dois pratos na bancada, depois fez uma dança de três passos na geladeira e conseguiu encontrar duas garrafas de água sem cair. Uma vez que ele estava encostado no balcão da cozinha novamente e parecia que ele não iria encarar as plantas, eu entreguei a ele um prato. —Coma isso.

Ele deu apenas uma mordida e emitiu um som de gemido baixo e imundo. —Isso é tão bom.

Jesus. Se era assim que ele soava quando comia comida, eu só conseguia imaginar como ele soava na cama. Isso me fez pensar em lugares que não tinha o direito de ir. —Uh. Obrigado.

Nós comemos em silêncio. Bem, ele continuou fazendo sons obscenos que fizeram meu coração bater mais engraçado, mas eu nunca fiz um som. Quando terminei, tomei um bocado de água. —Eu quero saber quando os policiais serão detidos na estrada . . .

Noah colocou o prato vazio no banco. —Você pode ficar aqui. Eu tenho um quarto de reposição. Ou o sofá.

—Não tenho certeza de que seja uma boa ideia.

—Melhor do que ser pego.— Ele engoliu metade da garrafa de água em um gole. O pomo de Adão dele subia e descia com cada gole. Deus, eu queria lambar. Eu rapidamente desviei o olhar e agarrei a bancada atrás de mim para não me mexer. —E de qualquer maneira, agora eu tenho duas coisas para ajudá-lo.— Ele levantou dois dedos. —Qualificando-se como mecânico e obtendo sua licença de piloto.

—Você vai fazer tudo isso em três semanas?

—Bem, vai demorar mais de três semanas. Mas estou nisso a longo prazo. —Ele se levantou do balcão para ficar bem na minha frente. —Se você é.

Ele estava tão perto. Muito perto, mas não perto o suficiente. Eu queria puxá-lo contra mim. Eu queria sentir o corpo dele contra o meu. Seu calor, sua força, seu cheiro. Deus, ele cheirava tão bem. Ele estava olhando para minha boca novamente, seus olhos fixos e escuros.

—Quero te beijar— ele murmurou. Ele puxou o lábio inferior entre os dentes de uma maneira que deixou meus joelhos fracos. Se ele notou o rápido aumento e queda do meu peito ou minha falta de ar, ele nunca disse. Ele se inclinou, nossos lábios não se tocando. Deus, Jesus, me ajude, eu queria. Eu quase podia prová-lo. Tão perto, tão perto... e então ele se afastou.—Mas não por três semanas.

Eu tive que balançar a cabeça para colocar meus pensamentos em ordem. —O que?

—Três semanas até eu poder te beijar.— Ele piscou lentamente e eu lembrei que ele estava bêbado. —Quando você não será um dos meus casos. Não posso estar brincando com ninguém da minha lista de empregos.

—O que faz você pensar que eu vou deixar você me beijar?— Foi uma resposta fraca, mas tudo o que eu era capaz naquele momento.

Ele sorriu. —Eu vi o jeito que você me olha. E você faz um ótimo sammich¹² de queijo torrado.

Eu ri porque era mais seguro do que falar.

Então ele colocou a mão no meu peito. O calor queimava da melhor maneira. —Eu quero te ajudar. Então você deve me deixar. E eu quero te beijar. Em três semanas. Então você deveria me deixar.

—Isso está certo?

Ele assentiu. —Eu quis dizer o que disse na sua casa. Você merece melhor.

—E você acha que é o melhor?

—Não. De modo nenhum. —Ele balançou a cabeça e franziu a testa. Deus, por que eu acreditei quando ele disse isso? —Mas eu sei o que você está fazendo.

Eu mal conseguia falar. —O que eu estou fazendo?

—Você passa a vida tentando ser invisível. Você acha que ninguém notará que você não lê ou escreve muito bem se apenas se esconder no fundo. Desaparecer. Você acha que se eles não notarem você, eles nunca saberão. Bem, adivinhe?— Ele deslizou a mão até o meu pescoço e passou o polegar sobre o meu queixo. Eu não conseguia respirar. —Eu vejo você, Clinton Davis. Eu te vejo.

¹² Termo australiano para sandwiches.

Eu tentei falar. Eu tentei engolir. Eu também não poderia.

—Eu preciso ir para a cama— disse ele, piscando lentamente. —Você pode dormir na cama de reposição ou no sofá.— Então ele agarrou a frente da minha jaqueta e me levou para a sala de estar. Ele me soltou e sorriu. —Se você entrar na minha cama por engano, não direi a ninguém.

—Eu acho que não deveria...

—Não vá.— Ele disse como se estivesse sóbrio como uma pedra. —Não arrisque. Por favor.— E com isso, ele caminhou por um pequeno corredor e desapareceu no que eu assumi ser o quarto dele.

Sentei-me no sofá com a intenção de esperar uma ou duas horas e depois voltar para casa. Os policiais já tinham ido embora e eu poderia sair furtivamente da cidade. Era uma agradável sala de estar. Ele tinha uma daquelas TVs de tela plana e uma tigela elegante em um armário, além de algumas boas fotos de família; mãe, pai, irmã e Noah. Quero dizer, era literalmente imagem perfeita. Ele era muito mais organizado do que eu. Eu só podia sonhar em morar em um lugar como o dele ou ter o que ele tinha.

Noah fodido Huxley estava bem e verdadeiramente debaixo da minha pele. Eu deveria ter saído naquele momento. Eu nunca deveria ter ido para casa com ele. Havia algo nele que eu não conseguia me cansar.

Deitei no sofá surpreendentemente confortável e tentei muito não pensar no que ele havia dito. Como ele me tocou, quase me beijou. Admitiu que queria me beijar. Sobre o quanto eu queria que ele fizesse.

Deus, estou com tantos problemas.

A próxima coisa que eu sabia era manhã e algo cheirava muito a bacon e ovos.

Sentei-me, lembrando que estava na casa de Noah, imaginando como diabos eu poderia sair pela porta sem que fosse estranho. Eu tive que andar pela cozinha para sair pelos fundos onde estava minha motocicleta, então não havia como eu não poder vê-lo. Merda. Esfreguei a parte de trás do meu pescoço e esfreguei o rosto, tentando pensar em algo para dizer.

—Hey, a Bela Adormecida está acordada.— A voz de Noah era um pouco áspera. —Como estão suas habilidades para fazer café?

Levantei-me e entrei na cozinha. Ele estava parado no fogão, vestindo nada além de uma calça cinza de agasalho que meio que pendia um pouco e parecia realmente macia. Seus ombros eram largos; suas costas tinham músculos nos lugares certos. Ele não foi construído; ele também não era magro. Ele era decididamente normal de uma maneira extraordinária. Então ele se virou. Seu peito exibia cabelos

loiros com um rastro do umbigo que desapareceu sob a cintura da calça de moletom.

Maldito.

Noah segurava um ovo na mão, um sorriso presunçoso e olhos curiosos. Eu tinha acabado de vê-lo descaradamente e ele viu a coisa toda. —Com fome?

Eu limpei minha garganta. —Eu não tive a intenção de adormecer.

—Sorte que deixei o aquecedor ligado.— Ele voltou para o fogão, mas acenou com a mão em direção à chaleira. —Você pode fazer um café?

Ok, então isso foi estranho. Ele não achou isso estranho? —Você tem caras estranhos dormindo no seu sofá com frequência?

Ele bufou. —Não. Só você.

Só você.

Eu tentei muito não gostar disso.

Enchi a chaleira e liguei. —Como está sua cabeça?— Eu perguntei. —Você foi bem cortado ontem à noite.

—Eu me sinto uma merda absoluta.— Ele estava estranhamente alegre com isso. —Espero que um café da

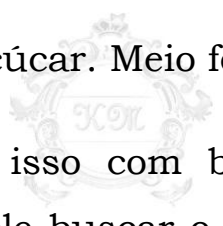
manhã gorduroso me conserte. Eu ia fazer café mais cedo, mas não queria que a chaleira o acordasse.

—Acho que não me mudei a noite toda. Seu sofá é confortável.

Ele riu e começou a servir bacon e ovos. —Sim, eu perdi a conta quantas vezes adormeci nele.

Abri os armários suspensos até encontrar xícaras de café e, felizmente, ele tinha um pote de café e uma tigela de açúcar deixada no banco, para que eu não precisasse procurar. —Como você prefere o seu café?

—Preto com um açúcar. Meio forte.

Eu poderia fazer isso com bastante facilidade, mas depois fui à geladeira dele buscar o leite. Claro que ele usou um tipo diferente de leite do que eu estava acostumado. Mas havia uma caixa na prateleira da porta com um jarro de coisas brancas na frente. Eu sabia como era a palavra 'leite', mas não estava escrita nela. Eu poderia parecer um idiota e errar ou pedir. Nem era preferível, mas tomei o mal menor. Eu peguei e estendi para ele. —Este é bom?— Sempre era melhor perguntar se era o certo a usar, como se estivesse desatualizado ou algo assim, em vez de fazer uma pergunta estúpida como 'Isso é leite?'. 

Ele deu uma rápida olhada antes de colocar a frigideira na pia. —Sim. Diz apenas o próprio da fazenda em vez de

leite. Não sei porquê. Mas eu compro o leite UHT da prateleira, não caixas de leite frio. É mais barato.

Eu rapidamente voltei para a chaleira agora fervendo. Ele acabou de explicar por que a palavra 'leite' não era visível? Quero dizer, ele sabia que eu não sabia ler muito bem, mas ele não me tratou como se eu fosse estúpido ou soletrou para mim. Eu não sabia o que fazer com isso. Eu estava esperando que ele entendesse, mas ele apenas agiu como se fosse normal.

Derramei a água, depois o leite. —Sim eu também.

Era verdade. Eu sempre comprei as compras mais baratas que pude. Normalmente, marcas domésticas ou embalagens com as quais eu estava familiarizado. Entrar em uma mercearia já era difícil o suficiente quando eu não conseguia ler os malditos rótulos. Ter fotos na frente ajudou muito, mas que tipo de empresa de leite produzia uma caixa de leite sem a palavra leite?

Noah colocou os dois pratos na mesa de jantar e pegou os talheres. Coloquei o café na mesa e tomei um gole do meu, sem saber onde ele queria que eu sentasse. Eu não estava esperando café da manhã, isso era com certeza. Ele pegou outro prato de torrada no forno, sentou-o entre os pratos e caiu em uma cadeira. Ele tomou um gole de café e cantarolou. —Meu Deus. Isso é bom.— Ele acenou com a cabeça em direção ao outro prato. —Sente-se. Cave.

Nós comemos em silêncio. Ele, tentando consertar sua ressaca. Eu, apenas saboreando o sabor do bacon. Eu não tinha há um tempo. Eu realmente deveria comprar alguns para Pops ...

—Então, sobre a noite passada.— Noah tomou um gole de café novamente. —Primeiro, eu deveria me desculpar. Eu estava bêbado e fiz um pouco de mim. Eu realmente não bebo com muita frequência. Como você provavelmente poderia dizer.

Coloquei minha faca e garfo no meu prato vazio. —Você se lembra da noite passada?

Ele franziu a testa e suas bochechas estavam rosadas. —Uh, sim. Eu me lembro de tudo.

Então, ele lembrou-se da conversa de 'três semanas até que eu possa te beijar'...

—E eu quis dizer isso— acrescentou. Ele se mexeu um pouco na cadeira e mordeu o lábio inferior. —Eu quero ajudá-lo. Se você me deixar. —Então ele olhou bem nos meus olhos. —E eu quis dizer o que disse sobre as três semanas de espera.— Ele corou um pouco mais, mas não desviou o olhar. *Jesus*. Ele era mais corajoso que eu.

Eu tive que olhar para o meu prato. Em qualquer lugar, menos nele. De repente, o ar na sala pareceu pegar fogo. —Hum, sim, certo.

Ele riu. —Você não precisa responder a essa parte ainda. Você tem três semanas para decidir.

—Agora você está me deixando decidir?— Eu olhei para ele. —Ontem à noite você meio que sugeriu que era um acordo.

Ele bufou. —Bem, eu sei que você quer tanto quanto eu.

—Isso está certo?

—Sim.

—Como você pode ter tanta certeza?

—Porque você ainda está aqui.

—Adormeci.

Ele encolheu os ombros. —E você não me disse que não.— Ele ficou sentado, olhando para mim, esperando que eu dissesse não. Tudo o que eu precisava fazer era dizer a palavra não...

Porra! Não pude. Nem mesmo perto.

Ele sorriu. —Isso foi o que eu pensei.— Ele pegou meu prato e colocou a louça suja na pia. —Eu preciso tomar banho, mas então eu estava pensando que poderíamos carregar sua motocicleta na bagageira do meu carro e eu vou levá-lo de volta para Ten Mile Creek.

—Eu posso andar daqui.

—Eu não quero que você seja pego. Vou levar vinte minutos, no máximo. Nada demais.

Eu fiz uma careta para isso. Foi um grande negócio, pelo menos para mim. Ninguém realmente se esforçou para me ajudar.

—Eu posso deixá-lo na esquina, se você não quiser que seu velho me veja— acrescentou.

Deus, eu nem tinha pensado nisso. —Sim, provavelmente uma boa ideia.

—Ele sabe? Que você é ... que você vai para a sede?

Eu sorri. —Que eu sou gay? De jeito nenhum. Ele tiraria o ar sempre amoroso de mim se descobrisse.

A mandíbula de Noah se apertou, mas ele assentiu. — Então é melhor garantirmos que ele não descubra.

Dei de ombros um ombro. —Não importa. Ele não ficará fora por muito tempo.

—Você parece ter certeza disso.

Eu bufei. —Eu conheço meu velho.

Noah pareceu pensar um pouco sobre isso e, se ele quisesse dizer algo sobre meu pai, ele optou por não. —Eu

vou tomar um banho rápido. Por favor, ainda esteja aqui quando eu sair. Faça outra xícara de chá, se quiser. E talvez me faça outro para estar pronto em cerca de dez minutos. — Ele passou e colocou a mão no meu ombro. Apenas um simples toque que me fez desejar mais.

Mais contato humano. Mais calor, mais qualquer coisa...

—Noah?

Ele parou no corredor. —Sim!

—Obrigado.

—Pelo que?

Por não tirar sarro de mim quando não sabia o que era o leite. Por entender sobre meu pai. Por ser legal comigo. —Para o café da manhã.

Ele sorriu como se soubesse o que eu não disse. —A qualquer momento.

Dez minutos depois, tínhamos a minha motocicleta presa na bagageira do carro de Noah e a tampa da bota

amarrada. —Eu não tenho que levá-lo de volta imediatamente— disse Noah enquanto eu fumava um cigarro. Ele parecia esperançoso e eu gostei mais do que deveria.

—Não, é melhor eu chegar em casa. Verifique se Pops está bem.

Eu estava meio nervoso com a volta para casa com ele. Eu não queria uma palestra de vinte minutos sobre como me qualificar ou andar de motocicleta sem licença. Mas ele nunca mencionou nada disso. Ele falou sobre coisas aleatórias, como a música no rádio e como ele estava encontrando Maitland. Ele me contou sobre seu jogo de futebol e como ele teve que comprar mantimentos mais tarde e lavar mais roupa, toda essa merda chata sobre a qual ninguém realmente falou.

Eu não sabia se ele estava falando tanto para impedir que ficasse estranho entre nós ou se era para não fazer perguntas a ele. Eu realmente não sabia muito sobre ele, e queria saber mais, mas estava com muito medo de perguntar. Talvez ele também soubesse disso.

Pouco antes da saída para Ten Mile Creek, ele apontou para uma enorme faixa 'Vendido' colada sobre uma placa 'À venda'. —Isso não estava lá no outro dia.

—Deve ter sido barato, porque quem diabos quer comprar terras aqui?— Eu me perguntei em voz alta. —É um buraco.

—São quinze minutos da cidade. As minas estão aumentando o aluguel e os preços das casas. Seria mais barato aqui do que na cidade, com certeza. —Ele saiu da estrada principal para Ten Mile Creek. —Você sabe, esta cidade não é tão ruim.

—Você não cresceu aqui.

—...verdade.

—Está morrendo. Não há dinheiro aqui.

Passamos pela garagem do Sr. Barese. Noah assentiu. — Quantos anos você acha que o Sr. Barese manterá a loja aberta? Ele está se dando bem, não está?

—Não sei. Eu realmente não pensei nisso.— Jesus. Por que eu não pensei nisso? Isso me deixaria sem dinheiro, sem renda. Nada. —Ninguém mais me daria um emprego...

—É por isso que precisamos qualificá-lo. E licenciado. —Ele sorriu para mim como se tivesse ganhado o primeiro prêmio em alguma coisa.

Eu não respondi, apenas franzi a testa para o campo pela janela até Noah parar na Davis Road. Ele fez uma

inversão de marcha e desligou o motor. —Você é bom?— ele perguntou.

—Sim! —Saí do carro, fui para a traseira e comecei a desfazer as correias. Juntos, levantamos minha motocicleta e Noah fechou o porta malas.

—Bem, então— ele começou. —Você tem um celular? Eu poderia te dar meu número...

Eu balancei minha cabeça. —Não. Nunca tive necessidade de um.

Ele assentiu devagar e enfiou as mãos nos bolsos traseiros. —Bem, eu não tenho visitas domiciliares esta semana, então depende de você entrar no escritório.

Eu assenti. —Sim, eu sei.

—Em que dias você trabalha?

—Esta semana? Segunda, quarta e sexta-feira.

—Eu acho que você deve chegar na quinta-feira, sim?

Eu assenti novamente. Ele sabia muito bem quando eu deveria chegar. —Sim!

—Está bem então. Ele voltou para a porta do motorista e a abriu. —Se você precisar... não estar aqui — ele apontou o polegar para a minha casa — você sabe onde eu moro.

Antes que eu pudesse responder, ele entrou, ligou o carro e foi embora. Passei uma perna por cima da minha motocicleta e a chutei. O rugido alto me fez sorrir, e eu ainda estava sorrindo quando entrei em minha casa.

Até meu pai dar uma olhada em mim. —Onde diabos você esteve?

E assim foram os pensamentos felizes de Noah e o tempo feliz que passei com ele, e minha realidade voltou à terra com um estrondo retumbante.



9 - Noah

Eu gastei muitas horas pensando em CJ Davis. Pensei nele quando limpei minha casa. Pensei nele quando estava no meu carro. Pensei nele quando estava no chuveiro, quando estava na minha cama à noite.

Eu coloquei minhas cartas na mesa com ele. Eu disse a ele que queria esperar até não termos mais um relacionamento profissional, para que pudéssemos encontrar um relacionamento pessoal... um físico.

E, caramba, eu o queria de uma maneira muito física.

Foi fácil o suficiente contar com a barriga cheia de bravata de bourbon. Eu coloquei minha mão em seu pescoço, sentindo a força de sua mandíbula, e foram necessárias todas as células de autocontrole para não beijá-lo. Mesmo sóbrio, admiti lembrar o que havia dito. Eu não negaria.

Eu não pude negar.

Havia algo nele que pegou no meu subconsciente, que puxou meu coração. E ele não disse não.

Então, três semanas... nós apenas tivemos que esperar três semanas.

Eu quis dizer o que disse sobre querer ajudá-lo. E eu colocaria isso acima de tudo. Eu queria ajudá-lo a fazer uma vida melhor para si mesmo, e ele precisava saber que era uma prioridade sobre o meu desejo de beijá-lo. Se eu tivesse que escolher um sobre o outro, isso me mataria, mas eu o ajudaria antes que eu arruinasse a chance de uma vida melhor para ele.

Tantas pessoas lhe deram as costas - professores, assistência social, sua família - e eu precisava que ele soubesse que não faria isso. Mesmo se começássemos algo pessoal e não desse certo, eu ainda não desistiria dele.

Eu me entreguei até quinta-feira, quando ele deveria entrar no meu escritório, para descobrir o que diabos eu ia dizer a ele.

Mas não cheguei até quinta-feira. Porque na primeira manhã de terça-feira, eu havia me sentado à minha mesa e tomado meu primeiro gole de café quando Sheryl bateu na minha porta. —Você conseguiu uma consulta com CJ Davis?— Como gerente do escritório, ela o levaria para uma visita de quinta-feira...

Meu coração disparou e tentei não revelar nada. —Ah sim. Foi uma mudança tardia, desculpe. Ele está aqui?

Ela assentiu. —Sim. Você pode terminar o seu café, se quiser. Tenho certeza que ele pode esperar cinco minutos.

—Não, está tudo bem.— Levantei-me e a encontrei na porta. Tínhamos salas de reunião e entrevistas para clientes, mas eu queria manter isso o mais privado possível. —Vou trazê-lo para o meu escritório. Tenho algumas coisas de aprendizado online que quero mostrar a ele.

—Tudo bem— disse ela, obviamente não se importando de qualquer maneira.

Eu a segui até a área de recepção, e lá estava ele. Sentado em uma cadeira, suas longas pernas se abriram na frente dele. Ele usava botas de trabalho, jeans preto, camisa cinza e casaco preto. Meu Deus, ele poderia ser o garoto-propaganda de lindos meninos maus. Eu lutei com um sorriso quando fizemos contato visual, e ele sorriu quando se levantou.

Eu limpei minha garganta. —Ah, vamos nos encontrar hoje no meu escritório— eu disse em benefício de Sheryl.

CJ deu de ombros e me seguiu pelo corredor até o meu escritório. Eu fiquei de lado e fechei a porta atrás dele. Ele se sentou em frente à minha mesa e sorriu para mim quando me sentei.

—Você está no início desta semana. Tudo certo?— Eu perguntei.

Ele assentiu. —Eu estive pensando sobre o que você disse.

—Qual parte?

Ele soltou um suspiro lento e, com uma coragem que eu não pude começar a entender, ele disse: —Quero meu ingresso para a mecânica. E eu quero minha licença. —Ele engoliu em seco. —E eu quero aprender a ler.

Bem, merda.

Depois de um momento de choque, sorri para ele. —Absolutamente. —Mas então eu me perguntava por que a mudança de coração. —Aconteceu alguma coisa?

As sobrancelhas dele se uniram. —Na verdade não. Bem, quando você me deixou em casa... Eu entrei e meu pai começou a gritar porque ele estava sem cigarros, como se fosse minha culpa. E eu meio que percebi que se nada muda, nada muda. Sabe o que eu quero dizer? Como se eu quisesse que as coisas sejam diferentes, preciso torná-las diferentes.

Eu tive que segurar os braços da minha cadeira para não me levantar e abraçá-lo. —Sei exatamente o que você quer dizer.— Eu não conseguia parar o sorriso que se espalhou pelo meu rosto. —Estou realmente empolgado com isso, então obrigado. Não pode ter sido fácil.

Ele encolheu os ombros. — Bem, o que você disse sobre há quanto tempo o Sr. Barese vai se manter também vai

chegar em casa. Se ele fosse fechar a loja amanhã, eu não teria nada.

Eu assenti lentamente. Fiquei feliz que minhas palavras tivessem algum impacto sobre ele, mas eu odiava que ele estivesse fazendo isso por um sentimento de desamparo. Peguei uma caneta e comecei a fazer uma lista. —Ok, então precisamos de um plano. Uma lista de prioridades e o que precisamos para começar. Começarei a entrar em contato com a faculdade comunitária local e ver o que posso fazer sobre o aprendizado anterior reconhecido. Precisamos inscrevê-lo, para que haja alguma papelada, mas eu posso ajudá-lo com isso.

Ele se mexeu na cadeira. —Eu tenho algum dinheiro economizado. Eu estava mantendo isso no caso de Pops precisar de algo médico, mas posso usar isso.

Eu parei. —Deixe-me ver que subsídios posso encontrar. Existem subsídios baseados em iniciativas ou incentivos para pessoas como você.

Ele olhou para mim. —Pessoas como eu?

Deus, ele estava sempre na defensiva. —Sim. Pessoas que estão tentando fazer mudanças em suas vidas. Pessoas que querem melhor para si e suas famílias. Talvez eu consiga cobrir as taxas de inscrição, é o que estou dizendo.

Ele pareceu relaxar um pouco quando percebeu que eu não estava dando um tiro nele. —Oh. OK.

—Olha CJ, eu tenho que te dizer uma coisa.— Aqui não foi nada. —Eu preciso que você saiba que isso não será fácil. Haverá momentos em que você querará parar, e haverá momentos em que você querará arrancar seu cabelo. Mas vai valer a pena. Há um objetivo no final e há uma linha de chegada. Não é para sempre. Mas todos os envolvidos vão querer ajudar. O trabalho deles é ajudar.

Ele se encolheu. Mal, mas eu vi. —Como se fosse seu trabalho ajudar.

—Bem, sim, mas eu quis dizer os professores e administradores do programa. Aquelas pessoas. Mas isso me leva à próxima parte... —Respirei fundo e dei um enorme salto de fé. —Não importa o que aconteça entre nós, isso não afeta ou muda o que acontece com você, ok?

—O que você quer dizer?

—Bem, eu quis dizer o que disse sobre as três semanas.— Eu dei a ele um segundo para entender. Ele fez. — Três semanas e você não está mais nos meus livros, e então se eu encontrar você em um bar uma vez e iniciarmos uma conversa que leva a... outras coisas, então não estamos quebrando nenhuma regra, certo?

Os lábios dele se contraíram. —Certo.

Eu sorri para ele. —Estou feliz por estarmos na mesma página com isso. De qualquer forma, se por qualquer motivo você decidir que eu sou sexy ou bom demais na cama e você acha que prefere se separar, então o nosso contrato de trabalho - qualificando-o e licenciado - não muda. Ou pare, ou o que seja. Você não perde isso se preferir que sejamos apenas amigos, ok?

—Muito bom na cama?— Ele apertou os lábios como se pudesse rir a qualquer momento.

Eu ri e assenti. —Coisas estranhas aconteceram.

—Eu aposto que eles têm.

Nós sentamos lá e nos encaramos, nós dois sorrindo por um momento. —Há quanto tempo você está na cidade?

—Só um pouco. Tenho que pegar algumas coisas. O Sr. Barese me emprestou o carro dele.

Peguei minha caneta e adicionei 'Estradas, serviços marítimos e licença de carro' à lista. —RMS para sua licença de carro também então.

CJ suspirou. —Eu não estou dirigindo por aí sem placas L estúpidas.

—Sim você irá. Eu vou ajudá-lo a aumentar suas horas. Você pode aprender no meu carro.

—No Roller Girl?

—O que há de errado com ela? Ela é um bom carro!

Ele revirou os olhos, mas lutou contra um sorriso.

—Como vai Pops?— Eu perguntei.

—Sim, bom. É um pouco mais difícil para ele ficar fora do caminho do meu velho, mas ele está bem.

—Você acha que seu pai pode encontrar trabalho? Isso o fará sair de casa um pouco.

CJ bufou. —Ele nunca trabalhou um dia em sua vida.

Oh!

—Bem, espero que a poeira baixe em breve e as coisas sejam mais fáceis.

Ele levantou uma sobrancelha, mas não respondeu a isso. Ele soltou um suspiro. —Ele não sabe que eu estou fazendo isso.

—Qualificando-se?

Ele assentiu. —Sim!

—Por que não? O que ele fará quando descobrir?

—Provavelmente ria de mim. Diga-me para parar de pensar que sou melhor do que sou.

Meu estômago apertou. —CJ, não importa o que ele diga, você sabe que isso não é verdade. Você é melhor do que pensa que é. E você merece uma chance disso.

Ele olhou para o colo e, eventualmente, me deu um aceno de cabeça. —Eu quero ser.

Puta merda. Eu queria abraçá-lo novamente. —Você vai acertar isso. Você olha. Você vai passar por tudo e a única coisa que ficará se perguntando é por que você não fez isso antes.

Quando olhou para cima, seus olhos escuros estavam vulneráveis, como se o verdadeiro CJ Davis estivesse exposto dentro deles. —Porque ninguém acreditava em mim até agora.

De repente, senti um nó na garganta e meus olhos ardiam. Porra! —Eles devem ter sido cegos.

Ele deu de ombros e parecia que nosso tempo de conversa estava terminado. —Então, o que eu faço agora?

—Você pode voltar hoje? Em mais ou menos uma hora? Sempre que você termina de fazer o que quer que seja, você veio à cidade. Eu deveria ter nossa lista completa pronta até então.

—Sim, ok.— Ele se levantou e caminhou até a porta.

—CJ?

Ele parou, virou-se e esperou que eu falasse.

—Obrigado.

Ele assentiu e abriu a porta.

—E não seja pego pela polícia.

Ele sorriu e desapareceu no corredor.

Joguei minha caneta na mesa e me recostei na cadeira. Sheryl apareceu um momento depois. —Tudo certo?

Eu estava sorrindo. —Ele concordou em um aprendizado.— Eu deixei de fora a parte em que ele não tinha uma licença, caso ela o visse indo embora. —E para obter ajuda com leitura e escrita.

O sorriso dela combinava com o meu. —Um bom começo para o dia!

—O melhor.

Na hora em que CJ voltou ao meu escritório, eu tinha uma lista completa das coisas que precisávamos fazer. E era uma longa lista.

Ele sentou na minha mesa novamente, cheirando a hortelã e cigarros. Uma mistura que eu estava começando a gostar. —Você já almoçou?

—Não. Vou pegar alguma coisa quando chegar em casa.

—Ok, então eu fiz alguns progressos— comecei, tocando o bloco de notas na minha frente.—Parece um pouco assustador, mas prometo que não é tão ruim.

Ele não olhou para a lista. Ele olhou para mim e ofereceu um sarcástico, —Ótimo.

—Você tem uma certidão de nascimento?

Ele coçou a cabeça. —Sim, acho que sim. Algum lugar. Acho que Pops escondeu em algum lugar.

—Bem, precisamos disso para obter um cartão de identificação com foto no RMS. Isso ajudará ao obter suas licenças. Ah, e precisaremos de uma conta de luz, como energia ou telefone. Com seu nome e endereço.

—OK.

—Vou levá-lo ao RMS e podemos fazer isso a qualquer momento. Não se preocupe. Você precisará assinar seu próprio nome, mas é isso.

—Eu posso assinar meu próprio nome.

Eu ignorei o tom dele. —Então podemos solicitar a licença de motociclista. Há duas sessões de três horas e meia com um instrutor, aqui na cidade. É basicamente apenas para ver se você pode andar e obedecer às regras da estrada. Você vai passar por isso, não há problema.

Ele assentiu.

—Então há um teste. Ele estará no escritório do RMS, em um computador onde você responderá a perguntas aleatórias. Você pode ter um ajudante ou tradutor, alguém do escritório que lerá a pergunta e responderá apenas o que você disser. Eles não respondem por você, apenas leem as perguntas e você diz a resposta.

Ele soltou um suspiro profundo.

—Você terá seus L's por três meses, mas poderá andar sozinho nas ruas públicas. Então você pode se sentar para o teste provisório. É mais um teste de habilidades de seis horas, depois outro teste de computador onde você pode ter o assistente novamente.

Ele piscou.

—Agora, para a carteira de motorista de um carro, é um pouco diferente. É seu aniversário em quatro meses, certo? —A data de nascimento dele estava em seus arquivos, então eu sabia que era em outubro.

—Ah sim? Assim?

—Se você se candidatar a uma carteira de motorista com idade superior a 25 anos, não precisará fazer as 120 horas e os doze meses de seus estudos. O teste é um pouco diferente, mas eu posso ajudá-lo a estudar e, em quatro meses, você vai acertar.

Ele estufou as bochechas e exalou lentamente.

—Eu sei que é muito para absorver e é meio assustador. Mas vamos lidar com todos, um de cada vez, e você ficará bem.

Ele engoliu em seco. —E o aprendizado?

—Bem, falei com o chefe do departamento automotivo da TAFE local. O ano já começou; eles estão na metade do caminho. Mas, se você se inscrever em meio período, poderá ingressar em qualquer época do ano. E, como eu acho que você se qualificará para um aprendizado anterior reconhecido, você o fará até o final do ano.

Ele estava começando a parecer um pouco sobrecarregado.

—A desvantagem é que as taxas são o valor total, independentemente de você levar três anos ou seis meses. E são 2.900 dólares.

A cor sumiu de seu rosto.

—Mas ...— Eu levantei minha mão. —Há um escritório na cidade chamado Suporte para Aprendizes Adultos Australianos, e eu solicitei uma reunião com eles porque eles administram subsídios e vão me ligar de volta. Não posso garantir uma isenção total de taxas, mas farei o meu melhor.

CJ lambeu os lábios e recostou-se na cadeira. Ele já parecia derrotado. —Eu não posso pagar esse tipo de dinheiro.

—Eu sei. Nós vamos trabalhar em algo. Cada TAFE também possui um programa de pagamento, portanto, temos opções. Vamos apenas ver o que o escritório de suporte diz. Quero me encontrar com eles pessoalmente para que eu possa defender seu caso, em vez de apenas um telefonema.

Ele ficou quieto por um minuto. —É muito para absorver.

—Isto é. Mas como eu disse, uma coisa de cada vez. Não existe um ditado sobre como o Everest foi conquistado dando um passo de cada vez?

Ele bufou. —Como diabos eu saberia?

Eu ri disso. —Mas você ainda está interessado, sim? Nós vamos fazer isso?

—Nós. —Ele inclinou a cabeça. —Você quer dizer eu?

—Bem, sim. Mas eu ajudo você.

Ele soltou um suspiro todo-poderoso e sua cabeça caiu para trás. —Deus, eu não sei.

—Uma coisa de cada vez, CJ. Você não precisa concordar com tudo agora. Basta dizer que você receberá sua licença de piloto primeiro. Então eu sei que você não será pego por isso.

Ele me deu um grunhido antes de suspirar. —E a leitura?

—Existem algumas opções. O melhor, acho, é ter um tutor uma vez por semana. Você pode encontrá-los aqui, não em casa, por uma hora por semana.

Ele fez uma careta.

—Ou você pode sentar na sala de aula com outras dez pessoas. Ou você pode fazer tudo online.

O cenho dele se aprofundou. —Todas essas opções são péssimas.

—Eu sei. Mas acho que uma aula particular de tutor seria mais adequada para você. É individual, e ninguém precisa saber. Eles provavelmente vão lhe dar algum dever de casa, mas ...

—Dever de casa?

—Bem, sim.

CJ suspirou. —Jesus Cristo.

—Se você se inscrever enquanto estiver em liberdade condicional, é grátis. Se você esperar três semanas, terá que pagar.

Ele olhou para mim como se tudo fosse minha culpa e como se estivesse prestes a dizer que era tudo muito difícil. Eu empurrei meu assento para fora da minha mesa. —Você está com fome? Estou faminto. Vamos almoçar. —Eu realmente não lhe dei uma escolha. Apenas abri minha porta e esperei que ele se juntasse a mim. Havia um café no quarteirão seguinte, e imaginei que o ar fresco e o tempo de caminhada seriam um bom amortecedor.

A caminhada foi curta e eu não me importei com o silêncio entre nós. Eu tinha lhe dado muito em que pensar. Ele enfiou as mãos nos bolsos e meio que se curvou enquanto caminhávamos, mantendo a cabeça baixa. Imaginei que ele estivesse se tornando o mais invisível possível e realmente me incomodou que esse fosse o padrão dele. Eu preferia que ele mantivesse a cabeça erguida para que o mundo pudesse ver que cara legal ele era. Que ele superaria o tipo de adversidade e merda que as pessoas raramente sobreviviam. Que, contra tudo o que a vida lhe lançara, ele ainda estava se esforçando para melhorar.

Muitas pessoas não podem admitir isso.

Eu segurei a porta aberta para ele. —Depois de você.—
Ele revirou os olhos, mas quase sorriu, mas quando chegamos ao balcão, ele se afastou. —É o meu grito. Escolha o que quiser.

Então me ocorreu que ele não podia ler o menu. Deus, eu era tão idiota.

No entanto, a geladeira da tela tinha uma variedade de sanduíches pré-fabricados, então tentei cobrir o meu pasto. —Estes parecem bem. Tem algo que você não come? Não é alérgico a alguma coisa?

—Hum... nah, não alérgico a nada. Eu não estou com tanta fome...

Ele disse que não tinha almoçado, então eu não acreditei nele. —Deixe-me comprar seu almoço. É apenas um sanduíche. Então podemos conversar sobre onde você deseja começar nessa lista. —Apontei de volta para os sanduíches. —Tem presunto, queijo e tomate? Ou frango, mostarda e queijo?

Sua resposta foi calma. —Presunto. Obrigado.

Pedi um presunto, um sanduíche de frango e dois cafés, e nos sentamos à mesa. Ele estava quieto enquanto comíamos, e me perguntei se o havia pressionado demais. Eu sabia que era muito para absorver, e ele provavelmente estava tão impressionado agora.

Bati seu pé com o meu, fazendo-o olhar para mim. — Desculpe se eu joguei você no fundo do poço antes. Eu sei que você provavelmente está pensando que é demais, mas eu prometo que você ficará bem.

—Como você sabe?— Ele balançou sua cabeça. —E se você configurar todas essas coisas para mim e eu falhar?

—Você não falhará. Não será fácil, mas você conseguirá superar isso. Você é esperto, CJ. Não deixe ninguém lhe dizer o contrário.

Ele revirou os olhos e murmurou: — Eu nem terminei a sétima série. Eles queriam me colocar em alguma aula especial de aprendizado porque eu não sabia ler muito bem, então eu paguei. Pops tentou me ajudar um pouco, porém, mas era mais fácil trabalhar com minhas mãos. Consertar carros é fácil. Não preciso ler muito e, quando o faço, o senhor Barese me ajuda.

—Muitas pessoas não sabem ler nem escrever muito bem, CJ. Muito. Não é nada para se envergonhar. O fato de você estar onde está é uma prova de como você é inteligente. E corajoso.

—Bravo?— Ele riu disso. —Okay, certo.

—Inferno sim, corajoso. Não consigo nem imaginar entrar em uma loja ou supermercado e não conseguir

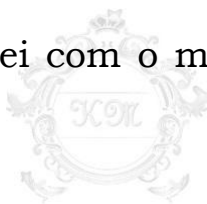
distinguir a diferença entre creme dental e creme para hemorróidas.

Ele finalmente rompeu com um sorriso genuíno. —Não posso dizer que já tive esse problema.

—Estou feliz. Porque já seria ruim provar o creme de bunda, mas aplicar creme dental em uma bunda já dolorida seria um inferno.

Ele riu de novo, depois se inclinou e sussurrou: — Consegui alguns preservativos cravejados por engano uma vez. Isso foi interessante.

Eu quase engasguei com o meu café. —Eu aposto que foi.



Ele levou o café aos lábios. —A segunda vez que os recebi não foi por engano.

Eu ri tão alto que as pessoas olhavam para mim. Mas notei que sua xícara já estava vazia, então terminei meu café e me levantei. —Vamos lá, é melhor eu voltar ao trabalho.

Assim que saímos, ele parou para acender um cigarro. Eu ia dar um tiro nele, mas achei que tínhamos feito um bom terreno e não queria terminar com uma nota amarga.

Ele deu uma longa tragada e soprou para o céu. — Nenhum comentário antifumo hoje?

—Achei que eu salvaria. Deixe que você aproveite seu cigarro que causa câncer e obstrui as artérias em paz.

Um canto do lábio se curvou em um sorriso; seu silêncio foi feliz. Começamos a caminhada de volta ao meu escritório, mas mais devagar desta vez. Menos apressado, como nenhum de nós queria que nosso tempo juntos terminasse.

—Então, você não está trabalhando quinta-feira, certo?

—Sim! Por quê?

—Bem, que tal eu buscá-lo e começamos essa lista. Para começar, um cartão de identificação com foto e alguns formulários de solicitação de licença de piloto, podemos pegar o livreto de regras de trânsito e reservá-lo para o próximo curso de piloto.

Ele soprou fumaça pelo nariz e olhou para mim. —
Hmm.

—Eu posso buscá-lo na loja do Sr. Barese, se você não quiser que seu velho saiba.

Ele apertou os olhos e deu outra tragada no cigarro.

Eu quase o tive.

—Apenas traga sua certidão de nascimento, se puder encontrá-la. E uma conta de energia ou telefone. Diga, dez horas?

Paramos na porta da frente do meu trabalho. —Você não vai me deixar sair disso, vai?

—Bem, a escolha é sua...

Ele revirou os olhos e começou a caminhar em direção ao carro do Sr. Barese. Ele abriu a porta e, pouco antes de entrar, gritou: —Dez horas.

Meu coração fez alguma coisa estúpida de pular e sorri como um tolo. E, embora eu não tivesse cem por cento de certeza, enquanto CJ se afastava, parecia que ele estava sorrindo também.

10 - *CJ*

Quando eu puxei o carro do Sr. Barese, na frente da casa, pensei em contar ao meu velho o que estava inscrevendo. Talvez tenha sido minha empolgação, ou talvez tenha sido uma ilusão, mas pensei por um minuto que ele poderia estar feliz por mim. Ou até orgulhoso.

Eu deveria saber melhor.

Coloquei as três sacolas de compras na mesa da cozinha e ele as pegou, vasculhando-as. —Porra demorou bastante tempo.— Ele encontrou seus cigarros e voltou para a sala, sentou sua bunda sem valor na cadeira e acendeu uma fumaça.

Não, obrigado, não há nada.

Pops entrou na cozinha e colocou a mão no meu braço. —Você é um bom rapaz— disse ele calmamente. Ele parecia um pouco mais ofegante que o normal.

—Você está bem?— Eu perguntei enquanto pegava latas de feijão e tomate.

—Sim eu estou bem.— Ele estava chiando mais, então ele não estava bem.

Suspirei e deixei minha cabeça cair pesada. —Pai— eu gritei. —Você pode não fumar em casa? Eu te disse, isso faz Pops pior.

Sua resposta foi curta e com raiva. —Você está me dizendo o que fazer de novo, garoto?

Pops balançou a cabeça, silenciosamente me dizendo para não responder. Cerrei os dentes e mordi a língua. —Está tudo bem— Pops sussurrou.

—Não está tudo bem— eu respondi tão baixo. Não havia sentido em discutir, nós dois sabíamos que não estava tudo bem, mas nós também sabíamos como era o meu velho. Eu teria melhor sorte tentando conseguir uma parede de tijolos para ouvir. Guardei as poucas compras e enchi a chaleira com água. —Eu vou fazer um chá para você— eu disse, assumindo que ele não tinha almoçado. —Quer um pouco de feijão na torrada?

Pops se sentou à mesa e me deu um sorriso. —Obrigado, CJ.

Eu preparei o almoço dele e, quando o sentei na frente dele, ele cobriu minha mão com a dele. Sua pele estava macia e fria ao toque. —Eu aprecio tudo o que você faz por mim— disse ele.

Seu reconhecimento me fez sorrir. —Eu sei que você faz.— Enfiei as chaves do Sr. Barese no meu bolso. — Vou acender o fogo e levar o carro do senhor Barese de volta. Vou voltar para casa, então pode demorar um pouco.

—OK.

Ele começou a almoçar, então eu me inclinei e sussurrei: —Quando ele não estiver aqui, vou lhe contar sobre o que estou me inscrevendo.

Ele nunca falou, mas seus olhos fizeram todas as perguntas.

—Está tudo bem, eu prometo. Vamos fazer uma vida melhor para você e eu. Apenas assista.

Seus olhos estavam cheios de lágrimas e orgulho, e ele assentiu. Dei um tapinha no ombro dele, coloquei mais lenha no fogo e, sem dizer uma palavra ao meu pai, saí.

Barese estava no escritório dele quando cheguei. — Mais uma vez obrigado pelo empréstimo do seu carro.

Ele me deu seu sorriso caloroso de sempre. —Sem problemas.

—Então— comecei o mais casualmente possível. —Eu estava falando com Noah, meu oficial de condicional, sobre me qualificar.

Os olhos do Sr. Barese se iluminaram. —O que você acha? Uma boa ideia, sim?

Eu balancei a cabeça e comecei a sorrir. —Sim!

Barese bateu palmas. —Excelente!

—Ele vai ver se eu posso passar mais cedo porque faço isso há anos, mas ele disse que vai me ajudar.

—Ele é diferente do último, não é? O último cara não se importou, mas esse novo é um cara legal, não é?

—Sim, acho que sim.— Eu podia sentir minhas bochechas esquentarem, mas o Sr. Barese não pareceu notar. Graças a Deus. —Ele também vai me ajudar a obter minha licença e minha leitura.

O Sr. Barese colocou a mão na bochecha e, por um segundo, pensei que ele iria chorar. —Estou tão orgulhoso de você— disse ele, todo emotivo. Então ele me deu um de seus abraços italianos.

Isso me fez sentir muito bem em fazê-lo se orgulhar de mim, e Pops também. Os dois eram melhores pais para mim do que meu próprio velho jamais poderia ser, e doeu um

pouco de conhecimento, se eu dissesse ao meu pai o que estava fazendo, ele ria ou me fazia desistir.

—Mas meu pai não pode saber— eu disse. —Não vale a pena o aborrecimento.

O rosto do Sr. Barese caiu e ele assentiu. Ele entendeu. —Ele não vai ouvir isso de mim. Você só me avisa se precisar de algo assinado ou ajudar com algum documento. —Ele apontou para o próprio peito. —Eu os arrumo para você.

—Obrigado.

—Vejo você amanhã cedo, claro?

Eu assenti. —Eu posso me abrir para você, se você quiser?

—Sim, ok, obrigado.

—Temos algo reservado?

—Não.

—Então leve a senhora Barese para o chá da manhã. Tenho certeza que ela vai gostar disso. Eu posso lidar com isso aqui.

Ele se animou. —Oh, ela gostaria disso.

—E se ficar quieto à tarde, você pode cuidar da loja e eu posso ver se o seu gramado precisa ser cortado. Qualquer corte de árvore que você precise fazer antes de fortes geadas, é só me avisar.

—Você é um bom garoto.

Eu dei um sorriso e uma saudação a ele quando saí e fui em direção aos trilhos da ferrovia para a caminhada para casa. Parei para acender um cigarro e desfrutei de paz e sossego antes de voltar a enfrentar o que outras brigas de merda meu pai poderia lançar em mim.



Na quinta-feira, eu estava mais animado do que provavelmente deveria estar. *E nervoso*. E eu estava suando e pedindo para meu velho estar dormindo. Cheguei em casa muito tarde do trabalho na noite anterior, cozinhei o jantar enquanto ele sentava sua bunda preguiçosa na cadeira e esperava que fosse colocado na frente dele. Ele tomou algumas cervejas, então eu esperava que ele não acordasse cedo demais. Eu precisava falar com Pops sem o pai estar por perto.

Fervi a chaleira para o chá de Pops e comecei a fazer o mingau, e pude ouvi-lo antes de vê-lo. Sua respiração ofegante o denunciou. —Bom dia.

—Você acordou cedo— disse ele. —Eu posso te ajudar com alguma coisa?

Toda manhã ele perguntava e toda manhã eu dizia que não, mas não hoje. —Na verdade, há algo.

Ele se apoiou na mesa e esperou.

—Eu preciso da minha certidão de nascimento.

—Pelo que?

—Estou indo para a cidade hoje, e preciso disso para que eu possa colocar alguns papéis em ordem.— Eu ainda podia ouvir que meu pai estava roncando, então não precisei falar muito baixo. —Preciso do certificado para obter uma identificação com foto. Vou tentar na minha licença de motocicleta e vou me qualificar como mecânico.

Todo o seu rosto se iluminou. —Você vai?

—Sim.— Mexi a aveia no fogão. —Noah acha que posso me qualificar cedo por causa de algum conhecimento prévio. Ele vai me ajudar. Mas não posso fazer isso sem identificação com foto.

Escusado será dizer que meu pai não seria informado. —Eu posso pegá-lo bem rápido.— Pops arrastaram-se para fora da porta.

Se houvesse alguma coisa nas últimas semanas, meu pai não ficaria fora da cama por mais uma ou duas horas, mas eu não queria arriscar. —Obrigado.

Quando coloquei duas tigelas de mingau, Pops voltou com um pedaço de papel velho, azul e desbotado. Estava dobrado pelo que pareciam anos. Pops abriu, deu uma rápida olhada e depois me entregou. Não que houvesse muito sentido. Havia um emblema do governo australiano e eu podia ler meu nome, mas não muito mais. Eu rapidamente dobrei novamente e enfiei no bolso do paletó. —Obrigado.

Depois que tomamos o café da manhã e papai se levantou, tomei banho e me ocupei do lado de fora antes de dizer a ele que o Sr. Barese precisava que eu ajudasse um pouco. Eu acrescentei que talvez eu precisasse ir para a cidade se ele precisasse, mas sem mais detalhes, fui embora.

Noah tinha dito dez horas e cheguei um pouco mais cedo, mas ele já estava lá. Ele e o Sr. Barese estavam conversando e sorrindo, e ambos sorriram quando me viram. —Desculpe, pensei que você tivesse dito dez horas.

Noah olhou para o relógio. —Sim eu fiz.— Estou aqui há dois minutos. —Então ele me olhou de cima a baixo de uma maneira que me fez esquentar todo. —Conseguiu tudo?

—Sim!

—Bem, vamos embora— ele disse e apertou a mão do Sr. Barese.

Então eu disse a ele: —Eu disse ao meu pai que estava ajudando você hoje. Disse que talvez eu precisasse ir à cidade, então, se ele ligar, o que duvido que sim, basta dizer a ele que estou procurando algo para você.

Ele me dispensou. —Não se preocupe.

Eu odiava envolvê-lo, mas realmente não tinha escolha.

Assim que entramos no carro, Noah apertou o cinto de segurança e ligou o motor. —Você parece muito bem hoje.

Eu congelo. —O que?

Ele sorriu e nos levou para fora da cidade. —Eu disse que você está muito bem hoje. Amei a jaqueta.

Era o meu habitual couro preto que eu havia marcado em uma loja de caridade na cidade. E eu estava vestindo jeans preto e minhas botas de trabalho. Não era algo que ele já não tinha me visto usar. E não era tão bom quanto as roupas dele. —Eu uso isso o tempo todo.

Ele sorriu. —Eu sei. Você parece bem todos os dias.

Eu o ignorei e a maneira como meu rosto estava todo quente. —Você terminou de brincar?

—Estou sendo honesto.— Ele deu de ombros, mas parecia genuíno o suficiente. —Você trouxe os papéis que eu pedi para você trazer?

—Sim! —Tirei os dois papéis dobrados do bolso do paletó. —Conta de telefone e certidão de nascimento.

—Excelente.

—Para onde vamos primeiro?

—RMS. Identificação com foto e pedido de licença de piloto, tudo em um.

Soltei um suspiro nervoso. —Certo então.

Ele me deu um sorriso. —Você vai ficar bem. A identificação com foto será fácil. E estamos apenas pegando os formulários de inscrição e reservando a licença de piloto. Você não precisa realmente fazer nada hoje.

—Oh!— O nó no meu estômago cedeu um pouco.

—Não se estresse com nada disso. Estarei com você o tempo todo.

—Você pode tirar um dia de folga para fazer essa merda?

—Essa merda, como você diz, é o meu trabalho. Faz parte do meu trabalho ajudá-lo. —Então ele deve ter percebido como isso soou. —Eu não estou apenas fazendo

isso porque é o meu trabalho. Eu quero te ajudar. E como eu disse, mesmo que não o façamos... acontecer... então ainda estou ajudando você.

—Eu sabia o que você quis dizer.— Eu não queria sorrir tanto ao redor dele, mas não conseguia me conter. — Mais três semanas, hein?

—Tecnicamente, agora são duas horas e meia.

Revirei os olhos, mas sim, aquele maldito sorriso contra o qual lutei simplesmente não iria parar.

Quando ele chegou ao RMS, havia quiosques de máquinas que cuspiram ingressos para o departamento certo. Noah apertou alguns botões e pegou nosso ingresso com um número. Havia muita gente sentada e esperando, mas Noah deu a volta e pegou alguns panfletos, brochuras, papéis e outras coisas.

Havia um balcão com canetas e Noah acenou com a cabeça. —Venha aqui.— Ele pegou um formulário primeiro. —Ok, este é o formulário de identificação com foto. Então, nome completo... —Ele foi e preencheu todo o formulário para mim. Acabei de responder o que precisava e entreguei a conta telefônica e minha certidão de nascimento.

Curiosamente, eu estava bem com números. Eu era péssimo em matemática, mas conseguia identificar números com bastante facilidade, como números de telefone e

datas. Eu aprendi a usar a máquina EFTPOS¹³ na loja porque o Sr. Barese me ensinou. Eu poderia digitar valores em dólares e pressionar o botão verde para sim ou o vermelho para cancelar. Eu não estava com medo de tentar coisas novas, mas as palavras eram diferentes. Eles tinham formas diferentes e a mesma palavra significava coisas diferentes e, às vezes, a mesma palavra era escrita diferente. Eu poderia identificar letras individualmente, como a, b, e c, mas colocá-los todos juntos em uma página cheia de palavras e foi demais para processar.

Como o formulário que Noah preencheu.

Ele nunca me fez sentir estúpido. Ele acabou de fazer cada pergunta e anotou as respostas sem problemas. Quando ele terminou, ele deslizou na minha frente. —Assine aqui— ele apontou para a caixa na parte inferior.

Peguei a caneta e assinei meu nome. Não foi perfeito, e Noah fingiu não perceber como minha mão tremia um pouco. Quando terminei, ele levantou um dos livretos que havia colecionado. —Livro de licença do piloto.

Eu percebi isso na foto do cara em uma moto na frente, mas não disse isso. Eu peguei e folheei as páginas. Muitas páginas, muita escrita. —Ótimo.

¹³ O EFTPOS (Transferência eletrônica de fundos no ponto de venda) é uma tecnologia que possibilita aos varejistas receber diretamente fundos da conta bancária de um cliente via cartão de débito.

Noah cutucou meu cotovelo com o dele. —Eu disse que iria ajudá-lo— ele sussurrou.

—Com o livro inteiro?

—Sim.

—Como?

Ele sorriu. —O que você vai fazer neste fim de semana?

Eu bufei. —Aprender regras de trânsito para motos, aparentemente.

Nosso número apareceu na tela com a qual contador ir, e Noah liderou o caminho. A senhora atrás da tela olhou inexpressivamente para nós. —Precisamos de uma identificação com foto— disse Noah, deslizando o formulário.

Ela fez algumas perguntas, rabiscou algo no formulário e assinalou algumas coisas. Ela pediu minha certidão de nascimento, então eu a entreguei. Depois, como prova de endereço, eu lhe dei a conta do telefone. Eu tive que assinar meu nome novamente e ficar na frente de uma tela. Ela tirou minha foto e, dois minutos depois, eu tinha identificação com foto legal.

E a mulher não tinha ideia de que não sabia ler nem escrever muito bem. Não que eu precisasse ser alfabetizado para obter identificação, mas ainda assim me senti muito

bem. Como se fosse uma conquista. E eu não tinha tido muitos desses.

Precisávamos conseguir um novo ingresso para fazer a reserva da carteira de motorista, então nos sentamos nas cadeiras de espera e, bem, esperamos. Estudei o pequeno cartão de plástico na minha mão. A foto era uma porcaria, mas era eu, com meu nome, endereço e data de nascimento.

Clinton James Davis.

Davis Road.

Ten Mile Creek.

Havia escrita na parte superior em azul e tentei soletrar na minha cabeça.

NSW.

Bem, isso é fácil. Representava New South Wales. Eu sabia disso.

A palavra seguinte começou com p, depois r, oo e v. P-rrrr-oooo-vv. *Prova!* O resto ficou mais fácil, não apenas porque as palavras eram menores, mas eu já tinha ouvido Noah dizer isso antes. Prova de idade. Cartão de Prova de Idade NSW.

Olhei para Noah e o encontrei sorrindo para mim. — Cartão de prova de idade— eu disse.

Seu sorriso se tornou um sorriso cheio. —Claro que é.

—Isso vai me fazer parecer idiota, mas nunca tive nada assim. Parece...Eu não sei... —Eu terminei com um encolher de ombros.

—Validando?— Ele ofereceu.

—Sim. Eu me sinto validado. Foi exatamente assim que me senti.

As sobrancelhas dele se franziram. —Você tem uma conta bancária?

—Não. O Sr. Barese me dá dinheiro. Eu nunca tive uma conta bancária. Nunca precisei de um.

Ele recostou-se na cadeira. —Vou adicioná-lo à lista.

—Eu não quero nenhum banco cobrando taxas e coisas assim.

—Como você recebe subsídios do governo?

—O que?

—Subsídios do governo? Como pagamentos de assistência social ou pagamentos de cuidador?

—Eu não entendo nada disso.

Noah piscou. —Você é cuidador em tempo integral de Pops. Você deveria estar recebendo subsídios para isso. Para você e para os medicamentos dele.

Eu balancei minha cabeça. —Eu não preciso da ajuda do governo.

Ele franziu a testa para mim e estava prestes a dizer outra coisa quando nosso número apareceu na tela. Era um cara dessa vez, e Noah deu a ele um sorriso alegre. —Eu gostaria de reservar para o curso de pilotos.

—Seu nome?

—Oh, não é para mim— disse Noah, ficando de lado.

Eu dei um passo à frente. —É para mim.

Se o cara parecesse mais desinteressado, estaria morto. —Não pode falar por si mesmo?

Eu olhei para ele. —Sim, e você quer saber o que mais eu posso ...

Noah me bateu com o joelho e interrompeu. —Ele só precisa se inscrever para o próximo curso de licença de piloto. Por favor.— Ele sorriu docemente para o traseiro atrás do balcão, depois me lançou um olhar.

O cara olhou para mim enquanto ele tocava no teclado, depois olhou para mim quando ele cobrou sessenta e cinco

dólares. Ele olhou para mim quando eu paguei em dinheiro, e ele olhou para mim quando ele me entregou a impressão.

—Não, obrigado— eu disse quando ele não o fez.

O idiota olhou para Noah. —Dois cursos de fim de semana, primeira sessão no próximo sábado no estacionamento do colégio. Nove da manhã

—Obrigado— disse Noah e me empurrou em direção à porta.

Assim que saímos, peguei meus cigarros. —Qual foi o problema dele?— Eu não esperei por uma resposta. Acendi uma fumaça e respirei fundo. —Como um idiota assim consegue um emprego? Você viu como ele olhou para mim?

Noah, aparentemente, encontrou algo engraçado. —Ele está no atendimento ao cliente. O que você espera?

—Atendimento ao cliente? Algumas maneiras. talvez.

—Não deixe que pessoas assim o incomodem.

Dei uma tragada e apontei de volta para a porta. —Se eu tratasse os clientes do Sr. Barese assim, não teria emprego.

—Bem, você provavelmente faria. O Sr. Barese te ama.

Isso me parou, como uma parede de tijolos. Pisquei algumas vezes e sacudi.

—O que?— ele perguntou. —Você age como se fosse o primeiro.

Engoli em seco e olhei para a extremidade acesa do meu cigarro por um longo segundo. —É a primeira vez.

Eu não conseguia olhar para ele, mas podia sentir seus olhos queimando no lado da minha cabeça. Eu podia ouvi-lo respirar e ele parecia estar mais perto. —CJ— ele sussurrou.

Enfiei o cigarro entre meus lábios. —Nada demais.

—É um grande negócio. Eu sinto Muito.

Eu olhei para ele então. —O que você sente muito?

—Alguém deveria ter dito isso para você antes agora. Todos na sua vida deveriam ter lhe dito isso.

Dei de ombros. Sim, bem. Nem todos crescemos com o Brady Bunch¹⁴.

—Não, nós não fizemos— ele murmurou. —Desculpa.

Querendo largar o assunto, dei uma longa tragada no meu cigarro e perguntei: —Então, você já está me dirigindo de volta?

Ele me lançou um olhar surpreso. —Não, eu não ia. Quando você precisa voltar?

¹⁴ The Brady Bunch foi uma sitcom estadunidense criada por Sherwood Schwartz e exibida originalmente entre 26 de Setembro de 1969 e 8 de Março de 1974 pela ABC. A história girava em torno de uma grande família com seis filhos.

—Por três ou quatro, o mais tardar, eu acho.

Ele olhou o relógio. —Muito tempo.

—Para quê?

—Termine o seu cigarro e eu vou te mostrar.

Normalmente essa merda me irritaria, mas com seu meio sorriso e apertando os olhos sob o sol, eu não pude deixar de sorrir. Ele foi para o carro e eu o segui, jogando meu cigarro na sarjeta.

Ele parou para me encarar. —Se você terminar de jogar lixo, eu não posso ajudá-lo.— Eu rosnei para ele, e ele riu. — O que? Não, 'foda-se' hoje?

—Eu estava guardando para quando você me disse para parar de fumar.

Ele bufou uma risada. —Basta entrar no carro.

Dirigimos um pouco e então percebi que não tinha ideia de para onde estávamos indo. —Ah, você vai me dizer onde está me levando?

—Tenho que imprimir algumas coisas no trabalho, para que possamos almoçar. Como isso soa?

—Enquanto você estiver no relógio?

—Eu estou autorizado a comer. E eu estou ajudando você.

—Oh, está certo. Eu trabalho para você.— Eu lutei com um sorriso. —Por mais duas semanas e meia.

Ele sorriu com isso. —É bom saber que você está em contagem regressiva também.

—Eu não estava ... Você me disse o que era. E de qualquer maneira — eu disse, erguendo uma sobrancelha — o que exatamente você planeja fazer em duas semanas e meia.

Ele puxou o carro para a garagem no seu trabalho. Ele examinou a coisa do cartão para fazer o portão subir. —Eu vou te beijar primeiro.

—Você vai?

Ele me olhou bem nos olhos. Nem sequer vacilou. — Sim.

Meu estômago se amarrou em nós. —Bem, teremos que ver isso. Quem disse que eu vou deixar você?

Ele apenas olhou diretamente para mim. —Você vai me deixar. Em duas semanas e meia, tenho certeza de que você estará me implorando.

De repente, estava muito quente no carro.

—Você está bem aí?— Ele era todo presunçoso e sexy quando estacionou no estacionamento. Ele me deu uma olhada novamente. —Parecendo um pouco corado.

—Foda-se.

—Aí está! E nem precisei dizer para você parar de fumar. —Eu rosnei para ele, e ele apenas sorriu. —E CJ?

—Sim!

—Você não deveria fumar. Faz mal a saúde.

—Foda-se.

Ele riu. —Você vem ou vai esperar no carro?

Eu considerei minhas opções. Fique impressionado com todos os funcionários do governo no prédio ou fique no carro. —Eu ficarei aqui.

—Ok, não vai demorar.

Ele saiu e me deixou em paz. Em um carro do governo com as chaves ainda nele. Gostaria de saber se ele poderia perder o emprego por isso. Eu era um filho de drogado, afinal.

Peguei minha nova identificação com foto e olhei novamente. Enfiei-o na minha carteira, nos slots para cartões, que eu nunca tinha nenhum cartão para colocar antes. Eu verifiquei novamente quanto dinheiro me restava, tendo tempo para contar. Eu não gostava de contar dinheiro

na frente das pessoas. Eu não era particularmente rápido nisso, mas eu gostava de mantê-lo em ordem e garantir que as pessoas não me enganassem. Com o dinheiro que o Sr. Barese me pagou, comprei alguns cigarros para mim e papai, cerveja para papai, comprei mantimentos e peguei algum dinheiro do meu estoque para pagar hoje. Então, nesta manhã, comecei com cem, paguei ao imbecil do RMS sessenta e cinco dólares. Peguei o dinheiro que me restava. Um cinco, um dez e vinte.

Vinte, trinta, trinta e cinco.

Dobrei as anotações ao meio e as coloquei de volta na minha carteira. Eu pegaria minha certidão de nascimento, mas a porta de Noah se abriu e ele entrou. Ele tinha uma pasta de papel pardo com ele e estendeu a mão para colocá-la no banco de trás. Ele meio que se inclinou para mais perto de mim e eu senti o cheiro dele. Seu desodorante ou loção pós-barba ou algo que cheirava muito bem.

—Conseguiu tudo que você precisa?— Eu perguntei, tentando me distrair.

—Sim. Então, almoço? Eu estava pensando em drive-thru. O que você prefere? Maccas ou KFC?

—Nem. Eu não como.

—Oh. Bem, você escolhe alguma coisa. É o meu grito.

—Eu posso pagar pelo meu próprio almoço.

Ele deu ré no carro e dirigiu até o portão da barreira. — Eu sei que você pode. Mas é um almoço de trabalho, para que eu possa cobrar de volta.

—O governo paga para você almoçar? Jesus. Não é de admirar que a economia do país seja uma merda.

Ele revirou os olhos, passou o cartão e foi para a rua.

—E de qualquer maneira— continuei, —o governo está pagando e tudo o que você vai oferecer é McDonalds ou KFC? Seu bastardo barato.

Ele riu. —Não, eu estava pensando em dirigir para podermos voltar direto para minha casa.

Eu olhei para ele. Jesus.— Você é suave.

Ele riu de novo. —Eu não quis dizer isso assim. Imaginei que poderíamos conversar mais facilmente sem se preocupar com quem está assistindo. Há um bom café perto do parque. Podemos ir lá, se você quiser. Sua escolha. Parque público ou minha casa.

Agora fui eu quem revirei os olhos. —Cale-se!

Ele optou pelo KFC, mas pagou, então não reclamei de gastar quinze dólares em uma refeição para uma pessoa. Mas nós fomos à casa dele, e depois que comemos e limpamos, ele não parecia ter pressa de me mostrar os papéis ou folhetos que ele tinha para mim e eu certamente não insisti.

Eu queria saber alguma coisa, e não era algo que eu estivesse confortável perguntando ao Pops, e certamente nunca perguntaria ao meu velho. Confiei em Noah para me dizer a verdade, mas não sabia ao certo como perguntar. Pedir ajuda a alguém não era algo que eu estava acostumado.

Coloquei meu lixo na lixeira e fiquei na pia pelo que deve ter sido muito longo, porque Noah percebeu. —Algo errado?

—Hum... não. Nada está errado exatamente. Eu apenas...

Ele se levantou e se aproximou. —Você pode falar comigo. Você sabe como amigo. Porque é isso que somos, certo? Mesmo antes das próximas duas semanas e meia?

Tentei sorrir, mas não consegui. —Você poderia, hum, você poderia me fazer um favor?— Eu perguntei.

Ele estava falando sério agora e mais perto. — Certo. Apenas me pergunte, CJ.

Peguei minha certidão de nascimento dobrada e entreguei a ele. —Você pode ler isso para mim.

11 - *Noah*

CJ retirou fora sua certidão de nascimento e eu peguei. Não era o que eu esperava que ele me perguntasse. Estávamos brincando e até flertando um com o outro, ficando confortáveis, então suas sérias perguntas me jogaram por seis.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e se curvou um pouco, fazendo aquela coisa de 'tentar se tornar menor'.

Eu odiava que ele se sentisse mal e sozinho. Ser analfabeto deve ser tão isolado que eu nem podia imaginar. Então eu fiquei ao lado dele, encostado no balcão, assim como ele. Nós tocamos do ombro à coxa e eu lhe dei uma pancada no meu quadril. —Claro que eu posso.

Desdobrei o pedaço de papel e o estendi entre nós dois para que ele pudesse vê-lo. Eu li em voz alta, palavra por palavra.

—Nome: Clinton James Davis. Nome da mãe: Lindy Mears. A idade dela quando você nasceu tinha dezenove

anos. Ela estava desempregada. —Eu nunca tinha visto nada no arquivo dele sobre uma mãe. —Você a conheceu?

Ele balançou sua cabeça. —Não. Ela só correu quando eu era um ano. Aparentemente, ela não estava por perto antes de qualquer maneira. Papai disse que as drogas a pegaram no final. Suas palavras foram 'ele a conheceu em uma casa de crack, a deixou em uma'.

Jesus. —Desculpa.

Ele deu de ombros como se não fosse grande coisa. —Depois disso, fui cuidado por quem estava na casa. Meus irmãos ou Pops. Às vezes ninguém. Então, quando eu tinha dois anos, uma senhora que bateu na com Bíblia me encontrou em casa sozinho. Eu estava uma bagunça, aparentemente, e eles não sabem quanto tempo eu estava sozinho ou quando eu comi pela última vez. Papai estava bebendo um pouco de bebida. Na cidade. Os DOCs me levariam até o Pops dizendo que ele se mudaria. Ele parou de beber naquele momento e está cuidando de mim desde então.

—Ele é um bom homem.

—Ele é o melhor.

Eu sorri para ele e voltei a ler o certificado. —Seu pai é Dwayne Davis. Ele tinha trinta e um anos quando você nasceu. Desempregado.

CJ fez um zumbido baixo. Parecia aversão, mas ele não disse nada.

—Diz que eles não eram casados e que não havia filhos anteriores em sua união.

—Meus irmãos não estão nisso?

Eu balancei minha cabeça. —Não. A notificação de nascimento foi registrada dois dias depois que você nasceu.

Ele franziu a testa e olhou para o chão. Eu queria dizer a ele que ele não estava sozinho, apesar do que dizia sua certidão de nascimento. Mas, em vez disso, eu disse: —Seus irmãos. Diga me sobre eles.

—Sou o caçula de cinco meninos e quatro mães diferentes. Richard é o mais velho. Depois, há Kenny, Stephen e John dez anos mais velhos que eu. Eles estão na prisão. Tal pai, tal filho. —Ele suspirou. —Eles não veem o exterior de uma prisão desde que completaram dezoito anos, e fizeram a juvenil antes disso. Eles não estavam por perto quando eu era criança, então não é como se eu os conhecesse. Richard foi preso por assalto à mão armada. Kenny roubou, arrombou e entrou, mas teve tempo para esfaquear um preso. Stephen e John terminaram juntos para entrar e sair, prisão ilegal, agressão. Eles invadiram um pub, pensando que estava vazio, mas não estava. Amarraram o barman e o seguraram lá, mas não conseguiram abrir o cofre.

Jesus Cristo.

—É por isso que eles chamam de Davis Row— ele murmurou. —Não são apenas os policiais ou trabalhadores de serviços comunitários que chamam assim, mas também os moradores da cidade. E não são apenas meus irmãos ou meu pai. Meus tios não eram muito melhores. Todos eles estavam com problemas por alguma coisa.

—Você e Pops.

Ele me lançou um olhar cético. —Uh, você é meu oficial de condicional. Isso meio que significa que encontrei alguns problemas.

—Mas você ficou fora da cadeia.

—Por causa do Pops. Bem, tenho certeza de que estaria morto se não fosse por ele.

Dobrei a certidão de nascimento e devolvi a ele. —Você tem sorte de tê-lo. E ele tem sorte de ter você. Ele cuidou de você e agora você cuida dele. Eu nunca conheci meu Pops.

Ele enfiou o papel no bolso. —Pops não é meu Pops.

—O que? Mas....O que?

—Ele é tio do meu pai.

—Seu tio-Pops?

Ele encolheu os ombros. —Se é assim que você chama, eu acho. Mas eu era pequeno e chamei-o de Pops e ficou preso. E acabamos de dizer aos médicos que ele era meu Pops e ninguém nunca questionou isso. Ele queria coisas melhores, você sabe. Ele era diferente do resto deles, mas se amontoou quando eu tinha dois anos e, quando eu tinha idade suficiente para a escola e ele podia trabalhar em período integral, ficou doente. — Ele balançou a cabeça e fez uma careta. —Não é justo. O enfisema é tão cruel. Por que as pessoas boas sofrem? Por que pessoas como o meu velho não podem sofrer? Pops é um bom homem. Ele me criou quando meu próprio pai não. Ele nunca reclamou. Nem uma vez. Ele nunca foi convidado a cuidar de mim, apenas se adiantou quando ninguém mais o faria.

Deus, eu queria abraçá-lo. E então eu pensei, foda-se. É exatamente o que vou fazer. Eu empurrei o balcão da cozinha e fiquei na frente dele. Eu lentamente coloquei minha mão em seu pescoço e seus olhos se arregalaram, mas eu não parei, e ele não me parou. Então me inclinei lentamente, dando-lhe tempo de sobra para reagir, e gentilmente o puxei contra mim.

Ele estava rígido, desconfortável, mas não recuou e não me disse para ir embora.

—Você pode me abraçar de volta, você sabe.

Então percebi que talvez ninguém nunca o tivesse abraçado antes. Pops era um cara legal, mas nenhum do clã Davis parecia muito carinhoso. Sem me afastar, eu disse: — Eu queria te abraçar por um tempo.

Ainda assim, com os braços ao lado do corpo, ele perguntou: —Por quê?

—Porque às vezes as pessoas se abraçam como uma maneira de dizer que as coisas vão ficar bem.

Eu podia sentir seu peito subir e descer, então lentamente, sem segurança, ele levantou as mãos para os meus lados, e depois de alguns batimentos cardíacos rápidos, ele deslizou os braços em volta de mim. Então ele segurou firme e segurou minha camisa e respirou profundamente. Eu senti isso, no momento em que algo nele cedeu. Ele cedeu e me deixou segurar.

E ali, em minha pequena cozinha com o horrendo piso de linóleo, quebrei uma pequena parte do muro em volta do coração de CJ Davis.

Somente quando ele soltou eu me afastei, mas não muito longe. Com meu rosto próximo ao dele, segurei sua bochecha e passei o polegar ao longo da borda do lábio inferior. Os olhos dele estavam escuros; suas respirações eram curtas e agudas. Deus, eu queria tanto beijá-lo. Eu queria sentir seus lábios e provar sua língua. Eu queria

segurar o rosto dele, enfiar os dedos nos cabelos e beijá-lo por tudo que valia...

Mas não pude.

Dei um passo para trás e soltei uma corrente de ar. — Puta merda— eu disse sem fôlego.

Ele parecia atordoado, um pouco confuso. —Certo.

Eu levantei dois dedos. —Duas semanas e meia.

Ele revirou os olhos, mas ele sorriu. —Eu ainda não disse que vou deixar você.

—Deixe-me o que?

—Me beijar.



Eu sabia o que ele quis dizer. Eu só queria ouvi-lo dizer isso. —Você não vai 'me deixar'. Você vai me implorar.

Ele revirou os olhos e empurrou meu ombro. —Foda-se.

Eu soltei uma risada, agradecido pela tensão entre nós ter fervido. —Que tal eu mostrar quais impressões eu fiz e os folhetos informativos que recebi?— Não esperando ele responder, peguei a pasta do banco e entrei na sala de estar. Caí no meu sofá primeiro e abri a pasta. Ele se sentou ao meu lado e eu peguei a primeira folha de papel.

—Quando estávamos no RMS, vi isso e isso me fez pensar— expliquei. Era o exame oftalmológico padrão que todos precisavam fazer para obter uma licença, com uma letra grande no topo e as letras diminuindo a cada linha. Eu entreguei a ele. —O que eu vi na mesa de licenciamento tinha um E em cima, então eu pesquisei e imprimi no Google, mas o que você precisa ler pode não se parecer com isso. Tenho certeza que eles mudam um pouco. Pensei que deveríamos praticar as letras para que não pensem que você precisa de óculos ou algo assim e recusem sua primeira tentativa.

Ele franziu o cenho para o jornal. —E se eu entendi errado?

—Você não vai. Por isso eu imprimi. Para que possamos praticar.

—Isso não é trapaça?

Eu fiz uma careta. —Não. Pense nisso mais como praticar e estar preparado.

—Então, está trapaceando?

—De modo nenhum. —Limpei a garganta, porque não tinha ideia se era tecnicamente trapaça ou não. —Então, como você é com letras como essa?

Ele encolheu os ombros. —E. . .F. . .P ?

Eu balancei a cabeça e dei-lhe um sorriso encorajador. —Continue.

—T. . .O. . .Z ?

Ele era lento, inseguro e disse que cada letra era uma pergunta, mas as acertou. Eu o cutuquei com o cotovelo. —Perfeito.

Ele corou. —Sim, bem, Pops me ajudou um pouco quando eu estava crescendo, e cartas por elas mesmas eu posso fazer bem. Coloque-os todos juntos em palavras e, em seguida, adicione muitas palavras em uma página e eu me solto.

—Bem, para este exame oftalmológico, você só precisa ler as letras uma por vez.— Peguei o pedaço de papel, levantei-me e atravessei a sala. Apontei para a quinta linha abaixo. —Você pode ler esta linha de lá?— Eu estava a cerca de dois metros de distância, mas ele se saiu bem.

—P. . .E. . .C. . .F. . .D ?

—Agora cubra seu olho direito e leia a linha acima dele.— Ele fez isso e, novamente, com o olho esquerdo coberto, e ele conseguiu muito bem. —Excelente. Sua visão é perfeita. Mas podemos continuar praticando, apenas para garantir que acertamos.

Ele pegou o livreto da carteira de motorista e virou para a página um. —Isso vai me levar para sempre.

—Não, não vai. Eu vou te ajudar. Nós vamos superar isso em pouco tempo.

Ele balançou sua cabeça. —Quando você vai me ajudar? O curso é daqui a duas semanas. Não posso estar lendo tudo isso e aprendendo todas essas regras e merdas.

Sentei-me ao lado dele e peguei sua mão, e não sei se chocava mais ele ou eu, mas nunca deixei passar. —CJ, me escute. Você consegue fazer isso. Eu sei que você pode.— Ele parecia pronto para discutir, então eu continuei. —Há quanto tempo você anda de moto?

Ele deu de ombros um pouco. —Desde os dez anos, provavelmente.

—E você pode consertar um quando algo der errado?

—Bem, sim.

—E você nunca foi preso pela polícia ainda?

—Nuh.

—Então, você já conhece a maioria das regras. Placas de sinalização, rotatórias, cruzamentos, passagens para pedestres...

Ele olhou para mim. —Sim! Eu não sou burro.

—Exatamente. Então, com o que você está preocupado?

—Eu nunca fiz um teste antes.

Claro que ele não tinha. —Bem, eu tenho certeza que eles têm testes simulados, como testes, online. Podemos fazer isso neste fim de semana. Você sabe as respostas. Você só precisa se acostumar com a forma como eles vão fazer as perguntas.

—Este fim de semana?

—Sim! Você está livre?

—Eu, hum, acho que sim.

—Eu posso buscá-lo depois do futebol, se você quiser. Você pode ter certeza que Pops é bom e eu posso levá-lo para casa depois do jantar. Como isso soa?

Ele fez uma careta. —Parece que você já deu tudo certo.

Eu sorri para ele. —Bem, eu não quero te pressionar, mas...

—Temos apenas duas semanas e meia?

Eu ri. —Sim. Vamos lá, tenho que voltar ao trabalho. Vou te levar para casa.

—O que eu faço com tudo isso?— ele perguntou, olhando para a pasta cheia de papéis.

—Bem, você pode levá-los para casa ou pode deixá-los aqui. O que você quiser.

As sobrancelhas dele se uniram. —Eu não quero que meu pai saiba.

—Então deixe-os aqui.— Eu sorri para ele, levantei-me e fui para a cozinha e peguei minhas chaves e carteira. CJ seguiu com as mãos enfiadas de volta nos bolsos da calça jeans.

Ele ficou meio quieto novamente quando entramos no carro e saímos da cidade. Eventualmente, ele disse: —Obrigado pelo que você está fazendo por mim.

—Não tem problema. Obrigado por concordar. —Eu queria continuar a conversa, então perguntei: —O que você está fazendo hoje à noite e amanhã?

—Uh, esta noite será apenas o habitual. Pops assiste seus programas na TV e depois o quiz é exibido. Ele gosta deles. Às vezes eu vou assistir com ele, às vezes eu vou consertar coisas lá fora. Depois cozinho o jantar e certifico-me de que há lenha suficiente para o fogo. Não é muito emocionante.

—Parece bom, no entanto.

—Sim é. Bem, foi. Até meu velho chegar em casa e reclamar de tudo. Não faz nada para ajudar. Ele lavou a

louça algumas vezes, mas a novidade disso desapareceu rapidamente.

—Isso tem que ser difícil.

—Bem, era mais fácil quando ele não estava lá, isso com certeza.

—Você acha que seus irmãos voltarão para casa quando saírem?— Eu perguntei. Deus, eu não conseguia imaginar como seria isso.

—Não. Eles ficam em Sydney. Mas nunca ficam fora por muito tempo; alguns meses, no máximo. Dois estão em Silverwater, um em Goulburn e outro em Long Bay.

—Jesus.

—Sim! Conte-me sobre isso. Richard, ele é o único em Long Bay. Ele nunca vai sair.

—Você vai vê-los?

—Não. Eu nem me lembro de Richard. Ele estava preso quando eu nasci e praticamente passou de lá para uma prisão ou outra. Também não lembro de Kenny. Lembro-me de Stephen e John, mas não muito. Eles estavam crianças quando eu tinha cinco ou seis anos, mas voltaram para a cadeia depois que o roubo estúpido deu errado. Quando eles saíram, tudo o que fizeram foi bater em mim.

—Putá merda.

Ele suspirou, alto e alto. —E se você? Você sabe tudo sobre mim e minha família fodida. Como é a sua? Perfeito? Como a família Forrester dos shows de Pops?

—A família Forrester?

—Sim, do The Bold and the Beautiful. É o programa favorito dele.

Eu soltei uma risada. —Faça-me um favor. Se você quer manter sua reputação de bad boy, não diga às pessoas que assiste The Bold and the Beautiful.

—Oh, vá se foder.— Ele revirou os olhos. —Você não respondeu minha pergunta. Sobre sua família.

Meu estômago afundou e meu coração apertou. Minha boca estava seca e eu tive que engolir. —Minha, hum, minha mãe, meu pai e minha irmã... —Deus, eu não conseguia nem dizer.

—Sua mãe, pai e irmã, o que?

—Eles morreram.

Ele olhou e eu soltei um suspiro constante, olhando para a estrada - em qualquer lugar, menos nele.

—Merda. Eu sinto Muito.

—Foi um acidente de carro. —Mais ou menos.— Três anos atrás. É uma longa história.

—Porra!

—Sim.

—Cara, me desculpe. Eles eram sua única família?

Meu peito estava todo apertado e não parecia haver ar suficiente no carro. Porra! Apertei o botão para abrir a janela. Eu precisava de ar fresco. —Não podemos falar sobre isso?— Eu disse. —Desculpa.

—Não se desculpe. Merda, cara. Eu sinto muito.

Respirei fundo e dirigimos em silêncio o resto do caminho. Quando eu parei na loja do Sr. Barese, CJ se virou em seu assento para me encarar.

—Eu sinto Muito. Eu não quis aborrecê-lo.

Esfreguei minhas mãos no meu rosto. Eu tinha melhor controle de mim agora. —Está bem. Estou bem.

Ele fez uma careta. —Então, neste sábado...?

—Sim! Eu posso, hum, posso buscá-lo depois do futebol.

—Você tem certeza que está bem?

—Sim, eu estou bem. Se você tivesse um celular, eu poderia mandar uma mensagem para você.

—Não. Eu nunca tive necessidade de um.

—Bem, você tem meu escritório e número de celular, se precisar me ligar. Se algum plano mudar ou algo assim.

—Sim! Está em alguns papéis em casa, eu acho.

Peguei um dos meus cartões. —Aqui. Apenas no caso de.

Ele pegou o cartão e o colocou na carteira. —Obrigado.

—Divirta-se no trabalho amanhã.

Ele bufou. —Sim, obrigada.

—Se seu pai lhe dá dificuldades para não estar em casa... —Eu não tinha certeza do que estava oferecendo.

—Não se preocupe com ele. Até sábado.

Ele saiu do carro e o Sr. Barese o cumprimentou com um sorriso. Acenei para eles e voltei para a cidade. Eu tinha trabalho para recuperar o atraso depois de passar a manhã inteira com CJ e precisava da distração.

Eu não pensava na minha família há um tempo. Não sabia se aquilo era uma bênção ou maldição. Ou ambos. E não importava quanto tempo passasse. Eu não achei que isso

importaria. Essas feridas se abriram, tão frescas quanto a noite em que a polícia chegou à minha porta...

Eu gastei o resto da tarde fazendo ligações domésticas, e foi a distração perfeita. Levei o trabalho para casa comigo para me manter ocupado e passei o dia inteiro na sexta-feira fazendo chamadas de colocação profissional - qualquer coisa para me manter ocupado.

Passei a manhã toda sábado fazendo merda pela casa, mas estava empolgado para chegar aos campos de futebol. Gallan me deu um sorriso e um solavanco. —Nós estamos bem?

Eu sorri de volta para ele. —Sim claro. Você parecia estar se dando bem com esse cara quando eu saí.

Ele riu. —Vou encontrá-lo novamente hoje à noite também.

Aquilo foi uma surpresa agradável. Na maioria das vezes, conexões aleatórias eram apenas isso. —Impressionante. Então, você vai comprar o jantar para o cara ou vai encontrá-lo contra a parede nos fundos do quartel-general de novo?

Ele riu e empurrou meu ombro. —Jantar, com certeza. Depois, encostado na parede dos fundos do quartel-general.

—Estou muito feliz por você. Boas notícias.

—E você? Você e o bad boy certamente tinham olhos um para o outro.

—Ah, bem, ainda não.— Não pude divulgar exatamente a situação do trabalho/assistente social. —É meio complicado.

A reação de Gallan foi surpresa. —Cara, eu pensei com certeza que você estava saindo.

Tony chutou a bola para nós e nos disse para parar de conversar e receber treinamento. Só tínhamos meia hora antes do jogo. Então começamos com alguns exercícios de habilidade com a bola e fizemos um pouco de aquecimento antes de correremos para o campo.

Estávamos melhorando como um time e estávamos nos mantendo, mas eles nos superaram com um objetivo inicial. Estávamos perdendo por 1 a 0, faltando dez minutos para o primeiro tempo, quando Gallan me chamou e acenou em direção à linha lateral. —Não parece muito complicado para mim.

Eu segui sua linha de visão e meu coração derrapou até parar. CJ estava lá, encostado na moto, de calça jeans

preta e botas e sua velha jaqueta de couro. Ele colocou um cigarro aceso na boca para esconder seu sorriso quando nossos olhos se encontraram.

Então alguém gritou comigo para pegar a bola e eu lembrei que estava jogando uma partida de futebol. Um oponente estava vindo em minha direção e eu corri para ele, arremessando a bola dele. Afiei-o em torno de seus pés e tirei-o de seu aperto, rompendo com ele. Eu pisei a alguns metros de distância e depois iniciei com Davo, que estava livre de seu oponente no centro do campo. Ele correu em direção ao gol e, com um chute certo à direita da rede, o goleiro saiu à esquerda e empatamos o jogo 1 - tudo antes da campainha do intervalo.

Corremos para fora do campo e pegamos nossas garrafas de água, felizes com o nosso jogo. Eu fiz algumas palmas nas costas por meus esforços e alguns comentários de 'bom trabalho' e 'bem feito', e isso foi incrível.

Mas eu não conseguia parar de olhar para CJ.

—Volto em um segundo— eu disse à minha equipe antes de correr para onde CJ ainda estava sentado contra sua bicicleta suja. —Ei— eu disse em saudação.

—Olá você mesmo.

—Eu pensei que estava indo buscá-lo?

—Pensei em poupar a viagem.— Ele lutou com um sorriso. —Você fez bem lá fora. Tirando a bola daquele outro cara.

—Obrigado.

—Embora suas pernas possam usar um pouco de sol.

Eu olhei para as minhas pernas... minhas pernas muito brancas.—Cale-se!

Ele riu. —Melhor voltar para sua equipe. Seu namorado continua olhando por aqui.

Dei uma olhada nos caras para descobrir que Gallan estava nos observando. —Ele não é meu namorado.

—Você entrou no quartel do quartel-general com ele.—

Eu levantei uma sobrancelha. —Você é ciumento?

Ele respondeu com uma risada.

—Porque eu posso levá-lo para a sala dos fundos quando quiser— acrescentei.

Seus olhos brilharam com algo como um desafio. —Não por duas semanas, você não pode.

Droga. Por que eu tive que fazer uma regra tão estúpida? —A ética profissional é realmente péssima.

—É assim mesmo?

Eu acho que ele ia dizer algo sobre a minha escolha de palavras, mas decidiu não dizer. Graças a Deus. A imagem mental dele chupando qualquer coisa não era um bom presságio para shorts de futebol frágeis. O sorriso que ele me deu e o rápido olhar para minha virilha me disseram que esse era o plano dele o tempo todo. Eu tive que reajustar meu protetor. —Idiota.

Ele deu uma risada e eu corri de volta para o meu time. Gallan me deu um sorriso. —Não há nada complicado nisso.

—Oh, cale a boca.

Ele riu e voltamos correndo para o campo com nossa equipe. Jogamos bem e o jogo terminou com um empate em 1. Não haveria horas extras até a final, então, enquanto alguns ficaram chateados por não ter resultado, de qualquer maneira, fiquei feliz por não ter sido uma perda.

Eu acho que isso resumiu minha natureza otimista.

—Vindo ao pub para tomar algumas bebidas?— Tony perguntou.

—Não. Hoje não posso. Já tem planos. —Limpei meu rosto com minha toalha. —E também não posso depois do jogo da próxima semana.— CJ estava fazendo a primeira semana de seu curso de licença de piloto no próximo fim de semana; Eu queria estar lá quando ele terminasse.

Gallan enfiou o equipamento na bolsa e piscou para mim. —Não é nada complicado.

Revirei os olhos e alguns outros nos deram um olhar estranho. Acenei para eles de uma maneira ‘não importa’ e quando todo mundo estava saindo, eu disse a Gallan para se divertir hoje à noite. —Então você conseguiu um nome para o seu encontro?

—Sim, e um número de telefone.— Ele balançou as sobrancelhas provocativamente. —Quem sabe? Talvez um dia ele venha me assistir jogar futebol. —Ele deu uma olhada para onde CJ ainda estava esperando. —Boa sorte.

Eu acenei com eles e fui até CJ. Ele acendeu um cigarro no momento em que cheguei lá. Deixei minha bolsa cair aos meus pés. —Não foi muito chato para você?— Eu perguntei.

—Não. Foi bom assistir. Antes você do que eu. Muita corrida.

—Parece bom, na verdade. Eu gosto que meus pulmões queimem de um jeito bom — falei com um sorriso e acenando com a cabeça para o cigarro.

Ele sorriu, olhou diretamente para mim e deu uma longa tragada. —Eu também.

Eu estava sorrindo de volta para ele. Gostei desse lado divertido: brincadeiras, calma e uma faísca de malícia em

seus olhos. Nesse momento, uma gota de suor escorreu da minha linha do cabelo pela minha têmpora, então eu levantei minha camisa e limpei meu rosto, dando-lhe uma olhada no meu estômago. Eu não estava rasgado, mas estava em boa forma.

Ele me checou totalmente, e foi como se ele desse outra tragada no cigarro para se distrair. —Mas pelo lado positivo— ele acenou com a mão da minha cabeça aos pés, —pelo menos eu não serei o único que fede.

Eu ri. —Você cheira a cigarro. Eu estava indo para casa e tomar um banho antes de vir buscá-lo. Agora você terá que me tolerar sendo toda suado.

Ele sorriu e deu outra tragada no cigarro. —Eu não vou me importar.

Jesus. Tudo o que ele disse teve uma insinuação ou foi apenas meu desejo?

—Assim? Você quer carregar sua motocicleta na bagageira do meu carro ou corre o risco de montá-la na minha casa?

—Eu vou arriscar.

—Então dirija na minha frente. Eu seguirei, e se você for parado pela polícia, eu direi a eles que estou lhe acompanhando para levar sua motocicleta para a oficina. Ou alguma coisa.

Ele soprou sua fumaça para o céu e depois olhou para mim. —Mentir para a aplicação da lei é meio que desaprovado. Especialmente alguém em seu trabalho.

—Não é mentira. Mais ou menos.— Peguei minha bolsa. —Só não faça nada pelo que os policiais vão querer puxá-lo.

Agora ele sorria, como se fosse um desafio ou desafio.

—Estou falando sério.

Ele revirou os olhos. —Tanto faz.

Fui até o meu carro, abri a porta e sentei com as pernas abertas. Tirei minhas chuteiras de futebol; as chuteiras não eram muito boas para dirigir. Quando tirei meus slides da bolsa e levantei, CJ havia colocado o capacete - que ele parecia usar quando chegou à cidade, então fiquei agradecido por isso - e ele vagarosamente se aproximou e esperou que eu fechasse a porta e ligasse o carro. Ele ergueu o visor do capacete de uma maneira impaciente. Depois que eu dei um aceno com a cabeça, vi quando ele girou as engrenagens com o pé e decolou lentamente. Era apenas alguns quarteirões, mas havia alguns cruzamentos e ele diminuiu a velocidade e teve que ceder. Ele abaixou uma bota no chão e, do meu ponto de vista atrás dele, sua postura, suas coxas, sua bunda naquele assento e seus ombros naquela jaqueta . . .

Sim, eu estava com problemas.

Ele parou na frente da minha casa e, quando entrei na garagem, CJ levou a motocicleta ao lado do meu carro. Ele tirou o capacete e, quando saí do carro, ele olhou para os meus pés. —Agora, não sou fã de moda, mas de meias e cueca . . . —Ele olhou para meus slides. —Que diabos são esses?

—Eles são slides¹⁵. Cinquenta dólares de slides da Adidas.

—Eles são como chinelos para velhos.

Minha boca se abriu. —Estou devidamente ofendido.

Ele riu e enfiou o capacete debaixo do braço. —Não, sério. Eu acho que as meias de futebol verde e branca até o joelho apenas fazem todo o visual parecer completo.

Eu provavelmente ficaria um pouco chateado se ele não estivesse sorrindo e sendo tão malditamente fofo. Puxei minha bolsa de ginástica para fora do carro. —Cale-se! E lá estava eu pensando que você era sexy, mas depois vai abrir a boca.

Ele parou. —Você acha que eu sou sexy pra caralho?



Rosnei para ele e empurrei o portão dos fundos. Abri a porta dos fundos, deixei minha bolsa de ginástica na máquina de lavar e chutei meus slides para que eu pudesse tirar minhas meias. Então, porque ele estava sendo um idiota, tirei minha camisa também. Quando me virei, ele estava olhando para mim. —O que? Nada inteligente para dizer?

Ele lambeu o lábio inferior. —Eu, uh, eu apenas, hum...

Agora eu ri. —Você comeu? Que tal eu tomar um banho para que apenas um de nós fede enquanto você faz sanduíches de queijo torrado. Na frigideira, como você fez na outra noite.

—Talvez eu diria, se você não me dissesse que eu fedo.

—Você disse que eu fedia antes.

—Porque você acabou de jogar futebol. Você está todo suado.

—Você disse que gostava de mim suado.

—Não, eu não fiz.

—Eu tenho certeza que você fez. Você disse que gosta quando estou com calor e suado, principalmente sem camisa. —Eu fiz um show de passar a mão sobre o peito. —E você acha que minhas meias e sapatos são sensuais como o

inferno, e você realmente queria me fazer um sanduíche de queijo tostado.

Ele revirou os olhos. —Cale a boca e vá tomar seu banho sangrento.

Eu bati no estômago liso dele enquanto eu passava. — Não vai demorar. Fique à vontade.— Eu o deixei, feliz com as brincadeiras entre nós. Imaginei que ele se sentiria mais à vontade se eu o tratasse como se ele fosse parte dos móveis; se eu mostrasse meus nervos por tê-lo aqui sozinho, ele também ficaria nervoso.

Não tive nenhum problema em deixá-lo em minha casa enquanto tomava banho. Eu confiei nele. Não sei porque. Ele era um parolee. Um criminoso condenado. Mas ele não era do tipo que foge com minha tela plana presa à motocicleta.

Eu me esfreguei rapidamente, enxaguei, sequei e vesti um jeans e uma camisa velha. Senti o cheiro dos sanduíches tostados antes de entrar na sala e me vi sorrindo.

Ele estava segurando dois pratos. —Fiz um para mim também, se estiver tudo bem— disse ele, e estendeu um prato para mim.

—Sim claro.

E assim, pelas três horas seguintes, sentados lado a lado no sofá, passamos por perguntas e respostas para sua licença de piloto. Eu li o livreto com ele, deixando-o emitir

cada palavra, e quando ele ficou frustrado e irritadiço e queria jogar o livreto pela janela, li para ele. Depois, fizemos o teste simulado on-line e, quando ele passou duas vezes seguidas, terminamos o dia. Minha mente estava frita; Eu imaginei que o dele era pior.

—Quer uma bebida?— Eu perguntei, levantando-me. —
Cafê, coca-cola, água?

—Uma Coca-Cola seria ótima, obrigado.

Fui para a cozinha, me perguntando como poderia pedir que ele ficasse para jantar e voltei com duas latas de Coca-Cola. E eu parei.

Ele estava parado ao lado do armário com as molduras. Ele olhou para a minha foto com meus pais e irmã, então ele franziu a testa e pareceu quase se desculpar, mas isso não o impediu de perguntar.

—Essa é sua família?

12 - CJ

Merda, merda, merda. Merda. Não queria machucá-lo, mas queria conhecê-lo e, mais do que isso, queria confiar nele. E eu queria que ele visse que eu estava tentando. Eu gostei dele. De uma maneira que eu nunca me deixaria gostar de ninguém. Ele sabia tudo sobre mim. Ele leu tudo naqueles arquivos e eu nunca tive que dizer nada a ele. Mas eu precisava de algo dele em troca. Como se de alguma forma provasse que ele era... Eu não sei... real. Que eu era mais do que apenas um número de arquivo do caso.

Ele falou sobre querer me beijar, sobre ser físico, sobre coisas se movendo entre nós para um nível pessoal. E apesar de tudo que eu já tinha dito a mim mesmo sobre evitar esse tipo de complicação, eu queria isso com ele. Eu estava arriscando tanto, então precisava saber se ele estava sendo real comigo.

Mas o olhar em seu rosto me fez desejar manter minha boca fechada.

—Desculpe, eu apenas... —Eu apenas o que? Sabia que iria machucá-lo, mas perguntei mesmo assim? —Desculpa.

Ele engoliu em seco. —Não, está tudo bem.— Ele colocou as latas de bebida no armário e quase tocou a moldura da foto, mas se conteve. E Deus, ele cheirava ainda melhor, todo limpo, sabão, desodorante e Noah. Eu quase esqueci o que estava esperando ele dizer quando ele respondeu: —Essa é minha mãe, meu pai e minha irmã, Karly.

Eu queria perguntar o que aconteceu com eles, mas a tristeza em seu rosto, a quietude de sua voz, me impediram. Eu queria dizer a ele que sentia muito. Eu queria puxá-lo para um abraço. Como ele fez comigo outro dia. Ele disse que um abraço era uma maneira silenciosa de dizer que tudo ficaria bem, e eu juro que era verdade. Quando ele me abraçou, eu pude sentir o peso dos meus problemas ficar um pouco mais leve. E eu queria fazer o mesmo por ele, mas não conseguia me mexer. Eu estava com muito medo.

—Não podemos falar sobre isso— ele murmurou. —Eu não sou muito bom falando sobre isso.

—Claro. Eu sinto Muito.— Minha mão queimava com a necessidade de tocá-lo, mas eu ainda não conseguia fazê-lo. —Eu não deveria ter perguntado. Eu só queria...

Ele esperou que eu terminasse, mas eu não consegui. —Você só queria o que?

Dei de ombros e não sabia como responder. —Eu só queria conhecer você, eu acho.— Deus, eu podia sentir meu rosto queimar.

Ele pegou as latas de Coca-Cola e me entregou uma. Eu peguei desta vez. —Você realmente quer saber o que aconteceu?— ele perguntou baixinho.

Eu o olhei bem nos olhos. —Eu quero te conhecer melhor.

Ele respirou fundo e abriu seu coração para mim. —Minha mãe e meu pai morreram em um acidente de carro. Eles eram passageiros no carro que minha irmã estava dirigindo. Ela esteve em uma festa na noite anterior e teve a permissão de estudante. Mamãe insistiu que ela voltasse para casa para acordar suas horas, mas ela e suas amigas haviam tomado algumas pílulas na noite anterior. Ela não podia contar exatamente para mamãe e papai.

Oh Deus.

—Minha irmã enlouqueceu e acendeu um sinal vermelho, e eles foram desossados por um caminhão. Mamãe e papai morreram. Minha irmã foi embora.

Querido Deus. Eu não conseguia nem imaginar.

Ele olhou para a foto, respirou fundo outra vez e soltou o ar lentamente. —É engraçado como acidentes podem ser

assim. Algumas pessoas morrem com o impacto, outras vão embora sem um arranhão.

—Oh, Noah...

—Bem, fisicamente, ela estava bem. Mas porque ela falhou no teste de drogas e álcool, ela foi considerada culpada. Ela foi condenada a três anos.

Meus olhos se arregalaram. —Presa?

Ele respondeu tristemente. —Sim!

Então tudo fez sentido. —É por isso que você se tornou um oficial de condicional?

Ele me deu um sorriso triste. —Sim. Quatro meses depois que ela entrou, ela se suicidou. Ela tinha uma cela para si mesma e uma manhã eles a encontraram e encontraram uma faca.

Minha boca se abriu. Eu não pude acreditar... —Meu Deus.— Coloquei minha mão em seu braço, precisando que ele soubesse que eu não sabia o que dizer, mas estava ouvindo.

—Eu estudei para me tornar um oficial de condicional após o funeral dela. Eu conheci alguns oficiais de correção durante seu período, e alguns deles estavam tentando fazer a diferença. Pensei que coisas ruins acontecem com pessoas boas. Karly era uma boa pessoa que apenas fez uma decisão

ruim. Acabara de terminar o ensino médio e se candidatara a todo tipo de emprego. Ela não queria ir para a universidade; ela queria trabalhar no varejo. Ela nunca fez nada de errado. Ela nunca disse palavrões na frente dos meus pais antes do acidente. Suas amigas disseram que ela nunca havia tomado drogas antes daquela noite e provavelmente explicava como estava ligada.

Jesus, foi tudo tão horrível, e ainda assim eu estava feliz que ele me contou. —Oh Deus. Eu sinto Muito.

—Sim, eu também estou.— Ele suspirou alto e alto. — Meus pais não possuíam casa nem nada, e nunca tivemos muito dinheiro. Eu tive que vender a maioria das coisas deles para pagar pelos funerais.

Meu coração doía só de ouvir isso. —Sinto muito, Noah.

Ele suspirou de novo. —Não é fácil falar sobre isso. Só saber quem contar é a parte mais difícil.

—Bem, estou feliz que você me contou.

—Eu também.— Ele soltou um suspiro longo e lento, embora a dor ainda estivesse gravada em seu rosto. —É engraçado que a maioria das pessoas que meus pais conheciam pararam de aparecer ou ligar. Eu acho que eles nunca sabiam o que dizer. Até meus velhos amigos em casa, acho que foi muito difícil para eles, sabe? Já era difícil o

suficiente depois que meus pais morreram, mas principalmente depois que Karly morreu. Estar perto de mim era muito difícil e, eventualmente, todos pararam.

—Isso não os torna muito bons amigos.

Ele fez uma careta. —Bem, provavelmente não ajudou que eu mergulhei em estudar para ser um oficial de condicional. Não era uma direção que eles pensavam que eu deveria seguir.

—Pelo que vale, Noah, estou feliz que você fez.

Ele quase sorriu. —Eu também.

—Você gosta de ajudar as pessoas.

—Eu faço. É bom saber que estou fazendo a diferença. Se eu puder apenas ajudar uma pessoa, é uma coisa boa.

—Você me ajuda.

Ele respirou fundo e algo em seus olhos brilhou. Eu acho que contar a ele que o ajudou mais do que eu percebi. —Obrigado. Mas você é quem está fazendo todo o trabalho duro, só estou ajudando.

—Ninguém realmente deu a mínima antes.— Deus, eu não sei por que estou dizendo isso a ele. —Você é a primeira pessoa a me ver de verdade.

—Pops e o Sr. Barese veem você de verdade.

—Sim, mas eu quero dizer... você sabe o que eu quero dizer. O primeiro cara...

—Oh!—

Eu fiz uma careta. —Sim! Ok, agora não estou com vergonha.

Ele riu. —Não fique. Eu gosto disso.

Alguns segundos de silêncio confortável se passaram enquanto observávamos a gravidade do que tínhamos acabado de compartilhar. O que quer que fosse essa coisa entre nós havia mudado ou crescido. Ele compartilhou uma parte de sua alma comigo e também conhecia as partes sombrias da minha vida.

—Conte-me mais sobre você— eu disse calmamente. — Eu quero saber mais.

Ele caminhou até o sofá e se sentou, olhando para mim para segui-lo, e eu o fiz. Ele parecia ter sacudido seus pensamentos solenes sobre sua família. —Você quer saber sobre a minha infância, quando eu percebi que era gay, meu primeiro beijo, minha primeira vez? Ou você está perguntando se estou honestamente interessado em você?

Jesus. —Sim.

Noah sorriu com a minha ansiedade e os cantos dos seus olhos se dobraram de uma maneira que fez minha barriga virar. —Eu cresci em Stockton. Meu pai trabalhava na fábrica de aço, minha mãe trabalhava como faxineira no parque de caravanas. Estávamos na classe trabalhadora, então meu pai foi demitido quando a fábrica foi reduzida e tínhamos ainda menos dinheiro. Morávamos em moradias comunitárias. Nós nunca tivemos muito, mas conseguimos. Na escola, nunca tive roupas legais para os descolados ou coisas assim. Eu fui para a escola com crianças que compraram um carro para o seu aniversário de dezesseis anos. Mamãe me deu cinquenta dólares e me disse que eu poderia comprar o que quisesse. Então paguei comida chinesa para viagem e jantamos em família. — Ele sorriu com alguma lembrança em sua cabeça. —Mamãe chorou e papai me levou para buscá-lo para nós. Sentamos em volta da mesa e rimos. Foi uma das melhores noites da minha vida.

Dizia muito sobre que tipo de pessoa ele era. Poucas crianças de dezesseis anos fariam isso. —Foi uma coisa legal a se fazer.

Ele olhou para mim e me deu um sorriso lento. —Nós não somos tão diferentes, você e eu.

—Como assim? Porque de onde estou sentado, você está a uma milha na minha frente.

Ele tomou um gole de coca-cola. —Você faria o mesmo por Pops.

Eu acho que sim.

Ele sorriu como se soubesse que estava certo. —Percebi pela primeira vez que gostava de homens e não de meninas no futebol. Os outros caras gostariam de ver as meninas brincarem. —Ele balançou a cabeça e sorriu. —Mas eu podia assistir os caras o dia inteiro. Meu primeiro beijo foi com Daniel Corner; nós estávamos no nono ano. Foi estranho e provavelmente terrível, mas meio perfeito e reafirmou que eu gostava de caras. Tipo, foi um tempo confuso, então foi bom tê-lo validado, se isso faz sentido?

Eu assenti. —Sim!

—E minha primeira vez foi desajeitada e mais embarçosamente rápida. O nome dele era David, eu acho. Eu realmente não me lembro. Eu tinha dezoito anos e estava bêbado e meio que queria acabar com isso. A segunda vez foi muito melhor. —Ele piscou. —E se você?

Eu não quis gemer alto. —Bem, você sabe sobre onde eu cresci e como essa história vai.— Esfreguei minha mão no meu rosto. —Meu primeiro beijo foi com um garoto da Cessnock High. Fui visitar meu velho preso e ele estava lá, vendo seu primo ou irmão. O nome dele era Jamie, e nos encontramos no dia da visita algumas vezes. Então ele parou de vir. Não sei o que aconteceu com ele. Talvez o irmão tenha

saído da cadeia. Talvez ele tenha ido ao juvenil. —Dei de ombros. —A primeira vez foi com um cara da sede. Nunca recebe o nome dele. Nunca pedi por isso. Mas sim, eu só queria acabar com isso também. Ficou mais fácil depois disso. —Eu tinha certeza que meu rosto estava vermelho brilhante. —Eu não tinha Internet em casa, então meu conhecimento naquela época era bastante limitado. Acho que ainda é. —Eu apertei a aba de metal em cima da lata para evitar olhar para ele. —Eu nunca tive namorado ou algo assim. Apenas conexões casuais.

Ele estendeu a mão e deslizou a mão sobre a minha. Se eu deveria me impedir de fazer aquele som irritante com a aba de metal na lata ou como algum tipo de conforto, eu não sabia.

Também não me importei muito. Se ele quisesse me tocar ou segurar minha mão, eu certamente não o impediria.

Quando ele enroscou os dedos nos meus e levou as mãos ao joelho, olhei para ele. Seus olhos eram intensos e eu não conseguia desviar o olhar, mesmo quando tentei. E aquela maldita sarda acima do olho...—Você se opõe a ter um namorado?— ele perguntou. —Quero dizer, eu sei que não é fácil com seu pai e tudo, e talvez namorados seja um pouco rápido, mas amigos com benefícios para mim são apenas outro nome para foda casual e eu prefiro algo mais permanente. Mais exclusivo...

Jesus. —Você está perguntando se eu vou sair com você?

—Não necessariamente. Estou perguntando se você é contra a ideia. —Ele mordeu o lábio e deu de ombros. —No futuro.

—Ter um namorado no futuro a longo prazo?— Meu coração estava tentando galopar para fora do meu peito. —Ou daqui a duas semanas?

Ele sorriu novamente e olhou para nossas mãos unidas. —Ou. Ambos.

Eu tentei falar o mais calmamente que pude, embora minha voz mal fosse um sussurro. —Eu não acho que seria muito bom nisso.

—Por quê?

—Bem, eu nunca fiz isso antes. Você sabe, o que quer que os namorados façam.

—Cozinhar o jantar? Assistir filmes? Sair para curtir? Decifrar?

—Eu não estou fora.

—Eu não espero que você seja. Eu nunca faria alguém fazer algo que não queria fazer ou algo que não está pronto para fazer.

—Hum— Eu tive que engolir porque minha boca estava subitamente seca. Tomei um gole da minha coca-cola. — Existe uma resposta certa ou errada?

Ele deu uma risada. —Deus não. Como eu disse, independentemente do que acontecer entre nós, ainda vou ajudá-lo. Se você me deixar. Não estou pressionando você. Por favor, não pense isso. —Ele não estava sorrindo agora.

—Não, eu não. Isso não foi o que eu quis dizer.— Eu nem tinha pensado nisso. —Eu apenas acho que sou . . . que você é . . .

—O que?



Deus, como eu poderia explicar isso? —Que se fôssemos carros, você seria um motor de três litros em linha de três litros, seis cilindros e 360 cavalos de potência. E eu teria um litro e seis litros, quatro cilindros e 100 cavalos de potência . . .

—Se fôssemos carros?

—Bem, sim. Você seria um carro esportivo europeu e eu seria uma caixa de merda que soa como um cortador de grama.

Ele riu. —De jeito nenhum! Sou mais um Holden Commodore. Apenas um motor comum. Você seria uma Ducati.

Agora fui eu quem ri. —Uma Ducati? Você está bêbado?

Ele apertou minha mão. —Você tem esse ar bad boy sexy escrito em você.

Isso soou como um elogio. Afastei minha mão e soltei um suspiro profundo. —Sim, bem, eu não sei sobre isso.

—Mas é apenas manter as pessoas afastadas, certo?— Noah tomou outra bebida e me lançou um olhar para ousar e discutir. —Você imagina que, se parecer que vai morder, as pessoas vão ficar longe. Mas isso não é realmente quem você é. Você é um diamante bruto, CJ Davis.

—Eu pensei que era uma Ducati.

Ele riu. —Você quer ficar para o jantar?

—Não, é melhor eu ir para casa. O pai e Pops vão procurar jantar em breve.

Seu beicinho se tornou um sorriso. —OK. Quando eu vou te ver de novo?

Suspirei. —Bem, eu tenho uma reunião estúpida de drogas e álcool na terça-feira. Termina às cinco.

Ele se animou. —Que coincidência! Eu termino às cinco também.

Revirei os olhos. —E tenho certeza de que meu oficial de condicional estará fazendo um— eu - usei aspas no ar ... - —chamada aleatória e não programada para colocação de trabalho na quinta-feira.

Ele riu e bateu no meu ombro. — Espero que eu tenha alguns formulários para o Sr. Barese preencher para o seu aprendizado. Ainda não começou, mas ainda precisamos obter os formulários de inscrição.

—E minha primeira licença de moto no sábado— eu disse. —O que vai ser péssimo, tenho que dizer. Provavelmente será algum velho idiota do tipo sabe tudo que vai me odiar à primeira vista.

—Não, ele não vai— ele respondeu. —Apenas dê a ele aquele seu sorriso deslumbrante e acene de vez em quando ele fale e você ficará dourado. Deseja voltar ao livreto de regras da estrada? Caso ele faça alguma pergunta no local?

Eu fiz uma careta. —Você acha que ele vai?

Ele encolheu os ombros. —Talvez. Eu não sei. Provavelmente. Não é o teste para sua licença, mas ele será aprovando ou reprovando em você.

—Oh!

Ele pegou minha mão novamente e apertou-a. Foi melhor do que eu esperava. —Ei. Você vai acertar.

Passei o polegar nas costas da mão dele, maravilhado com o quão bom era.

—O que?— ele perguntou, sorrindo para as nossas mãos unidas.

—Nada. Eu só me perguntava por que as pessoas de mãos dadas. Parece bom.

Ele piscou. —Você nunca deu as mãos antes?

—Oh não. Eu te disse que nunca tive um namorado antes. E pessoas aleatórias na sala dos fundos do quartel-general não estão lá para dar as mãos.

—Ah, claro. Desculpa. —Ele passou os dedos e usou as duas mãos para segurar a minha. —Você gosta disso?

Eu assenti. —Sim! Mas minhas mãos estão manchadas. O óleo e a graxa no trabalho ficam entranhados.

Ele levantou minha mão e deu uma olhada mais de perto nas camas enegrecidas das unhas e nos vincos, nas coceiras. —Eu gosto— disse ele, virando minha mão e olhando para cada lado. Então ele sorriu para mim. —Me diz que você é bom com as mãos.

Eu não queria rir da linha brega, mas não pude evitar. —Eu nunca tive queixas.

—Eu acho que não— disse ele, ainda sorrindo. —Sabe, talvez devêssemos começar uma lista de estreias. Primeira mão, primeiro namorado... mais alguma coisa que devemos adicionar?

Eu ignorei sua bisbilhotice por mais informações. —O que há com você e listas?

Ele sorriu. —O que posso dizer? Eu gosto de ver meu próprio progresso.

Nós dois sentamos lá de mãos dadas e sorrindo um para o outro como estudantes tonto. Isso estava ficando absurdo. —Eu provavelmente deveria ir.

—Estou adicionando a primeira festa do pijama à lista.

Eu bufei e me levantei, relutantemente puxando minha mão da dele. —Obrigado pelo almoço e pela bebida. E me ajudando com a leitura e outras coisas. E obrigado por me contar sobre você.

—Obrigado por ouvir.— Ele se levantou, alcançando sua altura máxima com apenas uma polegada entre nós. Ele olhou para minha boca, depois se inclinou lentamente e quase me beijou. Meu coração quase parou. Mas ele se pressionou contra mim, com sua bochecha na minha e seu hálito quente no meu ouvido. Eu ofeguei quando um calafrio passou por mim. —O que você está fazendo?— Eu sussurrei.

—Contando os dias— ele respondeu, um murmúrio suave no meu ouvido.

Dei um passo para trás, tonto. —Uau.

Seu sorriso fez seus olhos fazerem aquela coisa enrugada, o que não ajudou em nada. —Ainda acha que você não vai me implorar para te beijar em duas semanas?

—Você não joga limpo.

—Nunca disse que sim. Mas pelo que vale a pena, estou jogando de verdade. Para responder sua pergunta anteriormente. Se estou falando sério, a resposta é sim.

Eu não conseguia formar palavras para falar, então corei. Deus me ajude. Se é isso que ter um relacionamento fazia com as pessoas, eu não achava que sobreviveria.

Ele apenas sorriu como se não fosse nada. —Vamos. Eu vou te levar.

—Eu trouxe minha motocicleta.

—Vamos colocá-lo no carro como fizemos antes.— Ele entrou na cozinha e pegou as chaves, como se eu não tivesse escolha. Ele suspirou. —Você tem duas semanas para terminar sua liberdade condicional, CJ. Não vale a pena.

—Eu consegui muito bem antes de você aparecer.—
Isso saiu mais difícil do que eu quis dizer. —Quero dizer, eu nunca fui pego ainda.

—E você não está prestes a ser. Ajude-me a colocar sua motocicleta na bagageira do meu carro.

Eu queria discutir, mas ele estava certo. E não foi de todo ruim. Eu tenho que passar mais vinte minutos com ele.

E o bagageiro do carro não era muito grande, mas com o pneu dianteiro levantado, cada um de nós podia agarrar um dos para choques traseiros e levantar a motocicleta com bastante facilidade. Ele tinha algumas tiras de catraca para amarrar e, um minuto depois, estávamos a caminho.

Assim que ele parou na rua, ele começou com as perguntas da licença. —O que esse sinal de estrada significa?

—O que significa a linha do meio quebrada?

—O que significa um semáforo intermitente?

—Quantos metros de uma parada de ônibus você pode estacionar?

Eu respondi a cada um e então perguntei a ele algumas respostas, o que ele respondeu, e foi engraçado, de um jeito meio estranho, que pudéssemos conversar sem parar sobre nada e tudo, e parecia. . . normal.

Pensei em dizer a ele que ele poderia ir em frente e adicionar 'amigo de verdade' a essa lista de estreias, mas ele realmente sabia que eu era um perdedor e que ele estava bem e verdadeiramente fora da minha liga.

—Você está bem?— ele perguntou. —Parece que eu chutei seu filhote.

Eu bufei. —Sim eu estou bem. Só pensando, só isso.

Nesse momento, antes da saída para Ten Mile Creek, ele apontou para onde todas aquelas terras estavam à venda. Agora havia escavadeiras e escavadeiras e uma enorme placa com algum tipo de escrita extravagante que era tudo redemoinhos e não muito mais.

—Vi esse sinal outro dia— admiti. —Mas eu não conseguia entender esse tipo de escrita.

—Sim, é uma fonte cursiva ruim. Diz Eagle Estate. Parece uma nova subdivisão entrando. Vai ser bom para a sua cidade.

Eu levantei uma sobrancelha. —Você acha?

—Sim. É bom para os negócios do Sr. Barese.

Oh. Bem, eu não pensei nisso, e me senti um pouco tolo por não pensar nisso primeiro. —
...verdade. Esperançosamente.

Noah saiu da estrada principal e dirigiu lentamente para Ten Mile Creek. A loja do Sr. Barese estava fechada, como deveria ser em uma tarde de sábado, mas Noah parou na frente dela. Nós descarregamos minha motocicleta e, segurando meu capacete, eu não tinha certeza do que dizer. Eu gostaria de poder ter ficado com ele. Eu gostaria de poder pegar o rosto dele, bem aqui na rua, e beijá-lo. Em vez disso, respirei fundo e disse: —Eu tive um dia muito bom hoje. Obrigado.

—Eu fiz também.— Ele sorriu tão perfeitamente. —E estou feliz por não ter ido ao pub depois do futebol hoje com os caras. Economizei uma fortuna e sem ressaca.

—Você deveria sair com eles?— Eu perguntei. —Se você precisasse que eu fosse embora mais cedo...

Ele riu. —Não. Eu disse a eles que não estava indo. E eu também não vou pelos próximos dois. Você tem seu percurso de moto nos próximos dois sábados. Não estou sentindo falta deles.

Eu meio que me senti um pouco infantil, porque ele estava quase cuidando de mim, *mas caramba*, se não parecia bom que alguém se importasse.— Sim, obrigada. Espero que não seja demais.

—Não por mais duas semanas, você conhece as regras.— Ele disse isso tão rápido que demorei um segundo para entender o que ele queria dizer. Eu acho que meus olhos

quase caíram da minha cabeça, porque ele riu. —Desculpe, isso foi muito rude? Muito para a frente? Demais?— ele perguntou com aquele sorriso maldito. —Porque eu estou pensando que beijar não será a única coisa que você está me implorando daqui a duas semanas.

Fiquei chocado demais para responder. Claro, eu tinha homens dizendo coisas assim para mim. Mas não sóbrio, nem em plena luz do dia, e não com uma promessa em seu sorriso. Ele riu e voltou para o carro, acenou para mim e foi embora.

Eu balancei minha perna sobre minha motocicleta, desejando que meu pau agora interessado se acalmasse. Deus, as próximas duas semanas me matariam. Voltei para casa, ainda zumbindo, incapaz de parar de sorrir. Até eu entrar. Pops estava tossindo na cozinha, e papai estava deitado na poltrona reclinável - cadeira de Pops - com uma cerveja em uma mão e cigarro na outra. —Onde diabos você esteve?

Eu o ignorei e fui direto para Pops. —Você está bem?

Ele me acenou, chiando enquanto tentava recuperar o fôlego. —Sim. Sim.— Ele tomou um gole de água e pareceu se acalmar um pouco. Ele me deu um sorriso. —Você teve um bom dia?

Eu balancei a cabeça, assim como meu pai gritou. —Ei garoto, eu fiz uma pergunta.

—Eu estive na cidade— eu gritei de volta. Então eu dei um tapinha no braço de Pops. —Vou apenas verificar o fogo, depois vou começar o jantar, hein?

Ele assentiu. —Eu ajudo.— Ele abriu a porta da geladeira quando voltei para a sala. O fogo estava quase apagado, então eu joguei algum fogo.

—O que você está reclamando?— Perguntou o pai. Ele estava de mau humor. Eu podia ver pelo queixo e o brilho morto em seus olhos.

—O fogo. Teria matado você jogar uma lenha nele?

Ele olhou para mim. A última vez que ele saiu da cadeia, eu nunca teria respondido a ele, mas eu não era mais aquela criança. Eu era um homem crescido agora, e eu administraria uma boa casa sem ele. Levantei-me e olhei de volta para ele. —E eu te disse para não fumar na porra da casa. Você pode ouvi-lo tossir? Ou você simplesmente não dá a mínima?

Sua mandíbula ficou tensa e o punho em torno da garrafa de cerveja ficou branco. Aquele brilho morto em seus olhos ficou frio. Ele iria apontar o dedo e gritar e me xingar por uma hora e provavelmente abrir um buraco na porta com raiva. Ou ele ia pular da cadeira e dar um soco em mim.

Ele fez os dois.

Não preciso dizer, o jantar foi esquecido. Fiz um brinde a Pops e me sentei com ele na mesa da cozinha depois que meu velho se foi para o quarto dele. Pops olhou por cima do meu olho machucado e do lábio rachado, e ele estava à beira das lágrimas. —Desculpe, CJ. Não posso fazer nada para detê-lo quando ele fica assim.

—Não se desculpe. A culpa não é sua.— Deus, se Pops tentasse parar meu pai quando ele estava com raiva... — Apenas fique fora do caminho dele. Eu posso cuidar de mim mesmo.— E eu fiz, considerando todas as coisas. Eu o empurrei de volta. Eu não tinha fechado meu punho para ele ou um soco. Mas eu o empurrei de cima de mim e disse para ele voltar para a cadeia. Ele invadiu, xingando e gritando, enquanto Pops colocou algumas ervilhas congeladas no meu olho. —Eu não aguento mais essa merda, Pops. De jeito nenhum!

—Não vá brigar com ele. Por favor, CJ. —Pops parecia tão triste que partiu meu coração. —Promete-me.

—Eu não vou começar— prometi. —Mas eu não vou deixar que ele nos trate mais como lixo.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, então eu fiz Pops outra xícara de chá e tomei uma. Meu lábio ardeu

um pouco e minha sobrancelha latejou, mas eu tinha piorado. Se não fossem meus irmãos me pegando, era meu pai. Mas Pops sempre esteve, sempre esteve do meu lado. — Você e eu— eu disse, dando-lhe um aceno de cabeça. — Vamos ficar juntos.

—Seu olho está bem?

—Sim, vai ficar tudo bem.— Suspirei. —E eu tive um bom dia hoje. Noah, ele está me ajudando com minha licença de motocicleta e outras coisas e me ajudando a ler. E ele é super paciente, sabe? Ele não me trata como se eu fosse estúpido ou nada.

—Quando o curso está voltando?— ele perguntou. Eu tinha dito a ele antes, mas o lembrei. —Próximo fim de semana?

Eu assenti. —Sim! Sábado, por três horas.

—O que você vai dizer ao seu pai?

—Nada. Eu não me importo se ele descobrir mais. Ele não pode me impedir de ir. Ele pode tornar a vida mais miserável para mim, mas ... — acenei minha mão na minha cara machucada ... — ... não pode ficar muito pior, não é?

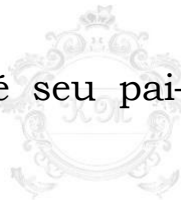
Pops sorriu tristemente. —Com um pouco de sorte, ele desaparecerá em breve.

Deus, eu desejei. —Só podemos esperar.

Assim que entrei no trabalho na segunda-feira, o Sr. Barese deu uma olhada em mim e seus ombros caíram. — Você está bem?— ele perguntou tristemente.

Meus machucados tinham mais cor e meu olho roxo era uma beleza; o olho estava quase fechado ontem, mas eu ainda conseguia enxergá-lo. Doeu, mas eu sobreviveria. — Sim eu estou bem.

—Eu sei que ele é seu pai— sussurrou Barese com raiva.



—Mas ele é um pedaço de merda— eu terminei para ele.

O Sr. Barese assentiu. —Ele não te merece. Eu já te disse antes. Você pode vir ficar na minha casa. A senhora Barese não se importa. De fato, ela adoraria ter alguém para se preocupar.

Eu sorri para ele, esticando a fenda no meu lábio. Eu lambi, provando sangue. —Obrigado mesmo assim. Mas ficaremos bem. Eu e o Pops somos uma equipe.

Ele suspirou profundamente. —Eu me preocupo, é tudo.

—Eu sei. Obrigado.— Então me lembrei do que Noah disse. —Ei, você viu o novo conjunto habitacional pouco antes da saída para a cidade?

—Sim— ele disse, se animando. —Houve uma redação no jornal do fim de semana. Algum grande desenvolvedor, vinte blocos no primeiro estágio, outros vinte no estágio dois.

—Uau. —Eu não percebi que era tão grande. —Isso é bom para a cidade, sim? Isso vai ajudar o seu negócio?

Ele me deu um sorriso radiante. —Acredito que sim.

Olhei em volta da oficina silenciosa. —Eu também.

Eu realmente não queria para ir à reunião de drogas e álcool. Quero dizer, eu nunca quis ir, mas hoje eu realmente não queria ir. Eu disse a eles todas as vezes que nunca usava drogas, que raramente bebia álcool, mas todos olhavam para mim como se eu estivesse em negação. E agora com um olho roxo e um lábio partido, eu parecia um perdedor ainda mais.

Todos eles assumiram o pior. Porque eu não tinha muito dinheiro, porque não era inteligente em livros, porque tinha que ir a reuniões sobre drogas e álcool como parte da minha liberdade condicional, e agora, porque eu entrei em pânico, pude vê-lo nos seus rostos.

Besteira estereotipada, era isso que era. Mas eu tinha mais uma sessão e tudo acabou.

Por dois anos, eu participei dessas malditas reuniões idiotas e nunca perdi uma. Quando Maryanne, a líder do grupo, perguntou se eu gostaria de contribuir com algo, como sempre, balancei a cabeça. —Eu nunca tomei drogas— eu dizia, todas as vezes. Tudo que eu precisava dela era assinar minha participação em minhas condições de condicional. Mas eu com certeza não mentiria.

No primeiro ano, Maryanne tentou me convencer a falar ou admitir algum segredo profundo e sombrio do vício. Mas agora ela apenas assentiu e sorriu. O resto do grupo olhou para mim como *'com certeza você não tem amigos'*, mas eu não ligava para o que eles pensavam de mim.

Mais uma reunião pela frente.

Apenas mais uma reunião para ir.

Sabendo que eu estava vendo Noah mais tarde ajudou, e eu estava contando os minutos até o fim. Quando Maryanne encerrou a reunião, eu rapidamente me levantei,

apenas querendo sair. Mas então Maryanne estendeu a mão na minha direção. —CJ, posso vê-lo por um momento?

Resisti à vontade de gemer, apenas. —Eu tenho um ônibus para pegar— eu menti.

—Não vai demorar um segundo— disse ela.

Todos se dispersaram e eu esperei que ela falasse. Ela examinou meu rosto. —Você está com algum problema?

—O que?—*Oh, meu rosto.* —Não é o que você pensa. Eu não estava brigando.

Ela levantou uma sobrancelha julgadora. —Parece que você esteve.

Eu estava tão cansado dessa besteira. —Eu disse que não estava brigando. Você vê alguém com um olho roxo e apenas supõe que eles o fizeram em uma briga de bar?

—Não— ela começou rapidamente, mas claramente o fez.

—Bem, você certamente não acreditou em mim quando eu disse isso agora.— Olhei em volta e havia um cara parado nos observando como se ele não confiasse em mim também. Eu estava tão acabado com essa merda. —Você quer saber o que aconteceu? Meu velho me cercou. Então, em vez de me culpar, talvez você possa tentar um pouco de simpatia.

Eu me virei e saí. Ela tentou me chamar, mas eu não dava a mínima. E então, porque o mundo me odiava, assim que cheguei lá fora, começou a chover.

Foda-se tudo para o inferno.

Puxei a gola do casaco e caminhei pelos quatro quarteirões até o escritório de Noah. A caminhada fez pouco para ajudar meu humor, e para piorar a coisa toda, a porta estava trancada quando cheguei lá.

Eu considerei chutar a merda disso. Eu queria.

Mas com uma respiração profunda, e muita decepção, eu me virei e me perguntei o que diabos eu deveria fazer agora. Se eu corresse, poderia pegar o ônibus. Ou talvez eu pudesse caminhar até a casa de Noah...

—Ei.

Eu me virei e o carro de Noah parou ao lado do prédio, a janela do passageiro abaixada. Eu pude ver seu rosto sorridente no carro escuro, e foi como se um aperto aliviasse meu peito. O alívio era como oxigênio para os pulmões famintos.

Corri até o carro dele, abri a porta do passageiro e entrei. Eu estava encharcado e provavelmente fazendo uma bagunça infernal em seu carro, mas caramba, fiquei feliz em vê-lo. Como se eu não tivesse ideia do quanto eu precisava vê-lo. —Desculpe estou atrasado. A reunião foi um pouco

mais longa do que eu esperava, e então, é claro, teve que chover.

Ele estava olhando para mim, sem sorrir.

—Não perdi minha consulta de propósito. Foda-se, isso significa ??

Ele examinou meu rosto. *Oh. Meu rosto.*

—CJ— ele sussurrou.

—Não é nada.— Meu ponto alto em vê-lo esvaziou como um balão pela expressão de piedade em seu rosto. Eu estava ansioso para vê-lo, e agora ele me olhava assim... Agarrei a maçaneta da porta, pronto para sair e correr, mas ele pegou minha mão.

—Não vá— ele disse rapidamente.

Antes que eu pudesse sair, ele dirigiu para a rua, nunca soltando minha mão. A viagem para a casa dele levou apenas dez minutos, mas nenhum de nós falou.

Deus, eu odiava isso.

Eu odiava o meu velho por estragar a coisa muito boa da minha vida.

Noah parou o carro e, sem dizer uma palavra, saiu e abriu o portão. Quando o segui, a porta dos fundos estava destrancada e deixada aberta e, com o coração pesado,

entrei. Ele estava na cozinha, encostado nos armários e segurando o balcão com tanta força que suas juntas estavam brancas.

Suspirei, imaginando em que problemas ele pensou que eu iria me meter. Deus, ele pensou que eu entrei em alguma briga de bar também?

Ele engoliu em seco e soltou um suspiro trêmulo. — Acho que seu velho fez isso com você?

Eu balancei a cabeça, apenas um pouco, aliviado por ele não assumir que era minha culpa. —Você está com raiva de mim?

Seus olhos se arregalaram e ele atravessou o chão em três passos largos. Ele me puxou para mais perto da pia e pegou um pano limpo da gaveta de baixo. Então ele gentilmente limpou meu cabelo molhado, a lateral do meu rosto, e ele suavemente tocou meu olho, enxugando a água. Seus olhos procuraram os meus e ele colocou a outra mão na minha bochecha e traçou levemente o polegar perto do meu olho roxo. Ele me tocou tão gentilmente, tão gentilmente, que me senti tão bem e machucou meu coração ao mesmo tempo.

—Por que eu ficaria bravo com você?— ele sussurrou.

—Maryanne, a senhora que dirige as reuniões sobre drogas e álcool, presumiu que eu tivesse brigado. Eu

continuo dizendo a ela que eu não tomo drogas ou até mesmo bebo, mas posso ver que ela não acredita em mim. Ela acha que eu não sou bom para nada. Eu posso ver do jeito que ela olha para mim. O mesmo com as pessoas no ônibus. Eles veem meu rosto machucado e assumem que sou um encenqueiro. Mas eu não faço nada errado. Eu tento, todos os dias, ser uma boa pessoa. Para ajudar e cuidar de Pops, sabe? Eu não peço nada. Não tenho nada e não culpo o mundo por isso. Não acho que ninguém me deva nada. Eu só estou tentando superar cada maldito dia.

Meus olhos ardiam de lágrimas e eu tive que respirar fundo. Eu podia me sentir prestes a chorar e me forcei a parar. Mas então ele deslizou a mão em volta do meu pescoço e me puxou contra ele. Naquele lugar seguro e quente que eu só conhecia com ele.

Um abraço. Um simples abraço. Seus braços quentes, toque gentil e gentil, que eu podia sentir costurando os buracos no meu coração, na minha alma.

Foi apenas um abraço, mas não foi. *Foi muito mais.*

Foi toque humano. Foi bondade e compreensão. Foi tranquilizador e consertador de almas.

Eu me agarrei a ele, como uma criança fodida. Como se ele me deixasse ir, eu desmoronaria. E ele me segurou, apenas me segurou sem questionar, sem julgamento.

—Desculpe— eu chorava, finalmente. —Eu me sinto tão idiota.

—Não é estúpido.— Ele se afastou e passou as mãos na minha cara. Ele me puxou e beijou meu olho dolorido, depois pressionou os lábios no canto do meu lábio partido, como se de alguma forma curasse minha dor.

E meu Deus, fez. Realmente fez.

—Você está bem?— ele perguntou, limpando a toalha no meu pescoço, onde a água escorria do meu cabelo. —Você está machucado em outro lugar?

Eu balancei minha cabeça. Nem minhas lágrimas o incomodaram. —Não, eu estou bem. Melhor agora.

O sorriso dele foi triste. —O que aconteceu?

—Ele estava bêbado e não fez nada o dia todo. Cheguei em casa depois de passar o dia com você e o fogo estava quase apagado, e Pops tossia muito na cozinha e papai estava sentado no banco de Pops, fumando. Então eu acendi o fogo, então disse a ele para não fumar na maldita casa. Eu era um pouco esperto para ele, mas tive um grande entusiasmo. Ele não dá a mínima para Pops estar doente e tudo. Ele não faz nada em casa e eu perdi a cabeça com ele, e ele perdeu a merda dele mim.

Os olhos de Noah se estreitaram. —Não pense por um segundo que você mereceu isso. Você pode ser um espertinho da maneira que quiser, ninguém merece ser atingido.

—Sim, bem, está feito agora.— Dei de ombros. —Ele não se desculpou ou nada. Não que eu espere que ele faça. Mas ele não olha para mim. Ele é um pedaço de merda.

—Você quer que eu o denuncie?— Noah perguntou. —Eu posso contar para Terrell. Ele é o PO do seu pai. Uma acusação de agressão e sua bunda está de volta à prisão. É tudo o que preciso para fazê-lo ir embora.

Eu balancei minha cabeça. —E o que? Ele faz doze meses e sai sabendo que eu o coloquei lá? —Eu bufei. —Porque isso vai acabar bem.

—Existem leis ...

—Leis não fazem merda, Noah. Você acha que meu velho se importa com a lei? —Eu balancei minha cabeça. —Nunca teve. Nunca irá.

—Não é justo. Você não precisa viver assim.

—Está bem. Já tive piores.

As narinas de Noah se alargaram e ele inalou bruscamente. —Isso não faz tudo bem.

Suspirei pesadamente e percebi que ainda segurava sua camisa, com os punhos ao seu lado. —Obrigado. Por ouvir e não pensar mal de mim. —Eu duvidava que ele tivesse alguma ideia do quanto eu me sentia melhor.

Ele tocou meu cabelo e examinou meus olhos. —A qualquer momento.— Então ele se afastou e foi para a sala de estar. — Vou levá-lo de volta para Ten Mile Creek. O último ônibus foi embora. Mas faça-me um favor — ele disse. Eu podia ouvi-lo vasculhando alguma coisa e então fui lá para encontrá-lo vasculhando a gaveta do armário com as fotos. Ele pegou um telefone e o que parecia ser algum tipo de carregador. —É velho. Não é nada extravagante, mas pelo menos dessa maneira podemos enviar mensagens de texto e você pode me ligar se precisar conversar ou se precisar que eu vá buscá-lo.

Ele me deu uma olhada que dizia que isso não era negociável. Ele estava certo sobre uma coisa. Era velho. Não era um telefone de tijolo, de maneira alguma, mas não estava longe disso. —Hum, está bem.

—Eu tinha anos atrás e depois atualizei. Funciona muito bem, mas vou precisar ligar para um serviço e pegar um desses cartões de crédito. —Ele pegou suas chaves. —Vamos. —Eu não quero que você fique em confusão. Não faz sentido dar a ele mais alguma coisa para ficar bravo com você. —Ele parou e me olhou de cima a baixo. —Você está quente o suficiente? Você estava bem encharcado.

Eu sorri para ele. —Sim eu estou bem.

Ele inclinou a cabeça. —O que você está sorrindo?

—Você.— Dei de ombros. —Eu nunca tive ninguém, eu não sei, se importando, eu acho.

Ele olhou para mim por um segundo mais longo. Até o ponto em que me arrependi de ter dito alguma coisa. Mas então ele se aproximou de mim, me olhou bem nos olhos e disse: —Bem, acostume-se a isso. Porque eu me importo com você. E já é hora do resto do mundo ver o verdadeiro CJ Davis.



13 - *Noah*

Talvez eu estivesse muito franco. Talvez eu tenha passado por cima da minha cabeça. Eu disse a CJ que me importava com ele, porque era a verdade, e ele precisava ouvir.

E porque eu aprendi da maneira mais difícil que a vida é muito curta.

As coisas não devem ser deixadas não ditas.

Ele claramente não estava acostumado a ouvir coisas gentis que lhe eram ditas, e os elogios podem muito bem ter sido em uma língua estrangeira. Deus, eu não conseguia imaginar a vida que ele viveu. E como ele saiu disso ainda tentando encontrar o bem nas pessoas, eu nunca saberia.

Eu não estava mentindo quando disse que estava na hora de o mundo ver o verdadeiro CJ Davis. Ele era um bom homem. Um homem de bom coração, que recebeu uma vida realmente de merda. O jeito que ele se agarrou a mim quando eu o abracei machucou meu coração, como se estivesse faminto por carinho. Eu queria abraçá-lo e nunca deixá-lo ir.

A cara dele... o olho roxo e corte em seu lábio... Eu odiava que ele estivesse machucado e odiava que era o pai dele que fez isso com ele. Eu odiava o fato de que ele estava indo para casa onde seu pai estava. Mas era a casa de CJ. O único lar que ele já conhecera. E, sinceramente, CJ viveu lá mais tempo do que seu pai. Seu pai passou mais anos na cadeia do que naquela casa.

Eu odiava que CJ se sentisse tão inseguro em sua própria casa.

Liguei para o serviço na saída da cidade e peguei um cartão SIM para celular com um crédito de vinte dólares. Voltei para o carro, onde deixei CJ com o aquecedor a todo vapor e entreguei a ele o cartão SIM. Ele parecia que estava prestes a se opor a eu gastar dinheiro com ele, então eu rapidamente acrescentei: —Por favor, aceite isso. Isso me fará sentir melhor sabendo que você pode me ligar se precisar.

Ele recostou-se na cadeira com um suspiro. —Tenho dinheiro em casa. Eu posso pagar de volta.

—Você pode comprar pizza no sábado à noite— eu alterei. —Então estaremos quites.

Ele olhou para o pacote do cartão SIM. —Eu não sei como isso deve funcionar.

—Aqui— eu disse. —Deixe-me. Eu vou te mostrar.— Peguei o SIM antigo e coloquei o novo.—O número de telefone na parte de trás do pacote é o seu novo número.— Rapidamente, peguei meu telefone e o digitei. —Você precisará cobrar por um tempo. Está morto há anos, mas deve funcionar.

Eu devolvi para ele e ele sorriu, virando-o na mão. — Obrigado.

Dirigi para a estrada e, quando estávamos a caminho de Ten Mile Creek, disse: —Você pode me mandar uma mensagem sempre que quiser.

O sorriso dele morreu. —Você esqueceu?

—O que?

—Isso eu não sei ler.

—Não, você não consegue ler bem. Mas você pode ler. —Eu sorri para ele. —E eu vou ser fácil com você.

—Você pode silenciá-lo para que meu pai não saiba que eu o tenho?

—Sim claro.— Eu não estava sorrindo agora. —Eu não vou mandar mensagem ou ligar para você, a menos que você me pergunte algo ou precise que eu responda. Apenas carregue, e há um botão ao lado; clique nele e você verá um alto-falante com uma linha na tela. Isso significa mudo.

—Como na TV.

—Exatamente. Se você quiser, basta levá-lo para trabalhar com você na quinta-feira e eu o ajudarei a configurá-lo quando eu ligar para a visita não programada.

Ele sorriu da minha piada, mas parecia mais feliz com a ideia de eu ajudar. —Ok, obrigada.

Dirigi através de Ten Mile Creek, sobre as linhas ferroviárias, estacionei na saída para a Davis Road e desliguei o motor. —Você tem meu cartão com meu número, não é?

Ele assentiu. —Sim!

—Se você precisar, eu volto e te pego, ok?

—Eu vou ficar bem. Mas me prometa que não dirá nada ao pedido de papai.

—OK.

—Quero dizer. Acredite, nada de bom virá disso.

A última coisa que eu queria fazer era tornar as coisas mais difíceis para ele. Eu disse que não, e eu quis dizer isso. Peguei sua mão e seu olhar disparou para o meu. Eu ignorei seu olho roxo, querendo que ele soubesse que vi o homem lá dentro. —Você não está sozinho, ok?

Ele olhou para mim e meu coração estava gritando para eu me inclinar e beijá-lo. Mas não pude. Eventualmente,

ele assentiu, enfiou o telefone e o carregador no bolso do paletó e saiu. A chuva havia diminuído, mas estava frio lá fora. Ele puxou o casaco em volta do pescoço e desapareceu na estrada escura.

Dirigi para casa repetindo as palavras que eu tinha acabado de dizer a ele na minha cabeça.

Você não está sozinho. Você não está sozinho. Você não está sozinho.

Há dezoito meses, eu daria qualquer coisa - qualquer coisa - para alguém me dizer essas palavras.



Eu estava na manhã seguinte no trabalho, fiz um café e bati na porta de Terrell. —Tem um segundo?

Ele ergueu os olhos do laptop e sorriu. —Certo.

Sentei-me em frente a ele e tomei meu café. —Isso é apenas hipotético...

—Sim— ele disse, prolongando-se lentamente.

—Diga, hipoteticamente, que alguém em liberdade condicional agrediu fisicamente um membro da família...

Os olhos dele se estreitaram. —Se este for, por exemplo, não um caso hipotético, você deve denunciá-lo.

—E se essa pessoa fez você prometer não contar, porque isso só pioraria as coisas?

Ele suspirou. —Noah.

—É apenas um cenário hipotético.

—Então você poderia fazer uma visita surpresa em casa e ver se alguém está em perigo?

—Isso apenas pioraria as coisas?

—Não se a pessoa em questão está quebrando sua liberdade condicional.

—E se a pessoa que me pediu para prometer não contar fosse a pessoa que foi atingida. Não foi quem acertou.

—O cara em liberdade condicional foi quem foi atingido?

—Na verdade, e se ambos estivessem em liberdade condicional?

Terrell recostou-se na cadeira e suspirou. —*Noah.*

—É hipotético.

—Hum-hum.

—Tenho certeza de que se alguém fosse interrogado, todas as partes negariam e, quando devíamos sair, a participante A saberia que a participante B havia conversado e isso colocaria a participante B em maior perigo. Hipoteticamente.

—Hipoteticamente, a liberdade condicional B pode ser removida da casa.

—Hipoteticamente, ele não vai embora. Eu sugeri isso.

—Se os dois negarem, isso não pode ser provado, e se a liberdade condicional B se recusar a deixar a situação, infelizmente nossas mãos ficarão atadas até que a situação se torne mais grave.

—Então, hipoteticamente, ficar de olho na situação é tudo o que podemos fazer. Por agora. Até que algo mais aconteça. O que eu espero que não.

Terrell me estudou por um momento e depois sorriu. — Em um assunto completamente não relacionado, estou programado para ligar para ver Dwayne Davis amanhã.

—Oh!— Eu agi surpreso. —Isso é uma coincidência. Tenho uma visita de trabalho marcada para CJ amanhã.

—Então podemos subir juntos.

Eu sorri para ele e assenti. —Boa ideia.

No dia seguinte quando Terrell e eu dirigíamos até Ten Mile Creek, o plano era que ele me deixasse na loja do Sr. Barese e ele iria ver Dwayne por conta própria. —Venho fazendo isso o tempo suficiente para conhecer pessoas como ele— dissera Terrell. —Se nós dois aparecermos, ele se sentirá ameaçado e menos inclinado a conversar. Se for só eu, verei o que consigo dele.

Provavelmente foi o melhor também. Eu não pensei que seria capaz de olhar para o pai de CJ e não querer levar seu traseiro de volta para a prisão.

Entrei na oficina e o cheiro de graxa e óleo me atingiu, me fazendo pensar em CJ, e sorri. O Sr. Barese me viu primeiro e me cumprimentou com seu sorriso largo habitual e um aperto de mão quente. —Tão bom te ver!— Ele era um homem tão genuíno e eu realmente gostei dele. Não apenas pelo que ele fez por CJ, mas ele era um homem honesto e trabalhador, e eu o admirava. Então ele chamou: —CJ, visitante!

—Dia tranquilo?— Eu perguntei.

—Sim! Mas temos dois carros reservados amanhã.

—Isso é ótimo.

Nesse momento, CJ veio de algum lugar segurando uma vassoura larga. Ele parou quando me viu e seus lábios torceram como se tentasse não sorrir. —Hey— ele disse friamente.

—Ei— respondi. Então, para me distrair, virei-me para o Sr. Barese. —Posso emprestar CJ por alguns minutos?

—Claro— ele respondeu.

—Mas eu tenho alguns formulários para passar por você mais tarde, se estiver tudo bem?

Ele assentiu. —Coisa certa. Você vem me encontrar. Eu estarei aqui em algum lugar. —Ele caminhou até a frente de sua loja, me deixando sozinho com CJ.

Ele usava um macacão de mecânico velho, desabotoado para mostrar uma camisa preta por baixo. Combinava com seus cabelos e olhos. Ele parecia sexy como o inferno, e eu não conseguia nem me importar em ficar apenas olhando para ele enquanto ele assistia.

—Você está aí?— ele perguntou com um sorriso.

—Totalmente.— Eu encontrei seu olhar e não desviei o olhar. —Eu tenho que dizer, eu gosto do uniforme.

Ele encostou a vassoura na parede e quando olhou para mim novamente, ele riu e balançou a cabeça. —A sua visita hoje está relacionada ao trabalho ou você está aqui apenas para conferir o cenário?

Dei de ombros. —Ambos.— Eu abaixei minha voz. — Seu olho parece melhor.

Ele assentiu e lançou um olhar aguçado para as portas dos fundos, que se abriam para o riacho. Quando estávamos do lado de fora, ele tirou o telefone do bolso e me entregou. — Carreguei como você disse, mas depois queria fazer alguma coisa de configuração, então deixei porque não queria clicar em algo errado.

—Ah, claro— eu disse. Liguei e passei pelas perguntas de configuração com ele, e quando terminou, devolvi a ele. Então peguei meu telefone e enviei uma mensagem rápida para ele.

Oi.

Seu telefone apitou na mão, assustando-o. Ele segurou-o como se fosse uma bomba, e eu lhe mostrei como rolar e encontrar mensagens, o que clicar e como lê-las.

—Isso é de você?— ele perguntou, olhando para a tela.

—Sim.

Então eu mostrei a ele como responder. —Envie 'oi' de volta para mim— eu disse e esperei que ele encontrasse as letras no pequeno teclado na tela.

—Então eu pressiono a flecha pequena para enviá-lo?

Concordei e um segundo depois meu telefone tocou.

Oi

Eu sorri para ele. —Bem-vindo à era do iPhone.

Ele revirou os olhos, mas havia uma ponta de orgulho ali. Então eu liguei para o número dele, e ele tocou na mão dele, assustando-o.

—Pressione o botão verde na tela—, eu disse a ele. —Verde é responder, vermelho é desligar.

Ele apertou o botão verde e eu coloquei meu telefone no ouvido. —Ei— eu disse, olhando diretamente para ele.

Ele revirou os olhos. —Ei. Agora você pode fazer isso não tocar? —Ele estendeu o telefone para mim e eu lhe mostrei novamente onde o pequeno interruptor era para silenciá-lo.

—Como está seu pai?— Eu perguntei. — Terrell me deixou e saiu para ver seu pai. É apenas uma ligação programada para a casa.

—Sim, ele está bem. Não é diferente.— Ele deu de ombros, enfiou o telefone no bolso, pegou o cigarro e acendeu um. —Nós realmente não conversamos desde então. Eu não estou voltando para ele. Não mais.

—Bom— eu respondi. —Quero dizer, não quero que você seja inseguro, mas também não quero que ele te trate como uma merda.

Ele balançou a cabeça e fez a coisa de um olho, apertando os olhos para o céu que ele fez quando soprou fumaça.

—Como está o Pops?

—Sim, bom.



—Isso é bom, estou feliz. E o Sr. Barese disse que você tem um dia agitado amanhã.

Ele me deu uma olhada e um sorriso que era como uma visão rara do verdadeiro CJ Davis. Era como se ele não tivesse que fingir ser indiferente comigo, como eu - e só eu - consegui vê-lo de verdade. Foi um privilégio testemunhar. — Sim, vai ser bom.

—Eu tenho um compromisso sobre como isentar suas taxas de aprendiz.

Ele tentou por indiferente, mas eu pude ver embaixo da fachada. —Isso seria... seria bom.

—Será. Mas é melhor eu encontrar o Sr. Barese e dar a ele esses formulários para examinar e assinar antes que Terrell volte — eu disse. —E lembre-se, você pode me mandar uma mensagem a qualquer momento. Até para dizer oi. —Eu pisquei, depois entrei em busca do Sr. Barese. Ele estava em seu escritório com uma pilha de recibos na frente dele. Bati levemente na porta. —Olá.

—Entre, entre— ele disse, fazendo aquela coisa de acenar com a mão italiana. —Você já terminou com CJ?

—Sim, não demorou muito.— Estendi a pasta de papel pardo que estava segurando. —Eu tenho alguns formulários para você procurar o aprendizado de CJ.

Ele se animou. —Ah sim! Que coisa boa você faz por ele.

—E você também. Ele está realmente ansioso por isso.— Então eu sussurrei: —Ele pode agir como se não fosse grande coisa, mas ele está animado com isso.

Barese sorriu. —Eu sei! Eu sei dizer. Ele é um bom garoto, ele merece coisas boas. —Então ele parou para franzir a testa. —Não é como o pai dele. Você viu o olho dele? Aquele homem não o merece.

Eu assenti com um suspiro. —Sim, eu vi. E eu disse ao CJ para me ligar se ele precisar.

—Eu também.— Barese pegou uma caneta. —Onde eu assino?

—Você não quer levar para casa e ler?— Quero dizer, era claramente apenas um formulário de inscrição de aprendizagem, mas ainda assim.

—Não há necessidade. Eu confio em você. Você quer coisas boas para ele também.

—Eu faço.— Acho que o Sr. Barese não sabia o quanto isso era verdade. —Você só precisa assinar em todos os lugares que eu coloquei aquelas abas 'assine aqui'.

Um momento depois, ele assinou em todos os lugares que eu precisava e ele olhou de volta para a porta. —É melhor não deixá-lo nos ouvir falando sobre ele, ou ele ficará bravo.— O Sr. Barese piscou para mim. —Deus nos livre de dizer coisas boas pelas costas.

Eu ri disso. —Deus não permita.

Então ouvi os passos familiares de CJ na oficina. —Ei, CJ?— Eu chamei. —Você pode vir aqui, por favor?

Ele apareceu cautelosamente na porta. —Sim?

—Eu esqueci—, eu disse, segurando minha caneta para ele. —Eu preciso que você assine alguma coisa.

Franziu a testa, mas ele entrou no escritório e pegou a caneta. Apontei para o único local que ele havia deixado para assinar e observei enquanto ele rabiscava seu nome. — Feito— disse ele sem rodeios, devolvendo minha caneta. Então ele inclinou a cabeça para um som que eu não ouvi. —Alguém acabou de estacionar. Eu irei — ele disse enquanto já estava saindo.

Então ouvimos CJ cumprimentar alguém, a voz que logo reconheci ser de Terrell. —Ah, essa é a minha carona— eu disse.

O Sr. Barese e eu saímos para encontrar CJ e Terrell conversando sobre futebol ou algo assim, ambos ali de pé, com os pés bem abertos e os braços cruzados. Eles estavam buscando uma conversa agradável, mas a linguagem corporal falava muito; nenhum deles queria fazer parte dessa conversa.

CJ me deu um olhar estranho. —Seu Uber está aqui.— disse ele, acenando para Terrell.

Terrell riu. —Sim, obrigada.

Eu não sabia do que se tratava, mas dei a ele um olhar que esperava que ele entendesse. —Eu entrarei em contato.

CJ respondeu com um grunhido enquanto se afastava, passando a vassoura de onde estava contra a parede a

caminho. Agradei novamente ao Sr. Barese, depois Terrell e eu voltamos à cidade.

—Você viu o olho de CJ?— Eu perguntei quando chegamos à estrada.

Terrell assentiu. —Sim, seu velho fingiu que não sabia nada sobre isso.

—Você mencionou a ele?

—Sim. Disse a ele que vi CJ quando deixei você. Dwayne disse que deve ter sido dos meninos jogando futebol. Mencionei futebol para CJ agora e ele disse que nunca jogou. Apenas assiste na TV com Pops.

—Então Dwayne mentiu para você.

Parece que sim. Mas é boato no momento. Bem, mais como ele disse / ele disse. Apenas documento no arquivo dele com a data e, se houver mais, teremos um registro.

Estendi a pasta de papel pardo como se fosse um troféu. —Consegui que CJ se inscrevesse em um aprendizado.

Terrell me deu um sorriso que disse que eu ainda era um novato que se empolgou com a papelada. —Você pode pensar que eu sou um novato otimista em tudo que você gosta. Mas isso vai mudar a vida dele.

Terrell riu e balançou a cabeça. —Isso mesmo. E essa atitude otimista do novato que você tem aí?

—Sim!

—Nunca perca.

Suspirei feliz, mas depois me lembrei do que ele disse sobre futebol. —Você não parecia muito feliz por estar conversando com CJ lá atrás. Vocês dois estavam com os braços cruzados.

—Não.— Terrell acenou com a mão. —Estou fazendo isso há tempo suficiente para não deixar que eles me incomodem muito.

—Incomodá-lo? O que CJ fez que incomodou você?

—Nada pessoalmente, e ele parece ser um bom garoto. Mas ele ainda fez o que fez. Ele violou a lei. Espero que ele termine o aprendizado e espero que ele ponha sua vida nos trilhos, porque, se não o fizer, acabará como o velho, na Davis Row.

Eu estava realmente começando a odiar esse nome. — Nem todos os Davis's são merdas. Seu velho sim, e provavelmente seus irmãos também. Mas CJ e Pops são boas pessoas.

—Você leu o arquivo do caso dele?

—A maior parte.

—A transcrição legal?

—Não. Não tudo disso.— Eu estava tão envolvido com os relatórios anteriores sobre a infância dele, que não tinha lido tudo.

Terrell cantarolou. —Viciados em drogas são bons mentirosos, Noah.

Viciados em drogas? —CJ não é viciado em drogas.

—Foi isso que ele disse?

Jesus. Não era como se eu pudesse dizer que estava passando um tempo com ele, que eu o conhecia melhor do que ele pensava.—Ele não é.

Terrell assentiu devagar e sorriu para a estrada.

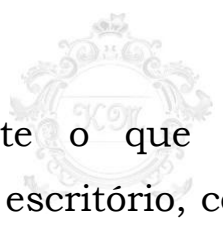
—Ele foi preso por invadir um químico. Os policiais o pegaram dentro, roubando sacos de drogas.

Eu sabia pelo que ele foi preso. E sinceramente, eu não tinha pensado muito no histórico criminal de CJ. Eu estava tão envolvido em ler sobre sua infância conturbada... Mesmo agora, conhecendo CJ como eu, não conseguia juntar os pontos. Não era como ele. O CJ que eu conhecia tinha um bom coração, ele trabalhava duro e cuidava de um velho com problemas de saúde.

Mas ele foi pego no meio de um B e E, em flagrante. Havia até câmeras de vigilância. Foi indiscutível.

Terrell estava certo? CJ mentiu para mim? Ele me levou como um tolo?

—Leia o relatório da polícia, depois leia o que os advogados disseram no tribunal. Então venha me dizer o que acha de CJ Davis.



Eu fiz exatamente o que Terrell me disse para fazer. Sentei-me no meu escritório, comecei no início e li todo o processo de CJ.

Meu coração afundou ao ler o relatório da polícia. Ele invadiu um químico, sem saber, acionando um alarme silencioso. A polícia chegou e encontrou CJ sozinho, de pé em uma fila de prateleiras com uma sacola plástica cheia de medicamentos prescritos.

Ele não tentou correr. Ele não resistiu à prisão. Ele não disse uma palavra.

Quando perguntaram por que ele fez isso, ele deu de ombros e não disse nada. Ele tinha 21 anos, nenhum registro

anterior. Observou-se pelo oficial que CJ tinha um olho roxo no momento de sua prisão. Também foi observado que ele foi libertado, aguardando sua presença no tribunal, e foi recolhido por seu pai, Sr. Dwayne Davis. O policial também observou que CJ parecia relutante em sair.

Avançando doze meses, quando o caso foi a tribunal, o juiz reconheceu que CJ mantinha um histórico impecável de comparecimento ao trabalho e permaneceu sem problemas, e observou-se devidamente que era o primeiro crime. Mas a polícia teve um forte argumento contra ele.

As evidências fornecidas ao tribunal foram o conteúdo da sacola encontrada na pessoa de CJ na noite de sua prisão: comprimidos para gripes e resfriados, spray nasal Vicks, prometazina, rentamina e butano.

Oh, Jesus H Cristo.

Pseudoefedrina, desoxifedrina, anfetamina, efedrina e fluido mais leve.

CJ tinha ingredientes para cozinhar metanfetamina.

A polícia teve um caso forte, o juiz concordou. O advogado de CJ pediu clemência, pois o pai de CJ havia acabado de voltar para a prisão, deixando CJ como o único cuidador de seu parente doente e idoso, e seu antigo empregador também contava com ele. O juiz considerou CJ culpado e proferiu uma sentença suspensa de dois anos, com

condições estritas de condicional referentes a emprego e reuniões sobre drogas e álcool.

Eu quase podia ouvir o bater do martelo enquanto o lia. Fechando a pasta, recostei-me no banco e passei as mãos pelos cabelos. Eu não sabia o que pensar. Eu não sabia como me sentir.

Como eu pude ser tão cego para a verdade? Porque mesmo se ele tivesse a melhor desculpa para fazer o que fez, eu deveria saber todos os fatos antes de me aproximar dele. Eu deveria saber melhor. Eu arrisquei tudo por ele. Para qual finalidade? Por alguma chance estúpida de felicidade? Com um traficante de metanfetamina?

Era isso que ele era?

Eu encarei o arquivo na minha mesa. Eu gostaria de ter lido meses atrás. Eu gostaria de nunca ter lido tudo. O CJ que pensei que sabia não estava nesse arquivo e tive que me perguntar: *qual era o verdadeiro CJ?*

Eu precisava pedir a verdade. Mas quando? Ele teve seu curso de licença de piloto amanhã e, no fim de semana seguinte, teve que se sentar para obter sua licença real. Prometi ajudá-lo, independentemente de como as coisas estavam entre nós. E talvez eu não o conhecesse tão bem quanto pensava, mas eu o conhecia o suficiente para saber se eu o confrontava e o acusava de mentir para mim e pior,

perguntar sobre suas habilidades em cozinhar metanfetamina, não havia como ele me deixou ajudá-lo.

Ele me excluiu, e não apenas eu, excluía qualquer um que tentasse ajudá-lo no futuro. Eu o conhecia bem o suficiente para saber disso. Ele nunca se qualificaria como mecânico, nunca obteria sua licença, nunca sairia da Davis Row.

Eu não poderia deixar isso acontecer. Eu prometi a ele.

Ele estava em liberdade condicional em uma semana. Ele só tinha que passar uma semana e teríamos algum espaço para respirar pelo menos. Bem, foi o que a parte racional da minha mente disse. Mas meu coração... bem, meu coração era outra questão inteiramente.

14 - *CJ*

Trabalho na sexta-feira estava ocupado como o inferno. Tínhamos dois carros reservados para um serviço. O Sr. Barese trabalhou em um enquanto eu trabalhava no outro, e ainda tínhamos que equipar os arcos e o telefone. Mas nós trabalhamos bem juntos; Fiz o trabalho por baixo dos motores, o Sr. Barese fez o seu trabalho de cima para baixo. Ele alegou que seu corpo não estava mais disposto a subir no carrinho de trepadeira. Bem, ele disse que ainda poderia cair abaixo deles. Era o retorno que seu corpo não gostava muito.

Mas eu não me importei. Na verdade, eu adorei.

Trocar óleo e verificar as bombas de combustível não eram exatamente coisas sofisticadas, mas havia um método de precisão, que precisava ser adotado para que cada procedimento fosse executado corretamente. E foi gratificante fazer cada trabalho e fazê-lo bem.

Era ainda melhor ver os clientes satisfeitos e um Sr. Barese ainda mais feliz. Quando a hora da folga chegou, caímos em nossas cadeiras em seu escritório e bebemos

nossas xícaras de chá. Certamente, a maioria das pessoas provavelmente sentou-se às cinco horas da tarde de uma sexta-feira com uma cerveja, mas não nós. A Sra. Barese trouxe alguns scones frescos com creme e geleia e até alguns para eu levar para casa para Pops. Ele os amaria, e fiquei agradecido por ela ter pensado nele.

—Quais são seus planos para esta noite?— Barese perguntou.

—Nada demais. Ir para casa. Cozinhar o jantar. Papai provavelmente vai querer assistir o futebol.

—Achou que você não gosta do futebol?— ele perguntou.

—Não muito. Mas haverá um filme depois.

Ele tomou um gole de chá. —Não vai para a cidade?

—Não.

Ele parou por um segundo. —Que Noah parece um bom sujeito.

Bem, isso veio do nada. No que ele estava falando? O que ele sabia? Dei de ombros, tentando agir como se não me importasse. —Sim! Parece bom.

Felizmente, ele deixou tudo em paz. —Você faz sua aula de moto amanhã?

Não era realmente uma lição, mais uma aula com um instrutor, mas eu não via o sentido de corrigi-lo. — Sim. Primeiro amanhã, segundo próximo fim de semana, então posso me sentar para obter minha licença.

—Bom, bom— disse ele, assentindo. —Você precisa de uma carona lá?

—Nah, ela estará certa. Obrigado.

Eu tentei esconder minha emoção. Não apenas no percurso, mas também vendo Noah novamente. Por isso, contei ao Sr. Barese como as motos eram fornecidas para esse curso e brinquei que eu provavelmente terminaria com a motocicleta de dois tempos de uma mulher que parecia um cortador de grama. Ele riu disso. Ele pegou as xícaras vazias e eu fechei as portas de correr, trancando-as com cadeado. Ele me desejou boa sorte e se despediu, e eu me sentei na minha moto. Mas antes de começar, peguei meu telefone e fui para as mensagens como Noah havia me mostrado.

Não havia mensagens dele, não que eu esperasse, mas ainda estava decepcionado por não ter notícias dele. Ele era o especialista em tecnologia, não eu, e provavelmente poderia digitar uma longa mensagem em apenas alguns segundos, como se não fosse nada. Mas eu também disse a ele que não podia ouvir meu telefone bipar, caso meu velho

ouvisse. Então, talvez ele estivesse esperando notícias minhas.

Eu olhei para a sua mensagem anterior para mim, e foi fácil copiar. Eram apenas duas letras, mas mesmo essas me levaram alguns segundos para encontrar.

Oi

O cursor piscou para mim, esperando que eu escrevesse outra coisa ou pressione Enviar. Era tão ridículo que eu estava nervoso, mas minhas mãos estavam suadas e eu tinha borboletas no estômago. Eu balancei minha cabeça para mim mesmo e apertei o maldito botão Enviar.

Eu esperei por cerca de cinco segundos, mas não houve resposta. Talvez ele estivesse voltando para casa, ou talvez ele ligou para uma loja a caminho de casa para jantar, eu disse a mim mesmo. Ele responderia quando pudesse.

Jesus, CJ. Desesperado, muito?

Certificando-me de que o telefone ainda estava em silêncio, coloquei-o no bolso, liguei minha motocicleta e fui para casa. Andei de moto no galpão, fechei-o e entrei para encontrar Pops em sua poltrona assistindo seus programas na TV.

—Ei, Pops. Como está a vida com os Forresters hoje? Oh, a senhora Barese me deu alguns bolinhos para

levar para casa. —O fogo estava aceso, a casa estava quente e não havia sinal do meu pai. —Onde está o pai?

Pops suspirou. —CJ, sente-se. Tenho algo a lhe dizer.

Bem, isso não parecia bom.

Eu sentei no sofá. —O que é isso?

—Ele foi para a cidade.

—O que? Como?— Não o vi pegar o ônibus. O ponto de ônibus estava perto do trabalho, e tenho certeza que ele teria me pedido dinheiro porque não tinha nenhum.

—Não, ele conseguiu uma carona.— Pops franziu o cenho. —CJ, ele vendeu seu cortador de grama.

Eu pisquei. —Ele o que?

—Eu disse a ele que ele não tinha o direito. Eu disse a ele que era seu e você o comprou com seu próprio dinheiro. Mas ele não se importou. Um cara de Maitland pagou cem dólares por isso e ele conseguiu uma carona de volta à cidade com ele.

Eu não pude acreditar. —Ele vendeu meu cortador de grama?

Pops assentiu. —Eu tentei detê-lo.

Minhas mãos começaram a tremer; raiva e asco queimaram em minha barriga e meu sangue. Cerrei os dentes e fechei os punhos, tentando respirar calma quanto pude. — Ele vendeu meu cortador de grama? Por cem dólares? Paguei duzentos por isso!

O cenho dele se aprofundou. —Eu sei.

—Cem dólares. Para ele, isso é apenas um maço de cigarros e uma dúzia de peras. —Não eram nem cinco e meia. —Ele provavelmente já gastou.

Pops assentiu solenemente. —Ele estava de mau humor o dia todo. Procurou dinheiro na casa, procurando qualquer coisa que ele pudesse atrapalhar.

Eu senti o sangue escorrer do meu rosto. —Ah não.— Corri para o meu quarto e empurrei o guarda-roupa da parede. Coloquei minha mão no buraco e, por um momento de pânico, não senti a caixa Weet-Bix. Mas então cheguei mais longe e, felizmente, lá estava. Puxei-o cuidadosamente e levei-o para a minha cama, assim que Pops entrou no meu quarto. Com um nó de pavor na garganta, abri a tampa.

Deus, eu quase não queria saber.

—Está tudo aí?— Pops perguntou.

Soltei um suspiro todo-poderoso. Lá, exatamente como eu deixei, estava minha pilha de dinheiro. —Parece que sim.

Os ombros de Pops cederam visivelmente com alívio. —
Graças a Deus.

—Você pode contar para mim?— Eu perguntei a ele. Eu
poderia fazer isso, mas ele foi mais rápido do que eu.

Ele entrou e sentou na minha cama e começou a
contar em voz alta cada nota. —Cento e oitenta dólares—
disse ele, olhando para mim como se fosse uma pergunta.

Eu assenti. —Eu tive que usar sessenta dólares no
outro dia para ajudar a pagar o curso que eu vou fazer
amanhã. Então está certo, não está?

Pops soltou um suspiro chiado. —Oh, graças a Deus.

O alívio foi imediato, mas ainda não corrigiu o fato de o
bastardo ter vendido meu cortador de grama. Arrumei o
dinheiro, escondi a caixa de volta na parede e coloquei o
guarda-roupa de volta no lugar. Voltamos para a cozinha, e
eu fiz a chaleira, coloquei os scones no micro-ondas para
ficarem bons e quentes e ensopados com manteiga. Como
Pops gostou.

—Eu deveria denunciar meu cortador de grama como
roubado— eu disse.

Pops assentiu seriamente. —Você deve.

—Não sei onde isso vai me levar. Ele apenas diz aos policiais que eu disse que ele poderia vendê-lo, e no minuto em que eles saíssem pela porta, ele me daria outro olho roxo.

Ele franziu a testa. —Eu pensei que ele já estaria de volta na prisão agora.

—Eu fiz também.— Pops deu um tapinha na minha mão. —Vai melhorar, filho.

—Quando?

Ele não tinha uma resposta para isso.



Ua hora depois de um jantar cedo com Pops,

Eu fui para o galpão. Eu nem percebi quando estacionei minha motocicleta que o cortador de grama havia sumido. Mas sim, definitivamente era. Aquele filho da puta. Eu era muitas coisas: zangado, magoado, traído. Mas não fiquei surpreso.

Apenas quando eu pensei que ele não poderia afundar mais.

Pensei em colocar um cadeado na porta do galpão, mas depois percebi que ele só a esmagaria ou quebraria as portas para entrar. E me perguntei se tivesse deixado minha motocicleta em casa hoje, ele a teria vendido?

Eu definitivamente ia dizer algo. Eu não me importava que isso acabasse comigo, enfrentando outro olho roxo, mais do que provável, mas eu não deixaria isso ir. Porque foda-se ele.

Acendi um cigarro e sentei na minha motocicleta, me perguntando o que diabos eu ia dizer ao meu velho. Eu não poderia muito bem pedir que ele se mudasse. Afinal, era a casa dele. E eu certamente não podia me dar ao luxo de me mudar. Lembrei-me de Noah se oferecendo para denunciá-lo para que ele voltasse para a prisão e, por um breve momento, considerei.

Eu devo? Posso?

Por mais que eu quisesse meu velho fora da minha vida, eu simplesmente não tinha certeza de que poderia ser o único a fazê-lo.

Pensando em Noah, peguei meu telefone para ver se ele tinha respondido e meu coração afundou quando percebi que ele não tinha. Ele disse que responderia, e eu não o tomei como mentiroso. Ele era genuíno, não era?

Enviei a mensagem errada? Eu não enviei nada? E se ele não entendesse e ainda estivesse esperando eu mandar uma mensagem primeiro?

Então eu digitei outro, um pouco mais rápido desta vez.

Oi

E eu esperei. Então eu esperei um pouco mais. Nada, nenhuma resposta. Telefone estúpido.

Esperança estúpida.

Eu terminei meu cigarro e joguei a bunda para fora, tentando não pensar demais. Ele, ele e eu juntos, as promessas que fizemos, o olhar em seus olhos, a maneira como ele me abraçava e fazia tudo no mundo parecer certo.

E então eu comecei a pensar, e se algo estivesse errado? Por isso ele não respondeu? Talvez ele estivesse doente, talvez houvesse algum problema no trabalho. Imaginando que meu pai se foi e Pops não me ouviu, pressionei o nome de Noah e depois o botão do telefone para ligar para ele.

Tocou e continuou tocando. Então cortou e eu recebi o correio de voz dele. —*Você ligou para Noah Huxley. Por favor, deixe uma mensagem curta. Eu voltarei para você quando puder.*

Eu não estava preparado para deixar uma mensagem. Só de ouvir a voz dele me assustou e gaguejei: — Uh, sim, sou um, eu. CJ. Desculpe, eu não quis... porra do inferno.

Apertei o botão Encerrar ligação o mais rápido que pude. Meu coração estava batendo forte. Eu me senti como um idiota. Deus, havia uma maneira de excluir uma mensagem de voz? Eu deixei minha cabeça cair para trás e gemi. Eu era tão, tão estúpido.

Tentando tirar isso da cabeça, tomei outro cigarro e entrei. Pops e eu assistimos a um filme, embora eu mal prestasse atenção. Chequei meu telefone de vez em quando, mas não havia nada.

—O que te deixou tão preocupado, CJ?— Pops perguntou. Deus sabe quanto tempo ele estava me observando.

—Nada.— Dei de ombros. —Só este curso de moto amanhã.

—Você anda de moto desde criança. Você não tem nada com que se preocupar.

Eu não poderia muito bem dizer a verdade. Não era tanto o curso; estar fazendo isso sem Noah que me preocupava. Ele disse que me encontraria depois, mas se não estivesse atendendo o telefone...

Claro que Pops viu através de mim. — Com o que você está realmente preocupado, CJ? Você está preocupado com o que seu pai vai dizer sobre o cortador de grama?

Eu tinha esquecido disso, e lembrar agora me fez suspirar. —Não. Não faz sentido perder o sono por ele. Aprendi isso há muito tempo. —Virei o telefone na minha mão e imaginei que devia a verdade a Pops. —Noah disse que me levaria até lá, e enviei uma mensagem para ele e deixei uma mensagem, mas ele não respondeu.

Pops franziu o cenho. —Não parece que ele desistiu de você. Talvez ele esteja ocupado, ou talvez esteja saindo com alguém ou algo assim.

Lancei-lhe um olhar, sem querer, mas não pude evitar minha reação. Um encontro? Não, certamente não. —Sim talvez.— O pensamento dele com outra pessoa fez meu estômago revirar.

Merda.

Isso estava ficando muito complicado. E este, este, foi o motivo que eu nunca me apeguei a qualquer um, em primeiro lugar.

—Eu só vou sair para um último cigarro antes de dormir— eu disse a Pops, saindo de casa e entrando no galpão. Peguei minha fumaça, acendi uma e peguei meu telefone. Ainda não havia nada de Noah. E antes, eu estava

ansioso por ouvi-lo, apenas para ouvi-lo. Agora, eu precisava saber se ele ainda estava me levando para esse curso estúpido de licença de piloto pela manhã ou se eu deveria pegar um ônibus. Eu não deveria andar de motocicleta, porque o professor me via puxando e sabia que eu não tinha licença e provavelmente me denunciaria. Mas eu também não queria deixar minha motocicleta aqui, caso meu pai idiota decidisse prendê-la por um dinheiro rápido.

Deus, eu odiava ser dependente de outras pessoas. Eu odiava isso.

Eu realmente precisava falar com ele, mas se eu deixasse outra mensagem para ele agora, ficaria desesperado. Meu dedo pairava sobre o número de Noah, e meu orgulho decidiu por mim que eu faria meu próprio caminho sangrento até lá de manhã. Eu não precisava de Noah. Eu não precisava de ninguém. Então, como se ele sabia, meu telefone tocou na minha mão e o nome de Noah apareceu na tela.

Com um coração martelando e um sorriso ridículo, bati em Responder.

Não precisava dele? Okay, certo.

—Ei.

—Ei— ele respondeu. Houve um som farfalhante como se ele largasse o telefone. —Não sabia se estava tudo bem em ligar.

Ele parecia bêbado. —Sim, está tudo bem. O meu velho não está aqui. Você andou bebendo?

—Talvez.

Sim! Ele definitivamente tinha. —Gostaria de saber por que você não respondeu antes. Pensei que eu estraguei a mensagem de alguma forma.

—Não, entendi, mas acabei de chegar em casa.

Ele parecia diferente. Mais frio, de alguma forma.

—Certo. Hum, sim, eu só estava me perguntando se você ainda estava me pegando de manhã. Caso contrário, eu posso pegar o ônibus. Não é grande coisa.

—Eu disse que faria. Então eu estarei lá.

Eu fiz uma careta para a ponta acesa do meu cigarro. — Hum, você pode me buscar na loja do Sr. Barese? Se estiver tudo bem. Não quero deixar minha motocicleta em casa. —Então, porque suas respostas distantes eram confusas, acrescentei: —Ou posso simplesmente ir até sua casa. Ou eu posso apenas pegar o ônibus para a cidade. Não tem problema. Que tal eu fazer isso, sim? Vou chegar lá, está tudo bem.

Ele suspirou no telefone e parecia que ele passou a mão pelo rosto. —Por quê?

—Então você não precisa se preocupar com isso. Eu não sou sua responsabilidade. Estou cuidando de mim há tempo suficiente ...

—Não, por que você não quer deixar sua motocicleta em casa?

Dei uma longa tragada no meu cigarro e soltei a fumaça lentamente. —Meu pai vendeu meu cortador de grama hoje. É por isso que ele não está aqui. Ele pegou o dinheiro e está mijando na parede em algum bar na cidade enquanto eu falo.

—Oh, CJ...

—Comprei isso com meu próprio dinheiro. Eu costumava cortar a grama do Sr. Barese para ele... Agora não posso mais fazer isso.

—Por que ele faria isso? Não era dele para vender.

—Porque ele é um idiota, e ele não dá a mínima para quem ele machuca. Ele só pensa em si mesmo, mais ninguém.

—Sinto muito— ele sussurrou.

—Eu também.— Recuei no cigarro e suspirei. —Estou tão cansado das besteiras dele.

Ele não disse nada por um tempo e eu olhei para o telefone para ver se ainda estávamos conectados. —Então amanhã?

—Eu disse que vou buscá-lo.— Sua voz estava quieta. —Da loja, às oito e meia, ok?

—Sim, ok. Obrigado. Se é uma dor de cabeça ...

—CJ, está tudo bem. Vejo você então.

A ligação foi interrompida e eu olhei para o telefone. O que diabos estava acontecendo com ele? Essa versão do Noah era alguém que eu não conhecia e alguém que eu não tinha certeza de gostar muito. Se ele ia ser um idiota para mim toda vez que ele teve um dia ruim, eu não tinha certeza se queria fazer parte disso. Se ele tivesse um problema comigo, ele poderia muito bem confessar e me dizer.

Confuso, peguei meu telefone no bolso, dei uma última tragada no meu cigarro e joguei a ponta na terra. Fechei o galpão e entrei.

—Tudo certo? — Pops perguntou. O filme estava quase pronto e ele preparou uma xícara de chá. —Quer uma xícara. A chaleira acabou de ferver.

—Não, eu estou bem. Só vou tomar um banho e ir para a cama. Vou sair às oito da manhã. Noah vai me buscar na loja. Vou deixar minha motocicleta lá.

Pops assentiu. —Provavelmente para o melhor.

Sim, eu também acho. —Vejo você de manhã, está bem?

—Claro, CJ.

Eu tinha certeza que Pops sabia que algo estava me incomodando, mas ele sabia que eu não falaria sobre isso se não quisesse, e ele também sabia que não me pressionaria. E falar sobre isso provavelmente seria uma boa ideia se meu problema não fosse sobre um cara. Como eu poderia dizer que estava confuso sobre mensagens confusas com um cara? Como eu poderia dizer a ele que achava que tinha sentimentos por alguém, mas depois mentir para ele sobre quem era? Eu não mentiria para ele. Não pude.

Então, em vez de me sentar e pedir alguma perspectiva, eu apenas disse —Noite— e o deixei com ela.

Apesar da minha hesitação sobre ver Noah, não pude negar as borboletas quando o carro dele apareceu. Dei uma última tragada no meu cigarro e apaguei quando ele parou. Eu não tinha ideia do que esperar dele, mas eu esperava que seu humor estranho tivesse passado e as coisas voltassem ao normal entre nós.

Não que eu realmente soubesse o que era normal para nós. Flertes e brincadeiras, olhares persistentes e antecipação do que poderia acontecer quando eu estivesse em liberdade condicional.

Mais uma semana.

Entrei no carro e puxei o cinto de segurança. O cheiro do seu desodorizante tomou conta de mim, me fazendo sorrir. Deus, ele cheirava bem.—Manhã.

Havia algo errado com seu sorriso. —Manhã.

—Está bem então. Mais uma vez obrigado por vir me buscar.

—Onde está sua motocicleta?

—Sr. Barese, deixe-me prendê-lo em sua oficina.

Noah assentiu. —Ok, bom.

Ele nos levou para fora de Ten Mile Creek, de volta para a rodovia, pressionando os botões no aparelho de som,

claramente não satisfeito com as opções musicais da estação de rádio.

—Uau— eu disse, acenando para o novo empreendimento. —Eles estão realmente avançando com isso.— As escavadeiras haviam limpado o que parecia ser uma estrada e conjuntos habitacionais. Havia pinos de agrimensores por toda parte, máquinas pesadas e caminhões. Era apenas um piquete vazio há uma semana.

—Sim, eles não estão brincando— Noah murmurou.

E foi isso para conversar.

Eu não tinha ideia do que tinha feito ou o que tinha acontecido pela mudança nele. Ele conheceu outra pessoa? Ou ele acabou de perceber a verdade? Que ele estava começando uma carreira em correções e eu era um Davis.

Ele parou na escola, onde o curso seria realizado. E ali, no estacionamento, havia um cara vestindo um colete de viseira com cinco motos seguidas. Havia cones de trânsito e duas outras pessoas paradas nas proximidades, claramente esperando a aula começar.

—Bem, é isso— eu disse.

Noah agarrou o volante com tanta força que suas juntas estavam brancas. —Boa sorte.

Eu olhei para ele, tentando descobrir o que diabos estava errado, mas ele não olhou para mim. —Há algo de errado?— Eu perguntei.

—Não.— Ele me deu um sorriso tenso. Ele não podia mentir por merda. —É melhor você ir. Não quer chegar atrasado.

Abri a porta, mas não saí. Eu sabia quando não era procurado, e com certeza não estava esperando pelos insultos que geralmente se seguiam. —Divirta-se no futebol. Você não precisa se preocupar em me pegar. Vou encontrar meu próprio caminho de casa. Obrigado pela carona.

Seus olhos dispararam para os meus, cheios de algo que parecia indignação e ressentimento. —Eu disse que iria buscá-lo.

—Bem, eu não sou uma merda de obrigação.— Eu não dava a mínima se isso fosse abrupto. Eu não fiz nada para merecer a atitude que ele estava pulverizando em cima de mim. —Obrigado pela carona, mas eu vou ficar bem.

Saí e bati a porta - porque foda-se ele também - e, enquanto me afastava, podia jurar que o ouvi xingando e batendo as mãos no volante.

Eu não me virei.

Fui até o instrutor e tentei me livrar do humor. Eu precisava passar as próximas horas. Eu poderia me preocupar com Noah fodido Huxley mais tarde.

O nome do instrutor era Nigel. Ele era um homem grande e corpulento, com bigode cinza e um sorriso largo. Se eu estivesse esperando algum professor de ciências do ensino médio, não poderia estar mais errado. Ele era como um cara que eu esperaria encontrar em uma convenção da Harley Motorbike. E vinte minutos depois de nossa iniciação, ele rapidamente reconheceu que eu conhecia motos melhor do que qualquer outra pessoa lá, provavelmente tão bem quanto ele. E ele gostou de mim depois disso. Bem, talvez não gostasse, mas ele me respeitava. Ou respeitou que eu não era um garoto esperto como ele poderia ter assumido.

Duas outras pessoas da classe conheciam o básico das motos, e as outras duas teriam tido a sorte de saber como colocar combustível em uma, então Nigel provavelmente gostou de ter alguém que conhecesse o caminho de motocicleta.

Depois disso, o curso foi fácil. Quando estávamos descansando, eu fiquei perto da cerca da escola e acendi uma fumaça, e Nigel veio até mim. —Então, você é um mecânico?

—Não exatamente. Eu vou ser. Eu trabalho como um há anos, mas só preciso do pedaço de papel para provar isso.

Ele assentiu, mas parecia confuso. —Por que tão tarde? Quero dizer, você é o que? Vinte e três?

—Vinte e quatro. Mas sim, bem, eu e a escola não seguimos exatamente.

Ele riu como se algo fizesse sentido. —Eu também odiava a escola.

Dei uma tragada no meu cigarro e pensei que agora seria um bom momento para trazer isso à tona. —Tenho problemas com a leitura e não escrevo tão bem. — Eu apaguei a fumaça. —Eu posso ler sinais de trânsito e tudo mais, então não há problema. Só não me dê um livro e espere um ensaio sobre ele.

Ele balançou sobre os calcanhares e assentiu lentamente, como se estivesse me avaliando e o que deveria dizer. —Não há nada de errado nisso, Clinton.

—CJ— eu o corriji. —As pessoas me chamam de CJ.

—Bem, CJ— disse ele. —Não há nada errado em não ler ou escrever muito bem. Muitas pessoas não podem. Obrigado por me dizer.

—Existe um teste para isso?— Eu perguntei. —Quero dizer, este curso? Sei que tenho que fazer o teste de computador no RMS, mas quero dizer isso com você? —Dei outra tragada no meu cigarro, tentando acalmar meus nervos. —Porque se houver, se você ler as perguntas para

mim, eu poderei respondê-las. Qualquer coisa que você perguntar: sinais de trânsito, regras de trânsito, qualquer coisa mecânica.

Ele bateu a mão no meu ombro e sorriu. —Eu posso fazer isso.

Quando o curso terminou, eu estava me sentindo muito bem. Haveria um pequeno teste no final do curso da próxima semana, mas Nigel disse que poderia lê-lo para mim. E eu sabia, por mais que não quisesse admitir, que se não fosse por Noah, nunca teria tido coragem de pedir ajuda a Nigel.

Muito menos fazer o curso.

E quando todos saímos pelos portões para seguir caminhos separados, Noah estava de pé, encostado no carro. Ele estava vestindo suas roupas de futebol e estava com os braços cruzados.

Pensei em caminhar na direção oposta, mas depois vi que ele estava usando meias de futebol e aqueles sapatos idiotas nos pés. —Chinelos legais.

Ele tentou não sorrir. —Foda-se.

—O que você está fazendo aqui?— Eu perguntei. —Eu disse que poderia encontrar meu próprio caminho de casa.

Sua mandíbula ficou tensa, seus olhos penetraram nos meus. —Nós precisamos conversar.



15 - *Noah*

Eu caminhei na minha cozinha e CJ seguiu. A tensão entre nós era palpável e pesada no ar. Eu queria consertar isso, mas precisava da verdade e precisava ouvir dele. Ontem à tarde, eu estava determinado a me afastar dele até que ele me enviou essa maldita mensagem de texto.

Oi

Foi tudo o que disse.

Mas eu sabia o quanto ele teria levado para escrever isso e depois encontrar coragem para enviá-lo. Essas duas letras simples e inocentes eram como um pôquer em brasa no meu coração. Então, algumas horas depois, ele enviou de novo, e quase me matou. Eu podia imaginá-lo tentando descobrir se ele de alguma forma tinha ferrado o primeiro, e até imaginando-o olhando para o telefone confuso, quase partiu meu coração.

Quando meu telefone tocou e esse era o número dele, eu quase respondi. Meu Deus, eu quase fiz. Eu queria tanto falar com ele. Eu queria ouvir a voz dele, pedir desculpas por

ignorar as mensagens dele, que ele não estragou as mensagens, ele fez isso perfeitamente, mas meu coração não me deixou.

Mas então sua mensagem de voz... ele parecia tão confuso e magoado, e para ele me ligar quando seu pai pudesse ouvir ou descobrir que ele realmente tinha um telefone. . . bem, eu simplesmente não aguentava mais. Liguei para ele de volta e sua voz era como uma música escrita apenas para mim. Mesmo todas as cervejas que eu tinha tomado não podiam diminuir a atração que eu sentia por ele. Eu esperava que o álcool ajudasse a me entorpecer, mas se alguma coisa, piorou.

É engraçado como o álcool afeta sua visão. Às vezes, as coisas se distorcem, outras vezes, retira toda a besteira e a verdade é tudo o que resta.

Eu estava apaixonado por CJ Davis.

Essa era a verdade ali. Eu estava apaixonado por um traficante de metanfetamina condenado.

E vê-lo esta manhã não facilitou as coisas. Ele tinha olhos brilhantes e lindos, todos os sorrisos e calor quando me viu. Tentei colocar uma barreira defensiva, mas causou mais danos do que benefícios.

A verdade era que CJ era tão novo nisso. Ele nunca teve um relacionamento antes. Ele nunca confiou em alguém

o suficiente para dar seu coração, e ele teve uma vida tão ruim. Ele estava tendo uma grande chance em mim. O mínimo que lhe devia era honestidade. Eu só esperava que ele me desse o mesmo.

—Sobre o que você quer conversar?— ele me perguntou calmamente.

—Eu li o arquivo do seu caso.

CJ piscou confuso. —Assim? Pensei que você tivesse lido isso antes.

—Não tudo disso.

Ele cruzou os braços e endureceu os olhos. —Qual parte você não gostou exatamente? O fato de meu velho quebrar meu braço quando eu tinha nove anos porque deixei cair seus cigarros em uma poça de água? Acredite, quebrar meu braço não foi a pior coisa que ele fez comigo naquele dia. Ou foi o fato de terem encontrado cigarro queimando meus braços?

Oh Deus. Meu coração doeu. —O fato de você ter sido pego com todos os ingredientes para produzir metanfetamina.

Ele olhou para mim, como se a luz tivesse sido apagada dentro dele. Sua voz era sussurrada. —Você acha que por um segundo eu faria isso?

—No que eu devo acreditar? Pseudoefedrina, desoxifedrina, anfetamina, efedrina, líquido mais leve. — Eu contei eles nos meus dedos. —Jesus, CJ.

—Eu nem sei o que são!— ele chorou, jogando as mãos para cima. —Bem, eu não fiz até aquela noite. Foda-se, Noah. Você acha que eu saberia a primeira coisa sobre essa merda? Sou burro demais para saber, porra!

Sua raiva, seu desafio, sua mágoa eram reais demais.

—Você não é estúpido.

—Eu também não sou um traficante de metanfetamina. Você, de todas as pessoas, deveria saber disso. Você é a única pessoa que conhece o meu verdadeiro eu! Quantas vezes eu lhe disse que não uso drogas? Eu não toco nessa merda. Nunca.

—Não quero acreditar. O CJ nesse arquivo de caso não é o CJ que eu conheço. Mas a evidência ...

—Foda-se a evidência— ele cuspiu. —Isso não significa nada.

—Então me conte. Diga-me o que aconteceu naquela noite.

—Assim como eu disse ao meu advogado naquela época. Não importa quando eles já se decidiram. Claro que sou culpado, sou de Davis Row. —Ele deu um passo para

trás como se estivesse prestes a virar e correr, então eu agarrei seu braço.

—Diga-me o que aconteceu naquela noite.

Ele pegou minha camisa e acabamos empurrando e empurrando, nossas frustrações no ponto de ebulição, e ele me empurrou contra o balcão da cozinha.— Por quê? Você já acha que sou culpado!

—Porque eu mereço a verdade.

—E mereço o benefício da dúvida! Mas não recebi isso de você, recebi?

Eu deixei minha mão cair do braço dele, a luta em mim quebrando com o meu coração. Ele estava certo. Não dei a ele o benefício da dúvida. Tudo que CJ sempre quis foi que alguém acreditasse nele, e eu falhei. —Eu sinto Muito. Eu não queria acreditar. Eu te conheço, CJ, e nada disso fazia sentido para mim.

—Então por que você acreditou?— ele murmurou.

—Porque você se declarou culpado.

—Eu não tive escolha. Se declare culpado e receba uma sentença suspensa. Ou se declarar inocente e deixar ir a julgamento, onde doze pessoas verão imagens de mim invadindo a farmácia e roubando coisas? —Ele bufou. Seus olhos estavam vidrados. —Okay, certo.

Coloquei minha mão no rosto dele. —Então me diga o que aconteceu.

Ele passou as mãos no meu peito e apertou minha camisa. —Eu tinha dinheiro para os remédios de Pops, mas papai estava fora da cadeia e ele o encontrou. Tivemos uma briga maciça, mas ele não deu a mínima e levou de qualquer maneira. Tentei detê-lo e ele deu um soco em mim. —Os olhos dele encheram de lágrimas. —Estava frio e a respiração de Pops estava ruim. O estresse não ajudou. Enfim, meu velho bebeu todo o dinheiro e brigou em um bar da cidade. Os policiais vieram e ele acabou agarrando um deles em uma briga. Era feio, mas eles jogaram a bunda dele de volta na prisão, o que foi ótimo para mim e Pops. Mas não lhe deu nenhum medicamento.

—Então você invadiu o químico?

Ele assentiu. —Eu não sabia mais o que fazer. Ele não conseguia respirar, e perguntei ao químico se poderíamos elaborar algum tipo de plano de pagamento, mas ela disse que eles não podiam fazer isso. Então voltei naquela noite. —Ele franziu a testa e olhou para baixo entre nós. Passei a mão pelo cabelo dele e ele respirou fundo. —Então peguei o que achava que era o remédio dele, mas tudo parece o mesmo...

Oh Deus. Ele não conseguia ler os rótulos...

—Peguei alguns comprimidos para gripes e resfriados e um spray para o nariz. Eu tinha visto esses anúncios na TV e

achei que poderia ajudá-lo. E eu peguei alguns pacotes de comprimidos. A embalagem parecia a que ele normalmente leva.

—Mas você não conseguiu ler— eu sussurrei.

Ele balançou a cabeça e a primeira das lágrimas caiu. —E eu comprei um pouco de líquido mais leve na loja de fumo mais cedo naquele dia. Eu não sabia que todas essas coisas juntas são o que os metanfetistas usam. Eu não fazia ideia. —Ele olhou para mim então, e eu pude ver seu coração partido em seus olhos.

Tudo fazia sentido. Ele tinha um olho roxo quando fora pego, e a única razão pela qual ele tinha isso era por causa de seu velho. E é claro que ele não conseguia ler os rótulos, especialmente palavras grandes como pseudoefedrina e desoxiefedrina.

Eu deveria saber.

Eu deveria ter confiado nele.

Eu segurei seu rosto e enxuguei suas lágrimas com os polegares. —Me desculpe, eu não juntei as peças. Me desculpe, eu não confiei em você. Deveria ter acreditado em você e lamento não ter acreditado. Acho que estava magoado demais para perceber a coisa da leitura.

Ele assentiu e mais lágrimas caíram, então eu o puxei para um abraço.

—Sinto muito, seu velho bateu em você. Lamento que ninguém acreditasse em você naquela época e lamento que Pops esteja doente. Mas sinto muito por não acreditar em você. —Esfreguei suas costas e beijei o lado de sua cabeça. — Me desculpe eu machuquei você.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço e me segurou como se ele caísse se não o fizesse. Foi uma daquelas correções - tudo abraços que nós dois precisávamos, ele mais do que eu.

—Eu pensei que tinha feito algo errado— ele murmurou. —Ou que talvez você tenha encontrado outra pessoa.

Eu me afastei dele e segurei seu rosto. —Não. Você não fez nada errado e não há mais ninguém.

—E você estava bêbado ontem à noite e eu pensei que talvez você tivesse ligado.

—Eu não quero mais ninguém, CJ.

—Você também não me queria ontem à noite. No telefone.

—Eu sinto Muito. Eu estava tão confuso. Eu pensei que algumas cervejas me ajudariam a ver um pouco mais claro.

—Sim?

Eu assenti. —Sim. Porque tudo que eu podia ver era você. —Eu olhei para a boca dele, tão perto, tão perfeita. Seus olhos ardiam de emoção e necessidade. —Eu quero te beijar tanto.

Ele colocou a mão em volta do meu pescoço e aproximou nossos lábios. —Nós não podemos fazer isso. Não por mais uma semana.

—Foda-se as regras— murmurei e esmaguei meus lábios nos dele.

Ele inclinou a cabeça e abriu a boca, deixando nossas línguas colidirem. Ele provou cigarros e menta, emoção e tudo o que eu queria. Eu segurei seu rosto e ele deslizou as mãos pelas minhas costas e juntou nossos corpos, fazendo nós dois gemermos.

Porra!

Ele me empurrou com mais força contra o balcão, nossos corpos se fundindo, nossas bocas, nossas línguas, nossos corações.

Arrastei minhas mãos pelo pescoço dele até o peito, deixando-as descer cada vez mais... e ele se afastou e recuou.—Deveríamos parar por aí.

Nós dois estávamos respirando com dificuldade. —Não tenho certeza se quero.

Ele deu uma risada. —Eu com certeza não quero. Mas deveríamos. Você é meu oficial de condicional.

—Por mais uma semana.— Eu respirei algumas vezes. —Você pode esperar tanto tempo?

Ele passou a mão pelos cabelos, olhou para o teto e soltou um gemido dolorido. —Nós temos que.

—Você tem mais autocontrole do que eu.— Coloquei minha mão em seu peito e deslizei até sua bochecha. —Mas se nós nos beijamos uma vez...

Ele sorriu. —Então duas vezes não importa.

Juntei nossos lábios, mais macios desta vez com beijos mais lentos e carinhosos. Eu queria que ele soubesse o quanto eu estava arrependido, o quanto nunca pretendi machucá-lo, como nunca o machucaria novamente.

Mas então ele passou a mão pelas minhas costas e levantou minha camisa um pouco. Ele deslizou as pontas dos dedos ao longo da linha de pele acima da cintura da minha bermuda.

Isso quase me fez desfazer.

Eu sorri para o beijo e gentilmente empurrei seus quadris dos meus. Meus shorts de futebol frágeis não deixaram muito para a imaginação. Eu estava excitado, duro e dolorido, e isso era muito óbvio.

—Hum— ele começou, olhando para o meu short de barraca.

Eu me empalideci. —Cale-se! Eu não posso evitar. Você tem sorte de estar vestindo jeans.

Ele riu e a tensão entre nós se estabeleceu em outra coisa. Eu peguei a mão dele. —Estamos bem?— Eu perguntei. —Eu realmente sinto muito. Eu agi como um idiota.

—Sim, você fez.— Ele segurou meu olhar por um instante. —Mas estamos bem.

Eu suspirei aliviado. —Ok, você pode me dar um segundo. Eu preciso de um banho rápido, porque estou todo suado depois do futebol, e esses shorts não são meus amigos agora.

Ele levantou uma sobrancelha. —Não sei. Eu gosto deles.

Eu ri e apertei sua mão. —Você ficará? Por favor.

Ele assentiu. —Sim!

—Eu não vou demorar muito.

Ele olhou de relance para os meus shorts ainda de tenda. —Sério?

—Vou tomar um banho frio, obrigado.

Ele riu. —Deixe-me adivinhar. Você não vai se opor a eu fazer um sanduíche de queijo tostado enquanto estiver fora?

—De modo nenhum. —Eu sorri para ele, então beijei seus lábios nos meus. —Então podemos conversar, ok?

CJ assentiu. —Tome um banho.— Ele se empalideceu agora. —Antes de quebrarmos suas regras estúpidas.

Eu olhei a protuberância em seu jeans. —Bem, se quebrarmos uma regra...

Ele me virou e me empurrou em direção à porta. —Vá.

Eu o ouvi bater em uma panela e resmungar para si mesmo quando entrei no banheiro. Dez minutos depois, tomei banho frio e limpo e cheirava muito melhor. Ele fez dois sanduíches tostados e me entregou um em um prato quando entrei. —Sente-se melhor?

Mordi meu sanduíche e falei com a boca meio cheia. — Chuveiros frios são péssimos, só para você saber.

Ele bufou. —Como foi o futebol?

—Nós ganhamos!

—Você fez? Isso é bem legal.

—Sim! Como foi o seu curso de pilotagem?

—Muito bom. Nigel, o instrutor, ficou impressionado comigo. Bem, impressionado que eu saiba o meu caminho de moto, de qualquer maneira. Perguntei-lhe se havia um questionário no final se ele poderia ler para mim porque eu não leio muito bem.

Meu Deus, eu não podia acreditar que ele havia pedido ajuda ao instrutor. —Você fez? O que ele disse?

Ele engoliu a comida. —Disse que não havia problema. Não é para se envergonhar, porque muitas pessoas não leem muito bem. — Ele encolheu os ombros. —Eu disse a ele que não tinha problemas com sinais de trânsito ou algo assim, apenas testes e muitas palavras grandes.

Deus, eu senti como se pudesse estourar. Eu coloquei minha mão em seu braço. —Estou muito orgulhoso de você.

Ele corou e tentou não sorrir. —Há dois caras na classe que não sabem nada sobre motos. Estou surpreso que eles pudessem começar um deles. Um foi ligado com uma chave, então talvez ele não soubesse como dar um pontapé inicial em uma.

Eu ri. —E você sabe como separar uma, consertar e montar novamente.

Ele assentiu, desta vez nem mesmo tentando esconder seu orgulho. —A primeira vez que fui o mais inteligente da classe, com certeza.

Agora eu ri. —Você vai acertar no próximo fim de semana. Então você pode fazer o teste depois de terminar o curso. Eu posso levá-lo direto para o RMS, se quiser. Desta vez, na próxima semana, você terá sua licença de piloto.

Ele terminou seu sanduíche e sorriu. —Parece bom.

—Eu realmente sinto muito, CJ. Eu preciso que você saiba que eu acredito em você. Eu nunca deveria ter duvidado de você, nem por um segundo. Eu sei que tipo de homem você é, e me sinto uma merda por ter decepcionado você.

Ele engoliu em seco e nunca desviou o olhar, embora eu aposto que ele provavelmente queria. —Obrigado. O que eu fiz foi um erro estúpido. Eu deveria ter encontrado outra maneira.

—Você estava apenas tentando ajudar o Pops. Eu não culpo você. Eu teria feito a mesma coisa.

—Não, você não teria.

Dei de ombros. —Tempos desesperadores requerem medidas desesperadoras. Não há como dizer o que eu faria por alguém que amei.

Seus olhos dispararam para os meus e meu coração galopou, ultrapassado apenas pelas borboletas que inundaram minha garganta. Eu segurei seu olhar até que ele desviou o olhar. Eu queria beijá-lo novamente e imaginei que

se eu tivesse feito isso duas vezes, três vezes não doeria. Peguei o prato dele, coloquei no balcão ao lado dele e pisei na frente dele. —O que você está fazendo?— ele sussurrou.

—Eu realmente gostaria de beijar você de novo.

Ele mordeu o lábio inferior. —Você sabe, eu nunca implorei para você me beijar. Você disse que me faria implorar.

—Isso é um problema?

Ele sorriu. —Não, só que você disse que eu imploraria por isso.

Certo então. Dei um passo para trás e soltei um suspiro. Fiquei decepcionado por não o beijar agora, mas ele estava certo. —Desafio aceito.

Ele deu uma risada. —Então agora você não fará isso a menos que eu implore? Como isso é justo?

—Não é, mas eu nunca disse que seria.

Ele empurrou meu ombro de brincadeira e eu joguei seu braço para longe e seus olhos se arregalaram e ele me empurrou contra a geladeira, pressionando seu corpo contra o meu. Seu sorriso estava cheio de calor e ousadia. —E se eu fizer você implorar?

Se ele quisesse jogar, eu jogaria. —Você acha que é bom o suficiente?

Ele colocou a mão no meu rosto, quase um pouco grosseiramente, então, em um contraste de toque, ele deslizou suavemente o polegar pelo meu lábio e mergulhou a ponta na minha boca. Lambi e suas narinas se alargaram, então chupei na minha boca antes de puxá-lo com um movimento da minha língua e nunca quebrei o contato visual.

Ele riu, um som torturado. —Porra!— Seus quadris rolaram nos meus, nossos corpos pressionados com força, e justamente quando eu pensei que ele iria ceder e me beijar, ele deu um passo para trás.

Eu estava sem fôlego e tonto. —Seu autocontrole é impecável.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça. —Não. Só não gosto de perder.

Eu bufei. —É provavelmente tão bom que um de nós esteja pensando direito de qualquer maneira.

—Não tenho certeza se a palavra certa é direito.

Agora eu ri. —De qualquer maneira que você veja, acho que uma certa distância é uma boa ideia.

Ele se encolheu. —Distância? Eu devo ir...?

—Não, apenas para o outro lado da cozinha seria um bom começo.— Eu me reajustei. —Jesus, eu preciso de outro banho frio.

Ele sorriu com satisfação. —Então, desta vez na próxima semana...

—Desta vez, na próxima semana, você terminará seu curso de motorista e já estará com sua licença.

—Não, eu quis dizer — ele fez um sinal entre nós dois — você não será mais meu oficial de condicional e suas regras não se aplicarão.

—Uh, eu tenho certeza que as regras saíram pela janela esta tarde.

Ele sorriu. —Haverá regras desta vez na próxima semana?

—O que exatamente você está perguntando?

Ele engoliu em seco e balançou a cabeça. —Não me faça dizer isso.

—Você quer saber se vamos acabar na cama?

Seus olhos dispararam para os meus e ele não precisou responder. Estava escrito no rosto dele.

Eu balancei minhas sobrancelhas para ele. —Depende do que você me implora.

Ele deu uma risada. —Certo. Então, nada então.

Eu estava sorrindo para ele. —Ou o que eu imploro.

Ele assentiu devagar e soltou um suspiro firme. —
Então, estamos fazendo isso?

—Este?— Agora eu gesticulei entre nós. —Como em
namorados?

—Como eu disse antes, eu nunca tive um namorado.

—Mas você não se opõe a ter um?

CJ olhou para mim, vulnerável, mas desafiador. —É
isso que você está perguntando?

Eu olhei de volta para ele. —Sim.

—E as suas regras? Não devemos esperar até o próximo
fim de semana?

—Provavelmente. Então, poderíamos ser namorados
não oficiais até então.

—Eu também nunca tive um namorado não oficial.

—Nós realmente devemos começar essa lista de
estreias.

Ele riu e um delicioso rubor percorreu suas bochechas,
mas então ele levantou o queixo. —Não posso prometer que
vou acertar. E enquanto meu velho estiver fora da cadeia, não

posso estar por perto. E também não estou exatamente fora e orgulhoso.

—Eu posso viver com isso. Desde que saibamos desde o início, não há falhas de comunicação.

—Falta de comunicação... Como você assumindo que eu sou traficante de drogas? — Ele me deu um olhar aguçado.

Eu gemi. —Eu realmente sinto muito. Você pode me perdoar?

Ele sorriu. —Eu já tenho. Mas da próxima vez, pergunte-me.

—Eu vou. Eu prometo. —Ele ainda não tinha me respondido estritamente. —Assim? Estamos fazendo isso?

Ele mordeu o interior do lábio como se estivesse tentando não sorrir. —Sim!

Afastei-me da geladeira, onde ele tinha me prendido mais cedo, e andei na frente dele. Inclinei-me como se fosse beijá-lo, mas sussurrei em seu ouvido. —Você só me deixou muito feliz.

Fui me afastar, mas ele segurou minha camisa. Ele ainda estava com a cabeça baixa, mas ele me puxou contra ele e passou os braços em volta de mim. Não foi um abraço que estava levando a algo mais físico. Foi um daqueles

abraços calmantes que eu não percebi que ele recebia com muita frequência. Então eu deslizei minhas mãos sobre suas costas, deixando-o sentir meu toque o máximo que pude, e ele suspirou em mim. —Você me fez muito feliz também.

Eu sorri em seu pescoço e nenhum de nós tinha pressa de se mover. —Eu nunca pensei que gostaria do cheiro de cigarro, mas em você, ele se mistura com outra coisa. Não sei o que é, mas gosto.

Ele riu, sua respiração quente no meu pescoço. Ele ainda não queria me soltar. —Eu realmente gosto do seu cheiro. Eu sempre tive uma queda por caras que cheiram bem e foi a primeira coisa que notei em você.

—É assim mesmo?

—Mmm.— Seus braços se apertaram ao meu redor. — Isso é legal. Abraços são bons.

Eu ri. —Abraços com você são particularmente bons.

Ele descansou a testa no meu ombro. —Você vai me perseguir para parar de fumar?

—Não.

—Boa.

—Como seu namorado não oficial, aceito todos os seus hábitos sujos, fedorentos e causadores de câncer.

Ele bufou. —Caramba, valeu.— Ele se afastou agora, e com as mãos nos meus quadris, ele encontrou meus olhos. — Eu gostaria de poder ficar, mas eu provavelmente deveria chegar em casa.

Suspirei. —Sim! —Eu segurei seu rosto, e implorando para ser amaldiçoado, pressionei meus lábios nos dele. —Eu vou levá-lo.

Então ele empalideceu como se lembrasse de algo. — Merda. Eu deveria pegar algumas coisas no supermercado.

Eu sorri. —Então vamos às compras.



Eu meio que esqueci sobre os níveis de leitura de CJ até chegarmos a Coles. Ele pegou uma cesta e eu fiz o mesmo, imaginando que eu também poderia pegar algumas coisas enquanto estava lá. O engraçado é que muitos produtos eram óbvios. Como pães, caixas de leite ou bandejas de salsichas ou sacos de cenoura, por exemplo. Foram apenas os produtos com embalagem não transparente e rótulos ambíguos que foram difíceis, e notei que a CJ os evitou.

Eu nunca disse uma palavra. Eu nunca perguntei nada a ele. Mas fingi, apenas para mim, reconhecer produtos sem olhar para as palavras ou rótulos. Eu queria ver como o mundo era para CJ, especialmente em um supermercado onde eu tinha a capacidade de ler como garantida.

Como ele percebeu a diferença entre uma lata de feijão frito e uma lata de feijão inteiro? Claro, a maioria das gravadoras tinha fotos, mas não todas. O que aconteceu se eles não tivessem o tipo de creme dental que ele estava acostumado a comprar? Ele saberia qual outro comprar?

Ele só pegou salsichas, pão, leite e dois maços de cigarro, então não foi um desafio. Mas isso me fez pensar ... que desafios ele teve? O que mais eu tinha como certo que ele lutava? Como a caixa de leite na minha geladeira: não era uma garrafa, não parecia leite, e a escrita na caixa era swirly e não havia imagem de uma vaca.

E para produtos pessoais, como ele sabia quais preservativos ou lubrificante comprar? Como ele sabia se estava comprando lubrificante ou óleo de massagem que afetava o látex nos preservativos? Quero dizer, a lista era interminável. Para coisas domésticas, Pops logo diria a ele se ele comprou o tipo errado de detergente, mas ele não poderia muito bem perguntar a ele se o lubrificante que ele comprou era auto-aquecedor ou se essa leve sensação de queimação era algo que ele deveria procurar.

Lembro-me de ouvir uma história quando eu era criança de um pai que não sabia ler, confundiu o pequeno tubo de supercola com a pomada de conjuntivite de seu filho e não percebeu até que ele fechou os olhos do pobre garoto.

Jesus. Confundir o leite de vaca com o leite de amêndoa seria um choque para o paladar, mas não era uma emergência médica séria. Com que tipo de merda ele tinha que lidar?

CJ suspirou. —Basta me pedir.

—O que?

—Você está no seu próprio mundo há cinco minutos olhando para essa mistura de pacotes como se estivesse tentando resolver os problemas do mundo.

—Oh!— O pacote que eu estava segurando era uma mistura de especiarias com chilli com carne. O próximo a ele era um pacote saboroso de carne moída. As duas imagens nos pacotes pareciam semelhantes, mas com certeza tinham um sabor diferente. —Sim!

—Você quer saber como eu sei quais comprar?

Eu olhei para ele e assenti.

Ele sorriu, um pouco triste. —Fotos, principalmente. Você ficaria surpreso. Este é picante por causa do pó vermelho em uma pilha atrás da carne. E o limão

cortado, que me diz que é mexicano ou espanhol ou algo assim. Este é como um molho porque, vê os vegetais? Batata, cenoura, ervilha. Isso significa irlandês ou inglês para mim. Quero dizer, não picante. Às vezes, há um pouco de pimenta para dizer como está quente, mas nem sempre. A maioria das latas tem fotos. Como feijão ou tomate enlatado. A detergente para a louça tem pratos em uma pia na garrafa. Sei como é a pasta de dentes e posso ler a palavra Colgate. São as palavras chiques depois que me surpreendem.

—Como flúor e outras coisas?

—Não, só que agora existem dez tipos diferentes. Algum tipo de besteira branqueadora ou antibacteriana, não sei.

—Eu nunca pensei nisso.

CJ encolheu os ombros. —De qualquer maneira, eu sempre fico com as marcas baratas, e às vezes os rótulos deles não têm fotos, mas eu olho para as próximas. E se eu tiver tempo, eu posso ficar lá e soar a palavra na minha cabeça. Não é tão ruim quanto você pensa.

—Na verdade, você é muito inteligente.

Ele riu. —Eu não sei sobre isso.

—Eu faço.

—Às vezes eu entendo errado e o Pops me ajuda a ler em voz alta. Nunca é grande coisa. E às vezes tivemos um jantar interessante que não teríamos tido de outra maneira.

Eu ri com isso. —Ainda é muito legal. Você é meio incrível, do jeito que improvisa assim.

—Realmente não tenho escolha.

—Posso te perguntar sobre algo?

Ele olhou para uma mulher que estava passando por um carrinho e esperou até que ela estivesse fora do alcance da voz. —Eu não sei. Você pode me perguntar algo pessoal?

—Você não precisa responder, mas como você sabe quais preservativos comprar?— Então me ocorreu que ele poderia não praticar sexo seguro. —Ummm, você os compra? Em absoluto? Quero dizer, você os usa? Você mencionou os cravejados uma vez, mas acho que foi uma piada... —Eu me arrependi muito de ter perguntado essa linha de questionamento. —Você sabe o que, não importa. Você não precisa responder isso. Na verdade, você deveria. Porque se isso é algo que vamos explorar juntos, então eu preciso saber disso, eu acho. Oh Deus, isso ficou realmente estranho.

CJ olhou para mim por três segundos completos, depois caiu na gargalhada. —Venha comigo.— Ele se afastou e eu a segui, direto para o corredor de personals. —Aqui— ele

apontou para um pacote. —Tem uma mulher na caixa em uma pose sexy, e eu posso ler a palavra 'ela' lá.— Ele apontou para a palavra. Na verdade, dizia 'para o prazer dela', mas ele estava certo. —Então este aqui está estragado na foto, e este diz 'XL'- não precisa de uma aula de inglês para essa.

Eu ri. —Está bem, está bem. Não é tão difícil quanto eu pensei que seria.

Ele levantou uma sobrancelha e um sorriso lento se espalhou por seu rosto. —Existem pílulas para isso.

Eu percebi o que disse e revirei os olhos. —Acho que nós dois sabemos que isso não é um problema. Eu tive que tomar um banho frio mais cedo para provar isso.

Ele riu, pegou doze maços de preservativos e jogou na minha cesta. Eu levantei minhas sobrancelhas e ele sorriu. —Problema?— ele perguntou.

Jesus. —Não. Nem um. —Enquanto estávamos sendo corajosos e francos, peguei uma garrafa de lubrificante e joguei-a na minha cesta também.

Sua voz era baixa e ele estava parado muito perto. —Você tem outras perguntas?

—Eu tenho muitos, mas não acho que aqui seja o lugar.

Ele bufou. —Tem tudo que você precisa então?

Eu olhei para minha cesta. —Uh, sim. Eu faço agora.

Passamos pelo caixa e, quando CJ pagou com dinheiro, lembrei-me de que não tínhamos conseguido uma conta bancária para ele. Algo a acrescentar à minha lista de coisas para fazer esta semana.

Mais sete dias.



16 - *CJ*

Quando Noah puxou na loja do Sr. Barese, ele desligou o motor. Todas as portas giratórias estavam abaixadas e parecia que todo o Ten Mile Creek estava silencioso. — Obrigado pela carona, e hum, obrigado por hoje.

—Seja bem-vindo. E obrigado por hoje também. —Um canto do lábio se curvou. —Porque, você sabe, me ouvir quando você tinha todo o direito de me dizer para me foder.

—Eu provavelmente deveria ter dito para você se foder.— Eu sorri quando seu olhar disparou para o meu. — Mas então não estaríamos fazendo a coisa não oficial do namorado, certo?

Ele riu. —Certo.

—E de qualquer maneira, você não é tão ruim.

—Obrigado— ele disse com um bufo. Então ele suspirou. —Seu pai realmente vendeu seu cortador de grama?

Eu assenti. —Sim.

—Você vai me prometer uma coisa?

—OK.

—Se ele— Noah franziu a testa. —Se ele se tornar difícil, prometa que vai me ligar. Eu vou buscá-lo.

Ter alguém se preocupando comigo era novo. Era diferente de como Barese se importava. Estranho, um pouco restritivo, mas legal. —Eu vou ficar bem.

—Promete-me.

—Eu prometo. —Então eu disse: —Então, esta é minha última semana em liberdade condicional. Você ainda precisa fazer sua visita ao local de trabalho? Eu tenho minha última reunião de drogas e álcool na quinta-feira. Eu poderia ligar e te ver então?

—Eu não me importo de vê-lo mais de uma vez.— Ele sorriu. —Mas eu posso aguentar até quinta-feira.

Peguei minha sacola de compras e abri a porta. — Te mando uma mensagem mais tarde. Eu não sou muito rápido nisso, então você precisará ser paciente.

Ele sorriu calorosamente. —Você vai se sair bem.

Saí, certo de que estava sorrindo como um tolo. Acenei para ele e joguei minha sacola de compras na frente da minha jaqueta. Entrei na oficina e levei minha motocicleta,

tranquei a oficina e fui para casa. Eu ainda estava de bom humor quando entrei, e nem minha pobre desculpa por um pai poderia me irritar.

—Ei, garoto— disse ele da poltrona reclinável de Pops. Ele tentou parecer alegre, que era sua maneira de assumir que tudo estava bem. Pelo menos o fogo estava indo. —Por acaso você não fuma?

Joguei a sacola de compras na mesa da cozinha, dei a Pops um sorriso tenso e peguei um maço de cigarros. Entrei nele, entreguei calmamente o pacote fechado e voltei para a cozinha. Pops deu um tapinha no meu braço, mas não disse nada. Ele não precisava.

Tirei o pacote de salsichas. —Eu peguei algumas coisas para o jantar. Como está isso?

—Parece ótimo— disse Pops.

—Salsichas de novo?— meu pai respondeu da sala de estar. Eu podia sentir o cheiro do cigarro que ele estava fumando. Dentro.

Respirei fundo e tentei canalizar minha calma interior. —Talvez eu tivesse mais dinheiro para bife se não tivesse que economizar para um novo cortador de grama.

Sem resposta.

Sim, foi o que eu pensei.

—E eu te disse antes. Não fume em casa.

—Você está me dando merda, garoto?— Seu tom era mais alto, mais irritado.

Eu não queria me importar, mas os ombros de Pops cederam como se ele soubesse que estávamos prestes a lutar. Por isso, reprimi minha atitude e falei bem. —Você pode fumar lá fora enquanto eu preparo o jantar?

Houve uma batida de silêncio, então a poltrona reclinou e seus passos passaram a passos largos. Prendi a respiração, esperando ele entrar e o inferno irromper. Mas isso não aconteceu. Ele saiu pela frente para pegar o cigarro lá fora.

Eu pude respirar de repente, e Pops afundou em uma cadeira à mesa. —Você está bem?— Eu perguntei a ele.

Ele assentiu. —Sim! —Então ele iluminou um pouco. — Como foi seu curso hoje?

—Boa. —Eu verifiquei por cima do ombro para me certificar de que meu pai ainda estava lá fora. —Foi bem. O cara que disse isso pode me ajudar com o teste no final, e então Noah disse que pode me levar para obter minha licença logo depois.

Pops sorriu orgulhosamente. —Estou orgulhoso de você, CJ.

E aí estava. Reconhecimento que eu nunca obteria do meu pai. —Obrigado, Pops.

—Quer que eu ajude?— ele perguntou.

—Não. Você pode me dizer o que fez hoje enquanto descasco algumas batatas.

Então, mesmo que meu pai estivesse morando tecnicamente conosco, Pops e eu continuamos como ele não. Tornou-o suportável.

Depois do jantar, quando papai e Pops estavam na cama, eu acendi o fogo, desliguei a TV e me arrumei para dormir. Peguei meu telefone, liguei o carregador e subi na cama. Abri as mensagens como Noah havia me mostrado e repeti meu texto coxo.

Oi

Meu telefone vibrou apenas alguns segundos depois. **Oi. Como foi a tua noite?**

Eu tive que ler devagar.

Boa.

Eu me senti lento e estúpido, mas queria aprender como fazer isso.

Você cozinhou as salsichas para o jantar?

Demorei um pouco para entender. **Sim.**

Pops está se aquecendo?

Percebi então que ele estava me fazendo perguntas que eu só precisava dar respostas curtas e fáceis. Não de uma maneira condescendente, mas de uma maneira útil. **Sim.** Ele é bom.

Deus, eu sou péssimo com isso. Eu parecia ter quatro anos de idade.

Você esta na cama?

Eu pisquei. Ele estava implicando algo ou apenas perguntando? **Sim.** **Você?** Bati meu dedo, esperando sua resposta.

Sim. Não dormi muito ontem à noite.

Eu soei cada palavra. Demorou um pouco, mas eu fui inflexível em fazer isso. Eu queria digitar que ele deveria ter falado comigo em vez de assumir coisas ruins sobre mim e talvez ele tivesse dormido melhor, mas não havia nenhuma maneira que eu pudesse digitar isso. Então eu apertei o botão Ligar.

—Ei— ele respondeu. —Tudo certo?

—Sim— eu sussurrei. —Mas não posso falar alto.

—Tudo bem. Eu posso ouvi-lo muito bem. Você quer conversar sobre alguma coisa?

—Bem, sim. Não sabia digitar tudo o que queria dizer. Levaria muito tempo e eu entendi errado. É apenas mais fácil conversar.

—O que você quer dizer?

—Você disse que não dormiu bem. Eu ia dizer que você deveria falar comigo na próxima vez. Pergunte-me em vez de assumir o pior.

—Sinto muito.

—Eu sei que você é.

—Você nunca vai me deixar viver isso?

—Não sei. O júri ainda está fora.

Ele bufou. —Eu posso compensar você. Próximo fim de semana.

—Sério?— Isso parecia promissor de uma maneira sexual. —Como?

—Pizza. Ah, ei! Isto me lembra. Você deveria comprar pizza hoje à noite.

Eu bufei baixinho. —Você terá que fazer uma verificação de chuva.

—Eu vou. Até o próximo final de semana.

—Combinado.

—O que você vai fazer amanhã?

—Não cortando a grama.

Ele fez um som infeliz. —Você falou com seu pai sobre isso?

—Na verdade não. Disse para ele fumar lá fora, de novo. Achei que ele ia me dar um tapa na nuca.

—Ele bateu em você?— ele parecia alarmado.

—Não. Ele simplesmente nunca disse uma palavra e saiu para fumar.

—Cara, me desculpe, você tem que lidar com isso.

—Eu também.— Suspirei e esfreguei minha mão no meu rosto. —O que você vai fazer amanhã?

—Compras. Lavanderia. Coisas super emocionantes.

—Sim, o mesmo. Bem, roupa. Preciso obter lenha. Nada muito emocionante também.

—Quando eu vou te ver em seguida?— ele perguntou. —Quinta-feira parece tão longe.

Eu sorri, sabendo exatamente o que ele quis dizer. — São apenas cinco dias.

—Cinco dias são para sempre.

—Eu tenho que trabalhar segunda, quarta e sexta-feira.

—Você poderia dizer ao seu pai que precisa vir à cidade na terça-feira para alguma coisa?

—Na verdade, não preciso mentir para ele. Eu não tenho que dizer nada a ele. Vou chegar em casa quando chegar em casa.

—Eu não quero lhe causar nenhum problema com seu pai.

—Você é o menor dos meus problemas quando se trata do meu pai.— Esfreguei minha mão no meu rosto. — Famílias, hein? Às vezes acho que estamos melhor sem eles.

Ele não respondeu por um tempo. —Mmm.

Merda. Eu tinha esquecido sua família. Eu e minha boca estúpida. —Eu não quis dizer . . .Noah, eu não fiz... Eu sinto Muito.

—Está tudo bem— ele murmurou.

Merda, merda, merda. —Noah. Não pensei, desculpe.

—Está tudo bem, CJ. Honestamente.

Eu não sabia o que dizer. Claramente não estava tudo bem porque seu silêncio dizia mais do que palavras jamais poderiam. —Posso te dizer uma coisa?

—Sim claro.

—Nem sempre eu acerto as coisas. Mas as coisas comigo são bem cortadas e secas, e acho que não sou realmente complicado. Eu poderia não ter tido um namorado antes, mas eu gosto. Eu gosto de ter você na minha vida e achei que você deveria saber.

—Oh!— Ele cantarolou baixinho. —Eu gosto de ter você na minha vida também.

—Estou mais perto de você do que já estive com alguém em toda a minha vida.— Engoli em seco. —E eu não pretendo parecer idiota ou nada, mas eu só queria agradecer.

—Obrigado também, CJ— ele murmurou. —Por me arriscar. Por não ter só corrido quando te chamei de traficante de drogas.

Eu bufei. —Eu tinha esquecido disso.

—Eu não deveria ter lembrado você.

Eu sorri para o teto. —Então eu estava pensando que talvez eu pudesse comprar pizza na terça à noite.

Ele fez um som feliz. —Parece bom. Estarei em casa às cinco e meia. Podemos assistir a um filme e eu posso levá-lo para casa.

Isso parecia totalmente perfeito.—Vejo você então.

—Durma bem, CJ.— Sua voz era baixa e adorável.

—Você também.

Ele terminou a ligação e eu verifiquei se o telefone estava silencioso antes de colocá-lo na lateral da minha cama. Eu não pude negar; ele me fez feliz. Ele fez meu coração pular e gaguejar. Ele fez minha barriga apertar, cheia de borboletas e nervos. Mas ele me fez sorrir e me sentir quente o tempo todo, e me fez sentir especial e querido. Outra pessoa no planeta realmente gostava de mim, sabia os erros que eu havia cometido e as coisas que havia sofrido, e ele compartilhou seu passado comigo. Ele queria saber mais de mim. *Ele me queria*. Não apenas fisicamente, mas ele me queria, CJ Davis. Eu nunca pensei, nem por um minuto, que encontraria isso com alguém. Eu nunca esperava estar com ninguém. Eu era gay em uma família, um mundo onde isso nem sequer era uma consideração. Eu apenas assumi que nunca teria nada além de algumas trepadas rápidas ou trabalhos manuais nos bastidores da sede.

Eu nunca deveria ter encontros para jantar e filmes, e conversas e mãos dadas, ou aqueles abraços que reparavam partes de mim há muito tempo.

Durma bem, ele disse. Fechei os olhos e sua voz brincou na minha memória como um cobertor quente, como conforto e felicidade.

Eu sonhava com ele, com coisas fora do meu alcance, mas perto o suficiente para provar. De uma mágoa compartilhada, de risos e beijos, de romance e outras coisas absurdas que eu nunca soube que queria.

Ansiava por.

Ansiava.



Eu bati na porta dos fundos de Noah às cinco e trinta e duas. Não que eu estivesse contando. Exceto que eu realmente estava. Eu tinha passado o domingo fazendo tarefas pela casa. Segunda-feira estava ocupada no trabalho. Eu tive que atender o Território Ford de Burkes e o Sr. Barese terminou as contas mensais. Eu mandava uma mensagem para Noah todas as noites quando estava sozinho no meu quarto. Sempre começando com o meu *Oi* habitual e ele respondia com perguntas que eu podia responder com respostas curtas.

Na terça-feira, eu estava ansioso para vê-lo. Coloquei uma caçarola no forno para papai e Pops estarem prontos quando eles quisessem jantar. Eu dirigi minha motocicleta até a loja e peguei o último ônibus para a cidade. Realmente teria sido mais fácil se eu tivesse andado de motocicleta, mas com apenas alguns dias de liberdade condicional, não correria o risco de ser pego pela polícia.

Houve um barulho atrás da porta antes de abrir, então Noah estava lá, puxando o jeans para cima. Eu peguei um vislumbre de cuecas pretas, mas seu torso nu era meio que perturbador. Ele sorriu. Se ele estava feliz em me ver ou rindo da minha expressão, eu não tinha certeza. Ele pegou uma camisa dobrada em cima da secadora e a puxou por cima da cabeça. —Acabei de entrar— disse ele quando entrei.

No momento em que eu reuni minha inteligência o suficiente para falar, ele estava de camisa. —Atende a porta nu o tempo todo?

Ele riu. —Mal posso esperar para tirar minhas roupas de trabalho todos os dias.

—Eu não estou reclamando.

O sorriso dele ficou presunçoso. Ele se aproximou, seu rosto a apenas uma polegada do meu, e seu maldito perfume de desodorante ou loção pós-barba tomou conta de mim. Seus olhos azuis estavam cheios de faísca e ousadia. — Pronto para implorar por um beijo ainda?

—Você está?— Deslizei minhas mãos ao longo de sua cintura e nos uni. Suas narinas queimaram e seus olhos escureceram. —Deus, você cheira bem.

Agora ele sorriu. —Eu deveria te beijar por isso.

—Eu não vou te implorar.

—Ainda não. Mas você irá.— Ele passou os lábios pelos meus, mas não foi um beijo de verdade.

Meu coração estava batendo forte e eu queria que ele me beijasse, mas esse jogo de quem quebraria primeiro e quem imploraria era muito divertido. —Acho que não.— Eu o empurrei contra a máquina de lavar, pressionando nossos quadris juntos, e corri meu nariz ao longo de sua orelha. —Você vai me implorar.

Ele fez um gemido mordido nas costas que iluminou algo dentro de mim, e eu estava impotente para lutar contra isso. Eu esmaguei minha boca na dele e ele passou as mãos pelos meus cabelos, derramando gasolina em um fogo que eu mal podia conter. Ele segurou minha boca na dele; nossas línguas provaram e provocaram até ficarmos sem fôlego e ofegando por ar.

—Putá merda— ele sussurrou, seu peito arfando.

Recuei um passo. —Só para constar, eu não implorei. Mas você fez esse som. —Acenei minha mão em direção a sua garganta e peito.

—Que som?

—Aquele som estridente.— Eu dei outro passo para trás. Eu precisava me segurar, mas não queria fazer isso na frente dele.

—Eu não fiz um som de grunhido.

—Oh sim, você fez.

Ele inclinou a cabeça. —Você gostou.— Não era uma pergunta, então não respondi. Eu não precisava. Ele sorriu para mim. —Vou ter que lembrar disso.

—Cale-se!

Ele riu, pegou minha mão e me levou para a cozinha. —Posso pegar uma bebida para você?

—Ah, claro.— A distração foi bem-vinda, mas isso significava que ele tinha que soltar minha mão. Ele me passou uma garrafa de água e, depois que tomamos um drinque e um minuto para clarear nossas cabeças, ele estendeu a mão.

Eu peguei, sem saber por que ele estava oferecendo, e sem me importar. Eu só queria tocar uma parte dele. Ele passou os dedos e me deu um sorriso que me fez corar. — Nunca pensei que eu gostaria disso— admiti calmamente.

—De mãos dadas?

Eu assenti. Eu disse a ele antes que não era algo que eu tinha feito muito ... ou qualquer um, para ser honesto. —
—Sim!

Ele apertou minha mão. —Eu gosto disso também.

—Quero dizer que é legal, mas é mais do que isso.

—É toque e conforto humano. E segurança.

Meu olhar disparou para ele. Ele sabia exatamente o que eu quis dizer. —Sim! —Então olhei para as nossas mãos unidas entre nós. —Estou feliz que você é bom com as palavras porque não sou.

—Você não precisa ser. Eu pego você.

Meus olhos encontraram os dele novamente e meu coração apertou. —Você faz. Não sei como, mas você sabe.

—Nós não somos tão diferentes— ele murmurou, levando as mãos aos lábios. Ele olhou para minhas unhas com graxa e óleo e sorriu.

—Obrigado por me contar sobre sua família e sua vida— eu disse. Eu provavelmente estava arruinando o clima entre nós, mas eu precisava que ele soubesse... —Significa muito que você compartilhou essa parte de você comigo. Quero dizer, você conhece toda essa merda horrível sobre mim e estou feliz que você me contou. Eu sei que não sou bom em toda essa coisa de estar-com-alguém e isso

provavelmente só fez você se sentir uma merda por trazer isso à tona ...

Ele sorriu. —Obrigado por ouvir. Não é algo que eu digo a muitas pessoas, mas estou feliz que você saiba. Eu disse que não somos tão diferentes. E sabe de uma coisa?

—O que?

—Você é fofo quando reclama.

Engoli em seco e corei, apesar de fingir que não podia sentir minhas bochechas esquentarem. —Bem, eu não sou muito bom em falar sobre esse tipo de coisa. Você é o único que fala bem, não eu.

Ele passou o polegar pelas costas da minha mão e sorriu. Sua voz era suave e suave, e fez minha barriga virar. —Você está indo muito bem.

Eu ri, tentando rir do meu constrangimento. Ou o elogio dele - se era isso que era. Ele teve pena de mim e mudou de assunto. —Então, eu estava pensando, nesta quinta-feira antes da sua última reunião de drogas e álcool, poderíamos conseguir uma conta bancária para você.

—Uh, claro. Talvez.

—Imaginei que é minha última chance de passar um tempo com você no tempo da empresa. Bem, hora do departamento do governo.

—Você está tentando interromper o sistema?— Eu levantei uma sobrancelha e sorri para ele.

—Apenas para ganho pessoal.

Eu ri. —Então acho que não posso discutir.— Na verdade, passar mais tempo com ele não era exatamente uma dificuldade.

—Que tal pedirmos essa pizza. Estou faminto.

—Depende. Você gosta de azeitonas?

Ele parecia horrorizado. —Bom Deus, não. São pequenos círculos negros de maldade.

Agora eu ri. —Graças a Deus. Por um segundo, pensei que precisaria cancelar toda essa coisa de namorado não oficial.

—As azeitonas são um diferencial. Devidamente anotado.— Noah me levou para a sala e me puxou para o sofá com ele. —Agora, sobre filmes.— Ele me olhou com cautela. —Como você se sente sobre Arnold Schwarzenegger?

—Este é um teste, não é?

Ele lutou com um sorriso. —Sim.

—Adorei o Exterminador e os Mercenários. Gêmeos era embaraçoso, mas o policial do jardim de infância estava bem.

Ele riu e deu um beijo forte nos meus lábios. —
Resposta correta. Eu estava pensando em Exterminador.
Como isso soa?

Pizza, um filme e de mãos dadas. —Perfeito.

Meu pai nunca falou muito quando cheguei em casa, mas ele me deu um olhar estranho, que eu ignorei. Eu estava muito feliz quando entrei pela porta, e se ele pensou que meu sorriso era suspeito, ele nunca disse. Eu apenas acendi o fogo, disse boa noite e fui para a cama.

Quarta-feira estava quieta no trabalho, mas ajudei a sra. Barese em seu quintal e ela precisava de algumas coisas na loja, então fui até lá e as agarrei. Eu varri a loja, limpei as ferramentas, fiz uma avaliação do óleo do motor e da transmissão e tornei todo o lugar tão arrumado quanto uma oficina mecânica. Calmo, mas produtivo. Estava bem.

Eu ainda estava zumbindo na nuvem nove quando cheguei em casa. Eu não pude negar; Noah me fez feliz. Eu queria contar para todo mundo, queria gritar pela rua, mas não conseguia contar para uma alma. Nem mesmo Pops. Eu queria que ele soubesse que eu estava feliz, que as coisas estavam finalmente parecendo boas para mim, mas não

consegui. Eu não estava pronto para sair. Especialmente com o meu velho em casa.

—Pensei em fazer alguns hambúrgueres para o jantar— anunciei. Papai estava na poltrona de Pops, novamente, e Pops me seguiu até a cozinha. —Temos pão, rissóis e beterraba, queijo e ovos. Como está isso?

—Parece bom, CJ— disse Pops com um sorriso.

Papai não respondeu. Eu realmente não esperava que ele pensasse, e realmente não me importava se ele queria ou não. Era o que eu estava fazendo. Ele poderia comer ou fazer outra coisa.

—O trabalho foi bom hoje?— Pops perguntou. Ele deve ter assumido o meu sorriso e bom humor foi porque eu tive um bom dia.

—Sim. Temos muito a fazer.

—Quando você vai para a cidade a seguir?— ele perguntou.

—Amanhã. Tenho minha última reunião amanhã, arvo. —Tirei os rissóis da geladeira e coloquei no balcão. — Por quê?

—Precisa de mais dos meus comprimidos, só isso.

—Sem problemas. Se você me der seu roteiro, eu posso buscá-los.— Então eu sussurrei: —Preciso de uma conta telefônica ou de eletricidade ou algo assim. Você viu o último que recebemos?

Ele assentiu. —Eu vou buscá-lo mais tarde— ele murmurou as palavras para que meu pai não ouvisse.

—Obrigado.— Ele não perguntou o que eu precisava e eu adorava que ele fosse tudo para mim tentando melhorar a maneira como eu fazia as coisas. Eu verifiquei que papai ainda estava assistindo TV e sussurrei para Pops: — Noah acha que eu deveria ter uma conta bancária. Ajuda com identificação e outras coisas. Ele acha que talvez eu possa solicitar alguma ajuda do governo. —Esfreguei o polegar contra os dedos, o sinal universal de 'dinheiro'.

—Vale a pena investigar— ele sussurrou.

Então meu pai estava na porta. —O que vocês dois estão cochichando?

Ele me assustou. —Oh nada.

Ele olhou diretamente para mim. — Você conseguiu uma namorada ou algo assim? Andando por aí sorrindo como o gato que pegou o creme. Você está entrando em ação, garoto?

Revirei os olhos. —Nuh.

—Você não pode mentir por merda.

Eu esperava que ele sorrisse, mas ele não sorriu. Ele tinha aquele olhar cruel sobre ele, como se sua raiva estivesse apenas esperando por uma palavra errada, um olhar errado. Ele tinha uma energia rolando sobre ele, preta e fervendo, arrepiada e tensa, apenas esperando para estalar.

Era uma aura que eu conhecia muito bem.

—Estou fazendo hambúrgueres para o jantar— eu disse, apontando para alegre, embora provavelmente errando o alvo.

Ele entrou, batendo no meu ombro enquanto entrava, depois abriu a porta da geladeira com tanta força que tudo na geladeira sacudiu. Ele pegou uma cerveja e saiu da cozinha. Ele fez isso para intimidar e nos lembrar de toda a ordem hierárquica da casa. Eu odiava, e odiava mais porque funcionava.

Eu olhei para ele, então falei para Pops: —Eu o odeio.

Pops assentiu com simpatia. —Eu sei.

Ele bebeu outra cerveja enquanto eu fazia o jantar, depois outra enquanto ele comia, depois outra enquanto eu limpava. Depois do jantar, porque o clima na casa era tão tenso, Pops tomou um banho, então murmurei algo sobre trabalhar em minha motocicleta e fui para o galpão. Apesar da chuva fria e garoa, ainda era melhor do que ficar preso

com ele. A casa era pequena demais para o tipo de energia que ele estava adiando.

Enfim, eu tinha visto como noites como essa terminavam. Ele bebia até que não restasse mais nada, e depois xingava e pisava, talvez jogasse algumas coisas, porque era culpa de outra pessoa que ele ficou sem cerveja.

Geralmente minha.

Mas aparentemente afastar-se dele não era suficiente. Quando ouvi a porta dos fundos bater, eu sabia que ele estava vindo. Eu estava agachado ao lado da minha motocicleta e suspirei. —Porra!

—Ei menino!— ele latiu.

Eu nem precisei olhar para cima. Ele parecia bêbado e chateado. Eu não precisava vê-lo para confirmar.

—Disse, ei, garoto!— ele arrastou-se. —Responda quando estou falando com você.

Eu nunca me levantei. Eu continuei limpando a cabeça do cilindro. —O que você quer?

—Algum respeito é o que eu quero, garoto. Você está ficando grande demais para suas botas.

Eu subi à minha altura máxima. Se fosse assim, então eu não deixaria que ele se elevasse sobre mim. Se ele

quisesse domínio, ele poderia se foder. —Minhas botas me encaixam muito bem.

—Você quer ser um espertinho?— Sua mandíbula inchada. Seus olhos eram planos, embotados pela cerveja e auto-aversão. —Você acha que é bom demais para o seu velho?

Joguei o pano sujo na minha caixa de ferramentas batida. —Eu não acho nada. Apenas tentando sobreviver, sabia?

Ele levantou o queixo e apertou o punho. Eu poderia tê-lo aplacado ou tentado fazer uma piada, mas acabei com essa besteira. Eu terminei com ele. Tirei meus cigarros do bolso, coloquei um entre meus lábios, e ele viu quando eu o acendi. Eu não olhei para ele. Eu certamente não estava oferecendo um para ele.

—Me dê um.

Eu olhei para ele então. —O que?

—Eu disse, me dê um cigarro de merda.

—Por favor.— Eu dei uma tragada. —Ou que tal 'Ei, CJ, posso fumar por favor?'

O olhar dele se estreitou. —Você quer um tapa na boca?

Dei outra tragada no meu cigarro e olhei para ele. Eu sabia que ele estava prestes a rebentar, mas não dava a mínima. Meu sangue correu quente e minha pele estava fria, e eu sabia que isso estava prestes a ficar físico. Soprei a fumaça para ele e nunca disse uma palavra.

Ele pegou minha camisa e eu empurrei sua mão. Ele estava bêbado e instável em seus pés, e eu estava acabando com essa merda. Eu não estava recuando. Ele tropeçou para trás, depois veio para mim novamente, balançando o punho na minha cara. Eu me afastei, mas ele pegou o canto do meu olho. Não foi difícil o suficiente para me derrubar, mas deixaria uma marca.

Enquanto ele estava desequilibrado, eu o empurrei com as duas mãos, com força.

Ele recuou, tropeçou nos próprios pés e caiu de bunda na calçada. Ele rosnou para mim e ficou de pé, ainda instável, e demorou um segundo a mais porque, antes que ele pudesse atacar de novo, ele cambaleou e eu o empurrei novamente, fazendo-o cair de costas. Eu fiquei de pé sobre ele, meu punho tremendo. Eu nunca bati em ninguém, mas eu o faria feliz pela primeira vez. —Fique calmo— eu cuspi nele.

Ele gemeu, bêbado, mas sabia quando estava derrotado. Eu tinha certeza que ele iria se vingar de mim em algum momento, mas eu me arriscaria também.

—Eu terminei com a sua merda— eu disse, apontando para ele. —Você não pode voltar aqui e apenas esperar ficar sentado sem fazer nada. Arrume um emprego, porra. Compre-me um maldito cortador de grama para substituir o que você roubou de mim. Quer cigarros? Porra, compre-os. —Tirei meus cigarros do bolso e joguei-os contra ele, atingindo-o no peito. —E pare de fumar na porra da casa.

Eu saí correndo e meio que esperava que ele se levantasse e me derrubasse no chão. Mas ele nunca fez. Eu pensei que ele poderia esperar até eu dormir, entrar no meu quarto e me bater, mas ele não o fez. E provavelmente era pior que ele não tivesse. Porque isso significava que outra erupção estava esperando, uma pior, mais do que provável, e eu tinha certeza de que não queria estar por perto.

—Eu estou aqui para ver Noah.

Eu disse para a senhora atrás da recepção. Tenho certeza que o nome dela era Sheryl. Eu vinha aqui muitas vezes nos últimos dois anos para ouvi-la dizer quando ela atendeu o telefone.

—CJ?— ela perguntou.

Eu balancei a cabeça e sorri para ela, mas ela continuou olhando para o machucado na minha bochecha. Ótimo. Alguém mais que assumiu o pior de mim.

Ela caminhou por um corredor e eu esperei em uma cadeira na recepção. Ela voltou um minuto depois com Noah atrás dela, e ele parou quando me viu. Seus olhos ficaram tensos e ele acenou com a mão de volta pelo corredor. — Deste jeito.

Eu o segui e, assim que estávamos em seu escritório, ele fechou a porta. —O que aconteceu?

—Meu velho queria um cigarro.

Ele se encolheu. —Basta dizer a palavra, CJ, e eu mandarei Terrell jogar sua bunda de volta na prisão.

Eu balancei minha cabeça. —Não se preocupe com ele.— Olhei para a porta e, sem saber o quão à prova de som era o escritório dele, sussurrei: — É muito bom te ver.

Ele finalmente sorriu. —Você também. Muito bom.— Então ele franziu o cenho para a minha bochecha. —Isso dói?

—Não. Ele me pegou com o nó dos dedos. Ele estava bêbado e caindo, então eu o empurrei e disse para ele conseguir um emprego.

Os olhos de Noah se arregalaram. —Puta merda.

Suspirei. —Sim, bem, eu não estou esperando que ele me deixe escapar disso, mas pelo menos ele sabe como eu me sinto.

—Você não precisa ficar lá— disse ele calmamente, sério. —Você tem opções, CJ. Você nunca precisa ficar onde não se sente seguro.

—Eu não vou deixar Pops.

—Você não precisa. Traga-o.

—Para onde?

—Meu lugar.

Agora foram meus olhos que se arregalaram, mas eu rapidamente me afastei. —Noah.

—Estou falando sério. Não precisa ser permanente. Apenas em algum lugar seguro e ele não saberá onde você está.

Eu ignorei sua oferta, não pronto para o significado por trás disso. Enfiei a mão no bolso interno da minha jaqueta. —Trouxe uma conta telefônica e minha certidão de nascimento. Eu não tinha certeza do que você precisava para uma conta bancária.

Noah assentiu devagar, resignado por qualquer conversa sobre meu pai ter terminado. —Então vamos resolvê-lo.

Meia hora depois, estávamos sentados no banco e, depois que escrevi minha assinatura para onde me disseram, a senhora me entregou um cartão ATM. —Tudo feito. Você só precisa ativar o seu cartão e escolher um PIN.

Eu olhei para Noah, e ele sorriu. —Um número de quatro dígitos para quando você deseja usar seu cartão ou sacar dinheiro.

A senhora olhou para mim como se eu fosse sete tipos de idiotas. Eu nunca tinha uma conta bancária antes. Como eu saberia como essas coisas funcionavam? Eu o inseri na máquina como ela me mostrou e tive que escolher quatro números que eu me lembraria. Então eu vi as letras pequenas sob os números. Não, eu não era muito bom em ortografia, mas podia escrever isso.

Eu sorri e lentamente digitei os números 6624.

N - O - A - H

Eu me recostei, ainda sorrindo orgulhosamente.

—Você vai se lembrar?— Noah perguntou.

—Eu nunca vou esquecê-lo.— Ele me deu um olhar confuso, então eu expliquei. —Isso significa Noah.

Ele deu uma risada. —Você não deveria contar às pessoas.— Então ele percebeu o que eu disse e um sorriso lento e lindo se espalhou por seu rosto. —Mesmo?

Concordei e, *meu Deus*, pensei que ele iria me beijar no meio do banco. Mas a senhora me entregou um monte de papéis que eu nunca tinha lido. —Tudo feito!

Sáímos sem falar e, quando chegamos ao carro, ele estava sorrindo. —Mesmo? Você realmente escolheu meu nome?

Eu assenti. —Sim.

Ele parou e olhou diretamente para mim. —Você sabe, isso pode ser a coisa mais romântica que alguém já fez por mim.

Isso fez algo maravilhoso florescer no meu peito. —Mesmo?

—Sim.— Mas então ele arruinou o momento olhando o relógio. —Precisamos chegar à sua reunião de drogas e álcool.— E assim, meu coração afundou.

Ele me levou até lá e puxou a chave da ignição. —O que você está fazendo?— Eu perguntei.

—Eu vou contigo.

—Pelo que?

—Quero apoiá-lo. É o seu último.

—Você está autorizado a fazer isso?— Eu perguntei.

—Como seu namorado, provavelmente não. Mas como seu oficial de condicional, com certeza posso. —Eu estava prestes a contestar, mas ele disse: —Estou muito orgulhoso de você, CJ. Você nunca perdeu uma reunião. Mesmo que você nunca tenha usado drogas, continua fazendo a coisa certa aparecendo.

—Realmente não tinha muita escolha, não é?

Ele encolheu os ombros. —Ainda. Você deveria estar orgulhoso. Eu até te compro o jantar depois. Como isso soa?

—Jantar e um filme no seu sofá?

Ele sorriu. —Claro que sim.

—Combinado.

O encontro foi como sempre foram. Um grupo de oito pessoas sentou-se com Maryanne liderando conversas e discussões. Noah se apresentou a ela antes de começarmos e ele ficou de pé no fundo da sala, encostado em uma mesa,

apenas observando e ouvindo. Ninguém pareceu nem notá-lo, muito menos se importou que ele estivesse lá. E eu não ia dizer nada - quer dizer, não fazia em dois anos, então por que começar agora? Mas então, perto do final da reunião, Maryanne me destacou. —É a última reunião de CJ conosco hoje— anunciou ela. —Ele vem há dois anos, nunca perdeu uma reunião.— Ela olhou rapidamente para Noah antes de sorrir para mim. —Ele tem sido um membro tranquilo do nosso grupo.

Qual era a maneira dela de dizer 'ele nunca contribuiu ou participou'. O que era verdade, mas eu disse a ela desde o início que nunca usava drogas. Ela simplesmente escolheu não acreditar em mim. E, como ela me trouxe ao centro das atenções, imaginei por que diabos não finalmente dizia alguma coisa.

Sentei-me mais ereto na cadeira e limpei a garganta. — Bem, eu nunca disse nada antes, porque realmente não tenho muito a dizer. Vocês vêm aqui para falar sobre seus problemas e isso é ótimo e tudo, e eu realmente posso ver algumas melhorias e todos vocês devem se orgulhar. Mas nunca tomei drogas e raramente bebo. Fui obrigado a ir a essas reuniões porque fui preso roubando remédios de um químico. Eu não sabia, mas o que peguei foram os ingredientes para preparar metanfetamina ou algo assim.— Dei de ombros. —Mas eu não sabia porque não lia muito bem e estava tentando obter o remédio do meu Pops porque

ele não respira muito bem sem ele, e normalmente eu pago por isso, mas meu velho roubou meu dinheiro . — Olhei para Maryanne e apontei para o machucado na minha bochecha. —Ele foi quem me deu isso, então, antes que você assuma que eu sou metido em brigas de bares, você pode querer perguntar se está tudo bem em casa. Porque às vezes não é.

Ok, dizer algo se transformou em vômito de palavras. Levantei-me e limpei minhas mãos pelas minhas coxas. Maryanne ficou sentada ali, atordoada e esperançosamente pensando em como ela me tratara nos últimos dois anos. —Nós terminamos? Porque eu terminei.

Maryanne piscou e assentiu. —Sim, claro.

Olhei em volta para os outros, que estavam todos olhando para mim. —Boa sorte.— E com isso, me virei e caminhei em direção à porta. Noah estava lá, sem se apoiar na mesa, com olhos arregalados e incrédulos e um sorriso que apertava meu coração já palpitante.

Abri a porta e engoli ar fresco enquanto saía. Deus, minhas mãos estavam tremendo, e eu não tinha ideia do que diabos me fez dizer tudo isso.

—CJ! Espere!— Noah gritou atrás de mim. Parei de andar e me virei e ele correu para alcançá-lo, mas ele não parou quando chegou a mim. Ele quase me abraçou em um abraço. —Putá merda— ele murmurou no meu ouvido. Então

ele se afastou, mantendo as mãos no meu ombro. —Eu não posso acreditar que você acabou de dizer tudo isso.

—Nem eu posso.

Ele estava sorrindo. —Como é?

—Eu não sei. Bom, eu acho.— Eu levantei minhas mãos. —Eu estou tremendo.

Ele riu e me puxou contra ele novamente. Eu nem me importei que fosse em público porque me senti muito bem - eu estava começando a pensar que seus abraços eram mágicos. Eu podia literalmente sentir o peso dos meus problemas diminuir cada vez que ele fazia isso.

Deslizei meus braços em volta dele e o abracei de volta, e para todos os transeuntes, eles saberiam que não era um abraço de homem. Não houve tapa nas costas, nem constrangimento; não foi breve. Fomos unidos da coxa à cabeça, com os braços apertados um ao outro. Isso realmente não era um abraço. Foi um abraço, um momento entre dois homens. Minha primeira demonstração pública de afeto, com alguém, sem falar com um cara. Estava ficando meio tarde, mas não estava escuro, e ainda assim eu não conseguia me importar.

Eu precisava dele e ele estava lá. Isso é tudo o que importa.

—Estou tão orgulhoso de você— disse ele suavemente. Então ele se afastou e me deu um sorriso. — Você está pronto para o nosso encontro?

—Encontro?

—Bem, sim. Jantar e um filme, talvez um pouco de curtição. Tenho certeza de que é um encontro.

Respirei fundo e tentei não sorrir muito. —Algo a acrescentar à minha lista de estreias.



17 - Noah

Era difícil acreditar que CJ ainda não tenha feito tantas estreias. Não as coisas grandes, como sexo, mas as pequenas coisas, como dar as mãos, assistir filmes enquanto estava deitado em um sofá, beijando e abraçando. E uma coisa que aprendi sobre CJ foi que ele realmente gostava de abraçar.

Foi meio comovente.

Ele era tão desprovido de toque humano. Sua vida inteira foi um sofrimento, crescendo em uma casa onde as emoções eram algo que você simplesmente não demonstrava. Claro, ele tinha o seu Pops e o amava ferozmente, mas tive a sensação de que eles não eram exatamente pessoas sensíveis.

Toda vez que eu o abraçava, ele se agarrava à vida. Eu amei, realmente amei, mas puxou meu coração, lembrando-me de todas as coisas que ele perdeu. De todas as coisas das quais ele foi privado.

Quando entramos na minha cozinha, joguei minhas chaves e carteira no balcão da cozinha, virei e puxei-o para

perto. Coloquei meus braços em volta dele e enterrei meu rosto em seu pescoço. Sim, o abraço no estacionamento após a reunião de drogas e álcool foi bom, mas isso foi melhor. Mais lento, mais macio. *Mais íntimo.*

Ele respirou fundo e suspirou ao expirar, como se fosse exatamente o que ele precisava. Eu amei como meus braços se encaixam sob sua jaqueta de couro, sentindo a camisa em suas costas, a pele quente e firme. Ele era meio magro, mas forte. Eu acho que ele trabalhou duro e não comeu muita comida lixo ou comida para viagem, e isso mostrou. Talvez eu deva fazer o mesmo.

—Você queria comida chinesa ou quer que eu cozinhe alguma coisa? Eu posso fazer uma salada ou algo assim.

Ele suspirou novamente e revirou os ombros como se meu abraço fosse um cobertor quente. Ele se afastou um pouco, mas manteve as mãos na minha cintura. —Não posso dizer que como muita salada.

—Gosta de comida chinesa?

Ele tentou minimizar, eu acho, mas havia algo em seus olhos. Algo me disse que pedir comida chinesa era um luxo. —Não como muito. Esta fora da cidade e tudo.

—Chinês, é.— Foi então que notei a marca em sua bochecha - uma linha vermelha e manchas roxas tênues - e agora estávamos sozinhos, pude ver mais de perto. Não era

grande e não parecia particularmente dolorido, mas seu pai o bateu, e isso teve que doer. Eu tracei meu dedo levemente ao longo de sua bochecha. —Me desculpe, ele fez isso com você. Desejo...

—Você deseja o que?

Que seu pai voltaria para a cadeia? Que ele nunca saiu? Que CJ não precisava morar com ele, que ele não precisava lidar com ele. O fato de ele simplesmente encolher os ombros a violência doméstica como se fosse normal machucou meu coração. —Eu queria que as coisas fossem diferentes para você. Eu gostaria de poder ajudar de alguma forma.

—Você está ajudando— ele sussurrou. —Mais do que você sabe.

Deslizei minha mão da bochecha até o pescoço e o trouxe para um beijo. Começou suave, quente e macio, mas com o toque de línguas, como uma partida de pólvora, a paixão acendeu e ele me empurrou contra o balcão da cozinha. Ele passou as mãos por minhas costas, por minha bunda e apertou seus quadris nos meus.

Ele foi ligado. Eu pude sentir isso.

E estava muito e muito quente, muito cedo, porque ele estremeceu e ofegou antes de se afastar. —Merda.— Ele

estava respirando com dificuldade e parado, e percebi em meu cérebro confuso que ele estava tentando se acalmar.

Eu não estava tendo nada disso.

Eu o pressionei para trás até que ele foi pressionado contra a pia, e deslizei minhas mãos na frente de seu jeans, sob o elástico de sua cueca, e passei meus dedos em torno de seu eixo quente e duro.

Seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu, então eu esmaguei meus lábios nos dele enquanto bombeava e apertava. E porque eu sabia que ele gostava, gemi em sua boca, e o som desencadeou uma reação em cadeia. Ele empurrou meu punho e latejou, gritando em meu beijo quando ele gozou. Ele estremeceu e se contorceu quando se derramou sobre a minha mão, seus olhos reviraram e sua testa caiu no meu ombro.

—Porra!

Isso passou de suave a quente até o clímax em minutos. Ele gemeu no meu pescoço como se não pudesse funcionar.

Soltei seu pênis ainda duro e ele caiu em mim, respirando com dificuldade. —Merda. Eu sinto Muito.

Recostei-me e levantei o queixo com a mão limpa. — Desculpa. Pelo que?

—Isso foi embaraçoso.

—Oh não. Isso foi quente como o inferno. Essa foi a coisa mais quente que já fiz.

Ele corou e quase sorriu, mas estava claramente envergonhado. Então eu me inclinei contra ele e o beijei, suave e doce, lânguido, e se ele não acreditasse nas minhas palavras, talvez acreditasse nas minhas ações. Puxei seu lábio inferior entre os meus antes de beijá-lo novamente.

Quando ele estava sorrindo contra meus lábios, eu finalmente me afastei. —Vou pegar algumas calças e vamos lavar as suas e secar antes que você precise ir para casa.— Fui ao banheiro primeiro para lavar a mão, depois rapidamente tirei minhas roupas de trabalho e vesti algumas calças de corrida e um capuz. Peguei alguns para ele e o encontrei, imóvel na cozinha. Eu entreguei a ele a calça cinza. —Você é trocado e limpo e eu vou encontrar o menu para viagem. Como isso soa?

Ele assentiu, ainda um pouco envergonhado. Foi a última coisa que eu queria para ele... Deus, fui eu quem o desfez, por isso foi mais minha culpa do que dele. —Eu estava te tocando bem? Quero dizer, masturbando você? Eu deveria ter perguntado primeiro, desculpe.

Ele ficou sério. —Oh, hum, sim, estava tudo bem. Mais do que bem, sério. Quero dizer, Jesus. Normalmente duro muito mais que isso.

Eu soltei uma risada. —Vou tomar isso como um elogio.

Ele tentou não sorrir. —Eu ainda não implorei. Só para você saber.

Coloquei minha testa na dele. —Você irá.— Então eu falei contra seus lábios. —Eu prometo.

Ele rosnou para mim e entrou no banheiro. Quando ele voltou, colocamos seus jeans e cuecas para uma lavagem rápida e pedimos o jantar. Quando foi entregue, nós tínhamos decidido assistir Commando, porque era o próximo filme favorito de Schwarzenegger de CJ e porque eu não tinha dado a ele nenhuma roupa íntima limpa para usar com os trackies e ele estava, de fato, fazendo a comando¹⁶.

Quando o filme estava na metade do caminho, e com nossos recipientes vazios para levar na mesa de café e as luzes apagadas, empurrei uma almofada contra o apoio de braço e enfiei os pés sobre as coxas.

—Você está aí?— ele perguntou.

—Não.— Desviei-me um pouco e o puxei para que ele estivesse deitado entre as minhas pernas, de costas para o meu peito. Ele estava rígido no começo, relutante ou inseguro, mas quando enfiei outra almofada sob sua cabeça, ele relaxou e recostou-se. —Isso é muito melhor.

¹⁶ Trocadilho sobre estar sem cueca.

Não precisei perguntar: essa foi outra novidade. A última vez que assistimos a um filme, sentamos com os pés na mesa de café e nossos corpos se tocando, ombro a coxa. Foi bom e confortável para CJ, já que ele era muito novo em tudo. Mas isso foi melhor.

—Está tudo bem?— Eu perguntei, gentilmente acariciando os cabelos em sua têmpora.

Ele levantou a cabeça, puxou a almofada e a jogou no chão, depois deitou a cabeça no meu peito. —Isso é melhor.

Sim. Sim é isso.

Nós assistimos o resto do filme assim, nós dois rindo das bregas frases e olhando a mesma carnificina horrenda que Arnie infligiu na tela. O fato de termos o mesmo senso de humor e estômago fraco para sangue e tripas me fez feliz. Aparentemente, CJ e eu parecíamos mundos separados, mas, na verdade, não éramos tão diferentes assim.

Eu acariciei seu cabelo novamente, e como os créditos sinalizaram o final do filme, nenhum de nós parecia ansioso demais para se mexer. Eu certamente não queria me mexer.

—Isso é muito bom— ele murmurou. —Se você continuar fazendo isso, eu vou dormir.

Eu não parei. —Eu não me importaria.

Ele levou alguns segundos para responder. —Eu gostaria de poder, mas ...

—Mas você deveria ir para casa?

Ele suspirou. —Sim!

—Clinton?

Ele levantou a cabeça e olhou para mim. —O que?

—Mais dois dias.

Ele revirou os olhos. —Acho que quebramos sua regra estúpida, bem e verdadeiramente. Não tenho certeza se isso importa neste momento.

—Não me arrependo do que fizemos esta tarde na cozinha.— Eu o olhei nos olhos. —Nem um pouco.

—Eu também. Embora eu te deva uma. Você não fez.— Ele fez uma cara de vergonha.

—Gozei nas minhas calças?— Eu perguntei com um sorriso. —Eu vou dar uma checada nisso.

A boca dele se abriu. —Eu não pude evitar. A culpa foi sua de qualquer maneira. Se você não tivesse enfiado as mãos lá em baixo.

—Eu peço desculpas.— Eu tentei sinceramente, mas ele percebeu que eu não sentia muito.

Ele olhou para mim por um longo tempo. —Por que você me chama de Clinton?

—Porque é o seu nome.

Ele se reposicionou, então seu queixo agora descansava no meu peito e olhou diretamente para mim. Seus olhos escuros eram como galáxias. Ele abriu a boca para falar, mas não disse nada.

—Você não gosta?— Eu perguntei. —Você prefere que eu te chame de CJ?

—Eu sempre odiei ser chamado Clinton. Os professores da escola me chamavam assim e as outras crianças riam, então eu sempre me esqueci disso e sempre fui CJ. É o que a maioria das pessoas me conhece. Mas você... Quando você me chama assim... bem, eu gosto disso. Você diz diferente. Como se não fosse uma maldição ou algo assim.

—Não é uma maldição— eu sussurrei, tocando o cabelo em sua testa. —Você não é uma maldição.

Ele fechou os olhos e se inclinou para o meu toque. — Bem, talvez não para você.

—Você é um bom homem. Um homem honrado. E mal posso esperar para conhecê-lo melhor.

Ele deitou a cabeça no meu peito, olhando para a TV. —Você já me conhece melhor do que ninguém.

Passei meus dedos pelos cabelos e deixei o silêncio entre nós, aproveitando o momento.

—Posso te perguntar uma coisa?— ele murmurou.

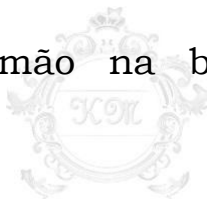
—Claro.

—É pessoal.

—Tudo bem.

—Você? Você está? Hum, ugh. —Ele se inclinou um pouco para mim para poder esfregar a mão no rosto. — Desculpa.

Coloquei minha mão na bochecha dele. —Clinton, apenas me pergunte.



Seu olhar disparou para o meu. —Você está em cima ou embaixo? Porque em dois dias, se estivermos... —Ele corou e gemeu um som doloroso. —Isso é tão embaraçoso.

—Não tenha vergonha— eu disse suavemente. —Eu estive pensando o mesmo sobre você, então estou feliz que você perguntou. Normalmente, estou no topo, mas sou a favor de encontrar o cara certo.

O sorriso dele era puro alívio. —Ok, isso é bom.

—Então você é um fundo?

Ele murmurou algo e desviou o olhar, então eu coloquei meus dedos em seu queixo e o fiz olhar para mim. Ele encontrou meu olhar, mas suas sobrancelhas franziram.

—CJ, fale comigo, por favor.

—Então agora eu sou CJ?

Eu sorri. —Desculpe, Clinton James Davis.

Ele revirou os olhos. —Noah...

—Meu nome do meio é Robert.

—Noah Robert Huxley.

—Você pode me dizer qualquer coisa. Eu não vou te julgar. Ou rir de você. Ou pense menos de você. —Ele ainda não queria repetir o que havia murmurado antes, e ainda não havia respondido à minha pergunta. —Você sabe, não há nada errado em ser inferior.

Ele se afastou e sentou-se, e eu também. Minhas pernas ainda estavam meio dobradas no sofá entre nós, e quando eu ofereci minha mão, ele a pegou.

Ele olhou para nossos dedos quando ele falou. — Você pode imaginar meu velho descobrindo que eu era gay? E não que eu apenas gostasse de caras, mas no sexo todo, fui eu quem o levou? —Ele zombou. —É o pior tipo.

—Isso não é verdade.

—Eu sei que não, mas seria para ele. É exatamente o que ele pensaria. Que eu seria a 'mulher'. — Os olhos de CJ estavam vidrados. —Foda-se sabe que ele odeia mulheres tanto quanto homens gays. Bem, talvez não tanto.

Cobri nossas mãos unidas com a minha outra. — Nunca tenha vergonha de quem você é. Você é perfeito, do jeito que você é. E sabe de uma coisa? Foda-se ele. Ele é um pedaço de merda cuja opinião não importa.

Mas esse era o problema. Porque, por mais que CJ odiasse seu pai, suas opiniões, suas palavras de ódio e nojo ainda doíam como o inferno.

—Desculpe— continuei. —Eu sei que ele é seu pai, mas ele machuca você, fisicamente, emocionalmente, psicologicamente. E eu não posso respeitar isso. Não vou.

CJ tentou sorrir, mas não conseguiu fazê-lo funcionar. —Está bem. Entendi. Eu gostaria que ele tivesse ido embora. Eu queria que ele voltasse para dentro e gostaria que ele nunca tivesse saído. Quando ele saiu pela primeira vez, pensei que não ficaria fora por muito tempo, mas não tenho certeza dessa vez. Normalmente ele estaria nos pubs e bares fazendo um burro de si mesmo. Mas agora ele não sai de casa como costumava fazer, então as chances de ele entrar em problemas são reduzidas. Ele apenas fica em casa e o torna miserável para mim e para o pai.

Eu enfiei nossos dedos e me inclinei para poder beijar seu ombro. —Ele nunca precisa saber sobre nós ou sobre você ser gay. Não valeria a pena, e não posso confiar nele para não machucá-lo fisicamente. —Não, não valia a pena.

Ele suspirou. —Ele já está chateado comigo desde a nossa última luta. Ele vai me pegar de volta. Eu sei que ele vai.

—Então não volte para lá.

—Eu tenho que. É a minha casa. E Pops está lá.

Suspirei pesadamente e, desta vez, descansei minha testa em seu ombro. —Queria que fosse diferente para você. Eu odeio que você lide com isso todos os dias.

Sua resposta foi tranquila, mas retumbante: —Eu também.

CJ tinha que trabalhar na sexta-feira, e passei a manhã fazendo ligações domésticas e minha tarde foi dedicada à papelada. Mas isso não foi tão ruim porque foi o dia em que assinei o caso de CJ. Sua liberdade condicional tecnicamente não estava acordada até meia-noite de sábado,

mas, como não conseguia escrever o relatório no domingo, achei que tudo seria finalizado e deixaria na minha mesa para assinar na segunda-feira de manhã.

Ele literalmente só teve que passar mais um dia.

Eu esperei pelo seu texto na sexta-feira à noite, e quanto mais a noite durava, mais preocupado me tornava. Ele disse que quando eu o deixei em casa na noite passada, ele me mandou uma mensagem quando fosse para a cama. Mas algo aconteceu? Ele brigou com o pai?

Deus, eu odiava o velho dele.

Mas quando meu telefone tocou às dez e meia, eu quase o desliguei. Mas então eu poderia ter abraçado meu telefone quando a mensagem habitual dele apareceu na tela.

Oi

Alívio e uma sensação de paz se instalaram no meu peito e eu estava impotente para parar o sorriso. Eu sabia quanto esforço era para ele mandar uma mensagem comigo, mas ele estava disposto, e não importa quanto tempo levasse para ele ler e responder, eu seria paciente e esperaria.

Ei. Eu estava ficando preocupado. Tudo certo?

Sua resposta levou alguns minutos. **Sim. Boa.**

Estou feliz. Contanto que você esteja bem.

Posso ligar?

Sim.

Meu telefone tocou logo depois e sua voz era um sussurro. —Desculpa. Mais fácil para mim falar.

—Não se preocupe. Eu gosto de ouvir sua voz, então não me importo. Você está melhorando com as mensagens de texto.

Ele zombou. —Eu sou tão lento nisso.

—Não, você está bem. Como foi seu pai?

—Tudo certo. Um pouco como a calma antes da tempestade. As coisas parecem boas, mas você sabe que a merda chegará aos fãs em breve.

—Apenas tente ficar longe dele.

—Pouco difícil nesta casa.

Deus, eu odiava que ele vivesse assim. Como viver com uma bomba-relógio.

—Você está ansioso para amanhã?

Seu tom se iluminou. —Sim, com certeza. Você acha que posso obter minha licença amanhã?

—Sim. Você passa no curso do piloto, então eu posso levá-lo direto para o RMS. Não esqueça os noventa dólares para pagar por isso.

—Sim, tudo bem. Eu fui pago hoje.

—Quer que eu te pegue no seu trabalho de manhã?—
Eu perguntei.

—Eu posso pegar ônibus. Economize sua viagem.

—Eu não me importo.

—Eu sei que você não. Obrigado de qualquer maneira, mas uma última viagem de ônibus não vai me matar.

—Eu vou buscá-lo após o término do curso e vou para o RMS.

—Sim, tudo bem, parece bom. A que horas você joga futebol? Você vai terminar a tempo?

—Sim, eu só posso estar um pouco suado e fedorento, mas eu estarei lá.

—Obrigado— disse ele com reverência. —Significa muito.

Suas palavras aqueceram meu coração. —Eu sei. E estou feliz em ajudar.

—Noah?— Parecia que ele estava sorrindo. —Adivinha?

—O que é isso?

—Mais um dia.

Eu gemi uma risada. —Acredite, eu sei e mal posso esperar.

Eu passo o sábado de manhã, fazendo todas as minhas tarefas: lavanderia, compras, limpeza. Eu tinha esperanças de hoje, ou hoje à noite. Era o último dia de CJ em liberdade condicional, nosso último dia como oficial de condicional e condicional. Eu não esperava sexo total, mas esperava muito se beijando, possivelmente alguma nudez, e estava realmente esperando que ele passasse a noite.

Eu não estava brincando quando disse que queria que ele implorasse; Eu o queria se contorcendo de prazer, tão perto do clímax, desesperado por libertação. Eu queria que ele soubesse o quão bom poderia ser, quão perfeito. Eu queria vê-lo desvendar. Eu o queria na minha cama. Eu queria conhecer o corpo dele e queria que ele conhecesse o meu.

Mas não apenas fisicamente. Eu queria conhecê-lo. *Todo ele.*

Se ele recusou, foi isso. Eu seria destruído, devastado. Mas eu entenderia. E cumpriria minha promessa. Eu ainda o ajudaria.

Esta noite seria interessante, com certeza. Fiquei um pouco decepcionado por ele não querer que eu o pegasse e o levasse ao seu curso de piloto, mas ele não gostava de confiar em outras pessoas. E ele estava orgulhoso demais - uma característica que eu não me importei nele, considerando o que ele havia passado. Quero dizer, o chip no ombro dele era bem grande, mas o fato de ele ter sobrevivido crescendo naquela casa com algum tipo de respeito próprio era uma prova do tipo de cara que ele era. E ele realmente foi ótimo. A cada momento que passava com ele, caía um pouco mais.

Sim, eu estava com problemas. Eu tinha depositado todas as minhas esperanças em seguir adiante esta noite. Eu só tinha que passar pelo futebol primeiro.

Larguei minha bolsa ao lado de todos os outros e me sentei no chão úmido para colocar minhas caneleiras. Estava frio, o inverno estava bom e realmente aqui, mas pelo menos não estava chovendo.

—Aqui está ele — disse Gallan, curvando-se e esticando os quadriláteros. —Como estão as coisas com o cara bad boy-moto?

Tentei não sorrir quando me levantei. —Boa. Vou buscá-lo depois do jogo. Como estão as coisas com o loiro do sexo na parede? Não sei o nome dele.

Gallan riu alto. —Coisas com Anthony ...— Ele me lançou um olhar aguçado. —... estão indo bem. Ele estará aqui em breve. Ele quer me ver jogar.

—Então devemos alinhar algumas jogadas, você sabe, fazer você parecer bem. Marcando alguns gols?

Ele sorriu. —Eu não preciso de ajuda para ficar bem.

Eu bufei. —Não precisa de ajuda com seu ego também.

—Não se preocupe. Anthony sabe o quão bom eu sou — ele acrescentou, seu sorriso de alguma forma aumentando.

—Você é terrível.

—Não me diga que seu bad boy está te segurando?

—Não exatamente. É complicado.

Ele bufou. —Tem sido complicado há semanas. Você precisa descomplicar as coisas. —Então ele se inclinou e sussurrou: —Leve-o para casa e foda o cérebro dele. Sempre descomplica as coisas para mim.

—Algumas coisas valem a espera, Gallan.

Ele balançou sua cabeça. —Puta merda. Você realmente gosta desse cara.

—Sim.

Nesse momento, o cara loiro e bonito do HQ - Anthony - se aproximou. Ele usava calça jeans skinny, casaco longo e cachecol, cabelos platinados, e os olhos estavam fixos em Gallan. Quando olhei para Gallan, ele estava olhando para Anthony com corações nos olhos. Ele podia brincar com tudo o que gostava sobre CJ e eu, mas um cego podia ver que estava apaixonado. Eu bufei alto. —Jesus, Gallan. Você deveria conversar. Você parece um daqueles desenhos em que os corações literalmente batem nos seus olhos.

Ele empurrou meu ombro e riu, mas nunca negou.

Entramos em campo e o jogo começou. Jogamos bem, embora Gallan estivesse distraído, assistindo mais à margem do que ao jogo. Ele errou uma marca fácil porque estava muito ocupado procurando por Anthony, me fazendo rir. Ele me lançou um olhar. —Quanto mais você tenta impressioná-lo— eu disse a ele. —O estúpido que você parece.

Depois do intervalo, que ele passou conversando com Anthony em vez de conversar com o time, ele correu de volta para nós. Eu tentei não sorrir. —Cale a boca— ele disse categoricamente. —Lembro que você passou o intervalo com o Sr. Complicado no outro fim de semana.

Sr. Complicado. Eu bufei. —Eu não ia dizer uma palavra.

O segundo tempo foi melhor que o primeiro e acabamos vencendo o jogo. Mesmo com Gallan distraído e minha mente nesta tarde. Estávamos jogando melhor como um time e ele se espalhou para depois da partida.

—Venha tomar uma bebida?— Tony perguntou.

—Oh, hoje não posso— expliquei. —Eu tenho hum, planos.

Gallan riu. —É complicado.

Limpei meu rosto com a toalha para esconder meu sorriso. —Sim.

Quando os outros estavam conversando, Gallan cutucou meu cotovelo. — Traga-o no próximo fim de semana. Para bebidas após o jogo. Anthony também virá. Vamos jantar ou algo assim.

Semana que vem... Eu não tinha ideia de onde estaríamos, em termos de relacionamento, na próxima semana. Eu esperava embora. Eu esperava que tivéssemos mudado de namorados não oficiais para o tipo muito oficial. —Eu vou perguntar. Mas parece bom, obrigado. —Eu chequei meu relógio. O curso de CJ quase terminaria. —É melhor eu ir.

Gallan me deu um sorriso caloroso. —Divirta-se... coisas descomplicadas.

—Eu planeio.

Dirigi direto para a auto escola, estacionei o carro e esperei. Eu sabia que ele ia bem, e ele disse que o cara que dirigia o curso estava feliz com o que sabia. A questão seria se CJ confiava em suas próprias habilidades.

Logo dois dos caras que eu tinha visto na semana passada saíram, depois outro. Saí do carro e encostei-me na minha porta no momento em que mais alguém saía, depois mais uma. Mas não havia sinal de CJ. Ele já foi embora? Ele ficou frustrado e fugiu? Peguei meu telefone, mas não recebi mensagens dele. Deus, ele apareceu? Aconteceu alguma coisa em casa?

Um sentimento de desconforto tomou conta de mim, e comecei a caminhar em direção ao portão no momento em que CJ saiu. Ele estava com o instrutor, os dois sorrindo. Eles pararam de andar, apertaram as mãos e CJ caminhou em minha direção.

O alívio não cobre bem o que eu sinto. Ele sorriu quando me viu, e eu tive que me impedir de jogar meus braços em volta dele ou até mesmo tocá-lo quando ele estava perto o suficiente.

—Ei— eu disse, apontando para o frio. —Estava preocupado que algo tivesse acontecido.

Ele sorriu. —Apenas ocupado passando meu primeiro teste.

Eu sorri para ele. —Você passou?

Ele assentiu e levantou um pedaço de papel que eu nem tinha notado que ele estava segurando. —Claro que sim!

—Eu realmente quero te abraçar agora— eu disse.

Ele olhou em volta, vendo se estávamos sozinhos, provavelmente. —Te dizer uma coisa? Se eu passar no meu teste de licença real, você pode me abraçar.— Ele deu um encolher de ombros nervoso. —Em público.

Eu sorri para ele. —Combinado.— Eu balancei a cabeça em direção ao meu carro. —Vamos. Vamos fazer isso.

Quando estávamos dirigindo, perguntei a ele: —Como foi o teste?

—Sim, bom. Ele leu as perguntas para mim exatamente como foram escritas, e eu apenas contei as respostas.

Seu sorriso enrugou os olhos e ele genuinamente parecia orgulhoso. Aqueceu meu coração.

—Você queria ler o livreto novamente?— Eu perguntei. —Antes de você entrar, eu posso ajudá-lo.

—Você acha que teremos tempo? A que horas fecha?

—Acho que os últimos testes são realizados às três horas, porque é sábado. São duas e quinze agora. Que tal reservarmos você e passar alguns minutos folheando o livreto até a hora?

Ele assentiu e seu sorriso feliz de antes se foi. Ele limpou a mão na coxa, então eu estendi a mão e deslizei a mão sobre a dele. —Não se preocupe, CJ. Você conseguiu isso. Você consegue fazer isso.

—E se eu falhar?



—Então, remarcamos outra consulta e vamos para casa hoje à tarde e relemos o livro de regras. Nada demais. Muitas pessoas falham na primeira vez. — Provavelmente não era a melhor coisa a dizer agora. —Mas você não vai. Você vai acertar.

Ele murmurou alguma coisa, mas sua confiança foi substituída por nervos e, posteriormente, insegurança.

—O que o instrutor disse hoje?— Eu perguntei. —Ele te disse qual a porcentagem que você obteve?

Ele virou o pedaço de papel. —Não penso que disse.

Pelo que pude ver, o certificado apenas dizia seu nome com a palavra 'competência'.

CJ encolheu os ombros. —Ele disse que eu fiz bem. Nunca disse que entendi errado.

—Então você acertou tudo— eu insisti. Parei o carro no estacionamento do RMS, desliguei o motor e me virei no banco para encará-lo. —Você vai se sair bem. Haverá um leitor para você, assim como o instrutor hoje. Você não precisa obter cem por cento; eles permitem algumas respostas incorretas; portanto, se você errar uma, não se preocupe e continue. Você vai ficar bem.

—Você não sabe disso.

—Mas eu te conheço. E eu sei que você sabe tudo o que há para saber sobre andar de moto. Há quanto tempo você anda de motocicleta pela cidade e na estrada?

—Seis anos.

—E quantas vezes você entendeu errado?

—Entendeu o que de errado?

—Regras de trânsito ou segurança, ou foi parado por dirigir com negligência?

Ele franziu o cenho para mim. —Nunca.

—Vejo? Você sabe as respostas, CJ. Você vai ficar bem.

Ele ainda não parecia muito convencido, mas me seguiu até o RMS. Nós preenchemos o pedido, reservamos e a senhora nos deu uma multa e nos disse que teríamos que esperar dez minutos ou mais. Peguei um manual de regras da estrada e nos sentamos longe de outras pessoas e li perguntas para ele, as quais ele respondeu corretamente. Se ele apenas acreditasse em si mesmo. Fechei o livro. —Ela vai ler as perguntas para você exatamente como estão escritas. Assim como os testes simulados que fizemos on-line, serão respostas de múltipla escolha, então você deve escolher A , B , C ou D.

—Eu sei o que é múltipla escolha.

—Duas respostas estarão obviamente erradas, uma próxima à direita, mas apenas uma é a resposta certa. Leve o tempo que precisar. Você vai ficar bem. E lembre-se, se não der certo dessa vez, você saberá o que esperar da próxima vez.

—Você pratica esse discurso?

—Meio.

Ele revirou os olhos, mas quando o número antes dele foi chamado, eu pude ver os nervos e a agitação.

—Clinton, olhe para mim.

Seu nome próprio chamou sua atenção e seu olhar disparou para o meu.

—Você conseguiu isso. OK.

O número dele foi chamado e, por mais que eu quisesse ir com ele, sabia que não podia. Uma senhora o conheceu nos computadores atribuídos ao licenciamento e, para que CJ não continuasse me procurando, eu saí.

Tentei sentar e esperar, depois tentei andar de um lado para o outro. Recebi alguns olhares estranhos das pessoas saindo, mas não pude evitar. Eu estava nervoso em nome de CJ. Ele sabia as respostas, mas e se ele entrasse em pânico, ou se a dama fosse grosseira ou se a mente dele ficasse em branco?

Quanto tempo deve levar? Quanto tempo demorou demais? Quanto tempo já tinha passado? Devo voltar? Isso seria muito pegajoso?

Depois do que pareceu uma eternidade, as portas automáticas se abriram e eu me virei. CJ ficou lá, parecendo todo tipo de abatido.

Ah não.

Fui até ele e coloquei minha mão em seu braço. — Clinton, está tudo bem. Voltaremos no próximo fim de semana.

—Por quê?— ele perguntou. Então, um sorriso de propagação lenta cruzou seu rosto, e ele tirou uma pequena

carteira de estudante de plástico e algumas placas-L. —
Quando eu já passei.

—Você passou?

Ele riu e assentiu, e eu me mantive fiel ao meu fim do acordo. Ele disse que se ele passasse, eu poderia abraçá-lo ali mesmo na frente de todos. Então foi exatamente o que eu fiz.



18 - CJ

A mulher que leu o meu teste foi bom o suficiente. Eu disse a ela que podia ler algumas, mas não páginas inteiras de palavras e nem testes que tinham limites de tempo para responder perguntas. Eu até engoli meu orgulho e mostrei a ela como eu podia ler o início do teste.

—Você ... tem ... quarenta ... ss-segundos. . . para ... cada?—Ela assentiu. —Cada um ... Pergunta, questão.—Era embaraçoso, mas eu sabia ler. Eu simplesmente não era ótimo nisso. Então ela me mostrou um monte de imagens de sinalização e pediu que eu as identificasse, mesmo as que escreviam, mas eram muito mais fáceis. —Pare. Ceder. Ponto de ônibus. Proibido Estacionar. Faixa de trânsito. Esse significa Clearway¹⁷. Estacionamento de uma hora. Apenas carros de polícia.

Ela sorriu depois disso e começamos o teste real. Eu estava nervoso como o inferno e tive que pedir a ela para repetir as perguntas algumas vezes, mas concluí a parte do teste do computador muito rápido. Então ela fez o exame

¹⁷ O termo clearway é usado em vários países da Commonwealth para se referir a trechos de estradas ou ruas onde o estacionamento é proibido.

oftalmológico, onde eu tinha que dizer cada letra em voz alta, em qualquer linha que ela pedisse, e bem, ela não disse que eu entendi errado, ela apenas sorriu e me disse para sentar.

Um ou dois minutos depois, ela me ligou e disse: — Parabéns.

Eu não podia acreditar! Eu tinha feito isso! Há um mês, eu diria que era impossível. Inferno, há um mês, era impossível. Mas Noah... bem, Noah me ajudou mais do que eu poderia explicar.

Claro, ele ajudou nos testes simulados e organizou tudo para mim e me ajudou a ler o livreto, mas ele também acreditou em mim.

Outra coisa para a minha primeira lista.

Tirei minha foto e, dois minutos depois, saí do RMS como um motociclista licenciado legítimo. Bem, um motociclista aprendiz, e eu teria que usar aquelas placas L-idiotas, mas eu nem me importei.

Eu tinha conseguido algo. E cara, me senti bem.

Quando Noah me viu, ele estava assistindo, esperando que eu dissesse se eu havia passado ou falhado, então tive que brincar um pouco com ele. Eu fiz uma careta e fiquei triste, e seu rosto caiu, mas sua primeira reação foi me dizer que estava tudo bem, nós apenas tentaríamos novamente no

próximo fim de semana. Ele não zombou de mim, ele não me disse que eu era estúpido, ele não riu.

Eu poderia me acostumar com isso.

Tirei minha licença e todo o seu rosto mudou, como se ele exibisse orgulho por mim ou algo assim. Então ele me abraçou. Bem na frente do RMS, na frente de quem estava lá, ele apenas jogou os braços em volta de mim e quase me levantou.

—Estou tão orgulhoso de você— ele sussurrou no meu ouvido.

E se eu tinha alguma reserva sobre ele me tocar em público, não o fiz depois disso. Ele estava orgulhoso de mim. *Eu, CJ Davis.*

—Obrigado. Eu não poderia ter feito isso sem você. Eu nem sabia como.

Ele se afastou, mas manteve as mãos nos meus ombros. —Você fez isso. Eu não.

Peguei minha carteira e coloquei minha nova licença no compartimento de cartão ao lado do meu cartão de identificação e do meu novo cartão bancário. Deus, ele não tinha ideia do que tinha feito por mim. Antes de Noah, eu não era ninguém. Um nada com nenhuma prova de papel, eu estava vivo, exceto pelas contas que tinha que pagar. Mas agora eu tinha coisas, provas materiais com meu nome e foto,

e coisas adultas responsáveis que a maioria das pessoas provavelmente nem pensava duas vezes, mas eram importantes para mim.

—Devemos comemorar— eu disse.

—O que você quer fazer?— ele perguntou brilhantemente, começando a andar até o carro. —Pedir comida? Sair para jantar? Para o cinema? Compras? Como você quer comemorar?

Eu sorri para ele. —Que tal voltarmos para sua casa e decidirmos lá?

Ele parou de andar. —Oh. Esse tipo de comemoração?

Agora eu ri. —Bem, não, eu não estava pensando nesse tipo de comemoração. Eu estava pensando que você poderia querer tomar um banho e tirar sua roupa de futebol fedido.

Ele cheirou sua axila, depois estreitou os olhos para mim. —Cale-se! Quero que você saiba que vencemos a partida hoje.

—Então realmente precisamos comemorar.

—Sim. Sim nós fazemos.

Assim que havíamos entrado na cozinha de Noah, ele pediu para ver minha licença. Eu entreguei e ele sorriu, assentindo enquanto olhava para ele. —Ótima foto.

—Não, não é. É porcaria.

Ele tirou a licença da carteira e mostrou para mim. — Esta é uma foto de merda.

Peguei e inspecionei, tentando não sorrir, depois tentando não rir. —Jesus, você pagou o mendigo para substituí-lo?

Ele começou a rir e pegou sua licença de volta. —Bem, não é tão ruim assim. Mas a sua é uma boa foto.

Peguei minha licença de volta e olhei novamente. — Ainda não consigo acreditar que é real. Que eu tenho uma licença!

Noah estava sorrindo tanto que seus olhos estavam enrugados nas laterais. —Você merece coisas boas, CJ.

Dei de ombros, tentando parecer legal. —O que aconteceu com Clinton?

Ele se aproximou e puxou meu queixo entre o dedo e o polegar. —Clinton.

Jesus. Apenas ouvi-lo dizer meu nome assim fez meu coração parecer grande demais para o meu peito. Então ele lambeu o lábio inferior e eu não pude evitar. Eu o beijei com força. Eu nunca consegui o suficiente dele, e quando ele abriu a boca e deslizou a língua contra a minha, quase dobrou meus joelhos.

Se ele era fogo, eu era gasolina. Assim que nos tocamos, nos tornamos outra coisa. Não consegui explicar - não conhecia as palavras -, mas havia faíscas, calor, fogo; consumindo, fogo furioso. Eu o queria como nunca quis ninguém, nem nada, nunca.

E pelo jeito que ele me segurou e me beijou de volta, eu tinha certeza que ele se sentia exatamente o mesmo. Ele se afastou de mim e ofegou por ar. —Deus, CJ.— Ele estava sem fôlego, o peito arfante, os lábios vermelhos e inchados.

—Não sou só eu, é?— Eu perguntei, colocando minha mão no meu coração. —Você sente isso também.

Ele soltou uma risada tensa. —Oh sim? —Então ele pensou no que eu tinha dito. —Você sente o mesmo?

O mesmo . . . Ele estava me perguntando se eu sentia a paixão entre nós? Ou se eu sentia as mesmas coisas que esperava que Deus sentisse por mim? Eu imaginei que não importava. Minha resposta foi a mesma.

—Um sim.

Ele sorriu então. —Estou feliz. Eu realmente gosto de você, Clinton. Talvez seja mais do que isso, eu não sei. Mas quero ver para onde essa coisa entre nós pode ir.

—Eu realmente gosto de você também.— Então eu adicionei o que ele fez. —Ou talvez seja mais do que isso, eu não sei.

Seu sorriso ficou todo tímido e tenho certeza que corei uma dúzia de tons de vermelho, mas ele me puxou para outro abraço. Não era um abraço apaixonado, era um conforto profundo. Bem, foi para mim, pelo menos. Ele se afastou e limpou a garganta, depois se reajustou. —Esses malditos shorts de futebol. Eu vou tomar aquele banho. —Ele deu outro passo para trás. Eu tive que me querer não olhar para o short dele. —Fique à vontade.

—Essa é a sua maneira de me pedir para fazer um sanduíche de queijo torrado?

Ele riu do corredor. —Eu não diria não.

Eu fiquei na cozinha dele sorrindo. Que dia maravilhoso e louco. Eu não conseguia me lembrar de ser tão feliz. Eu duvidava que alguma vez tivesse estado. Primeiro, passei no curso de motociclista, depois obtive minha licença de moto e depois me deparei com um cara super gostoso e simpático que, por razões que nunca vou entender, apenas me disse que gostava de mim.

Talvez seja mais do que isso.

Foi o que ele disse. Poderia ser mais do que isso? Eu, CJ Davis, tive uma chance de amar? Há um mês, eu teria rido da ideia. Agora, depois de Noah, eu esperava como o inferno que fosse isso.

Depois de Noah.

Talvez minha lista de estreias seja realmente uma lista Antes de Noah / Depois de Noah. Foi uma e a mesma coisa para mim.

Eu estava me apaixonando por ele?

Eu não precisava responder isso. Eu já sabia a resposta. Então, eu comecei a fazer um sanduíche de queijo tostado.

No momento em que Noah tomou banho e se trocou, e nós comemos nossos sanduíches, nos encontramos no sofá dele, sem realmente observar o futebol. —Qual é a sua ideia de uma noite de comemoração?— ele perguntou. —Existe algo que você sempre quis fazer, mas achou que estava fora de alcance?

—Bem— eu dei de ombros. —Você provavelmente vai rir.

—Não, eu não vou.— Seus olhos se fixaram nos meus, e ele era tão sincero que não pude duvidar dele.

—Bem, isso.

Ele olhou ao nosso redor. —Que tal isso?

—Este. Como eu te disse antes, estar aqui com você assim é algo que eu nunca pensei que jamais teria. Pessoas como eu nunca ficam felizes, Noah. Então, deitado no sofá, vestindo calças de moletom em frente ao aquecedor, assistindo porcaria na TV, de mãos dadas e amassando, é como perfeição para mim.

Ele levou um segundo para responder, piscou algumas vezes. —Oh!

—Entendo que não é muito emocionante e você provavelmente ficará entediado. Se você quiser fazer algo aventureiro, como caminhar ou simplesmente sair para jantar, acho que poderíamos. Eu também estou disposto a isso. Mas você perguntou o que eu achava perfeito ou algo que nunca pensei que teria ...

—Clinton— ele murmurou, parando meu discurso retórico. Ele se aproximou e havia algo em seus olhos que eu não consegui identificar. —Isso também é perfeito para mim. Eu não estava brincando quando te disse no outro fim de semana que sou uma pessoa caseira. Eu gosto de estar em casa, saindo. E gosto especialmente de fazer isso com você. — Ele sorriu. —Mas você está errado sobre uma coisa.

—O que é isso?

—Você disse que sentar aqui assistindo porcária na TV, de mãos dadas e beijando é a sua coisa favorita.

—Assim?

—Nós não estamos de mãos dadas. Ou se beijando.

Ele colocou a mão, palma voltada para cima, no meu joelho. Deslizei minha mão sobre a dele e ele foi rápido em passar os dedos.

—E a parte de curtir?— ele perguntou. Ele estava sendo brincalhão, mas havia um olhar sério em seus olhos.

Então eu me inclinei para trás e o puxei para baixo para que ele estivesse em cima de mim. Não era gracioso, mas pelo seu sorriso e olhar aquecido, ele não parecia se importar. Eu manobrei minhas pernas e me contorci um pouco para ficar mais confortável, então ele me beijou, lenta e profundamente. O fogo estava lá, mas desta vez queimou de maneira diferente. Não era um incêndio violento, consumindo e com certeza me queimando. Não, era uma queimação lenta e fumegante. Ainda intenso, ainda tudo o que eu nunca sonhei ser possível. Macio e amoroso, com bocas lentas, mãos lentas e quadris suaves.

Ele era tudo que eu nunca soube que precisava. Ele era tudo o que eu queria, ansiava, sonhava, e nunca pensei que eu poderia ter.

Talvez seja algo mais do que isso.

Talvez não houvesse isso. Não havia dúvida em minha mente.

Eu estava apaixonada por ele.

Aquilo que eu tinha visto em filmes que fazia as pessoas inteligentes fazerem coisas estúpidas, esse tipo de amor. O tipo em que eles arriscam tudo o que já conheceram, o tipo que muda vidas, que muda almas.

Ele beijou meu pescoço e eu virei minha cabeça para lhe dar mais espaço. Puxei a gola da camiseta dele para poder beijar seu ombro, e ele cantarolava da maneira mais deliciosa. Ele gostou disso. Eu queria aprender mais.

—Eu quero saber tudo sobre você— eu sussurrei. —Seu corpo. Quero conhecer todas as partes que tenho que beijar para fazer você fazer esse som.

Senti seus lábios no meu pescoço se transformarem em um sorriso. —E você? O que te deixa louco?

Eu parei. —Eu não sei. Ninguém nunca tentou. Ninguém nunca quis saber antes.

Ele se afastou e olhou para mim, seus lábios vermelhos e inchados, suas pupilas estouradas. —Então eu prometo a você, Clinton, que vou encontrar cada um. Vou mapear cada centímetro do seu corpo.

Putá merda.

Suas palavras quase colocaram meu sangue em chamadas.

Ele sorriu. —Ok, então é seguro para mim assumir que você gosta de um pouco de conversa suja?

Antes que eu pudesse atender, um telefone tocou e demorou um segundo para eu perceber que era o meu telefone.

Ah não.

Noah levantou-se de mim e me esforcei para me sentar, pegando meu telefone na mesa de café. —Você e Pops são os únicos que têm o meu número.— E Pops disse que ele só ligaria se fosse uma emergência. Eu ouvi sua respiração primeiro. Um som que eu conheceria em qualquer lugar. —Olá.

—Pops?

—Sim, CJ. Desculpa.— Ele parecia estar tentando sussurrar, mas também parecia pior que o normal.

—O que há de errado?

—É o seu pai. Ele saiu dos trilhos e estava passando pelo seu quarto, procurando dinheiro. Ele acha que você está segurando ele. Ele foi ao galpão procurando por isso, então achei melhor ligar para você. É melhor você voltar para casa. Eu tentei detê-lo...

—Estou a caminho.

Eu nem precisei perguntar. Noah já estava de pé, pegando sua carteira e chaves. —Eu vou te levar. O que aconteceu? Pops está bem?

—Não sei. Ele parecia pior, mas disse que meu velho estava de bom humor e está passando por tudo procurando meu dinheiro.

—O teu dinheiro?

Coloquei minha jaqueta. —O dinheiro escondido no meu quarto - são apenas cento e oitenta dólares, mas eu o guardo no caso de Pops precisar de pílulas extras, mas não achei que ele soubesse. Talvez ele esteja adivinhando, não sei. Ele está apenas chateado porque eu não estou lá. Provavelmente sem fumaça e cerveja, e isso será minha culpa.

Noah fumegou, o queixo cerrado e ele balançou a cabeça. —Você sabe o que? Foda-se ele.

Eu bufei e fui até a porta dos fundos. —Oh sim? Estou tão fodidamente acabado com a merda dele.

Eu não tinha percebido que ficou tão tarde. Estava escurecendo, as nuvens estavam baixas e pareciam fixadas, o vento havia esfriado. Eu apostaria qualquer dinheiro que papai tivesse deixado o fogo apagar e só Deus sabe que dano ele havia causado ao galpão até agora.

Noah e eu não falamos muito no caminho para Ten Mile Creek. Eu acho que não havia muito a dizer. —Não é como eu queria comemorar esta noite, desculpe.

—Está tudo bem— ele disse rapidamente. —Não peça desculpas por causa dele.

Deus, eu odiava o meu velho. —Eu gostaria que ele voltasse para a cadeia.



Noah estendeu a mão e apertou minha mão. —Eu sei.

Quando chegamos à Davis Road, ele recusou em vez de parar. —Você pode me deixar aqui— eu disse.

—Eu vou com você.

—Não— eu disse rapidamente. —Isso só vai piorar tudo.

Ele diminuiu a velocidade, talvez a cem metros da minha casa, mas fora da vista, graças à grama alta e às árvores cobertas de vegetação. —CJ, você não precisa ir lá sozinho. Posso te ajudar.

—Você já me ajuda, mais do que você sabe— eu sussurrei.

Seu rosto caiu, mas ele apertou minha mão. —Você promete que vai me ligar se precisar de alguma coisa. Eu posso voltar aqui em dez minutos.

Eu balancei a cabeça e fui sair do carro.

—Clinton— ele disse, me parando. Ele esperou que eu olhasse para ele. —Seja cuidadoso.

—Sempre sou.

Saí do carro e corri pelo resto da estrada de terra até minha casa. Quando cheguei à cerca, Noah havia se virado e estava indo embora, felizmente. Por mais que eu gostaria que ele estivesse ao meu lado, não havia necessidade dele passar por isso.

Do lado de fora, a casa parecia quieta, pacífica. Mas as nuvens de tempestade que rolavam acima eram uma boa indicação do que estava acontecendo lá dentro. Eu podia ouvir meu velho batendo e xingando no galpão ao lado da casa, então entrei na porta da frente para verificar Pops primeiro.

—Oh, CJ— ele disse, chiando. — Desculpe ligar para você, filho. Mas eu não queria que seu pai levasse sua motocicleta. Não depois do quanto você trabalhou para isso.

—Como você está?— Eu perguntei, caminhando até a cadeira dele. O fogo estava apagado, como eu sabia que seria. —Deixe-me acender este fogo primeiro, hein?

Ele balançou a cabeça e franziu a testa, preocupação e desculpas enraizadas em cada linha em seu rosto.

Joguei alguns gravetos nas brasas quase vazias, acrescentei um jornal velho e abri a tampa do meu esqueiro para reiniciar o fogo. As chamas alaranjadas se firmaram e eu fechei a porta e, sabendo que tinha que sair e encarar meu pai, levantei-me.

Só que não fui procurá-lo. Ele veio me procurar. A porta da frente bateu alto o suficiente para soar como uma arma, e ele entrou na sala de estar. Se as nuvens lá fora pareciam uma tempestade, não havia nada nele. Seus olhos eram escuros, seu rosto uma tempestade: raiva e fúria, sem contenção.

Eu já tinha visto aquele olhar antes.

Eu sabia o que estava por vir.

Eu estava ainda mais feliz agora que Noah não estava aqui.

Exceto todas as vezes antes, eu suportara o peso de sua raiva. Bem, não mais e nunca mais.

—Onde diabos você esteve?— ele cuspiu, olhando furioso e tremendo de raiva. Ele também estava bebendo. Eu podia sentir o cheiro de bourbon do outro lado da sala.

—Eu te disse que ficaria fora o dia todo. Qual é o seu problema?

—Meu problema?— Seus olhos brilharam com descrença de que eu falaria com ele assim. —Meu problema é você. Estou preso aqui o dia todo, sem dinheiro, sem cigarros, e você só vai se foder o dia todo.

—Sou adulto. Se eu precisar ir à cidade durante o dia, não preciso da permissão de ninguém — falei, tentando manter o tom neutro. Os nós dos dedos estavam brancos, os punhos cerrados. —Se você precisar de cigarros ou mais álcool, tente perguntar.

Ele deu um passo mais perto, com o maxilar marcado e ele falou por entre os dentes. —Ou você pode tentar me mostrar algum respeito, garoto.

Eu olhei de volta para ele. —Você poderia tentar ganhar.

Ele correu para mim, bêbado, mas ainda assim, não havia muito espaço. Ele veio balançando o punho, mas eu o empurrei e o joguei contra a parede. Quando ele se endireitou, eu estava pronto. Eu não queria bater nele, mas faria.

—Por favor, não lute— disse Pops fracamente da porta da cozinha.

Papai nunca tirou os olhos de mim. —Cale a boca, velho.— Ele atacou em mim novamente, desta vez me atacando na poltrona, me dando um tapa na cabeça. Bem, foi mais um choque de cabeças, mas ele me pegou na minha têmpora esquerda.

Eu vi estrelas.

Ele não parecia afetado; o álcool deu-lhe um amortecedor de lesão. Ele não sentiria dor esta noite. Ele recuou e voltou para mim com toda a força por trás do punho, conectando com o meu olho.

Mais estrelas.

Houve gritos e mais barulho e seu peso se foi enquanto a sala ao meu redor girava para uma parada lenta. Eu me levantei e me virei. Foi quando eu o vi.

Papai colocou Pops encostados na parede.

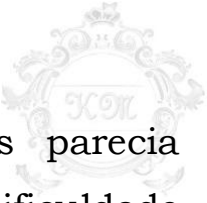
E minha política de nunca bater, nunca recorrer à violência e não ser como ele se dissolveu. Eu vi vermelho. Provei sangue e queria matá-lo.

Ninguém machucou Pops.

Corri para ele, e com força que não sabia que tinha, puxei papai e ele soltou Pops. Ele ficou desequilibrado por um momento e eu me arrisquei; Fechei o punho e, com toda a raiva que pude convocar, bati nele.

Ele se esparramou para trás e caiu pela porta da tela da frente, aterrissando de bunda na metade do limiar. Eu fiquei de pé sobre ele, meus punhos tremendo. —Fique calmo, idiota. Toque nele novamente, e eu vou te bater na bunda toda vez.

Ele agarrou o batente da porta e tentou se levantar, tropeçando e lutando. Eu me virei para Pops. —Você está bem?



Ele assentiu, mas parecia assustado e pálido. Ele estava respirando com dificuldade, muito difícil para o meu gosto. —Estou bem.

De alguma forma, meu pai conseguiu se levantar, alimentado apenas de raiva e meio cambaleante, meio caído para frente, apontando seu peso desajeitado para mim. Mas desta vez ele agarrou minha jaqueta em uma mão, meu rosto na outra e caímos. Caí pesadamente no meu ombro, mas os dedos do meu pai se apertaram no meu rosto, nos meus olhos e arranhando minha bochecha.

Ajoelhei-o o mais forte que pude, e sua respiração o deixou em um tom áspero. Então eu o machuquei de novo, a última vez que me conectei com suas bolas e tudo acabou.

Ele gemeu e recuou, um peso morto, e eu o empurrei de cima de mim. Eu me levantei e olhei para ele se contorcendo, segurando seu lixo, gemendo no chão. Minha adrenalina estava bombeando, alimentada pela minha raiva pelo pedaço de merda no chão. Eu queria chutá-lo novamente.

Eu queria...

Durante o tempo em que ele quebrou meu braço, para quando ele apagou um cigarro no meu corpo de criança. Para cada vez que ele me bateu, gritou comigo, riu de mim. Roubou de mim, me disse que eu era um filho inútil de uma prostituta, se recusou a me alimentar. Para cada vez que ele falhou comigo.

Pops ficou ao meu lado e colocou a mão no meu braço. Ele olhou para o meu pai e com um olhar de nojo total - ou talvez por qualquer motivo que eu acabei de mencionar -, Pops cuspiu nele. Sua voz frágil tremia de raiva, mas ele falou alto e claro. —Você nunca o mereceu.

Meu pai gemeu. —Saia da minha casa.— Ele rolou e ficou de quatro e berrou: —Eu disse, sai da minha casa!

Eu tinha duas opções: eu poderia pegar esse pedaço de merda pela camisa dele, jogá-lo para fora e trancar a porta atrás dele, e ele sem dúvida quebraria a porta ou quebraria janelas para voltar para dentro. Ou Pops e eu poderíamos

sair. Não tínhamos exatamente para onde ir, mas podíamos sair agora porque merecíamos melhor.

Eu me virei para Pops. —Pegue suas coisas. Estamos indo embora.

Meu pai se levantou lentamente, de pé em toda a sua altura, embora ainda sentisse uma dor óbvia. Parte de mim sorriu de satisfação. Ele olhou para mim com puro desgosto no rosto. —Você não está levando nada. Saia agora.

—Ele vai pegar o remédio— eu disse, rangendo os dentes. Eu não me importava com nada meu, mas Pops precisava de seus comprimidos. Dei um passo em direção ao meu velho, punhos cerrados e prontos. Os passos de Pops desapareceram no corredor enquanto meu pai e eu nos entreolhamos. Eu desprezava esse homem. Detestava tudo sobre ele.

Então Pops estava atrás de mim com uma mochila preta na mão. Ele olhou entre nós, com medo do ódio que estalava no ar. —Vamos lá, CJ. Vamos.

Fui até a porta da frente e parei, virando-me para dar uma última olhada. A sala estava destruída; a poltrona estava de lado, almofadas no chão. Havia um entalhe na parede, a TV foi empurrada para trás e lá estava meu pai, parado no meio dela.

Eu me perguntava o que dizer. O que eu poderia dizer para marcar esta noite ou por alguma merda que ele me deu nos últimos vinte e quatro anos? Eu poderia dizer a ele que ele era um fracassado, um pai inútil e inútil. Eu poderia dizer a ele que o odiava. Mas eu terminei. Eu tinha acabado de gastar energia com ele. No final, ele simplesmente não valia a pena.

Então, sem dizer uma palavra, eu segui Pops pela porta da frente e juntos nos afastamos.



19 - *Noah*

Eu acordei ao som de batidas, e levei um minuto para perceber que era alguém batendo na porta da minha lavanderia. No começo, isso me assustou muito, mas depois havia apenas uma pessoa que entrava pela porta dos fundos em vez da frente. Meu primeiro pensamento foi para CJ, mas eu não estava acordado o suficiente para me perguntar por que ele estava batendo na minha porta à uma da manhã.

—Espere, eu vou— eu gritei, minha voz rouca com o sono.

Destranquei a trava e abri a porta, apenas uma fresta. Eu esperava isso, mas ainda era um choque vê-lo. CJ e uma figura menor, debruçados, cobertos por um casaco, de pé embaixo da varanda, tentando sair da chuva.

Então eu ouvi a respiração sacudida.

Pops.

—Jesus Cristo. Rápido, entre. —Abri a porta e conduzi os dois para dentro. Apertei o botão da luz e meu coração

afundou. Ambos estavam pingando. Pops estava com a jaqueta de CJ, CJ tremia e sua camisa estava encharcada e grudada no corpo. Seus olhos estavam vermelhos e inchados; ele tinha o que pareciam marcas de dedos vermelhos e furiosos em um lado do rosto, e Pops... ele tinha uma marca vermelha em uma das maçãs do rosto.

—Desculpe-me— disse CJ, tremendo. —Não sabia para onde mais ir.

—Entre pelo aquecedor— eu disse, puxando CJ pelo braço. Liguei o aquecedor a todo vapor e, olhando mais de perto para Pops, sabia que não seria suficiente. —Pops, que tal você tomar um banho quente? Vai aquecê-lo bem e de maneira adequada, e vou encontrar algumas roupas secas.

Ainda tremendo e cada respiração rouca, ele assentiu. —O-obrigado.

Peguei uma toalha limpa no armário de linho e um velho par de calças e um suéter. —Aqui— eu disse, entregando-as a ele. —Eles serão quilômetros muito grandes, mas pelo menos estão quentes e secos.

Ele me deu um aceno de cabeça. Seu chiado estava ruim, mas ele parecia tão malditamente triste que quase partiu meu coração. —Obrigado, filho.

Deixei-o e encontrei CJ tentando se aquecer perto do aquecedor. Eu o puxei para o meu quarto. —Tire a roupa—

eu disse, puxando uma calça de moletom e uma camisa de manga longa. —Coloque isso e conte-me o que aconteceu.

Enquanto ele se despia, eu peguei outra toalha. Ele estava puxando a calça de moletom quando voltei. Ele olhou para mim e cedeu. —Obrigado—, ele murmurou baixinho. —Eu não sabia para onde mais ir.

Limpei a toalha sobre o peito, dei um tapinha no rosto dele e enxuguei os cabelos. —Por que você não ligou?

—Deve ter perdido meu telefone na luta, desculpe.

—Está bem. O que aconteceu?

—Papai saiu, muito mal. E talvez eu devesse ter recuado, mas eu o levantei. Estou tão cansado da merda dele.

Examinei seu rosto: o olho roxo, as linhas vermelhas do canto do olho na bochecha. —Ele bateu em você.— Não foi uma pergunta.

Ele suspirou e olhou para baixo entre nós. —Eu bati de volta hoje à noite. Eu nunca bati em ninguém antes e nunca quis ser como ele, mas se não tivesse me defendido, não sei o que ele teria feito.

Coloquei meus dedos em seu queixo e levantei seu rosto para que ele pudesse ver meus olhos. —Você não é nada como ele. E pelo que vale, estou feliz que você fez. Você se defendeu.

—Ele me bateu com tanta força que a sala girou, e quando eu pude ver direito, ele colocou Pops na parede.— Os olhos de CJ se encheram de lágrimas. —Eu o odeio tanto.

—Eu sei que você faz. E é justificado, CJ. Só porque você é parente de alguém, não significa que você precise gostar dela.

—Ele nos disse para sair. Pops cuspiu nele.— Ele bufou entre as lágrimas. —Disse ao meu velho que ele nunca me mereceu.

—Pops é um homem inteligente.

—Ele não está respirando muito bem. Tivemos que caminhar até a oficina. Eu tinha deixado minha motocicleta na casa do Sr. Barese quando peguei o ônibus para a cidade ontem. Então eu nos montei na cidade. E estava chovendo e muito frio. Eu podia senti-lo tremendo atrás de mim, mas não podíamos ficar lá. Eu não queria acordar o Sr. Barese, e esse é o primeiro lugar que meu pai vai me procurar. Pelo menos aqui, como você disse, ele não saberá onde estamos.

—Estou feliz que você fez.

Ouvimos a água desligar e eu sabia que não demoraria muito até que Pops saísse. —Vou ligar a chaleira e, se a respiração dele não estiver melhor, vamos levá-lo ao hospital, ok?

—Ele não vai.

—Ele vai se eu contar a ele.— Coloquei minha mão em sua bochecha machucada e o beijei suavemente. —Sinto muito por você ter tido uma noite horrível, mas estou feliz que você esteja aqui.

Ele sorriu tristemente e eu fui para a cozinha. Enchi a chaleira e preparei xícaras para o chá. —Você não estava errado quando disse que eles seriam grandes demais para mim— disse Pops atrás de mim. Ele puxou a cintura da calça de moletom, sorrindo. —Mas obrigada. Cadê o CJ?

CJ entrou atrás dele e colocou a mão no ombro. — Estou aqui, Pops

A primeira coisa que notei sobre Pops foi que ele estava respirando melhor. Talvez o vapor tenha ajudado com isso ou talvez agora porque ele estava mais quente; Eu não sabia.

—Você está se sentindo bem?— Eu perguntei a ele.

Ele assentiu e notei a marca vermelha no pescoço. Jesus Cristo. Eu tive que engolir minha raiva. — Quer ir para o hospital e ser examinado?

—Não. O chá da xícara vai me consertar. —Ele ainda chiava, mas parecia muito mais brilhante.

—Eu vou fazer isso— disse CJ, assumindo. — Você está com fome, Pops? Quer que eu te prepare um sanduíche ou algo assim?

Pops olhou diretamente para mim, como se CJ estivesse oferecendo comida em minha casa fora da linha. — Está tudo bem— eu disse. —Qualquer coisa que você quiser.

—Talvez um brinde— disse Pops.

CJ pegou o pão da caixa de pão e adicionou duas fatias à torradeira, depois foi à geladeira e pegou a manteiga. Foi então que percebi o que Pops achou tão estranho; CJ conhecia o caminho pela minha cozinha.

—Venha sentar-se perto do aquecedor— sugeri. —Vou pegar um cobertor para você.

Pops me deu um sorriso cansado. —Obrigado filho. Você foi muito generoso.

—Não é problema.

Puxei a colcha da cama extra e a envolvi nos ombros de Pops, e antes que ele pudesse fazer alguma pergunta sobre mim e CJ que eu não estava pronto para responder, CJ entrou com um prato de torradas e uma xícara de chá e sentou-se ao lado de Pops no sofá.

—Eu vou pegar a nossa— eu disse, entrando na cozinha. Voltei com as outras duas xícaras de chá e entreguei uma a CJ, e Pops já estava comendo sua torrada. — E você, CJ? Com fome?

Ele balançou sua cabeça. —Não, obrigado.— Ele estava claramente preocupado, mas parecia mais feliz agora que Pops estava comendo. —Um passeio frio para a cidade, hein?

Pops assentiu. —Faz um tempo desde que ando de moto.— Ele tomou um gole de chá e suspirou com o primeiro gosto da bebida quente. —Este é um bom chá. CJ, minha bolsa... —Ele apontou para a bolsa preta perto da porta.

CJ pegou. —Aqui está.

Pops abriu, pegou uma velha caixa Weet-Bix e a entregou a CJ. —Eu salvei. Quando seu pai vasculhou seu quarto, ele não o encontrou; então, quando saiu para procurar no galpão, eu o peguei e o escondi no meu quarto.

CJ sorriu tristemente. —Obrigado, Pops.— Ele abriu a caixa e pegou um pequeno maço de dinheiro. Ele olhou para mim. —Minhas economias de vida. Ele teria pensado que havia encontrado ouro se o encontrasse.

Pops tomou um gole de chá. —E ele beberia cada centavo em uma noite.

CJ assentiu e colocou o dinheiro de volta na caixa. —Mas então talvez ele tenha deixado você em paz.

Pops franziu o cenho. —Não, CJ. Nós dois sabemos que isso não é verdade. —Pops pegou algumas pílulas e tomou uma com o chá.

O elefante na sala era enorme, quase arrogante. Eu tinha que dizer alguma coisa. —Vocês dois são bem-vindos a ficar aqui o tempo que precisar.

Os olhos de CJ encontraram os meus e eu olhei de volta para ele, esperando que ele visse minha sinceridade. —Hum, obrigado.

—É muito gentil da sua parte oferecer— acrescentou Pops.

—Mas conversamos na caminhada para a oficina— disse CJ. —Vamos dar ao meu pai alguns dias para se acalmar.— Ele encolheu os ombros. —Eu não trabalho até terça-feira, então se estiver tudo bem com você, talvez possamos ficar aqui até então...

Eu sorri para ele. —Claro.

—Ele vai estar tão desesperado por um de nós para levá-lo mais bebidas e fumo até então, ele ficará feliz em nos ver.

Eu queria argumentar que eles nunca deveriam voltar, mas não era o meu lugar. Eles haviam passado o suficiente por uma noite.

Pops terminou a torrada e bebeu o chá. Ele estava claramente exausto. —Pops, você pode ter o quarto de reposição— eu disse. —Durma um pouco, eu farei um grande

café da manhã quando você acordar e lidaremos amanhã de manhã.

Ele olhou para CJ antes de assentir. —Sim— ele disse com um gemido quando se levantou.—Melhor colocar essa bolsa cansada de ossos na cama. Boa noite, CJ.

—Boa noite, Pops.— Ele engoliu em seco. —E obrigado por me defender de volta à casa.

Pops colocou a mão no ombro de CJ e a apertou enquanto passava. Eu o mostrei para o quarto de hóspedes e coloquei a doona na cama. —Ele é um bom garoto— disse Pops em voz baixa.

—Ele é.

—Obrigado por ter-nos.

—A qualquer momento.

Fechei a porta e encontrei CJ no sofá com a cabeça nas mãos. Sentei-me de lado e o puxei em meus braços, meus dedos em seus cabelos e esfregando suas costas. Eu beijei o lado de sua cabeça. —Meu Deus, Clinton— eu sussurrei. —Me diga o que fazer.

—Só isso.— Ele parecia tão cansado, tão derrotado. —Só isso, bem aqui.

Apertei-o e beijei sua cabeça novamente. Meu coração doía por ele. Eu queria consertar tudo o que estava quebrado. Eu queria tirar a dor dele. Passei minha mão por suas costas e até seu pescoço, segurando seu rosto e trazendo seus lábios aos meus. Queria que ele se sentisse conectado, se sentisse amado. Eu queria que ele soubesse que tudo ficaria bem.

O beijo foi suave e doce para começar, mas ele abriu a boca, aprofundando-a, e seu aperto em mim ficou desesperado. Ele enfiou os dedos na minha pele, frenético e agarrado ao toque humano. Então ele começou a puxar a minha camisa, tentando tirá-la.

Puxei minha boca da dele e o olhar de rejeição brilhou em seus olhos. Apertei sua mão. —Acho que devemos ir para o meu quarto.

—Oh!— Ele exalou às pressas. —Boa ideia.

Ainda segurando a mão dele, levei-nos ao meu quarto e fechei a porta atrás dele. —Não há pressão aqui— eu sussurrei. —Você teve um dia emocionante. Não precisamos fazer nada se você não quiser.

Ele colocou uma mão em volta do meu pescoço e me puxou para um beijo duro. A paixão floresceu, o desejo despertou em algum lugar dentro dele, e ele me beijou, me abraçou, me agarrou com mais força do que eu já havia conhecido.

Eu acho que isso respondeu.

Ele queria isso.

Puxei a barra da camisa e a levantei sobre a cabeça, passando rapidamente as mãos sobre o peito. Talvez fosse a luz prateada da noite, mas notei uma pequena cicatriz redonda no bíceps e no interior do antebraço. Parecia uma queimadura de cigarro, e meu coração latejava de dor por tudo o que ele passara.

Soube então que mostraria a ele o que significa amar.

Eu beijei as cicatrizes, depois beijei seu pescoço até sua mandíbula e sua orelha. —Quero tomar meu tempo com você. Faça isso tão bom para você — eu sussurrei antes de chupar sua orelha entre os meus lábios. Seus dedos cravaram nos meus quadris e ele tentou freneticamente arrancar minha camisa. —Devagar— murmurei. —Eu não vou a lugar nenhum, Clinton.

Seu olhar atingiu o meu, vulnerável, aberto e cru.

—Eu não vou a lugar nenhum— eu repeti. —Não há pressa.

—Eu nunca...

Eu parei. —Nunca o que?

Ele balançou sua cabeça. —Não, quero dizer, eu fiz sexo. Eu não sou uma virgem.— Ele franziu a testa. —Acabei de fazer as coisas apenas nos bastidores da sede ou em um parque em algum lugar. Sempre rápido e não muito mais, se você entende o que quero dizer. Sempre foi para o prazer deles.

Oh, meu coração nunca se machucaria ao ouvir suas histórias?

Coloquei minha mão em seu rosto e procurei seus olhos. —Vou levar todo o tempo que você precisar. Eu farei isso bom para você. Eu quero adorar cada centímetro do seu corpo.

Suas narinas queimaram e ele me beijou novamente, embora desta vez eu pudesse senti-lo tentando controlar seu desejo. Deslizei meus dedos sob a cintura de suas calças e deslizei-os sobre sua bunda, e ele saiu deles.

—Deite-se de costas para mim— murmurei.

Ele rapidamente obedeceu e a visão dele nu na minha cama me deixou sem fôlego. Tirei o pijama e peguei o lubrificante e os preservativos que ele selecionara no supermercado, da gaveta de cima da minha mesa de cabeceira. Joguei-os na cama ao lado dele. —Melhor compra do mundo.

Ele riu nervosamente. Eu podia ver seus olhos examinando meu corpo, demorando no meu pau. Eu já estava duro e então me dei um golpe por ele. —Gostou do que está vendo?

Ele assentiu. —Deus, sim.

—Você é lindo, Clinton— eu disse, ajoelhando-me na cama. Eu me arrastei pelas pernas dele, entre elas, beijando enquanto caminhava. Os joelhos, a coxa e a coluna vertebral. Seu pênis quase encostou no umbigo e eu o aninhei, respirando e depois o lambi da base até a ponta.

Ele agarrou a colcha. —Merda.

Peguei-o na minha mão e lambi sua cabeça, sentindo-o pulsar e empurrar em resposta. Ele era tão sensível e eu tive que me perguntar se isso poderia ser adicionado à sua lista de primeiros. Eu acariciei suas bolas e rocei seu períneo, fazendo todo o seu corpo tremer. Deus, isso não levaria muito tempo para nós dois.

Peguei o lubrificante e deslizei meus dedos, esfregando seu buraco. Ele respirou fundo, depois reprimiu um gemido. Deslizei uma ponta do dedo dentro dele, dentro e fora, um pouco mais a cada passagem. —Porra, você é lindo— eu sussurrei.

—Noah—, disse ele, sua voz cortada e tensa. Ele olhou para mim. —O que você é... o que...?

—Estou preparando você, esticando você para que esteja pronto para mim. Quero meu pau dentro de você e preciso que seja bom para você.

Sua cabeça caiu na cama e ele choramingou, mas ele abriu as pernas e levantou um pouco a bunda. —Jesus.

Eu adicionei outro dedo, maravilhado com a beleza do seu corpo aceitando o meu. Ele estava amando isso e eu mal tinha começado. Eu enrolei meus dedos, empurrando com mais força e procurando, procurando...

—Putá merda!

Afastei-me um pouco, não querendo esmagá-lo. Eu sabia o quão intenso um orgasmo da próstata poderia ser. —Você gosta disso?

—Porra!— Ele ofegou. —Faça isso novamente.

Eu ri e fiz o que ele pediu. Ele dobrou as pernas, os pés apoiados na cama, e levantou os quadris, me dando um melhor acesso. Porra, ele não estava brincando quando disse que gostava de ser fundo. Eu encontrei sua próstata novamente e ele ofegou, então eu esfreguei, de um lado para o outro. —Porra, Noah. Pare.

Eu parei, lentamente puxando meus dedos. Ele estava pronto e eu estava excitado demais. —Você pode abrir uma camisinha para mim?— Eu perguntei. Com meus dedos escorregadios, levaria muito tempo.

Ele se atrapalhou e brincou, mas finalmente conseguiu um. —Me quer...?

—Não. Se você tocar meu pau agora, estará tudo acabado.

Ele riu. —É bom saber que não sou o único.

Coloquei a camisinha, apertando-me para tentar reprimir o prazer, e me ajoelhei entre suas coxas. Eu levantei as pernas em direção ao peito e ele agarrou as costas dos joelhos, mantendo-se espalhado. Segurei a base do meu pau em seu buraco e me inclinei sobre ele para que eu pudesse beijá-lo quando entrei nele.

Ele ofegou, respirações breves e rápidas, e eu empurrei o mais devagar que pude. Ele estava apertado e quente, e seus olhos inchados se apertaram quando eu estava na metade do caminho. —Você está bem?

Ele assentiu. —Por favor, Noah. *Por favor.*

Eu o beijei com lábios sorridentes. —Disse que me imploraria.

Ele gemeu e arqueou as costas, o pescoço amarrado quando eu empurrei todo o caminho. Ele soltou suas pernas e agarrou meus ombros, minhas costas, cravando os dedos na minha pele. —Muito devagar— ele resmungou.

Peguei seus pulsos e os preendi no colchão perto de sua cabeça. Seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu quando eu empurrei nele. Eu o beijei, sua boca, seu olho machucado, sua mandíbula, balançando lentamente, ternamente. Não havia como confundir isso. Não havia espaço para dúvidas. Estava em cada aperto de nossas mãos unidas, em cada beijo, em cada gemido.

Nós estávamos fazendo amor.

Então ele puxou debaixo de mim e gritou na minha boca. —Porra. Eu gozar.

Soltando suas mãos, eu me inclinei para trás e deslizei meus dedos em torno de seu pau. Eu o bombeei e ele inchou e latejou, seu corpo pulsou ao meu redor e, com um grito estrangulado, ele gozou.

Eu empurrei nele, repetidamente, prolongando seu orgasmo enquanto sucumbia ao meu. Todos os nervos do meu corpo pegaram fogo, quebrando prazer e êxtase pelas minhas veias, e eu gozei, enchendo o preservativo profundamente dentro dele.

Nós balançamos para frente e para trás, nos beijando, sempre nos tocando, até que seu corpo tivesse o suficiente. Ele se contorceu e riu. —Um pouco sensível— ele murmurou.

Eu lentamente deslizei para fora dele e cuidei da camisinha, então rapidamente o puxei em meus braços, não me importando com a bagunça entre nós. —Você é incrível, Clinton.— Eu beijei o lado de sua cabeça. —Isso foi incrível.

Ele cantarolou. —Sim!

—Foi muito lento para você?

Ele riu. —Nós realmente vamos falar sobre isso?

—Uh, sim. É isso que os namorados fazem. Fale sobre as coisas.

—Eu pensei que éramos namorados não oficiais.

—Bem, é depois da meia-noite. Você não está mais em liberdade condicional. Então, se você quiser, podemos mudar para namorados oficiais.

Ele me apertou. —Oficial parece bom.

—Seu olho está bem? Não está muito dolorido?

—Está bem. Tudo de mim está bem agora.

—Então, foi muito lento?

Ele riu de novo. —Ah não. Meio perfeito, na verdade.

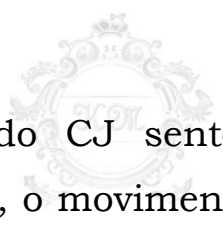
—Eu posso ir mais devagar.

—Eu acho que mais lento pode limitar a tortura.

Eu beijei o lado de sua cabeça com lábios sorridentes. —Você deve estar exausto. Deixe-me pegar uma toalha para limpar você.

Eu cuidei dele, com mãos lentas e macias, e logo estávamos de volta na cama nos braços um do outro. —Eu poderia me acostumar com isso— murmurei.

Ele murmurou sonolento: —Eu também.



Eu acordei quando CJ sentou na cama. Eu dormi sozinho por tanto tempo, o movimento me assustou. —O que há de errado?

—Nada— ele sussurrou. —Pops estará acordado em breve.

Oh, certo.

Eu me sentei também. —Eu prometi a ele um café da manhã cozido.

CJ vestiu a calça deixada no chão desde a noite passada e, sem dizer uma palavra, ele saiu do meu quarto. Sua reação me confundiu. Ele estava me afastando, ou ele simplesmente não era uma pessoa da manhã. Ele

estava dolorido? Ele não gostou do que havíamos feito ontem à noite? Ele estava envergonhado?

Ouvi a descarga do banheiro e saí da cama. Coloquei minha calça de dormir e fui ao banheiro, mijei, lavei minhas mãos e meu rosto e encontrei CJ na cozinha sozinho. Ele estava na pia enchendo a chaleira com água.

—Tudo certo?

—Certo. —Ele ligou a chaleira, mas não se virou.

—Eu fiz algo errado ontem à noite?— Eu perguntei baixinho.

Ele girou para me olhar e eu vi o rosto dele. Seu olho roxo estava quase inchado, inchado e roxo, a bochecha cor de rosa, as marcas de arranhão no outro lado do rosto ainda estavam lá.

—Oh Deus.— Fui até ele e coloquei minhas mãos no rosto dele. Como eu poderia ter esquecido? Na cama na noite passada, não parecia tão ruim, mas parecia dolorido como o inferno na luz da manhã.

Ele puxou a cabeça um pouco para trás, não querendo que eu tocasse seus ferimentos. —Estou bem.

—Não, você não é. E não há problema em admitir. Deixe-me pegar algo para você. —Peguei um saco de ervilhas congeladas do freezer e apliquei-o delicadamente no

canto do olho. —Eu deveria ter pensado em fazer isso ontem à noite, desculpe.

—Está bem. Já tive piores.

Eu fiz uma careta para ele. —Sinto muito por isso também. Eu gostaria que não fosse assim.

Ele se encostou no balcão da cozinha e fechou os olhos. Imaginei que o peso do que aconteceu ontem à noite com o pai finalmente se instalara.

—Se você quiser ir para casa e vê-lo hoje, eu irei com você— ofereci em voz baixa.

Ele balançou a cabeça e colocou o saco de ervilhas na pia. —E você não fez nada errado ontem à noite. Tudo o que você fez foi perfeito. —Ele agarrou a bancada da cozinha atrás dele. —Eu não estou acostumado... Eu nunca tive... O que fizemos...

Ele estava lutando com a emoção de ontem, tanta raiva e violência com o pai e tanta ternura entre nós. Fale sobre mínimos e altos extremos.

Coloquei minha mão em seu pescoço e acariciei sua mandíbula com o polegar. —O que fizemos foi perfeito. O que temos pode ser perfeito, CJ. Não importa o que seu velho disse a você, você está seguro aqui comigo. E você merece ser feliz.

Seus olhos encontraram os meus, poços escuros de insegurança. —Isso me assusta demais.

Eu nos juntei e ele fez aquele abraço apertado novamente, e eu poderia tê-lo segurado com a mesma força.

Então alguém pigarreou atrás de nós.

CJ me afastou, assustado com a velocidade estridente, e correu pela cozinha até a lavanderia, indo para a porta dos fundos. Eu tentei agarrar seu braço, mas ele era rápido demais.

—CJ, espere— gritou Pops.

CJ estava atrapalhado com a trava na porta dos fundos, tentando escapar. Eu corri atrás dele e coloquei minha mão na porta. —Está tudo bem— eu sussurrei.

Ele estava agitado e morrendo de medo; seus dedos trêmulos não conseguiram abrir a fechadura.

—Clinton— murmurei. —Está bem.

Ele me lançou um olhar, e ele estava tão perto, mas de alguma forma tão distante.

—CJ— disse Pops da porta da cozinha. —Tudo bem, filho. Eu sempre soube. Desde que você tinha catorze anos, de qualquer maneira. —Ele respirou fundo algumas vezes. — Me desculpe, eu nunca disse nada antes agora. Eu não

deveria ter deixado você carregar o peso disso por tanto tempo.

Toda a luta, a luta, deixou o corpo de CJ como o ar de um balão, e ele cedeu. Ele encostou a cabeça na porta dos fundos, as mãos ainda trancadas e engoliu em seco, mas quando tentou respirar, saiu como um soluço.

Então Pops estava lá e CJ se virou e caiu em seus braços, e Pops o segurou enquanto ele chorava. —Sinto muito— ele murmurou, repetidamente.

—Não precisa se desculpar — Pops tranquilizou. Ele se afastou, com as mãos nodosas nos braços de CJ. —Não há desculpas e não há vergonha. Você gosta desse garoto, e tenho certeza que ele gosta de você, então você o segura com as duas mãos e não o solta, está me ouvindo?

CJ começou a chorar novamente, seu rosto machucado uma bagunça amassada. —Ninguém pode saber.

Pops franziu o cenho. —Venha sentar comigo. Vamos conversar.

CJ foi de bom grado e eu fiquei lá, meu coração na boca. —Eu vou fazer café da manhã— eu disse, para ninguém em particular, mas me ocupar para que eles tivessem um pouco de privacidade parecia uma boa ideia.

Tentei não ouvir, e principalmente tudo o que conseguia ouvir era o murmúrio suave de suas vozes. Ajudou

o fato de eu ter fervido a chaleira algumas vezes, para que assobiasse alto e eu não pudesse ouvir, e o bacon chiou e o micro-ondas ajudou a abafar a conversa. Quando experimentei bacon, ovos, torradas e xícaras de chá, eles devem ter conversado por vinte minutos.

Carreguei a bandeja carregada e a deslizei na mesa de jantar. Os dois se sentaram no sofá. CJ ainda parecia triste, mas Pops me deu um sorriso tranquilizador. —Algo cheira bem.

—Café da manhã, se você estiver pronto— eu disse. — Eu vou pegar o leite.

Tirei o leite da geladeira e, quando voltei para a mesa, CJ estava de pé perto de uma das cadeiras de jantar. Ele ainda parecia pronto para fugir ou como se estivesse prestes a entrar em colapso. Talvez ambos. Eu dei a ele um sorriso tranquilizador e coloquei o leite no meio da mesa. —Para o seu chá, Pops.— Coloquei uma xícara de chá quente na frente dele e, quando olhei para cima, CJ estava olhando para mim.

Suas palavras foram engasgadas. —Obrigado.

Eu encontrei seu olhar, inabalável. —A qualquer momento.

Comemos em silêncio e tentei não continuar assistindo CJ. Mas com seu rosto machucado e sua expressão tão triste,

era difícil não fazê-lo. Mas ele estava com mais fome do que provavelmente imaginara, porque limpou tudo o que eu cozinhei. —Quer outra coisa?— Eu perguntei. —Eu posso fazer mais torradas.

Ele se recostou e suspirou. —Não. Estou bem, obrigada.

Pops tomou um gole de chá e sorriu. —Foi muito bom, obrigado, chef.

Eu ri. —Não sei sobre chef. E o café da manhã é tudo o que sou bom para cozinhar, receio.

—Bem, estou muito agradecido— disse Pops. Ele então olhou entre CJ e eu. —Então, há quanto tempo vocês estão se vendo?

CJ empalideceu. —Pops, eu...

—Você não está pronto para falar sobre isso, eu entendo— disse Pops. —Como eu disse, CJ, isso não me incomoda. Mas eu vi o jeito que você olha para ele e sorria toda vez que falava dele, o que era frequente. —Pops me deu um sorriso e CJ corou. —Você passou mais tempo na cidade recentemente, e quando conheceu a cozinha dele na noite passada, imaginei que você estivesse aqui uma ou duas vezes.

CJ deixou a cabeça cair. —Eu tentei manter isso em segredo.

—Então, já faz um tempo?— Pops perguntou novamente.

CJ não respondeu, então eu respondi. —Não oficialmente, algumas semanas. Oficialmente, desde a noite passada. Clinton agora não está mais em liberdade condicional, então...

Pops olhou para CJ. —Você não é?

—Terminou a meia-noite da noite passada— ele murmurou.

—Bem, isso é uma boa notícia!— Pops sorriu largamente. —E Clinton? Não achei que você gostava de ser chamado Clinton?

—Eu não— ele respondeu rapidamente.

—Só de mim— acrescentei, tentando não sorrir.

CJ se levantou, um olhar mortificado no rosto. —Eu vou tomar um banho. Deixe o café da manhã e eu vou me lavar depois. —Ele fugiu rapidamente para o banheiro.

Um segundo depois, ouvimos o chuveiro começar e Pops suspirou e tentou sorrir, mas estava úmido na melhor das hipóteses. —Eu o empurrei com muita força? Eu só quero que ele saiba que está tudo bem.

—O que você disse foi perfeito. Apenas dê tempo a ele. Em vinte e quatro horas, ele passou no curso, obteve sua carteira de motorista, teve uma briga terrível com o pai, foi expulso de sua casa e saiu do armário para você. —Soltei um suspiro pelas bochechas inchadas. —Não é de admirar que ele esteja um pouco perdido agora. Mas ele tem você, e seu apoio significará tudo para ele. Quando ele processar tudo e entender tudo, ele apreciará você ainda mais.

Pops virou a xícara vazia pela maçaneta. —Ele é um bom garoto. Sempre foi. Ele nunca foi como o resto deles.

—Porque ele foi criado por você, não pelo pai dele.

Ele encolheu os ombros. —Talvez. —Então ele olhou para mim. —Estou feliz que ele tenha você.

Isso me fez sorrir. —Espero que ele também esteja. Quero dizer, espero que ele queira ficar comigo também. Ele tem muita coisa acontecendo agora e eu não quero que ele se sinta pressionado, sabe? Porque você é mais que bem-vindo a ficar aqui, mesmo que ele decida que não quer ficar comigo. Não quero que ele pense que é obrigado.

—Acho que não— ele respondeu gentilmente. —CJ nunca representou alguém que fez a coisa errada por ele.

—Eu não vou machucá-lo.

Ele encontrou meu olhar. —Não, eu não acho que você faria.

Isso me fez sorrir. —Mas ele ficaria realmente chateado se soubesse que estávamos falando sobre ele.

Pops riu, um ruído rouco. —Oh garoto, ele nunca.

Ficamos em silêncio por um momento. Eu me perguntava como eu poderia dizer isso sem mostrar meus cartões, mas eu precisava que ele soubesse. —Ele é realmente ótimo— eu disse, ignorando como minhas bochechas esquentaram.

Pops sabia exatamente o que eu estava dizendo, sem dizer diretamente. Eu estava louco por CJ. Eu não podia mais negar. Ele sorriu largamente, deu um tapinha na minha mão e levou o prato para a cozinha.

—Deixe isso, eu vou cuidar deles— eu disse, carregando a bandeja. —Que tal tomarmos outra xícara de chá, para que possamos colocar suas roupas que você usou ontem à noite na máquina de lavar e secar roupa. Se essas roupas que você veste forem maiores, teremos que enviar uma equipe de busca para você.

Ele me deu um sorriso caloroso e gentil. —Isso parece muito bom.

Eu olhei por seu rosto. —Como você está se sentindo? Algo doeu? Seu pescoço ficou um pouco vermelho ontem à noite.

Ele me dispensou. —Não se preocupe comigo. Estou bem. Na verdade, respiro melhor sem um incêndio a lenha. Quero dizer, o calor do nosso antigo fogo era bom, mas a poeira e a fumaça não me favoreciam. —Mas então ele suspirou e se encostou no balcão da cozinha. —Eu estava com medo de CJ ontem à noite. Eles lutaram bastante. Quero dizer, eles lutaram antes, mas não assim. Foi assustador como o inferno. Eu pensei que ele iria matá-lo.

Não sei quem ele quis dizer com ele ou ele. Eu não queria descobrir. —Pelo que vale, fico feliz que vocês dois tenham saído.

—Eu também.



Eu arrumei outra xícara de chá cada uma e nós tínhamos tomado nossos primeiros goles quando CJ estava na porta. Ele estava vestindo as calças que eu emprestei e a camisa que ele estava vestindo na noite passada. Ele parecia mais brilhante, os cabelos bem penteados, mas os olhos ainda estavam inchados. Ele deu um sorriso. —O que está acontecendo?

—Chá. Quer um?— Eu perguntei.

Ele assentiu e entrou. —Eu posso pegar.— Ele se serviu de outro copo, virou o rosto para nós e tomou um gole.

—Como está seu olho?— Eu perguntei.

—Pouco dolorido.

—Quer um Panadol?

Ele fez uma careta. —Talvez mais tarde.

Pops tomou um longo gole de chá e engoliu, depois colocou a xícara no banco. —Eu vou usar o banheiro— disse ele, saindo da cozinha o mais rápido que podia em um movimento não tão sutil para nos deixar em paz.

CJ suspirou. —Não é óbvio, Pops — ele chamou.

Eu sorri atrás do meu chá. —Ele é o homem mais doce.

—Ele é.— Nós nos encaramos por um momento. —
Noah...

—CJ, olhe... —Conversamos ao mesmo tempo. —Por favor, deixe-me dizer isso primeiro.

Ele assentiu para eu continuar.

—Eu preciso que você saiba que você e Pops são bem-vindos a ficar aqui, independentemente do que acontecer entre nós.

Ele abriu a boca, mas fechou-a novamente e largou a xícara. Ele tinha aquele olhar assustado novamente que, francamente, me destruiu.

—Clinton— eu sussurrei, colocando minha mão no rosto dele. —Quero que haja um nós, mas se você se sentir

sobrecarregado agora e precisar de algum espaço, eu entenderei.

Ele se inclinou na minha palma, com os olhos fechados. —Eu estou sobrecarregado. Não posso mentir. Faz uma merda de vinte e quatro horas. —Ele olhou para mim então, e pude ver que o branco de seus olhos estava vermelho sob o inchaço. —Mas tem sido muito bom também. Noah, acho que não posso fazer isso sem você.

Meu coração disparou e eu me inclinei e o beijei suavemente. O toque de seus lábios nos meus pareceu o paraíso.

Ele sorriu, embora estivesse torcido de tristeza. —E eu sei que podemos ficar aqui por um dia ou dois, não importa o que aconteça entre nós, porque você me contou dez vezes.

Eu gentilmente toquei a marca vermelha em sua bochecha. —Eu precisava que você soubesse.

—Eu quero que haja um nós também— ele sussurrou. —Noah, a noite passada foi... —Ele mordeu o lábio inferior e corou.

—Ontem à noite foi o que?— Eu solicitei.

Seus olhos dispararam para os meus. —A melhor noite da minha vida. O que fizemos, o que você fez comigo, nunca experimentei algo assim.

Eu me inclinei contra ele, pressionando-o contra a pia e deslizei meus braços em volta de suas costas. —Eu também. Não com ninguém além de você.

Isso pareceu agradá-lo; o sorriso dele era genuíno. Eu pensei que ele ia me beijar, mas ele colocou a testa no meu ombro e lenta, mas seguramente enterrou o rosto no meu pescoço. Ele respirou fundo e apertou os braços em volta de mim. Deus, ele simplesmente adorava ser mantido. Era tão comovente quanto bonito.

—Seu Pops sabe sobre nós— eu sussurrei.

—Eu sei.

—E ele ainda te ama.



Seu aperto em mim aumentou. —Eu sei.— Ele soltou um suspiro estremecido. —Eu nunca pensei que isso iria acontecer. Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer.

Afastei-me um pouco e o beijei suavemente nos lábios, depois no olho inchado. —Você merece coisas boas.

Pops entrou no quarto e CJ congelou e me empurrou para longe, seus instintos chutando. —Aqui estão minhas roupas que ...— Ele parou. —Oh, desculpe.— Então ele olhou para a distância agora entre CJ e eu, enfiou a roupa debaixo de um braço, pegou o braço de CJ com a mão livre e arrastou CJ em minha direção até tocarmos. —Como você estava, soldado.

Eu soltei uma risada e deslizei meu braço em torno de CJ. Ele corou mil tons de vergonha e abaixou a cabeça, e eu o puxei para um abraço adequado, do tipo que ele não podia resistir. Ele murmurou algo no meu peito e Pops riu enquanto entrava na lavanderia. —Quer que eu ajude isso?— ele perguntou. —Oh. Sua máquina é muito mais nova que a nossa.

—Eu posso fazer isso. Basta jogá-los na máquina e eu resolvo isso. —Eu beijei o lado da cabeça de CJ. —Quer pegar suas roupas e nós vamos lavá-las e secá-las.

Ele se afastou com certa relutância. —São apenas meus jeans e roupas íntimas, na verdade. Ah, e essa camisa.

—Tire e eu lavo— sugeri.

CJ lançou um olhar horrorizado para Pops, que estava caminhando de volta pela cozinha.—Oh, CJ— disse Pops. —Eu presumo que não seja nada que ele não tenha visto antes, já que você não dormiu no sofá na noite passada.

Os ombros de CJ cederam. —Podemos apenas voltar para você não saber?

Pops riu e continuou andando de volta para a sala de estar.

—Vai ficar tudo bem— eu disse suavemente. Pode ser bom brincar sobre isso um dia, mas provavelmente tudo

ainda é um pouco novo e real demais. —Você vai se acostumar com isso.

Ele resmungou e, levantando da batinha primeiro, tirou a camisa. Ele estendeu para mim, então eu peguei, mas não antes de olhá-lo. Eu não o tinha visto sem camisa à luz do dia antes. Passei a mão sobre o peito até o pescoço e suspirei. —Você é realmente quente— eu sussurrei.

Ele bufou como se fosse uma noção ridícula.

Então notei aquelas pequenas cicatrizes circulares em seu braço. Eu tracei um com o dedo e CJ franziu a testa. —Meu pai...

Eu assenti lentamente. —Eu imaginei.

—Eu tinha oito anos quando ele fez este— ele sussurrou, apontando para uma cicatriz. —Doze quando ele fez este.

Meu coração caiu no meu estômago, e eu levantei seu braço e pressionei meus lábios na cicatriz, depois outro em seus lábios. —Você é lindo.

Ele olhou para mim, uma dúzia de emoções conflitantes em seus olhos, mas antes que ele pudesse discordar, fui à lavanderia. —Pegue seu jeans e eu vou lavar a roupa.

Começamos a lavar a roupa e joguei para ele uma camisa limpa e um capuz do meu guarda-roupa, depois limpamos a cozinha enquanto Pops assistia televisão. Então eu tive uma ideia. —Que tal irmos ao supermercado. Vamos preparar um banquete para o jantar.

—Sim, eu preciso nos comprar uma escova de dentes cada— disse CJ. —Nós literalmente saímos sem nada. Pops, você precisa de mais alguma coisa?

—Uma TV decente durante o dia no domingo— respondeu ele.

Lembrei-me de CJ dizendo que Pops gostava de seus shows. —Você assiste Young and the Restless?

Pops me olhou com cautela. —Sim!

Peguei o controle remoto. —Eu tenho cabo. E existem canais dedicados para os espetáculos de shows americanos. Maratonas Young and the Restless, todo fim de semana.

Todo o rosto de Pops iluminou. —Dia todo?

Eu ri e encontrei o canal para ele, depois entreguei o controle remoto. —Oh Deus— CJ murmurou. —Você nunca mais terá o controle da sua TV.

Como aconteceu, depois que CJ e eu fizemos uma viagem ao supermercado, passamos a tarde preguiçosos

sobre assistir episódio após episódio de Young and the Restless com Pops. CJ sentou no sofá ao lado dele e eu sentei no chão, descansando entre as pernas de CJ, e rimos e comemos lanches, e o show foi tão viciante quanto bobo. Mais tarde, cozinhamos um ensopado enorme para o jantar, e Pops foi dormir cedo, alegando que estava cansado, mas era bastante óbvio apenas um ardil para nos dar um tempo a sós.

—Eu não vi Pops sorrir tanto— disse CJ calmamente. —E ele está respirando um pouco melhor. Devo procurar um aquecedor a gás quando vamos para casa.

Eu o puxei contra mim para que ele estivesse deitado de costas enquanto assistíamos Conan, o Bárbaro, de Arnie. Eu beijava sua têmpora de vez em quando, e ele apertava minha mão na dele. Quando finalmente o levei para a cama, beijei cada centímetro de seu corpo, levando-o ao clímax com um prazer que ele nunca havia conhecido. Outra novidade para sua lista de muitos. E quando ele dormiu, ele me abraçou tão forte como se estivesse com medo que eu desaparecesse.

Eu o beijei e disse que não iria a lugar nenhum. Nem agora, nem nunca.

Na manhã seguinte, quando entrei na cozinha pronto para o trabalho, recebi um Pops e CJ sorridentes e uma xícara de chá e um prato de torradas. CJ estava falando em ajudar cortando a grama hoje de manhã e o que poderíamos jantar quando eu chegasse em casa, e era estranhamente doméstico e igualmente maravilhoso, e fui trabalhar com um sorriso estampado no rosto.

Até eu entrar no meu escritório e encontrar Terrell e dois policiais uniformizados, e tudo parou de repente. Eles nem precisaram falar; de alguma forma eu já sabia.

—Eles estão procurando por Clinton Davis— disse Terrell.

Eu podia sentir o sangue escorrer do meu rosto. —Por quê?

—Houve um incidente— disse um dos policiais. —E não podemos encontrá-lo.

—Que tipo de incidente?

O outro policial inclinou a cabeça e estreitou os olhos. —Você sabe onde está o Sr. Davis? Ele era um dos seus liberdade condicional até este fim de semana, correto?

—Sim esta correto. Seu período de liberdade condicional terminou meia-noite de sábado. —Engoli em

seco. —E sim, eu sei onde ele está. E Pops ... quero dizer, Ronnie Davis. Eu sei onde os dois estão. —Os três me encararam e eu sabia que não podia deixar por isso mesmo. —Se o pai dele quiser saber para onde eles foram, prefiro que ele não descubra. Ele tem uma longa história de violência e abuso e ...

—Sr. Huxley— disse o primeiro oficial. —Dwayne Davis está morto. O filho dele, Clinton Davis, é uma pessoa de interesse.



20 - CJ

Depois do fim de semana tínhamos, fazer algo normal como cortar a grama era bom. Eu ainda não conseguia entender tudo, e Noah disse que provavelmente levaria algum tempo.

Eu não duvidei disso. Nem um pouco.

Eu me perguntei se algum dia eu me acostumaria ao fato de Pops saber que eu era gay, quanto mais sair com ele e meu namorado como havíamos feito ontem. Se esse é o meu novo normal, eu não reclamaria, mas levaria algum tempo para me acostumar.

Eu não estava ansioso para enfrentar meu pai amanhã. Ele provavelmente voltaria a como as coisas costumavam ser. Sem desculpas, sem reconhecimento, e apenas espero que eu faça o mesmo.

Eu não queria. Eu não queria voltar a andar com cascas de ovos, me perguntando o quão ruim seria sua próxima explosão. Eu não queria mais viver assim. Eu não queria que ele machucasse mais o Pops.

Enquanto eu cortava linhas puras no gramado da frente de Noah, tomei uma decisão: se ele nos quisesse de volta sob seu teto, as coisas precisariam ser diferentes. Haveria regras, maneiras, e ele poderia me pagar pelo cortador de grama que roubou. E se ele me dissesse amanhã que não seríamos bem-vindos de volta, então Pops e eu descobriríamos outra coisa. Nós encontraríamos em outro lugar; nós sobreviveríamos. Nós sempre fizemos.

Quando eu estava quase terminando, o carro de Noah entrou na garagem. Eu desliguei o motor, imaginando o que diabos ele estava fazendo em casa tão cedo, imaginando o que ele esqueceu de levar com ele, quando um carro da polícia parou atrás dele. E então eu vi o rosto de Noah e sabia que algo estava realmente errado.

Eu olhei para ele, tentando acalmar meu coração, tentando não correr. —Noah, o que é isso?

Até agora, dois policiais estavam ao lado dele. —CJ, devemos entrar— disse Noah.

Eu assenti entorpecido - eu sabia que isso tinha que ser ruim -, mas de alguma forma meus pés não se mexiam. Noah caminhou até mim com uma mão, como se eu fosse um cavalo assustado, como se ele pudesse dizer que eu estava prestes a virar e correr. Ele colocou a mão no meu braço. —Entre comigo.— Ele me levou para dentro. —Pops?— ele chamou.

Quando Pops me viu e Noah entraram na cozinha e os dois policiais atrás de nós, ele se levantou lentamente. Eu imaginaria que o olhar em seu rosto espelhava o meu.

—Temos más notícias para você— disse um policial. —Você pode querer se sentar.

Sentamos de madeira, mecanicamente, e encaramos os dois policiais à nossa frente. Noah sentou-se ao meu lado e segurou minha mão.

—Houve um incêndio— disse o policial. —Foi chamado por uma propriedade vizinha, mas quando os bombeiros chegaram, era tarde demais. A casa não pôde ser salva. Eles encontraram um corpo. Os registros dentários confirmam que o falecido era seu pai.

Eu pisquei.

Tudo ficou quente e frio e a mão de Noah na minha foi a única coisa que me impediu de perder a trama.

—Onde você estava no sábado à noite?— o outro policial perguntou.

Eu olhei para Noah. Ele apertou minha mão. —Está bem. Diga a verdade. Já contei o que sei.

Engoli em seco. —Eu estava aqui à tarde. Com Noah. Então Pops me ligou, dizendo que meu pai estava fora de controle. Noah me levou para casa.

Um policial escreveu em seu bloco de notas, o outro perguntou: —A que horas?

Dei de ombros. —Não sei. Estava ficando escuro. Talvez cinco ou seis.

—O que aconteceu quando você chegou em casa?

—Eu lutei com ele, meu pai— eu disse fracamente. Acenei minha mão no meu olho roxo. —Ele fez isso. Nós brigamos por um tempo. Ele conseguiu alguns socos em mim e fiquei um pouco atordado. —Eu olhei para Pops. —Ele segurou Pops contra a parede pelo pescoço e eu corri para ele e o bati na bunda. Eu dei um soco nele e brigamos um pouco mais. Ajoelhei-o nas bolas. Eu não pretendia, mas foi a única coisa que o deteve. —Minha boca estava tão seca que eu não conseguia nem engolir. —Ele nos disse para sairmos de casa, e nós o fizemos. Pops pegou seu remédio e saímos. Com mais nada. Caminhamos para o meu trabalho, onde estava minha moto, e depois andamos até a casa de Noah.

—Onde é o teu trabalho?

—Oficina mecânica do Sr. Barese, em Ten Mile Creek.— Eu olhei para Noah. Barese. Ele deve estar preocupado e doente.

O policial olhou para mim como se algo não fizesse sentido. —A que horas você chegou aqui, na casa do Sr. Huxley?

Dei de ombros. —Não tenho certeza. Depois da meia-noite, talvez uma hora.

—Quanto tempo você levou para andar?— o policial pressionou. —Isso leva muito tempo no meio.

—Demorou um pouco— respondeu Pops defensivamente. —Estava chovendo, totalmente escuro, e eu não posso andar muito rápido.

—Pops não respirava muito bem quando ele está com frio. Eu queria levá-lo ao hospital, mas ele não me deixou.— Levei um segundo para tentar entender o que eles estavam dizendo. —A casa realmente se foi?

—Temo que sim. Acho que nada será aproveitável.

Respirei fundo, tentando não surtar, e Noah continuou apertando minha mão. Eu olhei para os policiais. —Você acha que eu tive algo a ver com isso?

—Você não parece muito chateado com as notícias de seu pai— disse o primeiro policial.

—Eu o odeio— respondi. —Desejava todos os dias que ele voltasse para a cadeia, mas eu nunca o desejei morto.

—Se ele fez isso com você— disse o policial com o bloco de notas, indicando na minha cara, —por que você não denunciou? Ele teria sido pego e guardado.

—E o que?— Eu perguntei retoricamente. —Faça ele ficar tão bravo que na próxima vez que ele me vir, ele me cederá a surra que me será ainda pior? Ou me mata? Você nunca morou com um alcoólatra violento, morou?

O policial não respondeu. Eu não esperava que ele esperasse.

Eu olhei para ele. —Não culpe a vítima por apenas tentar sobreviver.— Meus olhos ardiam e, por mais que eu não quisesse chorar, não parecia capaz de detê-lo. Eu me virei para Pops. —Nós ficaremos bem, não vamos?

Seu queixo tremia e seus olhos lacrimosos encontraram os meus. —Claro que vamos. Você e eu sempre estivemos bem.

Sua respiração estava mais forte que o normal. —Precisa da sua medicação?

Ele balançou a cabeça, mas Noah já estava de pé. —Eu atendo.— Ele voltou um segundo depois com suas pílulas e um copo de água enquanto os policiais apenas ficavam olhando.

Eu olhei para eles. —Podemos ir para casa?

—Será isolado como uma cena de crime até que a causa da morte seja determinada.— O policial guardou o bloco de notas. —Você pode sair da estrada, mas não poderá tocar em nada.

—Barese ficará muito preocupado. Eu deveria ligar para ele.

—Conversamos com o Sr. Barese mais cedo. Ele ficou preocupado quando dissemos que não podíamos entrar em contato com você. Ele falou muito bem de você, Clinton — disse o policial. —Mas ele não teve muito tempo para o seu pai.

Eu quase bufei. —Porque meu pai não era uma pessoa legal.

O primeiro policial assentiu lentamente. —Você estará disposto a ir à delegacia para fazer uma declaração oficial?

—Sim claro.

Ele se virou para Pops. —Você também, Sr. Davis?

—Sim. Qualquer coisa que você precise.

Então foi a vez de Noah. —Sr. Huxley?

—Sim, não há problema. Vamos segui-lo diretamente, sim?

Eles assentiram e foram embora, e nós três nos sentamos lá e nos encaramos, sem saber o que dizer. Noah finalmente pegou o telefone e me entregou. — Ligue para o senhor Barese. Ele vai querer ouvir de você.

Concordei e disquei roboticamente o número. —Olá.

—Sr. Barese ...

—CJ? Oh meu Deus, filho, onde você está? Você está bem? E Pops? Estamos tão preocupados!

—Estou bem.

Sua voz ficou suave. —Ouviste as notícias?

—Sim, eu ouvi.— Engoli em seco. — Não tenho certeza se chegarei amanhã, mas irei vê-lo em breve, ok? Só queria que você me conhecesse e Pops está bem.

—Sim. Sim. Você leva o tempo que precisar. Agradeço por me ligar. A senhora Barese ficará muito aliviada.

Isso fez meu coração doer ainda mais. —Obrigado.

Estranheza.

Choque. Descrença.

Palavras que não tinham significado muito para mim até aquele momento. Eu não tinha ideia, nenhuma ideia, do peso que eles carregariam.

Eu também estava arrependido. Desculpe, meu pai estava morto. Eu nunca desejei a morte de ninguém e lamento a última vez que o vi ter sido uma briga. Lamento que as coisas não sejam resolvidas para sempre.

Lamento que parte de mim, no fundo, espontaneamente e sem piedade, tenha ficado feliz por ele ter sumido.

Cada um de nós teve que entrar em salas separadas e cada um de nós foi interrogado. Noah tinha me dito para dizer a verdade, então eu fiz.

Eles me perguntaram qual era meu relacionamento com Noah, e eu sabia que ele estava com problemas no trabalho. Mas eu não mentiria; ele me disse para não. —Ele é meu namorado.

—Há quanto tempo vocês estão juntos?

Então eu disse a verdade. —Oficialmente, desde meia-noite de sábado. Quando eu não estava mais em liberdade condicional. Era a regra estúpida dele.

O policial assentiu e escreveu algo, depois continuou fazendo mais perguntas sobre cronogramas e o que aconteceu, e eu disse a eles que meu pai e eu brigamos várias vezes desde que ele saiu da prisão. Principalmente por ele fumar em casa e vender minhas coisas por dinheiro para comprar álcool, e como eu acabei de tirar merda dele. Eu levei a vida toda e me recusei a dar mais um golpe.

Quando ele terminou, ele me pediu para assinar o final da declaração que acabei de dar. Olhei as páginas das palavras e coloquei a caneta na mesa. Agora, antes de Noah, eu nunca soube fazer isso, nunca tive coragem de perguntar. Eu teria assinado cegamente. —Eu não sei ler muito bem, então você poderia, por favor, mandar alguém ler para mim?

O policial assentiu, desapareceu e voltou com uma mulher que lia, palavra por palavra, de volta para mim. Agradei, ela me deu um sorriso e assinei o final de cada página. Disseram-me, basicamente, para não sair da cidade e fui levado de volta para a sala de espera.

Pops e Noah já estavam lá, e Noah ficou de pé quando me viu. —Como você foi?— ele me perguntou tristemente.

Eu assenti. —OK. Você?

—Sim, ok.— Ele esfregou meu braço. —Perguntei se você queria ver a casa, se eles poderiam nos levar. Eles disseram que podemos segui-los, mas apenas se você quiser.

Eu assenti. —Sim! Eu quero vê-lo.

Então, foi o que fizemos. Noah dirigiu, seguindo o carro da polícia até Ten Mile Creek. Ninguém falou, mas Noah segurou minha mão sobre o console central. Pops estava quieto no banco de trás. Era como se não fosse real. Como se tudo o que a polícia dissesse fosse uma piada, nós dirigiríamos pela Davis Road e a casa ainda estivesse lá, e meu pai teria sua bunda plantada na poltrona de Pops e gritando sobre preparar o jantar.

Somente quando viramos a Davis Road, tudo se tornou real.

Havia um caminhão de bombeiros, uma van branca da polícia e a faixa da polícia 'não cruze' na cerca da frente. E restos enegrecidos e fumegantes do que costumava ser a nossa casa.

—Investigação da cena do crime— disse Noah, acenando para a escrita na van.

Presumi que as duas pessoas de macacão branco pertenciam a isso. Havia também dois bombeiros com pranchetas em pé perto do galpão, conversando e apontando para a parede danificada pelo fogo mais próxima da casa. Fiquei surpreso que ainda estivesse de pé, mas talvez pelo jeito que eles estavam olhando e apontando para ele, fazendo gestos em ângulo com as mãos, não demorasse muito.

—Alguém deveria dizer a eles que o galpão se inclinou assim para sempre— eu disse calmamente.

Noah me deu um sorriso triste, mas virou-se para olhar para o que restava da casa. —Jesus Cristo.

Pops abriu a porta e saiu, então me juntei a ele. Vimos os policiais uniformizados caminharem até seus colegas de macacão branco. Um deles nos poupou um olhar e eu balancei minha cabeça. —Você pode acreditar que eles acham que eu fiz isso?— Eu perguntei. —Culpado antes de se provar inocente.

Noah estava agora ao meu lado. —Nós não temos nada a esconder. Você não teve nada a ver com isso.

—Sim, bem, para eles eu sou apenas um Davis. A partir desta casa, por essa estrada. Davis Row. Não pense que não sabemos como os policiais chamam. Tem sido Davis Row desde antes de eu nascer, e eu sou apenas mais uma merda no sapato deles.

Pops franziu o cenho para mim. —Tivemos bons momentos nesta casa, não tivemos? Você e eu. Não foi tão ruim, foi?

Oh Deus, ele pensou que eu estava o insultando. O olhar em seu rosto estava arrasado, e eu não aguentava. Coloquei meus braços em volta dele. —Claro que sim. Você e eu fizemos muito bem. Tivemos os melhores

momentos aqui. Você fez um bom trabalho cuidando de mim. Eu não estaria vivo se não fosse por você, Pops. E essa é a verdade.

—Não temos nada— disse ele, acenando com a mão na casa isolada e incendiada. —Saímos sem nada.

—Nós ficaremos bem, Pops. Você e eu, sempre estivemos bem. Vamos encontrar uma maneira.

Pops fungou, sua respiração um pouco difícil. —E Noah.

Então olhei para Noah, que estava nos observando. Ele encolheu os ombros. —Se você me quiser.

Se eu o tiver? —Se eu tiver você? Eu já disse que não posso fazer isso sem você. Noah...

Ele se aproximou e colocou o braço em volta de mim, me puxando para um abraço lateral. —Você tem uma casa comigo pelo tempo que quiser. Minha casa é meio pequena, mas é sua. E vamos trabalhar para conseguir algumas roupas e objetos pessoais. Vocês dois ficarão bem. Eu prometo.

Nós três ficamos lá, olhando para os restos de carvão da casa por não sei quanto tempo. Era tão difícil de entender. —Meu pai morreu lá— eu sussurrei.

Noah esfregou minhas costas. —É difícil de acreditar, não é?

—Sim!

Pops franziu o cenho. —A morte nunca é fácil. Me desculpe, ele foi por esse caminho.

Eu balancei a cabeça porque entendi exatamente. Desculpe ele ter ido por esse caminho, mas nem por isso ele se foi. —Eu também.

Noah foi paciente e nunca perguntou se estávamos prontos ou prontos para partir; ele nunca nos apressou. Ele apenas esperou e ofereceu um sorriso gentil toda vez que eu olhava para ele. Havia algo em seus olhos, porém, algo que me disse que ele entendeu.

Outro carro desceu a estrada e meu coração apertou quando vi que era o carro do Sr. Barese. Ele parou, saiu e foi direto. Ele nem parou, nem por um segundo. Ele apenas abriu os braços e me abraçou. —Oh, meu garoto, eu sinto muito.— Sua voz era rouca e quente. —A polícia veio me ver. Eu não sabia onde você estava. Maria e eu estávamos tão preocupados. Eu vi você passar, então tranquei a loja e vi você.

Eu me afastei e limpei meu rosto, cuidando dos meus olhos. —Desculpa. Ficamos com Noah.

Barese virou-se para ele e o abraçou também. — Obrigado por cuidar dele.

Noah apenas sorriu e assistiu com carinho enquanto o Sr. Barese abraçava Pops. Somente depois que ele se certificou de que estávamos bem - ele mexeu um pouco no meu rosto surrado - ele então olhou para os restos carbonizados da casa, incrédulo. Ele nos convidou para jantar a qualquer hora que quiséssemos e me disse para levar o tempo que eu precisasse. Curiosamente, eu achava que manter-me ocupado no trabalho era provavelmente o que eu precisava mais do que não. Ele colocou a mão grande no meu ombro como se soubesse exatamente o que eu diria.

Eventualmente, o Sr. Barese nos deixou, e fizemos a viagem tranquila de volta a Noah. Em casa, eu acho. Por enquanto ou por quanto tempo, eu não sabia. Quando Pops estava sentado no sofá em frente ao aquecedor e à TV com uma xícara de chá, Noah me seguiu até a cozinha e me levou em um abraço esmagador.

Feroz, forte, seguro e tudo - tudo - eu precisava. Derreti-me contra ele e pude literalmente senti-lo consertando os pedaços quebrados do meu coração, me colocando de novo juntos.

Eu nunca quis deixá-lo ir.

—Sinto muito— ele sussurrou.

—Eu não sei como me sentir— admiti calmamente.

—Você não precisa. Isso vai mudar. De cada hora a todos os dias, como você se sente será diferente. Raiva, decepção, traição, perda, alívio. Não há maneira certa ou errada de lamentar, Clinton.

Meu Deus, ele entendeu. Descreveu-o melhor do que eu jamais poderia. Eu balancei a cabeça contra seu pescoço. — Ele era um bastardo tão malvado, mas ele era meu pai, sabia?

Ele beijou o lado da minha cabeça. —Sim, eu sei.

Eu ainda não estava pronto para deixá-lo ir. —Isso é tão bom— murmurei em sua camisa. —Obrigado.

Ele me segurou um pouco mais apertado. —A qualquer momento.

—Você acha que a polícia saberá que eu não fiz isso?

—Eles precisam. O pessoal forense deles descobrirá quando e como ele morreu, e você será liberado.

—Você acredita que?

—Eu tenho que. Não consigo imaginar mais nada. — Ele suspirou. —Acabei de encontrar você. Eu não posso te perder. E você é um bom homem, CJ. Eles verão isso. Todo mundo que conhece você diz isso. —Ele se afastou para que

ele pudesse me olhar no rosto. —Eles verão que todo o estereótipo de Davis Row está errado. Eles verão que estavam errados.

—E se não o fizerem?— Eu não conseguia abalar o sentimento. —Eu aguentei a vida toda.

Ele colocou a mão na minha bochecha. —Eu vou fazê-los ver.— Ele me beijou suavemente.—Sinto muito pelo seu pai.

Suspirei e meu coração estava pesado demais para o meu peito. —Você entende, não é? Você sabe como é isso?

Ele assentiu uma vez e seu rosto caiu. —Sim. Não vai ser fácil, CJ. Mas vamos superar isso.

Ele acabou de se incluir comigo, sem perguntas, como uma boia no meu mar turbulento.

Com as mãos ainda no meu rosto, ele beijou minha testa. —Seis meses depois de enterrarmos meus pais, enterrei minha irmã. Então entendi, Clinton. Eu entendo o que você está sentindo. Você pode me dizer qualquer coisa. Haverá dias em que você vai querer dar um soco em algo e dias em que vai querer chorar, eu entendo. E alguns dias você precisará estar perto de pessoas e dias em que precisará de algum espaço, e eu também entendo isso. — Ele colocou as mãos na minha mandíbula, segurando meu rosto. —Mas você não está sozinho.

Lágrimas queimaram meus olhos e uma escapou. — Obrigado.

Ele me beijou docemente, depois me abraçou como se soubesse que era o que eu precisava. —A qualquer momento.

Ficamos assim, em pé na cozinha dele com o lino hediondo, com os braços um ao outro, até que Pops começou a roncar da sala de estar. Senti a risada silenciosa de Noah em seu peito, e mesmo assim eu não queria me afastar. —Ele teve um dia cansativo— murmurei, apertando-o.

Noah esfregou minhas costas. —Você também.

—Você perdeu o trabalho hoje— eu disse.

—Eu disse a eles que estava tirando um dia de folga. Vou precisar ir amanhã.

—Você vai ter problemas?— Eu perguntei. —Você sabe, por minha causa. Por causa de nós.

Ele levou um segundo para responder. Eu quase puxei seus braços, mas ele me abraçou. —Acho que não. Talvez eu precise explicar, mas você não é mais um dos meus casos e não éramos tecnicamente oficiais antes disso.

—Bem, nós meio que estávamos. Eu disse aos policiais que não estávamos juntos até meia-noite quando suas regras se esgotaram. Não sei se eles acreditaram em mim.

Ele beijou minha testa com lábios sorridentes. —Eu disse o mesmo. Olha Clinton — ele disse, se afastando dessa vez e me olhando bem nos olhos. —Se eles tiverem um problema, eu vou encontrar outra coisa.

Eu pisquei. —Você faria isso?

—Para você, sim, eu faria.— Ele me beijou de novo e Pops roncou tão alto que acordou com um bufo e tosse.

Eu quase sorri. Tinha sido um dia tão longo e cansativo que eu perdi a noção do tempo. —Quer jantar, Pops?— Eu chamei.

—Um momento. Hmph.— Ele tossiu novamente. —Sim, eu estou acordado.

Noah riu. —Que tal sanduíches de queijo torrado e sopa de tomate?

Eu relutava em deixá-lo ir, mas o fiz. —Soa perfeito.

—Você está de serviço brinde. Estou tomando sopa. — Então ele acrescentou, em voz baixa, só para mim: —E podemos ter uma madrugada, não é?

Eu assenti. —Sim por favor.

Ele beijou minha testa e se ocupou em fazer sopa de tomate, então eu comecei com os sanduíches tostados e, um minuto depois, Pops entrou na cozinha. Ele costumava sentar

na cozinha e conversar comigo enquanto eu jantava, e fiquei feliz por hoje não ter sido diferente.

A normalidade, especialmente agora que incluía Noah, parecia muito boa.

As coisas estavam tão diferentes agora. Tudo estava diferente agora.

Ainda não parecia real.

Eu tinha muito em que pensar, muito para entrar em ordem. Tanto que eu não tinha ideia.

—Você está bem, CJ?— Pops perguntou. Nós terminamos o jantar e eu devo ter me perdido na minha cabeça.

—Sim, apenas pensando.— Eu empurrei meu prato para longe. —O que você acha que vai acontecer? Para mim, para a casa, para o papai . . . Quero dizer, o corpo dele?

Pops franziu o cenho e foi Noah quem respondeu. —O médico legista apresentará suas descobertas à polícia e provavelmente podemos esperar notícias deles em um dia ou dois. Eles podem entrar em contato com você amanhã, apenas para verificar vocês dois. Ou talvez não. Eles não podem fazer nada com você sem provas, então você terá um ou dois dias, pelo menos, antes que eles processem tudo isso. —Seu olhar se intensificou. —CJ, você não fez nada errado.

Suspirei. —Nós brigamos antes, e eu disse aos policiais que o odiava. Não parece bom para mim. —Esfreguei minha mão no rosto e meu olho roxo doía. —Merda.

—Clinton— Noah disse gentilmente. —Você não fez nada errado. Você tem testemunhas dele batendo em você antes, então a luta é explicável. É uma tragédia que seu pai tenha morrido. Um acidente horrível e trágico. Você não tem culpa.

Pops assentiu. —Ouça ele, CJ. Ele é esperto.

Eu olhei para Pops então. —Ele tinha um testamento?

Pops balançou a cabeça. —Eu não sei. Eu duvido.

Suspirei. —Imaginei isso. Significa apenas mais honorários legais, não é? Não posso pagar honorários advocatícios. Nem sei como vamos pagar pelo funeral. Oh Deus, o funeral . . .

Noah estendeu a mão e pegou minha mão. —Não se preocupe com nada disso ainda. Atravessaremos a ponte quando chegarmos a ela.

Meus olhos encontraram os dele. —Bem?

—Sim, nós iremos.—Ele assentiu e apertou minha mão, então, sem outra palavra, ele pegou os pratos da mesa.

Deus, ontem minha maior preocupação era mostrar afeto na frente de Pops, e agora, depois do dia que tínhamos, isso parecia irrelevante.

Pops se levantou e colocou a mão no meu ombro. — Obrigado, ambos, pelo jantar. E por ser tão bom hoje. Não tem sido fácil. —Noah estava parado na porta, limpando as mãos em uma toalha de chá. —E Noah, obrigado por ser tão bom com o meu garoto.

—Oh!— Noah corou. —Seja bem-vindo.

Pops apertou meu ombro. —Mas eu tenho que entregar, se estiver tudo bem. Estou derrotado. Prometo que estarei de serviço após o café da manhã.

Eu sorri para ele. —Noite, Pops.

—Durma bem, CJ—, disse Pops. —Nós vamos lidar com amanhã quando chegar, ok?

Eu o observei caminhar lentamente para o quarto e, quando a porta trancou, Noah se aproximou e inclinou minha cabeça para trás para que ele pudesse me beijar. —Você queria assistir a um filme? Ou você queria apenas ir para a cama?

Eu cantarolei. Isso não foi contestado. —Cama.

Ele sorriu. —Eu vou me lavar. Você se prepara para dormir.

—Tem certeza que?

Ele se inclinou e me beijou. —Absolutamente.

Foi notável para mim como ele sabia quando empurrar e quando recuar. Como se ele de alguma forma soubesse quando eu iria surtar ou quando eu precisava me apoiar nele. Agora, eu estava em um espaço de cabeça onde precisava de tempo para pensar, mas queria aqueles abraços e mãos malditas que me curavam de dentro para fora.

Eu precisava dos dois e ele sabia disso.

Eu tomei meu tempo no banheiro e me arrastei para a cama de Noah, respirando o cheiro dele, de nós. Foi reconfortante e fez meu coração inchar de uma maneira nova e maravilhosa. Noah não estava muito atrás de mim. Ele fechou a porta, apagou a luz, despiu-se ali e deslizou ao meu lado. Sem hesitar, ele me envolveu em seus braços e eu me aconcheguei. Eu enterrei meu rosto em seu pescoço e me acomodei contra ele.

Ele acariciou meu cabelo e beijou o topo da minha cabeça. —Diga-me o que você precisa— ele murmurou.

—Este. Você? —Ele obviamente podia sentir a reação do meu corpo; Eu estava ficando difícil. —Eu não sei.

Ele esfregou minhas costas. —O que você quiser.

—O que você fez na outra noite— eu murmurei, envergonhado, mas desesperado por tudo a mesma coisa. — Nunca senti isso antes e preciso senti-lo novamente, mas não tenho certeza se meu coração pode aguentar hoje.

—Oh, Clinton.— Noah me rolou, então eu estava de costas e ele estava deitado em cima de mim. Eu abri minhas pernas para ele, ele se estabeleceu entre minhas coxas e ele esmagou sua boca na minha.

Mais tarde, depois que ele me preparou para ele e ele estava dentro de mim, ele me abraçou, ele me embalou, olhou nos meus olhos, me beijando, me adorando. . . *me amando*.

Eu não pude duvidar disso. Meu coração parecia que iria explodir. Depois de um dia perdido e à deriva, ele me ancorou. Com meu corpo apertado, ele tirou meu orgasmo de mim com cada impulso, cada beijo, implorando para que eu gozasse até que eu desse o que ele queria. Quando meu pau derramou entre nós, ele parou dentro de mim, gritando quando gozou. Ele me segurou tão forte e murmurou no meu ouvido: —Quero fazer amor com você para sempre.

E minha represa emocional explodiu, meu coração não aguentou mais e eu chorei.

Noah nos rolou para o nosso lado e me segurou. Ele nunca me questionou; ele nunca me disse que eu estava sendo idiota. Ele apenas puxou os cobertores para cima de

nós, esfregou minhas costas e beijou minha testa, e nunca, nem uma vez, me soltou.

Quando eu gritei, tomei algumas respirações trêmulas, tentando obter algum controle. —Desculpa. Não sei o que aconteceu comigo — sussurrei, limpando o nariz nas costas da mão. —Eu nunca chorei assim antes. Não que eu me lembre, de qualquer maneira.

—Oh, Clinton— ele murmurou, beijando o topo da minha cabeça. —Nunca peça desculpas. Você já passou por muita coisa.

—Você entende, não é?

Ele assentiu. —Sim! —Depois de um longo silêncio, ele disse: —Posso lhe dizer uma coisa?

—Sim!

—Eu não estava indo. Eu não tinha certeza se era a hora certa, você provavelmente já deu o fora por um dia. Mas talvez seja o momento perfeito. Se eu tivesse alguém na minha vida quando minha família morreu, eu teria feito qualquer coisa no mundo para ouvi-la...

Afastei-me para ver seu rosto. —O que é isso?

—Eu te amo.— Ele disse isso tão baixinho que eu me perguntei se o tinha ouvido direito. Ele colocou a mão na lateral do meu rosto e olhou nos meus olhos. —Eu te amo,

Clinton Davis. Eu sei que faz apenas algumas semanas, mas é verdade. O que eu sinto por você é ... — ele sorriu ... — incrível e quero que você saiba que é amado. Você deveria saber disso, hoje de todos os dias. Você é um cara incrível e tenho muita sorte de conhecê-lo.

Meu coração parou de bater. Então trovejou, rugiu e voou. Meus olhos ardiam de lágrimas e nem tentei detê-los. Eu balancei a cabeça porque era tudo que eu podia fazer. Ele estava certo. Eu precisava ouvir isso, eu precisava saber disso, e meu Deus, eu precisava sentir isso. Ele sorriu novamente e me puxou de volta para seu pescoço e me segurou, apenas me segurou.

Demorou um minuto ou dois para que eu pudesse falar. —Eu nunca amei ninguém antes, então não sei se é isso que é isso.— Engoli em seco para poder terminar. —Mas acho que também estou apaixonado por você.

Ele colocou as mãos na minha cara e me beijou, e eu juro que podia sentir emoção em sua língua. Então ele beijou minha bochecha, minha pálpebra fechada e inchada, minha bochecha dolorida, minha testa, antes de me enfiar em seu pescoço. E foi exatamente onde eu fiquei até de manhã.

21 - *Noah*

Quatro anos depois

Eu estava atrasado para trabalho. Fiz uma corrida louca pela cozinha, peguei minha carteira e chaves e fui recebido por Pops, que estava lá com um pedaço de torrada em uma mão e uma caneca de chá na outra. —Tenha um bom dia— disse ele com um sorriso.

Sua respiração melhorou com uma mudança de medicação. Sua saúde geral era estável, e o sorriso que ele usava todos os dias agora valia toda luta que tive com o governo para subsidiar seus custos médicos e obter melhores cuidados. E a pensão dele. E o subsídio de cuidador de CJ.

—CJ já está trabalhando?— Eu perguntei com um bocado de torrada.

Pops assentiu. —Não posso mantê-lo longe.

Eu sorri e me afastei, empurrando a porta aberta com a minha bunda. —Vejo você à noite.— Ele me acenou e eu empurrei mais torradas e fui para a porta ao lado. A porta do

rolo estava aberta e eu pude ouvir CJ falando ao telefone enquanto entrava.

Eu estava na porta do escritório dele, sorrindo enquanto ele escrevia um nome na agenda. *Sim, ele escreveu.* Não tinha sido fácil, e havia muitos livros de escrita e leitura lançados em frustração, mas estávamos chegando lá. Passar uma noite preguiçosa deitado no sofá com ele lendo para mim era uma das minhas maneiras favoritas de relaxar. CJ estava agora no ensino médio lendo e escrevendo, e eu não poderia estar mais orgulhoso.

Eu olhei para a agenda, para onde ele havia escrito o nome Franklin, junto com o Ford Explorer e às 8 da manhã. Ele soletrou tudo perfeitamente e eu poderia ter quase estourado. Ele desligou o telefone. —Serviço completo amanhã.— Ele sorriu. —E você se atrasará para o trabalho se não se apressar. Sheryl vai estourar sua bunda.

—É sua culpa. Me mantendo ocupado esta manhã.— Eu sorri para ele, sem reclamar. —Eu não moro ao lado do meu trabalho, ao contrário de alguns.

Era estranho como uma das piores coisas que acontecesse com CJ poderia se transformar nas melhores coisas. A morte do pai foi um momento difícil para ele; reconciliar a dor e a perda que sentia por um homem que odiava e amava em igual medida era muito para lidar.

O relatório da polícia havia considerado sua morte um acidente. De onde o incêndio começou e os níveis de álcool no sangue na autópsia, eles acreditam que ele adormeceu ou desmaiou com um cigarro aceso.

Irônico, CJ dissera, que brigavam tantas vezes com ele fumando em casa. E CJ parou de fumar no dia seguinte ao funeral. Na verdadeira forma de CJ, ele fez o ponto, apenas se decidiu e se manteve firme.

É claro que seu pai não tinha vontade e testamento e, depois de dois anos legais entre si, a terra na Davis Road foi vendida a um desenvolvedor local. Após as despesas legais, CJ solicitou que o dinheiro fosse dividido igualmente entre todos os irmãos - fiel à sua natureza, CJ não era nada senão justo. Ele não queria nem mais nem menos do que ninguém, mesmo que todos estivessem encarcerados e provavelmente nunca veriam um centavo disso.

A cidade de Ten Mile Creek estava prosperando novamente, com a nova propriedade construída e planos para mais moradias, e novos planos para duas propriedades na Davis Road. A loja ganhou um novo começo, o açougueiro reabriu e até um café foi inaugurado. A oficina mecânica do Sr. Barese ficou cada vez mais movimentada e, alegando que estava ficando velho demais para isso, ele se ofereceu para vendê-la à CJ, casa adjacente e tudo.

Então, CJ e eu juntamos finanças, pegamos um empréstimo comercial e fomos proprietários orgulhosos de uma casa e da Davis Mechanical por mais de um ano. CJ havia passado no aprendizado em tempo recorde e era um mecânico totalmente qualificado. Até tinha sua carteira de motorista agora também. Pops ajudou, mantendo o escritório arrumado e lavando para-brisas para as pessoas que recebiam combustível. Ele adorava conversar, e eles mantinham o serviço antiquado em que o Sr. Barese havia construído o negócio.

Eu mantive meu trabalho como oficial de condicional. Recebi uma repreensão depois que eles descobriram que eu tinha oficialmente começado um relacionamento com uma pessoa condenada no dia em que ele não era mais uma pessoa condenada. Eu tinha certeza de que eles sabiam, não oficialmente, isso começou antes disso, mas nossas histórias combinaram e não havia muito mais que eles pudessem fazer.

E de qualquer maneira, eu era muito bom no meu trabalho. Eu tinha uma taxa de ataque positiva de cem por cento nos meus arquivos de casos; ninguém voltou para a prisão. Fui acima e além, obtendo qualificações extras, incentivando-os a conseguir bolsas de estudo e bolsas e não aceitando o não como resposta quando se tratava de burocratas que tentavam se esquivar da responsabilidade. Até meus colegas seguiram o exemplo. Eu

sabia que eles só faziam isso para não parecerem ruins em comparação comigo quando se tratava de nossas avaliações de emprego, mas eu não me importava. Nossos casos estavam conseguindo um acordo melhor. No ano passado, nosso escritório possuía as melhores estatísticas de índices do estado.

Eu até tinha um jovem garoto de rua, que foi preso por roubar um carro, um aprendizado com CJ. O nome dela era Stevie. Ela era uma criança boa e inteligente, que acabou de receber uma mão realmente de merda na vida. Seus pais não deram a mínima, e seus professores ficaram mais felizes quando ela pulou a escola.

A história dela era quase idêntica à de CJ, exceto que ele tinha Pops, ela não tinha ninguém.

Até o caso dela pousar na minha mesa, e eu tive uma sensação de déjà vu lendo o arquivo dela. Ela estava sozinha e assustada, zangada e com um chip no ombro do tamanho de um pequeno país. Assim como CJ costumava ser. E, aparentemente, com pouco mais que um martelo e uma chave de boca, ela poderia quebrar um motor em menos de um dia. Fiz algumas ligações, a apresentei a CJ e o vi se tornar um mentor e ela uma aluna em um piscar de olhos.

—Stevie estará aqui em breve— disse CJ. —E é melhor você começar a trabalhar.

Eu assenti. —Estarei em casa antes do The Bold and the Beautiful.

CJ riu. —Você e Pops, eu juro.

—Você assiste também, não minta.

Ele revirou os olhos, mas sorriu. —Tenha um bom dia.

—Você também.— Então eu lembrei. —Oh, Gallan e Anthony nos convidaram para um churrasco neste fim de semana. Disse a ele que eu perguntaria a você.

Ele sorriu. —Certo. Domingo é bom. —Então ele fingiu me repreender. —Vá. Para. Trabalhos.

—Eu vou, eu vou.— Eu sorri como um tolo por todo o caminho até lá. E o trabalho era ocupado, mas produtivo. Fiz chamadas domésticas e chamadas para locais de trabalho para clientes e uma centena de telefonemas para eles. Consegui um cara se inscrever para sua licença de empilhadeira, outro cara para um show de pintura de casa e uma senhora para um curso de panificação no varejo no TAFE.

Em suma, foi um bom dia sangrento.

Mas eu estava ansioso para chegar em casa. Eu sempre fui. CJ, Pops e eu formamos uma equipe incrível, e nós apenas trabalhamos. Eu disse que eles poderiam morar comigo quando a casa deles queimou, pelo tempo que for

necessário. Mas nos demos tão bem, eles se mudando nunca aconteceram.

Entrei e encontrei Pops mexendo algo no fogão que cheirava bem. —Hey— eu o cumprimentei.

—Oh, oi Noah—, disse ele calorosamente. —CJ está tomando banho. Ele era todo estranho sobre alguma coisa, mas não quis dizer, então parei de perguntar.

Eu fiz uma careta. —Ele estava bem?

Ele me deu um sorriso. —Ai sim. Não há com que se preocupar, tenho certeza. —Ele olhou para o relógio. —Hora de nossos shows em breve.

Sim, às cinco e meia, como religião, assistimos The Bold and the Beautiful .Era o programa favorito de Pops, e CJ sabia o suficiente por associação, então comecei a pegar pedaços e essa merda é viciante.

Caí no sofá e Pops sentou-se em sua nova poltrona, e quando CJ saiu, ele tomou banho, seu cabelo todo penteado e ele se barbeava como se estivesse indo a algum lugar. —Você tem um encontro quente hoje à noite?— Eu brinquei.

Ele revirou os olhos e sentou-se ao meu lado, depois se inclinou contra mim. Coloquei meu braço sobre seu peito e ele ligou nossas mãos. Mas ele estava inquieto e distraído. —Você está bem?— Eu perguntei a ele calmamente.

Ele assentiu. Depois de um momento, ele balançou a cabeça. —Não! —Ele se sentou em cima de mim e se levantou, então ele andou.

Ele estava começando a me assustar. —CJ, o que é isso?

Ele parou e olhou para mim, então, como se tivesse tomado alguma decisão em sua cabeça, ele disse: —Eu não sabia como fazer isso, e Stevie sugeriu que eu fizesse algo chique. Gosta de um jantar? Ou talvez dê um passeio em algum lugar bonito. —Ele engoliu em seco. —Mas então eu pensei, somos nós. Bem aqui, somos nós, aqui assistindo TV com Pops, é isso que fazemos. Nós não precisamos de nada extravagante. Esta é a nossa família aqui, certo?

Eu estava confuso. —Clinton, querido. Do que você está falando?

—Eu estava dizendo a Stevie que a família é quem você faz. O sangue nem sempre faz a família de alguém, e eu estava dizendo a ela como somos uma família. Mesmo que não sejamos realmente. Não oficialmente de qualquer maneira. E ela disse que deveríamos ser, como torná-lo real. E no começo eu ri e perguntei se ela queria que eu te adotasse, ela riu e disse: 'Não, bobo. Case com ele.'

—Oh!

Oh, merda.

Ele ficou de joelhos na minha frente. —Noah Huxley. Você é o homem mais incrível que eu conheço. — Parecia que ele poderia muito bem vomitar e engoliu em seco, e meu coração derrapou até parar. —Quando penso em família, penso em Pops e penso em você. Mas não somos realmente uma família e quero que sejamos. Legal. Então, você vai nos transformar em uma família real? Você quer se casar comigo?

Eu olhei para ele.

Ele piscou rapidamente e olhou para o chão. —Ou me adote. Qualquer um trabalha.

Eu agarrei seu rosto e o beijei, levantando-me e colocando-o de pé comigo. Eu estava rindo e em choque completo e absoluto, beijando-o e rindo um pouco mais.

—Então isso é um sim?— ele perguntou.

Eu tive que limpar meus olhos. —Inferno sim, isso é um sim.

Então notei que Pops estava de pé ao nosso lado. Ele estava sorrindo e choroso, e CJ o abraçou também. —Pops, você vai ser meu padrinho?

Pops teve que se sentar e ele chorou por uma hora direto. Perdemos *The Bold* e *The Beautiful* e o jantar foi arruinado, mas não nos importamos.

Extraoficialmente, já éramos uma família, à nossa maneira. Mas agora seríamos uma família de verdade. Oficialmente e para sempre.

O fim



SOBRE O AUTOR

NR Walker é uma autora australiana, que ama seu gênero de romance gay.

Ela adora escrever e passa muito tempo fazendo isso, mas não o faria de outra maneira.

Ela é muitas coisas: mãe, esposa, irmã, escritora. Ela tem meninos bonitos, bonitos, que vivem em sua cabeça, que não a deixam dormir à noite, a menos que ela lhes dê vida com palavras.

Ela gosta quando faz coisas sujas... mas gosta ainda mais quando se apaixonam.

Ela costumava pensar que ter pessoas na cabeça conversando com ela era estranho, até que um dia ela se deparou com outros escritores que disseram a ela que era normal.

Ela está escrevendo desde então ...